Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Fábio Mallart Moreira

**Cadeias dominadas:
Dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos**

São Paulo
2011

Fábio Mallart Moreira

**Cadeias dominadas:
Dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social do
Departamento de Antropologia da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para a obtenção do
título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Profa. Dra. Rose Satiko Gitirana
Hikiji

São Paulo
2011

MOREIRA, Fábio Mallart

Cadeias dominadas: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradecimentos

Após idas e vindas, encontros e desencontros, reflexões construídas e desconstruídas em um simples piscar de olhos, finalmente chegou o momento de agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estiveram ao meu lado.

Agradeço ao apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico (CNPq), que viabilizou a realização desta pesquisa com a concessão de uma bolsa de Mestrado, sem a qual não poderia seguir em frente.

À Rose Satiko Gitirana Hikiji, minha orientadora, pelo incentivo, competência e, principalmente, pelas críticas sempre construtivas e estimulantes. Devo agradecer também aos seus orientandos, que leram a versão final desta dissertação (Alexandre Kishimoto, Bruna Triana, Diana Mateus, Renato Jacques, Isadora Biella, Magda Ribeiro e Guilherme Yokote).

Aos colegas da turma de mestrado, com os quais pude debater e trocar ideias, bem como ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), em especial, aos professores com os quais tive um contato mais intenso durante o período de mestrado: Heitor Frúgoli, Márcio Silva, Paula Montero, Júlio Simões, Lilia Schwarcz e Sylvia Caiuby. Muito obrigado!

A minha banca de qualificação, composta pelas professoras Paula Montero e Vera da Silva Telles, pelas importantes contribuições, que fizeram com que o trabalho avançasse.

Ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), sobretudo à Ana Paula Galdeano, Maurício Fiore, Gabriel Feltran, Paulo Malvasi, Isabel Georges, Daniel De Lucca, Juliana Oliveira, Inácio Dias e Taniele Rui, integrantes do grupo de estudos coordenado pelo prof. Ronaldo Almeida, os quais leram a versão preliminar de minha dissertação e teceram comentários extremamente proveitosos. As poucas oportunidades em que caminhei ao lado de Ronaldo pela favela de Paraisópolis, em virtude de outra pesquisa, de fato, foram suficientes para que eu admirasse a sua inteligência, bem como a dedicação pelo trabalho acadêmico.

Ao apoio de Eduardo Dias de Souza e Plínio Rodrigues, amigos inseparáveis nas horas mais difíceis. Obrigado por terem disponibilizado os seus ouvidos durante os momentos em que nada parecia fazer sentido.

Um agradecimento especial aos meus interlocutores, sobretudo aos adolescentes e funcionários que conheci do lado de dentro das muralhas. Thiago, Roberto, Cleiton, Asdrúbal, Marcelo, Felipe, Dona Isabel, Claudinha, Edson, Alan, Caio, Peterson, Bruno, Carlos, Sauma, Gleidson, Helena, Sandra, Paulo. Certamente não serei capaz de nomear todos eles.

Agradeço também à minha família, em especial, aos meus pais, Lúcio e Magda, com os quais pude contar nos momentos mais dolorosos. De fato, sem vocês não teria conseguido chegar até aqui. Ao meu pai, meu melhor amigo, obrigado por sempre acreditar em mim. À minha mãe, agradeço pelas inúmeras conversas ao telefone, pela dedicação, paciência e, sobretudo, pelo carinho que tanto nos une.

Enfim, não poderia deixar de agradecer à Bianca Pyl, amiga e companheira de todos os momentos, dos mais agradáveis aos mais angustiantes. Sem a sua presença marcante e alegre boa parte deste trabalho não teria sido possível. Muito obrigado!

*De onde quer que comecemos, observamos
movimento, algo que aconteceu antes.*

Norbert Elias

Resumo

MOREIRA, F. M. *Cadeias dominadas*: dinâmicas de uma instituição em trajetórias de jovens internos. 2011. 186 f. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

O presente trabalho, baseado em pesquisa etnográfica desenvolvida em uma instituição de controle social, a Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA), debruça-se sobre o deslocamento do universo institucional ao longo do tempo, tendo como ponto de partida a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), em pleno contexto de ditadura militar. Trata-se de etnografar o movimento ininterrupto da instituição, isto é, de vê-la a partir de uma perspectiva processual, atentando para as figurações sociais que emergem das relações estabelecidas entre os atores que circulam pelas distintas unidades de medida socioeducativa de internação. Tendo como base a reconstituição de três trajetórias, procura-se desvelar a dinâmica de funcionamento dos distintos espaços institucionais, iluminando as tensões que os caracterizam, bem como os incessantes embates travados entre os atores sociais que se movimentam em tal contexto. Se em um primeiro momento, nos defrontamos com os antigos espaços de internação, caracterizados, entre outros traços, pelas acentuadas disparidades de força entre os adolescentes e os funcionários, com o reordenamento do universo institucional, veremos que em algumas Unidades de Internação, conhecidas como *cadeias dominadas*, os internos tornam-se os principais responsáveis pela gestão da operação cotidiana de tais unidades. Espaços institucionais em que os adolescentes orientam as suas ações de acordo com os preceitos do Primeiro Comando da Capital (PCC), que, vale notar, também operam no sistema prisional, bem como nas periferias de São Paulo, o que torna evidente que tais territórios, ainda que hajam particularidades, encontram-se conectados, isto é, na mesma *sintonia*.

Palavras-chave: Crime, Fundação CASA, Configurações, Trajetórias, PCC.

Abstract

MOREIRA, F. M. *Cadeias dominadas*: the dynamics of an institution in inmates' trajectories. 2011. 186 f. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

The present study is based on an ethnographic research developed in a Social Control Institution known as Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA). It focuses on the shift in the institutional universe over time, considering the building of the Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), amid the Military Dictatorship, its starting point. The ethnography aims to register the constant displacement in the institution, in other words, it looks at this movement from a process-like perspective, taking into account the social figurations that emerge from the relationship established among the social actors who roam through the social and educational measures at the Juvenile Detention Units. Based on the reconstitution of three trajectories, it seeks to reveal the dynamic and functioning of these distinct institutional spaces, bringing into the light the tensions which characterize them, as well as the unceasing disputes among the social actors who move in such context. If, at first, we are faced with the same old detention places characterized, among other features, by the wide contrast of power between teenagers and staff, leading to a rearrangement in the institutional universe, we also perceive that in some of those Juvenile Detention Units, known as *cadeias dominadas*, the inmates have become primarily responsible for managing the Unit's everyday operation. Institutional places where these teenagers guide their actions according to the rules of PCC (Primeiro Comando da Capital), which also operates in the jail system, as well as in the outskirts of São Paulo. This shows that those areas, although different and with their own specificities, are connected. In other words, they are on the same wavelength.

Key-words: Crime, Fundação CASA, Arrangement, Trajectories, PCC.

Sumário

Introdução. A instituição em foco: reflexões teórico-metodológicas	10
Em campo: participação e observação.....	16
A formulação do texto: imagens e trajetórias.....	24
A construção dos capítulos.....	31
 Capítulo 1. O movimento institucional na trajetória de um interno	34
1.1 UE-4: o trabalho na lavoura e a punição generalizada.....	40
1.2 Os infratores: subversão da ordem institucional.....	44
1.3 O deslocamento como constante institucional.....	53
 Capítulo 2. As unidades dominadas como figuração social	67
2.1 Pedro: dos pequenos furtos aos primeiros passos institucionais.....	72
2.2 UI-1: a porta de entrada para as <i>unidades dominadas</i>	80
2.3 Unidos pela tensão: <i>disciplinas, funções e população</i>	88
2.4 As <i>dominadas</i> após os “ataques do PCC”: Túlio entra em cena.....	111
2.5 <i>Bandeira branca</i> : a paz deve reinar na <i>cadeia</i>	132
 Capítulo 3. Dominada, meio a meio e na mão dos funça: figurações possíveis	143
3.1 Meses depois, <i>a cadeia tá na mão dos funça</i>	149
3.2 <i>Cadeia meio a meio: é nós aqui e eles lá</i>	164
 Considerações Finais. Salve geral: cadeias e quebradas na mesma sintonia	175
 Referências Bibliográficas	183

A instituição em foco: reflexões teórico-metodológicas

(...) as fotos modificam e ampliam nossas idéias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver. Por fim, o resultado mais extraordinário da atividade fotográfica é nos dar a sensação de que podemos reter o mundo inteiro em nossa cabeça – como uma antologia de imagens.

Susan Sontag (2004)

As imagens da *cadeia*¹ ainda permanecem vivas em minha memória. Com certa frequência, retornam na forma de sonhos indesejáveis. Grades, muralhas, negociações, rebeliões, fugas, celas, revoltas, armas, torturas, seguranças e revistas. São muitas fotografias que, quando entrelaçadas, como uma espécie de quebra-cabeça, reconstroem o cenário institucional. Tal experiência deixa marcas indelévels, cravadas tanto na carne quanto na mente. Não só para aqueles que estão privados de liberdade, mas também para todos que, de uma forma ou de outra, vivenciam o cotidiano de uma instituição de controle social. Como bem observa um de meus interlocutores: *é senhor, a cadeia mudou as nossas vidas* (Túlio², adolescente que cumpriu medida socioeducativa nas Unidades de Internação 25 e 29, ambas localizadas no complexo de Franco da Rocha).

Entre tantas idas e vidas, marcadas pelas inúmeras viagens por cima dos trilhos do transporte metropolitano de São Paulo, passei boa parte de meus dias, entre setembro de 2004 e novembro de 2009, circulando por distintas Unidades de Internação da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (antiga FEBEM), atual Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA). Durante esse período, ministrei atividades culturais aos adolescentes que, pelo fato de terem cometido atos infracionais³, cumpriam medida socioeducativa de internação nos seguintes complexos: Brás, Franco da Rocha, Tatuapé, Vila Maria e Raposo Tavares. Vale salientar que as oficinas de comunicação, como também eram conhecidas tais atividades, tiveram início em setembro de 2004, durante a

¹ Os termos em itálico que aparecem ao longo do texto correspondem a categorias e falas de meus interlocutores, com exceção das expressões em idioma estrangeiro.

² Enfatizo que todos os nomes citados ao longo desta dissertação são fictícios.

³ Considera-se ato infracional a conduta descrita como crime ou contravenção penal (Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, artigo 103).

realização de meu projeto de conclusão de curso em Comunicação Social (Jornalismo), no qual o objetivo central era possibilitar a produção de um jornal impresso elaborado pelos próprios adolescentes. A partir de 2005, após a finalização de tal projeto, passei a acessar os distintos espaços de internação por meio das Organizações Não Governamentais que atuam junto à Fundação CASA, sendo contratado por tais instituições⁴. Se num primeiro momento, as oficinas de comunicação eram divididas em dois módulos, a saber, produção de textos e fotografia, a partir dos primeiros meses de 2006, concentrei todas as minhas energias na elaboração de atividades fotográficas, em especial, na produção de ensaios elaborados por meus interlocutores, o que não significa que no decorrer deste processo abri mão dos textos confeccionados pelos adolescentes que, em sua maioria, retratam o cotidiano da internação, a história de suas vidas (relações familiares, locais de moradia, trajetória escolar, início do envolvimento com o crime, passagens pela polícia, etc), bem como a dinâmica de funcionamento dos distintos espaços institucionais aos quais tive acesso.

Foi durante a convivência prolongada com adolescentes e agentes institucionais, participando de suas dificuldades e dramas por um longo período de tempo, momento marcado pela intensa aproximação e diálogo junto aos sujeitos pesquisados, que boa parte dos problemas que envolvem esta dissertação foram sendo construídos. Nesse sentido, vê-se que as oficinas constituíram uma maneira privilegiada de inserção em campo, na medida em que garantiram a minha permanência no espaço institucional semanalmente, por um lado, facilitando o estabelecimento de vínculos com os atores sociais que vivenciam o cotidiano dos espaços de internação e, por outro, propiciando a aproximação necessária de um universo de práticas sociais e simbólicas que, até então, eu só conhecia por meio das páginas dos jornais.

Durante as atividades ministradas, nas quais forneci aos internos noções básicas de fotografia, tais como foco, enquadramento, profundidade de campo e composição, os adolescentes transitavam por todos os ambientes dentro da unidade, entre os quais, o setor administrativo, a sala do diretor e os seus próprios quartos, espaços que, não fosse a proposta da oficina de retratar o cotidiano institucional, dificilmente seriam acessados pelo pesquisador com tanta facilidade e frequência⁵.

⁴ Ao longo desta proposta de trabalho, sobretudo nos Capítulos 1 e 2, teço algumas reflexões acerca do papel exercido pelas Organizações Não Governamentais no contexto da medida socioeducativa.

⁵ Paula Miraglia, ao discorrer sobre a sua inserção em Unidades de Internação da FEBEM/SP no final da década de 90, período em que a pesquisadora pôde acompanhar algumas aulas de música ministradas aos adolescentes do complexo do Tatuapé, evidencia as dificuldades enfrentadas por aqueles que fazem pesquisa de campo em instituições de controle social. “Minha presença nas aulas de música se mostrou acima de tudo inadequada: eu não era funcionária da instituição, não era professora de música e principalmente, era mulher, jovem, num ambiente essencialmente masculino” (MIRAGLIA, 2001, p.12). Segundo a autora (2001, p.14), durante tais

É importante ressaltar que durante todo o período em que estive em campo, a câmera fotográfica correu pelas mãos de todos os adolescentes que encontravam-se inscritos na oficina. A iniciativa de disponibilizar o equipamento fotográfico aos internos, para que estes produzissem as suas próprias imagens⁶, como podemos ver no relato abaixo, configurou-se como um importante procedimento metodológico.

01 de Março de 2008. É um domingo especial, dia de churrasco na Unidade de Internação 25, localizada no complexo de Franco da Rocha. Além disso, é *dia de visita*, momento aguardado com ansiedade pelos adolescentes, que se preparam para receber os familiares no interior da *cadeia*. Do lado de fora das muralhas, mães, pais, irmãos e namoradas, com as roupas impecáveis, concentram-se na porta de entrada do espaço de internação. Todos aguardam a revista em seus corpos, realizada pelos agentes de segurança. As tortas, os bolos, os pacotes de bolacha, os maços de cigarro, enfim, tudo aquilo que será entregue aos internos, em poucos instantes, perde a forma. O receio de que haja algo escondido em tais produtos como, por exemplo, drogas, armas e celulares, serve de justificativa para que os agentes institucionais destroem os alimentos. Da mesma forma em que observo a revista alheia, marcada pelo descontentamento dos familiares que se aglomeram na porta de entrada do complexo desde às quatro horas da manhã, em poucos segundos, noto que as mãos do vigilante também deslizam sobre o meu corpo. Contudo, o que mais chama a atenção do agente institucional é a máquina fotográfica, companheira inseparável de minhas idas a campo. De fato, se fosse contabilizar todos os minutos em que permaneci na porta de entrada das Unidades de Internação pelas quais transitei, em parte, pelo receio dos funcionários em relação à presença da câmera fotográfica, que nunca possuíam a autorização da direção para que eu pudesse entrar com o equipamento, sem dúvida, assustaria-me com o tempo perdido. Tal receio mostra-se justificável, afinal, boa parte do que acontece no interior das muralhas, aos olhos dos agentes institucionais, deve permanecer do lado de dentro. Após obter a autorização para entrar, sigo rumo ao espaço de internação. No interior da unidade 25, também conhecida como *Rio Negro*, os adolescentes, ao notarem que estou com a câmera fotográfica em mãos, agradecem. Pela primeira vez, o *dia de visita* será retratado. A lembrança dos familiares, que para muitos adolescentes, desde o início da medida socioeducativa, permanece apenas na memória, com a máquina fotográfica, será estampada no papel. Assim que coloco os meus pés dentro do pátio da unidade, os *disciplinas*, jovens que ocupam postos de liderança no contexto da internação, rapidamente se apropriam do equipamento. Em poucos segundos, noto que as correntes de prata, os relógios e as roupas de marca enfeitam os corpos dos *ladrões*, afinal, como

visitas, marcadas pela sensação de não pertencimento ao universo institucional, “pude apenas ter contato com 'pedaços' das unidades: o pátio, o refeitório, a sala de televisão (...). Estava clara a necessidade da criação de uma 'nova entrada' na instituição, bem como no cotidiano dos internos”. Foi então que a pesquisadora optou, juntamente com Rose Satiko Gitirana Hikiji, por ministrar aos internos uma oficina de discussão e de realização de vídeos, aproximação que propiciou um novo contato com os adolescentes.

⁶ Com tal afirmação, não pretendo sugerir que as fotografias tiradas pelos adolescentes constituem-se como o produto de olhares individuais. Se assim o fizesse, ingenuamente, estaria descartando a influência de minha própria participação durante os exercícios fotográficos, bem como dos outros adolescentes que se aglomeram ao lado daquele que vai clicar a imagem. Nesse sentido, parece-me profícuo atentar para o fato de que as fotografias produzidas, de certa forma, são o resultado de olhares compartilhados. Tratam-se de produções coletivas, resultantes de um intenso processo de interação e negociação.

ressaltam meus interlocutores, é preciso *sair bem na foto, tá ligado?* Enquanto alguns bifes assam na churrasqueira, sob os olhares atentos de alguns internos, outros adolescentes se divertem com o equipamento. Fazem poses, simulando fuzis com as mãos. Escolhem as grades como pano de fundo de suas imagens. Durante a sessão fotográfica, evidenciam as regras de conduta que orientam as suas ações. Imagens sem camiseta, por exemplo, não são permitidas. Questão de respeito, afinal, tem *visita* no pátio. Além disso, tais fotografias serão entregues aos familiares, o que significa que se algum jovem for retratado sem a camiseta ao lado de seus companheiros, comportamento *deselegante*⁷, tal imagem pode cair nas mãos da mãe ou mesmo da namorada de um dos internos, acontecimento indesejável. Em determinado momento da festa um *disciplina* se aproxima: *ai senhor, vamos tirar uma foto de todos os disciplinas da cadeia?* Digo que não. Os funcionários, que também estão no pátio interno, não gostariam de ver uma fotografia com todos aqueles que encontram-se associados à posição de liderança, mesmo porque para muitos agentes institucionais é preciso negar a existência de líderes entre os adolescentes. Passam-se alguns instantes e outro *disciplina* se aproxima: *faz essa pra nós senhor*. Mais uma vez, digo ao jovem que se a fotografia for tirada terei problemas com a direção da unidade. O adolescente pede para que eu pense e se afasta. Sento na quadra de futebol e começo a pensar o quanto seria interessante se eu tivesse a oportunidade de reconhecer todos os internos que ocupam postos de liderança. No cotidiano da internação, alguns adolescentes evitam afirmar as suas posições devido ao receio de possíveis transferências para outras unidades. Por outro lado, penso também que se tivesse deixado a câmera fotográfica em casa não teria tantos problemas. Fico em um canto do pátio apenas observando a festa. O *disciplina* não desiste, se aproxima novamente e enfatiza: *e ai senhor, vou pedir pra alguém fazer a foto, certo?* Após tanta insistência, resolvo ceder e ver o que acontece. O adolescente vai em direção ao centro da quadra e grita: *salve rapaziada! Ai, é pra todos os disciplina colá na quadra, sem exceção, tá ligado?* Observo a cena de certa distância. Os *disciplinas*, aos poucos, vão aparecendo. A câmera fotográfica vai iluminando os ocupantes dos distintos postos hierárquicos. Em poucos segundos, os *ladrões* se posicionam. Os sorrisos saem de cena, cedendo espaço às expressões carrancudas. Os corpos alinham-se. Não é por acaso que o *piloto da cadeia*, figura associada à posição de prestígio e poder no contexto da internação, mantém o seu corpo no centro da imagem: de boné azul, camiseta branca e corrente de prata pendurada no pescoço. Dias depois, como previsto, já com as imagens reveladas em mãos, teria que conceder inúmeras explicações à direção da unidade, que questionava a postura por mim adotada durante o evento: *como é que o senhor deixa esses adolescentes saírem com essas armas nas mãos e com essa pose de bandido? Eles estão aqui para serem reeducados e não para continuar com essa postura de ladrão. Ah, e além disso tem outra coisa, alguém já viu essas fotos sem ser você?* (relato extraído de meu caderno de campo).

No relato descrito acima, vê-se que o equipamento fotográfico, ao circular pelas mãos dos adolescentes, constitui-se como um instrumento incitador de *performances*. No limite, argumento que o uso da câmera fotográfica por parte de meus interlocutores, em si mesmo, já produz dados de pesquisa. Ana Lúcia Ferraz, Edgar Teodoro da Cunha e Rose Satiko Hikiji,

⁷ Comportamento indevido, que segundo os meus interlocutores destoa da etiqueta prisional.

ao refletirem sobre o uso do audiovisual na pesquisa etnográfica, tendo como interlocutores índios Bororo, grupos de trabalhadores e adolescentes estudantes de música em um projeto social, aproximam-se metodologicamente pelo fato de levarem a campo uma câmera de vídeo. Os pesquisadores, ao discorrerem sobre tal especificidade, além de enfatizarem que o uso de tal instrumento proporciona diferentes possibilidades de interação e comunicação com os sujeitos pesquisados, sugerem que “a proposta de oferecer a câmera ao grupo é vista como meio de provocação” (FERRAZ; CUNHA; HIKIJI, 2006, p.288).

No contexto da medida socioeducativa de internação, a inserção da câmera fotográfica e, conseqüentemente, o processo de produção de fotos por parte de meus interlocutores, como vimos, contribuiu para a irrupção de todos os adolescentes que ocupavam postos de liderança na Unidade de Internação 25. Em um curto espaço de tempo, após o *disciplina* requisitar a presença das lideranças no pátio interno, tive a oportunidade de vê-los, todos, representando seus papéis de líderes perante a lente do equipamento fotográfico, acontecimento que facilitou a aproximação de tais internos, haja visto que os adolescentes desejavam a cena estampada no papel. Vale ressaltar que tal fotografia, apesar da insistência, nunca foi entregue nas mãos das lideranças, graças ao pedido feito pela direção da unidade. Mostrei-lhes a imagem apenas na tela do computador. Durante duas ou três semanas após o evento, negociamos, conversamos insistentemente sobre o destino da fotografia. Ao longo de tais conversas, tive a oportunidade de perguntar aos adolescentes os postos de liderança que estes ocupavam na organização hierárquica, bem como as funções desempenhadas por cada um deles no cotidiano da internação, estreitando os laços estabelecidos com tais atores⁸. Além disso, é importante atentarmos para a questão do sorriso, ou melhor, para a ausência deste no exato momento em que a imagem é clicada. Durante as sessões fotográficas, os adolescentes, ao mesmo tempo em que vestem as roupas de marca, passam gel no cabelo e penduram as correntes de prata, quando tais objetos encontram-se disponíveis, evitam os sorrisos que, do ponto de vista de meus interlocutores, vale notar, demonstram sinal de fraqueza. Ao questionar o *piloto da cadeia* sobre a postura adotada pelos *disciplinas* durante o evento descrito acima, inclusive dizendo ao jovem que em outras Unidades de Internação já havia notado conduta semelhante, o adolescente enfatizou que: *é isso mesmo senhor, é assim que tem que ser. Aqui só tem*

⁸ No Capítulo 2, ao discorrer sobre a dinâmica de funcionamento de determinados espaços institucionais da Fundação CASA, classificados por meus interlocutores como *unidades dominadas*, retomo a discussão acerca das lideranças. Por ora, é importante ressaltar que durante boa parte do tempo em que estive em campo transitei por tais espaços de internação, nos quais os adolescentes, como veremos ao longo dos próximos capítulos, procuram seguir as orientações de integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC), coletivo de criminosos que atua dentro e fora do sistema penitenciário paulista.

bandido, isso aqui é uma cadeia e não um parque de diversão, tá ligado? E depois, se esses funcionários pegar nossas fotos e vê nós tudo sorrindo, como é que fica? Não pode demonstrar fraqueza, senão os caras vêm pra cima. Nesse sentido, nota-se que a observação das sessões fotográficas possibilita o acesso a determinadas normas de conduta que orientam a experiência social de internação. De certa forma, quando os adolescentes se apropriam da câmera fotográfica, produzindo uma série de cenas que são o produto da própria presença do equipamento, torna-se evidente que estes demonstram parte da gramática institucional.

Apesar de ter reunido um extenso *corpus* fotográfico ao longo da pesquisa de campo, que conta com aproximadamente 900 imagens⁹, o presente trabalho não traz fotografias estampadas em suas páginas, exceto as imagens textuais, mesmo porque, ao invés de deter-me na análise do material produzido, isto é, do conteúdo fotográfico, durante o período em que estive em campo priorizei a observação acerca do processo de produção de imagens. Tal afirmação não significa que a análise do conteúdo imagético tenha sido rejeitada. Em determinados momentos, sobretudo durante a redação da dissertação, recorri às fotografias, que auxiliaram-me na reconstrução de distintos cenários institucionais, afinal, como afirmam Attané e Langewiesche (2005, p.136), as imagens facilitam as descrições, pois permitem que o pesquisador tenha uma cena em mãos e reflita sobre “as informações veiculadas pela imagem, as roupas dos atores, suas atitudes corporais, o ambiente, a paisagem etc”.

De fato, a presença da câmera fotográfica nos distintos espaços de internação da Fundação CASA produz uma sucessão de cenas, que não se restringem ao que é capturado por aquele que permanece atrás da lente. Tratam-se de imagens que, pelo próprio uso do equipamento em campo, colocam em movimento adolescentes e agentes institucionais. Contudo, a câmera fotográfica não deve ser vista sem a presença daquele que disponibiliza o instrumento de provocação, afinal, certas coisas acontecem porque, em tal contexto, constituo-me como um personagem específico. As imagens capturadas por meus olhos, transcritas para o diário de campo¹⁰, em certo sentido, são construídas a partir de um posto de

⁹ Basicamente, o material fotográfico pode ser dividido em dois grupos: 1) fotografias que revelam o cotidiano dos espaços de internação (infra-estrutura, atividades culturais, escolares e profissionalizantes, *dias de visita*, etc) e 2) retratos individuais e coletivos dos adolescentes, em que os seus corpos são capturados dos pés à cabeça.

¹⁰ Durante a pesquisa produzi um extenso diário de campo, que atualmente conta com 250 páginas. Em relação à organização das notas escritas, no início, optei por colocá-las em uma única pasta, seguindo a ordem cronológica de meus apontamentos. Tempos depois, como transitei por distintas Unidades de Internação espalhadas pela Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), tornou-se evidente que tal organização não facilitava a consulta do material, principalmente porque os relatos aumentavam na mesma velocidade em que ia a campo. Foi então que preferi manter a sequência cronológica, contudo, criando uma pasta para cada ano. Posteriormente, dentro de cada pasta anual optei por organizar as notas conforme a Unidade de Internação e, em seguida, por tema (*dia de visita*, liderança, histórias de vida, etc).

observação particular. Desse modo, nas linhas que seguem, com o intuito de explicitar as condições em que a pesquisa foi empreendida, teço algumas considerações acerca da especificidade de minha inserção em campo como fotógrafo¹¹.

Em campo: participação e observação

Para que possamos refletir acerca da especificidade de minha posição em campo, em primeiro lugar, faz-se necessário atentar para o significado atribuído à imagem fotográfica no contexto de uma instituição de controle social. Os agentes institucionais, sejam eles diretores, coordenadores pedagógicos, psicólogos ou seguranças, em virtude das condições degradantes em que se encontram boa parte dos espaços de internação, mostram-se receosos quanto à possível divulgação de fotografias. Afinal, se tais imagens estamparem as páginas dos jornais, a pressão exercida pelas entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente, bem como pelos órgãos governamentais que realizam inspeções judiciais nas Unidades de Internação, entre os quais, o Departamento de Execuções da Infância e Juventude (DEIJ), pode trazer consequências desagradáveis, sobretudo àqueles que fazem parte da direção da unidade, que correm o risco de serem afastados de seus respectivos cargos, respondendo judicialmente caso os internos sejam identificados por meio das fotografias veiculadas¹².

Em tal contexto, o fato de circular pelo espaço institucional com uma máquina fotográfica em mãos, disponibilizando o equipamento aos adolescentes para que estes produzam as suas próprias imagens, desperta a desconfiança dos agentes institucionais, que se aproximam com certa frequência para obter informações detalhadas acerca dos próximos passos a serem adotados pelo fotógrafo. Nesse sentido, constata-se que tal posto de observação coloca-me em uma situação conflituosa, mas ao mesmo tempo privilegiada.

¹¹ Tal questão mostra-se relevante, principalmente porque considero que determinada inserção em campo, assim como os métodos empregados pelo etnógrafo durante a realização da pesquisa, são elementos que implicam nos resultados obtidos. Karina Biondi (2010, p.49), por exemplo, ao realizar pesquisa de campo em unidades prisionais, período em que a autora fazia visitas regulares a um parente que encontrava-se preso, salienta que: “minha inserção como visita, como alguém que conhece a prisão 'de dentro', me confere uma posição privilegiada para me aproximar deste coletivo, seja dentro ou fora das prisões, pois compartilho a gramática de sentimentos e valores éticos e morais que só os 'de dentro' conhecem”. Contudo, vale notar que a especificidade de tal inserção em campo, ao mesmo tempo em que aproxima Biondi de seus interlocutores, distancia a pesquisadora de outros atores sociais. “(...) as condições de minha pesquisa de campo não permitiram o acesso aos funcionários para além do estritamente necessário à entrada na unidade” (BIONDI, 2010, p.36).

¹² É vedada a divulgação de atos judiciais, policiais e administrativos que digam respeito a crianças e adolescentes a que se atribua autoria de ato infracional. Parágrafo único. Qualquer notícia a respeito do fato não poderá identificar a criança ou adolescente, vedando-se fotografia, referência a nome, apelido, filiação, parentesco, residência e, inclusive, iniciais do nome e sobrenome (ECA, artigo 143).

Afinal, a desconfiança que suscito por parte do corpo funcional faz com que os agentes institucionais se aproximem, inclusive, personagens que nem sempre são tão acessíveis. Estabelecer vínculos, quaisquer que sejam, sobretudo com seguranças e diretores, atores sociais que, em geral, não possuem tanto contato com os educadores culturais, configura-se como uma tarefa trabalhosa. Ora, para que se estabeleça uma relação com tais funcionários é preciso que haja uma possibilidade de interação. Em determinadas ocasiões, tal proximidade foi possibilitada pelas desconfianças de tais atores sociais em relação às oficinas de foto. Por exemplo, na Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares, ao apresentar uma proposta de trabalho ao diretor de tal espaço de internação, o agente institucional, após enfatizar que gostaria de analisar as fotografias clicadas pelos adolescentes durante a oficina, fato que, vale notar, propiciou alguns encontros semanais com tal funcionário, nos quais conversamos sobre outros assuntos referentes à *cadeia*, fez questão de evidenciar a sua preocupação em relação às atividades fotográficas: *sabe como é né professor, temos que tomar cuidado com essas imagens, mesmo porque qualquer jornal pagaria uma nota por fotos daqui de dentro, o que traria problemas para nós, tanto pra mim quanto pro senhor*¹³.

De fato, aos olhos dos integrantes dos distintos setores institucionais, nota-se que a oficina de fotografia caracteriza-se por ser uma espécie de atividade “perigosa”, que precisa ser acompanhada de perto. Ao mesmo tempo em que a inserção em campo como fotógrafo provoca a desconfiança por parte dos agentes institucionais, o que me coloca, em certo sentido, em uma relação de embate com os mesmos, haja visto que muitas vezes fui impossibilitado de acessar os espaços de internação com a câmera fotográfica, tendo que ministrar uma oficina de fotografia sem o equipamento adequado, a própria relação divergente que estabeleço com tais atores sociais me aproxima dos adolescentes, principalmente daqueles que encontram-se associados à posição de liderança que, ao rechaçarem as restrições impostas pelos membros do corpo funcional, entre as quais, a tentativa de impedir a entrada da câmera fotográfica em determinadas ocasiões, como podemos ver, se mobilizam, no sentido de questionar tal procedimento institucional.

¹³ É importante destacar que a partir de meados de 2008, quando decidi iniciar o diálogo com alguns agentes institucionais sobre a possibilidade de realizar uma pesquisa de mestrado sobre a instituição, a desconfiança por parte de tais atores tornou-se ainda mais explícita. No que concerne aos adolescentes, a ideia de produzir uma pesquisa sobre o universo institucional, em um primeiro momento, mostrou-se complicada demais para meus interlocutores. Com o passar do tempo, descobri que os próprios internos tinham elaborado uma explicação acerca da pesquisa. Para os adolescentes, a minha presença no interior da *cadeia* estava relacionada ao fato de que eu escreveria um livro sobre a FEBEM, contudo, não como pesquisador, e sim, como professor de fotografia que ministrava aulas na instituição.

Carta para a Fundação

Nóis, internos da Unidade de Internação 38, cumprindo medida socioeducativa de internação, temos algumas dúvidas do curso de fotografia que é oferecido pela Fundação CASA. Por que que temos um curso de foto se a gente não pode fotografar e ser fotografado? Será que vocês têm algum medo de deixar a máquina entrar na cadeia? Vocês oferecem um curso de foto e agora não querem deixar a gente tirar as nossas próprias fotografias, isso não está certo. Não dá pra entender, tá ligado? Alguns de nós têm muita vontade de ser fotografados, mas a oportunidade de aprender é pouca porque a Fundação oferece o curso, mas às vezes a máquina não entra na cadeia, então, fica muito difícil de nós sair e trabalhar nesse ramo. Porque esse é o intuito, que nós saia daqui com o pensamento bom, mas desse jeito que vocês se comportam fica difícil. Pedimos a colaboração de vocês aí de fora [da direção da unidade] pra que esse problema seja resolvido o mais rápido possível.

O texto descrito acima, produzido pelas lideranças da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares, durante as oficinas de fotografia, evidencia que tais internos, quando impossibilitados de manejar o equipamento fotográfico e, portanto, verem e serem vistos através da lente, se movimentam, tendo como objetivo o questionamento das atitudes adotadas pelos agentes institucionais, acontecimento que, num contexto já marcado pela tensão, potencializa os embates travados entre tais atores, produzindo uma série de cenas que emergem diante de meus olhos, mas, ao mesmo tempo, colocando-me em uma situação delicada perante os integrantes do corpo funcional que, a todo instante, fazem questão de explicitar a sua insatisfação. *De que lado que o senhor está hein professor?* (funcionária do setor pedagógico, Unidade de Internação 29, complexo de Franco da Rocha). Como veremos, se os inúmeros embates travados entre os adolescentes e os distintos agentes institucionais caracterizam-se como um traço central da dissertação que ora apresento, em certo sentido, isso deve-se ao fato de que durante a pesquisa ocupei uma posição que potencializava as tensões já existentes entre tais atores, mas que também era atravessada por elas. Sendo assim, entendo não ser possível falar em uma posição de neutralidade no que concerne à situação de pesquisa, haja visto que “(...) nem a experiência nem a atividade interpretativa do pesquisador científico podem ser consideradas inocentes” (CLIFFORD, 1998, p.43).

No contexto da internação, ao mesmo tempo em que a imagem fotográfica representa uma ameaça aos agentes institucionais, o que não implica no distanciamento do pesquisador, e sim, em proximidade, ainda que esta seja marcada pela constante tensão, do ponto de vista dos adolescentes, é importante notar que as cenas estampadas no papel configuram-se como objetos de desejo. Ao longo das oficinas ministradas, pude constatar o interesse de meus

interlocutores pela imagem fotográfica. Em diversas ocasiões, mesmo os adolescentes que não faziam parte da lista de participantes pediam-me, insistentemente, para serem retratados¹⁴. Se atentarmos para o fato de que a medida socioeducativa de internação, de certa forma, caracteriza-se pelo esquecimento dos adolescentes que permanecem do lado de dentro das muralhas, tal interesse torna-se compreensível, afinal, em locais onde sequer há um espelho para que os jovens possam observar as mudanças em seus próprios corpos, “o fato de estar à frente da câmera tem consequências subjetivas importantes” (FERRAZ; CUNHA; HIKIJI, 2006, p.293), entre as quais, o abandono da invisibilidade que caracteriza a experiência social de internação. Contudo, o desejo dos internos em relação às imagens, sobretudo no que concerne aos retratos individuais, momento em que os adolescentes estampam os seus corpos atrás das grades enferrujadas, escolhendo os espaços mais deteriorados no interior da *cadeia* como pano de fundo de suas fotografias e simulando armas com as mãos, pode ser compreendido sob um outro ponto de vista, principalmente quando nos deparamos com o destino de tais fotografias que, apesar da resistência dos agentes institucionais, muitas vezes, por meio dos familiares nos *dias de visita*, acabam sendo enviadas para o outro lado dos muros institucionais. Nesse sentido, vê-se que nem todas as lembranças relacionadas ao período de internação, algumas delas extremamente dolorosas, tais como os incessantes espancamentos e as constantes humilhações, devem ser esquecidas. O corpo estampado no papel fotográfico, de preferência atrás das grades e com as mãos em forma de armas, ao atestar a passagem de meus interlocutores pela *cadeia*, aos olhos dos adolescentes, configura-se como símbolo de status, propiciando o reconhecimento por parte daqueles que também concentram as suas atenções na prática de crimes. *Ah senhor, querendo ou não, ter uma foto nossa dentro da cadeia é...como que eu posso dizer? Vamos supor que eu tivesse interesse de continuar no crime, porra se eu colar com a foto na biqueira [ponto de venda de drogas], os caras vai se ligar que eu tenho uma caminhada [experiência], que eu não sou só um novato*

¹⁴ Como as oficinas de fotografia contavam com a presença de apenas 15 adolescentes inscritos por turma, exigência feita pela própria instituição, a lista de espera para participar das atividades fotográficas, realizadas durante ciclos de três meses, em alguns momentos, chegou a contar com a presença de 60 adolescentes, acontecimento que, de certa forma, provocava o descontentamento de outros educadores culturais, que mostravam-se insatisfeitos com tal situação, na medida em que muitos adolescentes abandonavam os seus cursos para acompanhar as aulas de fotografia. Vale ressaltar que em determinadas ocasiões, com o objetivo de solucionar tais problemas, uma mesma unidade passou a contar com duas oficinas de imagem. Nesse sentido, se levarmos em consideração o fato de que os agentes institucionais desejam preencher boa parte do tempo em que os adolescentes permanecem internados, haja visto que a ociosidade, aos olhos de tais atores, opõem-se à manutenção da ordem, torna-se evidente que as oficinas de fotografia, ao mesmo tempo em que constituem-se como uma atividade “perigosa”, mostram-se relevantes, sobretudo porque contribuem significativamente para a ocupação do tempo dos internos.

que quer emoção (adolescente da Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares).

Da mesma forma em que o histórico do adolescente antes de ingressar na Fundação CASA constitui-se como um fator decisivo no que concerne à inserção do recém-chegado no grupo de líderes, argumento que desenvolvo em detalhes ao longo do Capítulo 2, torna-se evidente que a experiência adquirida durante o cumprimento da medida socioeducativa de internação configura-se como um traço central na trajetória de meus interlocutores, sobretudo para aqueles que, após a desinternação, pretendem investir todas as suas energias na realização de atividades criminosas. *A verdade é que só os mano que fica uma cota dentro da cadeia [que permanecem internados por um bom tempo] é que sai daqui de dentro com um conhecimento. Os mano [ladrões] lá de fora valoriza a caminhada [experiência] que você constrói aqui dentro. Eu entrei aqui um menino senhor e agora, depois de quase três anos, vou sair um homem* (piloto da Unidade de Internação 25, complexo de Franco da Rocha)¹⁵.

Tendo em vista os apontamentos tecidos até o momento, constata-se que a realização de atividades fotográficas no contexto da internação e, portanto, a minha própria inserção em campo como fotógrafo, aproxima-me dos adolescentes. Além disso, vale ressaltar que ao longo dos cinco anos em que transitei pelas distintas Unidades de Internação da Fundação CASA, momento em que desempenhei os papéis de educador e pesquisador quase que simultaneamente, sempre que possível, procurei participar do cotidiano dos internos, sobretudo, fora do contexto das oficinas. As partidas de futebol, marcadas pela intensa disputa entre os *ladrões*, mas, acima de tudo, pelo respeito entre os competidores, as refeições semanais, período em que dividíamos o feijão sem gosto, o arroz sem sal e os bifes oleosos, as conversas sobre sexo, que dificilmente seriam travadas com uma pesquisadora, e os jogos de baralho, dominó e tranca, realizados nos quartos dos internos, sem dúvida, constituíram importantes momentos de participação e, conseqüentemente, de observação da vida de meus

¹⁵ Nesse sentido, pelo menos em parte, distancio-me das abordagens propostas por Erving Goffman. Como sugere o autor (1974, p.64), “(...) entre os internados de muitas instituições totais, existe um intenso sentimento de que o tempo passado no estabelecimento é tempo perdido, destruído ou tirado da vida pessoa; é tempo que precisa ser 'apagado'; é algo que precisa ser 'cumprido', 'preenchido' ou 'arrastado' de alguma forma”. Vale notar que os apontamentos sugeridos por Goffman, de certa maneira, simbolizam o sentimento de Lucas, personagem que constitui o foco de minhas análises no Capítulo 1, indivíduo que permaneceu internado na FEBEM/SP durante boa parte das décadas de 70 e 80 e que faz questão de salientar que o tempo passado dentro da instituição foi completamente perdido. Porém, se atentarmos para as trajetórias de Pedro e Túlio, personagens do Capítulo 2 que estiveram internados durante o período em que realizei a pesquisa de campo, veremos que o sentimento dos adolescentes em relação ao universo institucional é outro. Para tais atores, o tempo de permanência na instituição, além de não ser descartado, deixou saudades. Desse modo, torna-se evidente a importância de atentarmos para o movimento do universo institucional e, acima de tudo, para o fato de que os sentimentos, os desejos e os movimentos dos personagens que transitam pelos espaços de internação devem ser compreendidos levando-se em conta que tais indivíduos encontram-se inseridos em configurações específicas.

interlocutores, período em que fui recebendo respostas para as perguntas que eu nem sequer havia formulado¹⁶. Somente em determinadas ocasiões, quando alguma questão específica inquietava-me, optava por fazer uma bateria de perguntas aos adolescentes, algo semelhante às entrevistas formais, procedimento que, no contexto da internação, mostrou-se pouco rentável. Por diversas vezes, pude notar que quando interrompia o diálogo com meus interlocutores, tendo como objetivo central a formulação de uma série de perguntas, estes demonstravam um certo desconforto por meio de suas respostas que, em segundos, tornavam-se monossilábicas, tamanho o receio de dizer algo indevido perante os outros companheiros, sobretudo quando os questionamentos por mim formulados tratavam de temas delicados como, por exemplo, a relação dos internos com os integrantes do Primeiro Comando da Capital. Contudo, o fato de não realizar entrevistas no contexto da medida socioeducativa não significa que ao longo do mestrado abri mão de tal técnica de pesquisa, afinal, como veremos a seguir, tal procedimento auxiliou-me na reconstituição de trajetórias, período em que tive conversas individuais com alguns de meus interlocutores fora das unidades, situação em que tais atores sociais comportavam-se de outra maneira, o que evidencia que a realização de entrevistas envolve uma série de variáveis, entre as quais, o contexto em que ocorre o encontro entre o pesquisador e o entrevistado. Ora, fazer perguntas ao *piloto da cadeia*, no momento em que o adolescente ocupa uma posição de prestígio e poder perante os outros internos, obviamente, é diferente de entrevistá-lo em sua casa.

Se o contato com os internos caracterizou-se pela proximidade, em alguns momentos, vale notar que tal relação colocou-me em situação difícil. Da mesma forma em que meus interlocutores convidavam-me para almoçar e falar sobre os diversos assuntos que envolviam a dinâmica de funcionamento da *cadeia*, estes, baseando-se nos vínculos estabelecidos, mostravam-se à vontade para fazer outros convites e pedidos, nem sempre tão agradáveis.

10 de julho de 2006, complexo de Franco da Rocha. Entro no pátio da Unidade de Internação 29 com algumas imagens do ensaio fotográfico que realizamos na última aula. Logo de cara encontro o *piloto da cadeia*, que me convence a ir ao seu quarto

¹⁶ Como bem observa Ruth Cardoso, ao tecer considerações acerca da pesquisa participante, entre as quais, o papel da subjetividade como instrumento de conhecimento, para aqueles que adotam tal prática de pesquisa trata-se de valorizar os dois movimentos, isto é, tanto a observação quanto a participação. “Se a última é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas. Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. Este modo de trabalhar supõe, como vimos, um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. Para conseguir esta façanha, sem se perder, entretanto pela psicanálise amadorística, é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção dos discursos: o do observador e o do entrevistado” (CARDOSO, 1987, p.36).

mostrar as fotos. Em tal ambiente, alguns adolescentes realizam trabalhos artesanais. Noto que há algo estranho no ar, além do cheiro de maconha. Quando acabamos de olhar as imagens, chamo os internos para sentarmos no refeitório. No meio do caminho, o *piloto* me convida para entrar em outro quarto. O jovem está ansioso. Apesar da desconfiança, opto por seguir os seus passos. Logo que coloco os meus pés dentro das quatro paredes, constato que não estamos sozinhos. Outros três *disciplinas* também estão presentes. Um deles fecha a porta. *É pra nós ter mais privacidade*. Em poucos instantes, a disposição de nossos corpos me incomoda. Encontro-me encostado na parede. Ao meu redor, os *disciplinas* fazem um semi-círculo. As gotas de suor começam a escorrer pelas minhas costas. A temperatura de minhas mãos se altera, como se elas estivessem dentro de uma geladeira. Uma de minhas pernas, involuntariamente, não pára de tremer. É preciso controlar tais movimentos, afinal, as lideranças observam o estado de meu corpo, dos pés à cabeça. Os *disciplinas* começam a falar. Enfatizam que sou um educador de confiança. Agradecem pelas atividades fotográficas. *O senhor sabe que esse é o melhor curso que tem na cadeia*. A conversa prossegue. O *piloto* discorre sobre as suas outras passagens pelo universo institucional. Em determinado momento, o adolescente enfatiza que a revista feita nos corpos dos funcionários destoia do procedimento adotado junto aos visitantes. *Você sabe do que eu estou falando, né senhor?* O motivo de estarmos reunidos no quarto quente e apertado, torna-se evidente. *Então, o senhor sabe que nós é recriminado pela sociedade, os cara larga nós aqui dentro e acha que nós vai se recuperar e tal. O problema é que falta muitas coisas nessa cadeia aqui, tá ligado? Nós vai se virando, mas sempre que a gente pode contar com uma pessoa como o senhor é importante*. [Fábio]: *mas, no que que eu posso ajudar?* [Piloto]: *ah senhor, nós tá precisando de um baseado, o senhor sabe né, a cadeia com pouca maconha não vira. Nós já têm os contato, tá tudo acertado lá fora, é só o senhor botar pra dentro. De repente, nós pode pensar numa gratificação pro senhor*. Argumento. Digo aos adolescentes que o meu papel dentro da *cadeia* não é fornecer drogas, e sim, apenas possibilitar que estes participem de uma atividade que os interessa. O *piloto*, enquanto os outros *disciplinas* permanecem calados, insiste: *ai senhor, ninguém vai ficar sabendo de nada, o bagulho é só entre nós, pode confiar em nós quatro aqui que é nós que tá na frente da cadeia*¹⁷. Digo ao jovem que não estou disposto a correr tal risco. [Fábio]: *porra mano, se me pegarem lá fora eu tô fodido, tá ligado? Eu dependo dessa grana aqui pra sobreviver*. Após a minha resposta, o silêncio toma conta do ambiente. Durante alguns segundos, que parecem horas, continuamos com os nossos corpos na mesma posição, apenas trocando olhares. Repentinamente, tamanho o incômodo com tal situação, opto por tomar uma atitude. Comunico aos internos que para mim a conversa está encerrada. O *piloto*, novamente, insiste: *pô senhor, vê se consegue trazer pelo menos umas corrente pra nós pendurar no pescoço ou uns produtos pra passar no cabelo*. Digo ao adolescente que irei analisar o pedido. Aproveito para complementar a fala: *ai rapaziada, espero que essa conversa não atrapalhe a confiança que construímos*. [Piloto]: *não senhor, pode ficar sossegado que trazendo ou não trazendo o que nós pediu, a relação de respeito vai continuar sendo a mesma* (relato extraído de meu caderno de campo).

¹⁷ Como veremos, os *disciplinas*, pelo fato de serem reconhecidos por adolescentes e agentes institucionais como lideranças, também são chamados de *os frente da cadeia* e *os frente da situação*.

Vê-se que a relação estabelecida com os adolescentes, assim como ocorre com os distintos agentes institucionais, em alguns momentos, também caracteriza-se pela tensão. Durante alguns dias, sobretudo no período noturno, momento em que tentava, em vão, desconectar-me das experiências vividas dentro da *cadeia*, tal acontecimento retornou à minha mente com uma força avassaladora. Por meio de alguns pesadelos, sentia o meu corpo sendo pressionado contra a parede de um local escuro e sem ventilação. Em outras fotografias, entregava um tablete de maconha nas mãos dos *disciplinas*, sendo preso por policiais militares na saída do espaço de internação. Porém, o retorno à Unidade de Internação 29 na semana seguinte, mostrou-me que não havia motivos para tanta preocupação. Se não estava disposto a oferecer o que os *disciplinas* tinham me pedido, por questões éticas, ao menos podia disponibilizar algo que também os interessava, a saber, mais imagens fotográficas. Ao longo de algumas conversas junto às lideranças, nas quais enfatizei a impossibilidade de atender os pedidos feitos pelos adolescentes, combinei com os *frente da cadeia* que faria o possível para convencer a direção da unidade que todos os internos, aproximadamente 150 jovens, mereciam uma fotografia individual. Pela primeira vez, mesmo os internos que não encontravam-se inscritos na oficina foram fotografados, acontecimento que me aproximou ainda mais de meus interlocutores. *Porra senhor, apesar de você não contribuir com nós naquela fita lá você mostrou que é firmeza professor, que está do nosso lado (piloto da unidade)*. Além disso, com o passar do tempo, comecei a perceber que apesar de não ter atendido as solicitações dos *disciplinas*, a postura por mim adotada durante tal acontecimento, ao contrário do que pensava inicialmente, foi decisiva, contribuindo para o estreitamento dos laços estabelecidos com aqueles que encontravam-se associados à posição de liderança. Em primeiro lugar, porque optei por não compartilhar nenhum instante de nossa conversa com os agentes institucionais, o que poderia ocasionar algumas sanções aos internos, que, é importante ressaltar, demonstram profundo desprezo pelos *caguetas*. Em segundo lugar, mantive a palavra de que não levaria nem ao menos um baseado para dentro da *cadeia*, mostrando aos adolescentes que, mesmo em situações de extrema tensão, sustentava as minhas opiniões. Para utilizar um termo de meus interlocutores, aos olhos dos *ladrões*, minhas palavras não *faziam curva*, conduta valorizada pelos adolescentes.

Diante de tal cenário, concebo meu trabalho de campo como um processo tenso, dialógico e situado, no qual as relações estabelecidas com meus interlocutores, sejam eles adolescentes ou funcionários, são construídas a partir de um posto específico de observação e

participação, que, como vimos, produz aproximações e distanciamentos quase que na mesma velocidade. De certa forma, as considerações tecidas ao longo da dissertação que ora apresento são o resultado de tais encontros de pesquisa, marcados pela imprevisibilidade, pelos conflitos e pela presença de múltiplas vozes. Tratam-se de experiências incontáveis, que ganham inteligibilidade por meio da textualização, processo em que o pesquisador transforma-se em uma espécie de tradutor do vivido.

A formulação do texto: imagens e trajetórias

Convém destacar, desde logo, que o presente trabalho consiste em etnografar o deslocamento do universo institucional ao longo do tempo, tendo como ponto de partida a criação da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM). Como veremos, trata-se de um movimento ininterrupto, propriedade indelével da própria estrutura institucional. Na medida em que o objetivo primordial é atentarmos para o universo em questão como um processo, do qual emergem distintas configurações, isto é, formações sociais e históricas que constituem-se como o produto das relações estabelecidas entre indivíduos que encontram-se unidos por laços de interdependência¹⁸, em um primeiro momento, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca da escrita etnográfica, principalmente porque considero que “a etnografia está, do começo ao fim, imersa na escrita” (CLIFFORD, 1998, p.21). De fato, desde o instante em que produzi as primeiras linhas desta dissertação uma questão específica inquietou-me: afinal, como escrever sobre um objeto que está em constante deslocamento?

A dificuldade de tal empreitada torna-se mais evidente se considerarmos que as próprias estruturas de pensamento e linguagem às quais estamos habituados contribuem para a produção de objetos isolados, como se estes estivessem constantemente em estado de repouso.

(...) a nossa língua obriga-nos a falar e a pensar como se todos os «objetos» de pensamento – incluindo as pessoas – fossem na realidade estáticos. Também os considera como não estando implicados em relações. Examinando o conteúdo de manuais de sociologia encontramos muitos termos que transmitem a ideia de referência a objetos isolados e parados; mas se os examinarmos mais minuciosamente vemos que se referem a pessoas que estão ou estiveram constantemente em movimento e que se relacionam constantemente com outras pessoas. Pensemos em conceitos como norma e valor, estrutura e função, classe social e sistema social (ELIAS, 1970, p.123).

¹⁸ A noção de configuração, cunhada por Norbert Elias (1970), será desenvolvida ao longo do Capítulo 1.

Longe de desvencilhar-me de alguns termos que nos remetem à estagnação, tamanha a complexidade de passar as ideias para o papel e, ao mesmo tempo, questionar a linguagem interiorizada, no presente trabalho procurei superar as dificuldades de discorrer sobre um universo que encontra-se em constante movimento por meio de uma estratégia textual. Em meados de 2009, quando comecei a reler exaustivamente os relatos produzidos durante o período em que circulei pelas Unidades de Internação da Fundação CASA, aos poucos, dei-me conta de que as cenas capturadas por meus olhos, produtos de um olhar fotográfico sobre o campo, ao serem transcritas, transformaram-se em imagens textuais. Fotografias que possibilitam a visualização dos espaços de internação aos quais tive acesso em detalhes (frases cravadas nas paredes e nas carteiras das salas de aula, grades enferrujadas, cadeados, portões emperrados, etc). Contudo, tratam-se de imagens que não se restringem às características do espaço físico, mas que também retratam os gestos, as narrativas, os diálogos e os movimentos corporais de atores que encontram-se inseridos em contextos específicos. Tais instantes fotográficos, cada qual com a sua intensidade e movimento, quando colocados em sequência, ganham força, evidenciando o deslocamento do universo institucional.

Vale ressaltar que procurei adotar o mesmo procedimento em relação às obras consultadas, sobretudo às produções textuais que retrataram o cotidiano da internação em períodos de tempo delimitados (ARRUDA, 1983; BIERRENBACH, 1987; KOSMINSKY, 1993; MIRAGLIA, 2001). Em outras palavras, com o objetivo de atentar para o movimento institucional, recorri às etnografias de outros pesquisadores que transitaram por espaços de internação aos quais não tive acesso, em especial, durante a década de 80. Ao longo das leituras, tratei de percorrer as reflexões de tais autores em busca da reconstituição de cenários específicos por meio dos quais, como veremos adiante, principalmente no primeiro capítulo, é possível visualizar as características estruturais dos antigos espaços de internação, chamados de Unidades Educacionais, mas, sobretudo, a dinâmica de funcionamento de tais ambientes, bem como as relações estabelecidas entre atores distintos que, em alguns casos, passaram boa parte de suas vidas dentro de uma instituição de controle social.

Se os cenários institucionais por mim construídos, frutos da leitura bibliográfica e de minhas próprias observações em campo como ocupante de uma posição específica, quando colocados lado a lado, conferem movimento ao universo institucional, o que, em certo sentido, permite que esta dissertação seja compreendida através de fotografias textuais, vale salientar que o deslocamento do quadro institucional torna-se ainda mais explícito quando se

trata de observar o universo em estudo cravado nas trajetórias de alguns personagens, com as suas respectivas narrativas, dramas, frustrações e sonhos.

De fato, sobretudo ao longo dos dois primeiros capítulos, veremos o universo institucional através de três trajetórias. Nesse sentido, mobilizo o conceito tal como proposto por Pierre Bourdieu. O autor (1996, p.74), ao distanciar-se das abordagens que descrevem a vida como uma espécie de deslocamento linear e unidirecional ou, em outras palavras, como “um conjunto coerente e orientado”, com sequências cronológicas ordenadas que nos dão a sensação de um início, meio e fim, salienta que a narrativa autobiográfica, ao selecionar acontecimentos específicos e estabelecer conexões que fundamentam a sua existência, encontra a cumplicidade do biógrafo, na medida em que ambos, entrevistado e entrevistador, aceitam “essa criação artificial de sentido” (BOURDIEU, 1996, p.76).

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um 'sujeito' cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações (BOURDIEU, 1996, p.81).

Sendo assim, a noção de trajetória tal como proposta por Bourdieu (1996, p.81, grifo do autor), “uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes”, me permite deslocar o foco do sujeito, situando “acontecimentos biográficos em alocações e deslocamentos no espaço social” (KOFES, 2001, p.24). Desse modo, enfatizo que o fato de debruçar-me sobre as narrativas de meus interlocutores não implica tratá-los como indivíduos, haja visto que o esforço que empreendo consiste em caracterizá-los como ocupantes de distintas posições sociais no contexto da internação¹⁹.

No que concerne à reconstituição de trajetórias, vale ressaltar que a realização de entrevistas configura-se como um importante procedimento metodológico. Em relação aos três personagens centrais, que dão vida a esta dissertação, saliento que os conheci do lado de dentro dos muros institucionais. Pedro e Túlio, protagonistas do Capítulo 2²⁰, participaram das

¹⁹ De certa forma, procuro seguir os passos delineados por Pierre Bourdieu (1997, p.9) em *A miséria do mundo*, obra na qual o autor baseia-se em “depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver”. Vale notar que os indivíduos que aparecem ao longo de suas entrevistas devem ser compreendidos como personagens que representam posições sociais, afinal, é preciso lembrar que as relações sociais não devem ser reduzidas a relações entre subjetividades “animadas por intenções ou 'motivações' porque se estabelecem entre condições e posições sociais (...)” (BOURDIEU, 2004, p.28).

²⁰ A escolha de tais adolescentes deve-se ao fato de que os dois jovens possuíam uma longa experiência, tanto na

oficinas de fotografia ministradas no complexo de Franco da Rocha, o segundo por um período de aproximadamente dois anos, o que significa que muito antes de realizar a primeira entrevista com os adolescentes fora do contexto da internação, haja visto os empecilhos mencionados anteriormente, já conhecia muitas das histórias de suas vidas, informações prévias que, é importante notar, auxiliaram na formulação das perguntas que seriam dirigidas aos adolescentes posteriormente. Desse modo, nos encontros realizados após o término da medida socioeducativa de internação, durante os quais compareci aos municípios de meus interlocutores, a saber, Campinas e Taubaté, período em que nos encontramos em bares, restaurantes e parques, mas no qual também caminhamos por ruas e avenidas, procurei apenas aprofundar algumas questões que permaneciam em aberto, tais como: histórico escolar, trajetória familiar, experiências no mercado de trabalho, quase sempre informal, relação com a força policial, envolvimento com o crime, sobretudo com integrantes do PCC, etc.

A relação construída dentro do espaço de internação, sem dúvida, fez com que algumas dificuldades inerentes à prática de entrevista fossem superadas. Os encontros realizados do lado de fora das muralhas constituíram-se como um momento privilegiado de uma série de conversas anteriores, nas quais já havíamos trocado outras informações, proximidade que facilitou o contato com os entrevistados fora da instituição²¹.

Durante tais entrevistas, caracterizadas pelas refeições compartilhadas e pelos inúmeros copos de café, além de não me preocupar com o modo de apresentar-me, não tive que contar com o auxílio de nenhum mediador para acessar os entrevistados, fatores que, como bem observa Gabriel Feltran (2008, p.58), podem produzir efeitos incontrolláveis.

(...) fazer entrevistas individuais é diferente de conversar com grupos. Os modos de apresentar-se e, principalmente, quem é que apresenta o pesquisador ao entrevistado também modificam significativamente a porta de entrada da conversa, e portanto o que será dito. Uma vez fui apresentado a um jovem como um 'jornalista que quer fazer uma matéria com você'. Tentei corrigir, mas era tarde. Sai com o depoimento formatado das 'matérias televisivas'.

Fundação CASA quanto na prática de crimes. Além disso, ao mencionar a possibilidade de entrevistá-los, ainda no complexo de Franco da Rocha, Pedro e Túlio mostraram-se interessados em conceder os seus depoimentos, dando-me os seus telefones, bem como os endereços de suas respectivas residências, acontecimento que facilitou a nossa aproximação fora das muralhas. *Ai senhor, pode contar comigo que eu quero falar a realidade da cadeia pra muita gente que nem sabe o que acontece nesse inferno* (Túlio).

²¹ Bourdieu, ao discorrer sobre alguns fatores que afetam a relação de entrevista, entre os quais, a imposição da língua legítima por parte do entrevistador, bem como a dissimetria social que atravessa a relação todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior na hierarquia das diferentes espécies de capital, afirma que, em *A miséria do mundo*, tomou-se “a decisão de deixar aos pesquisadores a liberdade de escolher os pesquisados entre *peças conhecidas* ou pessoas às quais eles pudessem ser apresentados pelas pessoas conhecidas. A proximidade social e a familiaridade asseguram efetivamente duas das condições principais de uma comunicação 'não violenta'” (BOURDIEU, 1997, p.697, grifo do autor).

De fato, as entrevistas realizadas com meus interlocutores caracterizaram-se pela informalidade. Momentos em que relembramos os acontecimentos marcantes ocorridos no interior da *cadeia*, que auxiliaram-me na reconstrução de cenários específicos, mas nos quais os adolescentes também mostraram-se à vontade para discorrer sobre outros assuntos como, por exemplo, as dificuldades enfrentadas após a desinternação, entre as quais, a falta de um emprego estável e as conturbadas relações familiares. Encontros em que procurei estabelecer “uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário” (BOURDIEU, 1997, p.695, grifo do autor). Instantes em que tentei concentrar todas as minhas atenções em suas narrativas, mas também em seus movimentos corporais que, quando entrelaçados à fala, como veremos adiante, conferem intensidade aos episódios descritos.

Obviamente, o fato de realizar entrevistas em tais condições, marcadas pela proximidade, não significa que desconsidere alguns problemas práticos que resultam da interação entre o pesquisador e o entrevistado, afinal, é preciso lembrar que a realização de entrevistas, por mais que se diferencie “das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos” (BOURDIEU, 1997, p.694, grifo do autor). A utilização da linguagem mobilizada por meus interlocutores, inclusive nas perguntas por mim formuladas, além do uso de sinais verbais e não verbais que demonstram o interesse do pesquisador por aquilo que está sendo dito, tais como: acenos aprovadores com a cabeça, sorrisos e expressões como “ah, pode crer”; “porra, muito louco mano”; “olha, interessante parceiro”, sem dúvida, possibilitam a continuação da conversação e, conseqüentemente, a troca de informações com os entrevistados. Certa vez, durante uma conversa com Túlio, na qual encontrava-me cansado demais para prestar atenção em tudo o que estava sendo dito pelo adolescente, momento de distração, percebi, por meio de um silêncio repentino, que meu interlocutor havia desistido de conversar apenas com o gravador, suspendendo a sua narrativa imediatamente, que seria retomada após a formulação de uma outra pergunta. Desse modo, constata-se a importância de atentarmos para os detalhes que envolvem a prática de entrevista, situação de pesquisa em que efeitos indesejados podem ser produzidos por um simples movimento corporal. Os sinais verbais e não verbais, quando encaixados ao longo da conversação no momento adequado, a ponto de não interromper a narrativa, mas, pelo contrário, de estimulá-la, do ponto de vista do entrevistado, “atestam a

participação intelectual e afetiva do pesquisador” (BOURDIEU, 1997, p.697), o que aproxima a prática de entrevista de uma conversa comum, e não de um encontro em que o pesquisador procura evitar a sua participação, em busca de uma suposta posição de neutralidade.

Se os encontros com Pedro e Túlio, como vimos, tornaram-se possíveis graças aos contatos estabelecidos dentro do espaço de internação, o mesmo pode ser dito em relação a Lucas, personagem central do primeiro capítulo, com o qual realizei apenas uma conversa gravada, atentando para as preocupações metodológicas já mencionadas. Contudo, vale notar que a relação estabelecida dentro da *cadeia* foi construída a partir de outra situação, mais especificamente, quando nos encontramos dentro de uma sala de aula na Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares, período em que meu interlocutor atuava como professor de teatro. Aos poucos, durante as conversas travadas nos intervalos das oficinas, momento em que discutíamos as atividades propostas, bem como o resultado de nosso trabalho, pude observar o descontentamento de Lucas em relação ao tratamento dispensado aos adolescentes, naquele período, marcado pelas contantes humilhações e espancamentos, como se tais ferimentos fossem produzidos em seu próprio corpo. No início de março de 2009, quando dividimos a mesma sala de aula, ministrando atividades em conjunto, isto é, entrelaçando a fotografia ao teatro, tornou-se ainda mais evidente a repulsa de meu interlocutor pelos agentes institucionais, o carinho pelos adolescentes e o incômodo com o cheiro da *cadeia*, mas também com as grades, os cadeados e as muralhas, sentimentos que tornaram-se compreensíveis à medida em que deparei-me com a história de um ex-interno que, após passar boa parte de sua vida, aproximadamente 15 anos, dentro de uma instituição que *sempre foi filha da puta*, estava de volta aos espaços de internação da Fundação CASA para ministrar atividades culturais aos adolescentes.

Foi durante a convivência prolongada dentro da *cadeia* que tive acesso a alguns acontecimentos dolorosos de sua existência, percebendo, tempos depois, que, além da bibliografia, era possível acessar o cenário institucional das décadas de 70 e 80 por meio da reconstituição da trajetória de um personagem de carne e osso. Sendo assim, quando nos encontramos em janeiro de 2011, em um bar localizado na região central da capital paulista, Lucas, que desde o início de nossas conversas mostrou-se disposto a colaborar com a pesquisa, haja visto que *é sempre bom que as pessoas tenham acesso ao que acontece dentro de uma instituição como essa*, reconstruiu o seu passado. Durante a entrevista, antes da qual elaborei um roteiro prévio dos pontos que desejava abordar, todos relacionados à vida

construída dentro de uma instituição de controle social, bem como aos primeiros passos dados fora das muralhas, meu interlocutor, durante aproximadamente cinco horas, contou-me a sua história: a vida nas ruas, as dificuldades financeiras, o abandono materno, a entrada na instituição, a dinâmica de funcionamento das unidades, as humilhações e as torturas, a solidão, a relação entre os internos, as fugas, a desinternação, o rompimento familiar, o assassinato de seu irmão mais velho, o retorno para as ruas de São Paulo, o envolvimento com o teatro, o nascimento de seus dois filhos, as aulas na periferia, o Primeiro Comando da Capital e a decisão, dolorosa, de retornar para a Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente. Temas narrados em tom firme, mas que em alguns momentos provocaram lágrimas nos olhos de meu interlocutor, interrompidas pela necessidade de seguir em frente e por alguns goles de cerveja. Emoção que também caracterizou os depoimentos de Pedro e Túlio. Lembranças indesejáveis cravadas na memória e no corpo, que ainda carrega as marcas da internação. Relatos que, quando ouvidos pelo pesquisador, encarregado de escutar tais narrativas diversas vezes, tamanha a importância da transcrição, processo em que o discurso se transforma em texto, também fizeram com que os seus olhos marejassem.

Como bem observa Pierre Bourdieu, a passagem do oral para o escrito não deve ser vista como uma espécie de procedimento neutro, sobretudo porque transcrever não significa passar o discurso para o papel. “(...) transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever” (BOURDIEU, 1997, p.710). Em tal processo, muito se perde, a começar pela voz, pronúncia, entonação, ritmo, suspiros, etc. No presente trabalho, apesar de atentar para a linguagem corporal mobilizada por meus interlocutores que, como já mencionado, confere intensidade aos episódios narrados, não tenho dúvidas de que muitos sinais foram perdidos. Por mais que tenha optado por manter frases e gírias tal como foram citadas, em alguns momentos senti a necessidade de eliminar algumas expressões, sobretudo os “bom”, “né”, “ah”, que, quando citadas exaustivamente, tornam o texto incompreensível para o leitor que não acompanhou o discurso original. Além disso, em alguns trechos realizei correções gramaticais (ausência de plural, concordância verbal, etc), que prejudicam o fluxo da leitura.

Por fim, é importante salientar que os depoimentos dos entrevistados não são mobilizados como se fossem apenas recortes ilustrativos. Durante a construção textual procurei desmontar as entrevistas e analisar os trechos sugeridos, atentando para as condições sociais e os condicionamentos dos quais o autor do discurso é o produto. A ideia de utilizar longas narrativas, enunciadas com uma extraordinária força expressiva, deve-se ao fato de

possibilitar ao leitor que este transporte-se em pensamento ao lugar de onde falam os meus interlocutores, que só podem ser compreendidos se fizermos o exercício de nos aproximarmos de seus pontos de vista. Em outras palavras, trata-se de entrar na carne do personagem e “tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas de uma existência” (BOURDIEU, 1997, p.701).

A construção dos capítulos

A decisão de como colocar as primeiras ideias no papel é complexa, sobretudo quando se trata de produzir um texto longo, em que os efeitos das escolhas teóricas, metodológicas e da própria construção textual em si, de certa forma, se estendem por todos os capítulos. Durante tal processo, ao mesmo tempo em que alguns pensamentos transformam-se em palavras, outros, com a mesma velocidade, são perdidos.

Quando comecei a esboçar as linhas iniciais do primeiro capítulo, que à época centrava-se na reconstrução do cenário institucional das décadas de 70 e 80, haja visto que o retorno ao passado, como veremos, torna-se indispensável para que possamos compreender o atual quadro institucional que emerge diante de nossos olhos, ainda nos últimos meses de 2010, produzi ao menos cinco páginas diferentes, todas descartadas. Naquele momento, meu descontentamento estava relacionado ao fato de que o universo institucional apresentava-se como que descolado do contexto social mais amplo, do qual, obviamente, a instituição não está desvinculada. Além disso, ao longo do texto não conseguia enxergar a presença de seres humanos, encontrando inúmeras dificuldades para produzir cenários apenas por meio das leituras bibliográficas. Foi então que, depois de conhecer a história de Lucas, optei por delinear a sua trajetória, entrelaçando-a com o universo institucional, bem como com as inúmeras transformações sociais e políticas que afetaram a sociedade brasileira durante o período, entre as quais, a tomada do poder pelos militares, a ampla mobilização social que marcou os anos 80, a pressão de setores da sociedade civil pela inclusão de emendas populares no novo texto constitucional, o surgimento do Estatuto da Criança e do Adolescente e a redefinição do papel do Estado em relação às políticas sociais, principalmente no que concerne às políticas públicas destinadas à infância e adolescência. Em outros termos, argumento que o primeiro capítulo consiste em uma tentativa de articular a trajetória de um personagem de carne e osso ao universo institucional, atentando para alguns acontecimentos

que marcaram a cena política brasileira, desde meados dos anos 60 até a virada dos anos 90.

Ao seguir os passos de meu interlocutor, veremos os traços centrais da dinâmica de funcionamento dos antigos espaços de internação, entre os quais, a rigidez disciplinar que se traduz no controle dos movimentos corporais dos internos, a existência de uma infinidade de regras institucionais que antecedem as atividades cotidianas, a dura rotina de trabalho na lavoura, a impossibilidade de frequentar a escola, as sessões de espancamento perpetradas pelos agentes institucionais e as relações conflituosas estabelecidas entre os adolescentes.

Após aproximadamente 15 anos de internação, período em que os laços familiares foram completamente destruídos, o adolescente retorna às ruas da capital paulista, encontrando dificuldades para sobreviver fora dos limites estipulados pela instituição. Em meados dos anos 2000, após uma série de experiências frustradas no mercado de trabalho, meu interlocutor passa a concentrar todas as suas energias na realização de atividades teatrais junto aos jovens das periferias de São Paulo, percebendo, rapidamente, que o seu discurso como ex-interno não se encaixava com as narrativas de seus alunos, empenhados em discorrer sobre o Primeiro Comando da Capital. Por mais dolorosa que tenha sido tal decisão, era o momento de retornar para o lado de dentro das muralhas e atualizar o seu discurso.

Em sua nova inserção nos espaços de internação da Fundação CASA, o deslocamento institucional torna-se evidente, a começar pelas mudanças decorrentes da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Os chamados menores abandonados já não fazem mais parte do cenário institucional, que passa a ser destinado apenas aos jovens infratores. Se no período em que Lucas esteve internado as unidades eram chamadas de *lares*, no presente momento, os espaços de internação passam a ser classificados como *cadeias*.

Em determinados espaços institucionais, nos quais Lucas pôde sentir que as coisas realmente haviam mudado, conhecidos como *unidades dominadas*, as agressões, os roubos e os estupros entre os jovens, assim como as incessantes rebeliões, eventos que caracterizaram a instituição durante as décadas anteriores, deixam de ser práticas corriqueiras, cedendo espaço aos ideais de *Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade* que, segundo os internos, constituem o lema do PCC. Da mesma forma, as práticas violentas adotadas pelos agentes institucionais, que marcaram o corpo de Lucas durante todo o período em que o jovem esteve internado, longe de chegarem ao fim, também diminuem, apontando para alterações nas relações de poder.

Nas *unidades dominadas*, tema do segundo capítulo, veremos que alguns adolescentes se dividem em postos de liderança, a saber, *piloto*, *encarregado*, *faxina* e *setor*, sendo os

principais responsáveis pela gestão de tais *cadeias*, bem como pela transmissão de orientações aos adolescentes que não atuam como líderes, conhecidos como *população*. Tendo como foco a dinâmica interna, sem perder de vista as relações estabelecidas entre os adolescentes e aqueles que encontram-se do outro lado das muralhas, sobretudo em unidades prisionais e áreas urbanas controladas por membros do Primeiro Comando da Capital, debruço-me sobre as relações estabelecidas entre os distintos atores sociais que circulam por tais espaços de internação, demonstrando que adolescentes e funcionários encontram-se unidos por laços de interdependência, todos submetidos aos mesmos constrangimentos. Mais uma vez, assim como no primeiro capítulo, trata-se de ver o universo institucional cravado nas trajetórias de dois personagens, no caso, Pedro e Túlio, atores que, pelo fato de terem ocupado postos de liderança no contexto da internação, nos auxiliam a refletir sobre o processo de constituição dos *disciplinas*. Ao esboçar o percurso institucional enfrentado pelos dois adolescentes, desde os seus primeiros passos na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, veremos que nem todas as Unidades de Internação podem ser classificadas como *cadeias dominadas*. Das relações estabelecidas entre internos e agentes institucionais, marcadas pelos embates, emergem outras configurações, a saber, *unidades na mão dos funça* e *unidades meio a meio*.

Sendo assim, no terceiro capítulo, com o objetivo de evidenciar que os espaços de internação não devem ser compreendidos como se fossem configurações estáticas, isto é, sem movimento, discorro sobre a Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares. Ao acompanhar o deslocamento de tal espaço institucional durante dois anos, período em que ministrei atividades fotográficas em tal unidade, descrevo, em detalhes, os traços centrais de tais configurações que, vale notar, constituem-se como o produto das relações estabelecidas entre os atores que circulam pelo espaço de internação. Nesse sentido, veremos que uma mesma unidade, quando vista como um processo, no qual os adolescentes e os agentes institucionais depositam o máximo de suas forças em lutas incessantes pelo domínio da *cadeia*, adotando diversas estratégias, elaboradas de acordo com os seus respectivos interesses, a depender do contexto, assume formas variadas.

1. O movimento institucional na trajetória de um interno

Até por volta de 16 anos, sempre que alguém me perguntava sobre quem eram meus pais, invariavelmente eu respondia: o Governo. É óbvio que eu não tinha clareza suficiente para entender quem era esse meu pai nem o que ele fazia, mas isso ficou mais fácil quando tive de entender quem era então minha mãe: a Febem.

Roberto da Silva (1997)

O breve período de moradia nas ruas da capital paulista não traz lembranças, afinal, Lucas tinha apenas alguns meses de vida. Seus primeiros passos institucionais também não fazem parte da memória. As constantes dificuldades financeiras enfrentadas por sua mãe, após o abandono de seu companheiro e a consequente perda do emprego, fizeram com que Maria tomasse uma atitude dolorosa, que a afastaria por mais de uma década de seus quatro filhos.

Meu pai era estrangeiro, veio da Espanha e tinha um pequeno comércio e se embriagava. Ele era alcoólatra. Minha mãe, na verdade, foi trabalhar com ele, ela era garçonete. Meu pai era casado, minha mãe foi amante dele na lanchonete. É uma história bem louca. Aí foi ser amante e teve dois filhos, e os meus outros dois irmãos são de outro pai. Então, já tinha mais ou menos uma vida meio que bagunçada. Quando a mulher dele descobriu essa vida dupla dele, quer dizer, fodeu. Meu pai praticamente chutou minha mãe pra rua. Aí foi minha mãe com os quatro filhos morar nas ruas. Com dois anos de idade, nós fomos para a internação. Minha mãe entregou a nossa tutela para o Juizado de Menores e o Juizado entregou a tutela pra Fundação.

Corria, então, o ano de 1973. Lucas e seus três irmãos já se encontravam sob a tutela do Estado. Nesse período, a política de atendimento destinada aos menores abandonados e infratores era desenvolvida pela Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM), criada pela lei federal nº 4.513, de 1º de dezembro de 1964, em pleno contexto de ditadura²².

O governo militar tentou conter a insatisfação popular latente e minimizar a tensão social, criando mecanismos de cunho social de grande porte com uma imagem de eficácia e eficiência, mas que traziam implícitos o nítido alvo de controle social da população. Nessa conjuntura e com essa perspectiva a FUNABEM – criada em 1964

²² É importante ressaltar que a FUNABEM surgiu com o objetivo principal de propor a remodelação das políticas públicas direcionadas aos menores abandonados e infratores, substituindo o antigo Serviço de Assistência ao Menor (SAM), criado pelo decreto 9744, de 19 de novembro de 1938. Para um histórico das políticas públicas destinadas à infância e juventude, sugiro os estudos de Marcílio (2007) e Passetti (2007).

– desenvolveu, ao longo dos anos, uma política meramente paternalista e assistencialista, quando não reparadora e compensatória das ditas disfunções da sociedade (BIERRENBACH, 1987, p.49).

Em 1974, tendo como objetivos centrais a implantação das diretrizes estipuladas pela FUNABEM, bem como a execução da nova política de atendimento destinada aos menores abandonados e infratores²³, o Poder Executivo autoriza a criação da Fundação Paulista de Promoção Social do Menor (Pró-Menor)²⁴, nomenclatura que seria modificada dois anos depois, em 1976, para Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM). Tal instituição surge como uma espécie de braço estadual da FUNABEM. Ainda no mesmo período, mais especificamente, por meio do decreto 5926, de 12 de março de 1975, a questão do menor é transferida da Secretaria de Justiça para a Secretaria da Promoção Social (MARCÍLIO, 2007).

O período que se inicia com a tomada do poder pelos militares, em 1964, e se estende até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, intitulado como “fase de institucionalização” (SILVA, 1997, p.46), caracteriza-se pela forte presença estatal no que concerne às questões referentes à infância marginalizada.

Foi durante a fase de institucionalização que se afirmou o princípio da destituição do pátrio poder e que a sentença de abandono retirou a criança da responsabilidade dos pais, da comunidade e da sociedade, transferindo-a para o Estado e seus prepostos. Essa condição jurídica da criança é que justificou e legitimou sua internação até os 18 anos (...) (SILVA, 1997, p.46-47).

De fato, as modificações ocorridas no aparato jurídico-institucional desde meados dos anos 60 tinham como objetivo central a substituição do tratamento repressivo disponibilizado aos menores abandonados e infratores por uma nova proposta, eminentemente educativa.

²³ A Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBEM), formulada pela FUNABEM, deveria orientar o atendimento em âmbito nacional. “Afirmava que o tratamento 'biopsicossocial' reverteria a 'cultura de violência' que se propagava pelos subúrbios com os conflitos entre gangues e com isso contribuiria para acabar com a marginalidade formando jovens responsáveis para a vida em sociedade” (PASSETTI, 2007, p.358). Se em um primeiro momento a ênfase do tratamento estava na correção de comportamentos considerados perigosos, com a nova política de atendimento buscava-se, por meio da educação, a integração social. É importante notar que o tratamento “biopsicossocial” coloca em cena uma série de atores até então desconhecidos, tais como: psicólogos, dentistas, educadores, médicos, economistas e sociólogos (PASSETTI, 2007).

²⁴ As preocupações referentes à infância marginalizada vêm de longa data. Em São Paulo, só para se ter uma ideia, no final da década de 40, diversos órgãos estatais e entidades da sociedade paulistana passaram a organizar as chamadas “Semanas de Estudos dos Problemas do Menor”, evento que foi realizado anualmente até 1973. Espaço onde “se debatiam os vários aspectos relativos ao problema: pesquisas eram apresentadas e debatidas, aspectos referentes à profissionalização e tratamento do menor, experiências e ideias eram relatadas e dezenas de discursos de autoridades públicas eram proferidos” (ARRUDA, 1983, p.145). É importante salientar que uma das principais sugestões daqueles que participaram de tal evento foi a criação da Fundação Paulista de Promoção Social do Menor (Pró-Menor).

A nova política do atendimento organizada para funcionar em âmbito nacional pretendia mudar comportamentos não pela reclusão do infrator, mas pela educação em reclusão – uma educação globalizadora na qual não estava em jogo dar prioridades à correção de desvios de comportamentos, mas formar um indivíduo para a vida em sociedade (PASSETTI, 2007, p.357).

No entanto, a continuidade das práticas institucionais repressivas, além de amplamente descrita por parte da literatura que se debruçou sobre o tema (ARRUDA, 1983; MARCÍLIO, 2007; PASSETTI, 2007), deixou marcas profundas na trajetória de Lucas.

A internação aos dois anos de idade não significou apenas a ruptura precoce com a figura materna, mas também o fim dos laços que uniam os quatro irmãos. O próprio modo de operação da instituição, ao separar os irmãos e encaminhá-los para distintos espaços de internação espalhados por todo o estado de São Paulo, acarretou o esfacelamento das relações familiares.

A minha irmã, uma foi pra Tupã, outra ficou na capital. Eu fui primeiro para Amparo, uma cidade perto de Campinas. Meu irmão foi pra Batatais. Então, cada um foi para uma unidade diferente. E nós passamos esse processo de internação todo sem ter contato um com o outro. A perversidade estava aí porque a gente sabia que nós tínhamos irmãos porque isso estava no prontuário e a gente tinha acesso, então, a gente sabia que tinha pai, tinha mãe e irmãos, mas a gente não tinha contato. E como essas unidades eram muito distantes da capital e com todo aquele problema financeiro que a minha mãe tinha, ela não tinha condições de visitar todos os irmãos em um mesmo mês. Então, ela tinha que escolher. Um determinado mês ia para uma cidade. Depois de dois ou três meses ia para outra cidade. Então, nós acabávamos tendo contato com a nossa mãe uma vez por ano.

É importante ressaltar que a faixa etária e o sexo eram os critérios principais adotados pela instituição no que concerne à distribuição dos internos pelos distintos espaços de internação (KOSMINSKY, 1993, p.171). Desse modo, Lucas foi encaminhado para uma entidade conveniada com a FEBEM²⁵, localizada em Amparo, cidade do interior paulista. Pode-se dizer que os primeiros anos de um longo e penoso período de internação foram vivenciados em uma entidade tipicamente religiosa. Nos termos de Bierrenbach (1987),

²⁵ Em 22 de dezembro de 1909, o Governo do Estado de São Paulo, por meio da lei nº 1192, inicia “o estabelecimento de convênios com instituições particulares, a fim de ampliar a assistência aos menores em todo o estado” (SILVA, 1997, p.45). Vale ressaltar que Figueiredo (1987, p.149-150, grifo da autora), ao comentar o trabalho desenvolvido por tais entidades, enfatiza que “a 'caridade' desses organismos somente suporta e aceita a submissão e a docilidade (...). Como a criação de uma 'obra social' está mais voltada às necessidades dos adultos, de 'fazer caridade', 'ganhar o reino do Céu', 'pagar promessa' ou inúmeros outros motivos, embora recebam subvenção do Estado para sua manutenção parcial ou total, o 'bem-estar do menor' quase sempre não é o seu primeiro objetivo”.

tratava-se de uma unidade assistencialista²⁶.

A lembrança mais remota que eu tenho é eu chegando no colo de uma freira. E talvez eu tenha essa lembrança porque eu lembro que ela usava um crucifixo e ele ficava batendo na minha cara. A freira andando e o crucifixo batendo na minha cara, então eu lembro disso até hoje. Assim, muito remoto, não lembro da cara da freira. É a única coisa que eu sei. E por que essa figura eu acredito que seja uma freira? Por causa do crucifixo e por causa das imagens de santo que tinha, umas imagens de santo em um corredor longo com vários quartos.

Internado em tal estabelecimento dos dois aos oito anos de idade, é desse período que emergem as primeiras imagens da internação precoce, entre as quais, destaca-se o círculo diário formado por mais de 120 crianças que se reuniam para rezar²⁷. No final das orações, como forma de retribuir o silêncio e o respeito pelo momento sagrado, os internos se divertiam com uma chuva de balas proporcionada pelas irmãs. Apesar de dividir o espaço com diversas crianças, na memória do garoto que tinha, então, entre quatro e cinco anos de idade, a imagem que ganha destaque é a da solidão atrelada ao inconfundível cheiro de mofo.

Eu tenho imagens de ficar horas e horas dentro de um pátio onde funcionava a escola durante a semana, e eu ficava sozinho lá. Muito tempo, muito tempo mesmo e eu era bem pequeno. São as primeiras imagens que eu tenho nítidas, que eu consigo te descrever o cheiro, o sentimento, a sensação que eu tinha. Era como se você tivesse em cima de uma montanha e olhasse para os lados e não visse chão, você não sabia para onde ir. É como se fosse uma escuridão, mas você enxergando a escuridão, mas sabendo que nada...é uma imagem muito louca cara. E que arre pia, o cheiro que tinha, era um cheiro de mofo, esse lugar onde a gente ficava, era um cheiro de mofo que eu consigo reconhecer. Se tiver um lugar mofado a quilômetros daqui eu consigo sentir

²⁶ Tal como sugere a autora, as Unidades Educacionais podiam ser classificadas em dois modelos distintos: assistencialistas e repressoras. “Por vezes, estes enfoques se mesclam e se superpõem, mas, no geral, prevalece uma ou outra tônica. Nas unidades assistencialistas aplica-se 'disciplina em nome da ordem' e nas unidades repressoras aplica-se 'disciplina em nome da segurança’” (BIERRENBACH, 1987, p.62). Segundo Kosminsky (1993), as unidades assistencialistas atendiam, prioritariamente, menores carentes e abandonados. Por sua vez, as unidades repressoras se destinavam aos menores infratores, o que não significa que essa separação fosse totalmente respeitada pela instituição, como veremos mais adiante.

²⁷ Vale atentar para o fato de que tal Unidade Educacional atendia apenas crianças carentes e abandonadas, que tinham entre dois e doze anos de idade. Ou seja, em tal espaço institucional não eram aceitas as crianças que tinham cometido alguma infração, classificadas como menores infratores. De fato, é possível afirmar que o público majoritário atendido pela FEBEM/SP até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, era constituído de menores carentes e abandonados. Só para se ter uma ideia, Figueiredo (1987, p.183-184), apoiando-se em estimativas divulgadas pela própria instituição, em 1985, enfatiza que dos 122.602 menores atendidos através dos diversos serviços prestados, “houve 19.633 casos de menores autores de infração penal, o que corresponde a 15,98% do total de atendimentos. Esse percentual deve ser considerado levando-se em conta que, nos atendimentos computados, o mesmo menor pode ter tido mais de uma passagem, não correspondendo, portanto, ao número de menores autores de infração penal atendidos. De qualquer forma, vale como referência para a percepção e dimensionamento do problema”.

esse cheiro e na hora já vem essa memória, então assim, muita solidão, muito sozinho, muito abandono, são as coisas que eu consigo ter de imagens muito antigas.

A rotina institucional, marcada pela repetição e pela rigidez disciplinar, que se traduz no controle incessante, por parte dos agentes institucionais, do tempo e dos movimentos corporais dos internos, produz a sensação de que as horas não passam, dando a impressão de que todos os dias são iguais, o amanhã sendo apenas a antecipação do hoje. Nesse contexto, as atividades propostas, além de serem obrigatórias e realizadas em conjunto, acontecem em espaços temporais determinados, havendo poucas possibilidades de mudança²⁸.

Em Amparo era assim: nós acordávamos sempre às sete horas da manhã, arrumávamos a nossa cama, tudo pequenininho. Depois íamos tomar café, depois do café íamos para a escola. Fazíamos sempre a oração, a hora que acordava, antes de tomar café, antes de...porque as freiras davam as aulas no grupo escolar dentro da unidade, então participávamos da escola no período da manhã, depois retornávamos para o lar, fazíamos o repasse. O que que era esse repasse? A gente tinha que arrumar todo o lar de novo. Lá, a unidade eles chamavam de lar. Então você tinha que arrumar o lar tudo de novo, o que era arrumar o lar tudo de novo? Varrer tudo de novo. Você já tinha feito isso de manhã, você fazia de novo, passava a enceradeira e passava o escovão, que isso era de praxe, antes do almoço. Eles tinham um principio religioso lá que para você conseguir seu alimento você tinha que lutar, então, tinha essas coisas meio malucas. Aí você almoçava, fazia a oração, almoçava. À tarde você tinha um período de descanso, das 13h às 14h. Às duas da tarde, de lei, você rezava o terço, isso no campo, fazia a aleluia de bala, aí você tinha um tempinho para assistir televisão, isso das 16h às 17h, e aí tinha as escalas²⁹. Alguns meninos, por exemplo, nesse período da tarde, depois do terço, iam para a cozinha. Eles iam ajudar a preparar a refeição do outro dia, então, para a janta eram os restos do almoço, você fazia o sopão da janta de todo mundo. Você ia lá para cortar cebola, essas coisas todas, e preparar a alimentação do outro dia. Cortar pão e passar manteiga já para deixar para o outro dia. Outros iam cuidar da horta, outros iam cuidar dos bichos, galinha, pombo.

Para que tal dinâmica opere adequadamente, torna-se necessário a existência de uma infinidade de normas que antecedem a execução das atividades cotidianas, tais como: a formação incessante de filas e o andar com as mãos entrelaçadas para trás. Obviamente, aqueles que se rebelam contra as filas, o silêncio e os horários estipulados pelo corpo funcional, descumprindo as regras institucionais, sofrem punições de diversos tipos, que vão

²⁸ Vale ressaltar que o modo de funcionamento de tal Unidade Educacional nos remete aos estabelecimentos sociais designados por Erving Goffman (1974, p.11) como instituições totais, locais em que “um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

²⁹ Segundo Kosminsky (1993, p.173-174), “a 'escala' significa a atribuição e execução do serviço doméstico”.

desde a extenuação corporal quando, por exemplo, o interno é obrigado a limpar durante um longo período de tempo algum ambiente que já havia sido limpo anteriormente, até as inúmeras formas de agressão física, que incluem o uso de instrumentos como a palmatória.

Em Amparo, na unidade em que Lucas esteve internado por aproximadamente seis anos, chama atenção o fato de que as próprias freiras aplicavam os castigos aos internos. As mesmas mãos que acolhiam as crianças nos momentos difíceis do longo período de internação, muitas vezes substituindo a figura materna, nas palavras de meu interlocutor, *desciam o porrete. Às vezes o castigo era bravo. Quando elas se excediam, elas pegavam vara de marmelo, pegavam cipó, pegavam corda de pular.* Contudo, por mais angustiante que tenha sido este período inicial de internação, tempos depois, Lucas sentiria saudades das freiras de Amparo, sobretudo do acolhimento das religiosas.

Em 1979³⁰, o garoto receberia uma notícia inesperada. Pelo fato de sua mãe ter conseguido um emprego na Companhia Municipal de Transportes Coletivos da cidade de São Paulo (CMTC), o que caracterizava certa estabilidade financeira, pelo menos aos olhos dos integrantes do Juizado de Menores, Lucas recebeu a notícia de que poderia passar as festas de final de ano com a sua família e, mais do que isso, que a partir daquele momento deixaria o sistema de internação e poderia viver ao lado de seus familiares. No limite, era a oportunidade de conhecer a sua mãe e os seus irmãos, uma vez que fora internado quando tinha dois anos de idade. No entanto, o período natalino ficaria marcado como o mais doloroso de sua vida.

(...) eu senti uma traição das freiras, senti uma traição do mundo, tive um ódio mortal de vida, de viver. Eu queria morrer mesmo. As freiras falaram que pela primeira vez eu tinha conseguido passar o Natal e o Ano Novo com a minha mãe porque o Juizado tinha liberado. Minha mãe já estava trabalhando na CMTC, que era a empresa de ônibus da Prefeitura. E estava bem estabilizada. Então, eu poderia passar as festas de final de ano e finalmente ia conhecer...nossa, é foda cara. Eu ia conhecer os meus irmãos. Eu tinha uma puta curiosidade pra saber como era minha mãe, meus irmãos. O

³⁰ Em 10 de outubro de 1979, por meio da lei federal nº 6.697, foi instituído o novo Código de Menores. Tal legislação, que disporia “sobre ‘assistência, proteção e vigilância a menores’” (FIGUEIREDO, 1987, p.133), além de formalizar a concepção biopsicossocial do atendimento disponibilizado aos menores abandonados e infratores, expressa na Política Nacional do Bem-Estar do Menor, explicitou a estigmatização das crianças pobres como delinquentes em potencial ao classificá-las como estando em “situação irregular” (PASSETTI, 2007, p.364). Vale ressaltar que o Código de 1979 foi criado para substituir o antigo Código de 1927, legislação que pela primeira vez responsabilizou o Estado pela situação de abandono de diversas crianças, bem como pela correção de comportamentos delinquentes. Em termos práticos, é possível afirmar que as duas legislações privilegiaram a prática de internação de crianças e adolescentes. Da mesma forma, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente recomendar a internação apenas em último caso, nota-se que ela continua sendo amplamente adotada. “Ela está presente em 80% das sentenças proferidas, o que mostra a falta de sensibilidade destes mesmos juízes, promotores e advogados na defesa de alegados direitos, reiterando a mentalidade encarceradora” (PASSETTI, 2007, p.371).

que eu mais fiquei puto nessa época é porque eu fui enganado por todo mundo. Fui enganado pelas religiosas, acho que o meu primeiro rompimento com a religião foi aí. Fui enganado pela minha mãe, fui enganado por professores, fui enganado por todo mundo que me dava uma assistência. (...) você imagina a cabeça de uma criança com oito, nove anos, achando que ia poder comer chocolate todo dia, ia poder tomar guaraná todo dia, que ia ser livre, que ia poder assistir desenho animado todo dia. Que ia poder ter uma família, que é o mais importante. E aí a gente passou o Natal, o Ano Novo, em seguida minha mãe me levou para o Juizado. Lá no Juizado, na mesma hora ela disse que ia para um outro lugar falar não sei com quem e eu fiquei muito tempo ali. Quando fui ver, estava entrando dentro de uma perua amarela com o logotipo da Febem que era um catavento. E eu não entendi porra nenhuma que estava acontecendo. Aí, cinco horas, seis horas de viagem depois, eu estava dentro de uma outra unidade da Febem.

1.1 UE-4: o trabalho na lavoura e a punição generalizada

A chegada na Unidade Educacional 4, localizada em Batatais, cidade do interior do estado de São Paulo, significou a continuidade do período de internação. As transferências de crianças e adolescentes entre as distintas Unidades Educacionais espalhadas por todo o estado foi, e continua sendo, um procedimento comum adotado pela instituição. Esse modo de operação configura-se como um instrumento punitivo para aqueles que insistem em descumprir as regras institucionais. Além disso, na época em que Lucas esteve internado, ao utilizar a faixa etária como um dos principais critérios de seleção para o encaminhamento dos internos aos distintos espaços de internação, a própria dinâmica institucional forçava a circulação de seus tutelados, na medida em que, ao atingir a idade limite para a permanência em determinado local, o interno era automaticamente transferido (SILVA, 1997)³¹.

Outro ponto relevante a ser considerado é o fato de que as constantes transferências causam certo estranhamento por parte dos internos, sendo necessário, a cada mudança de unidade, um período de adaptação ao novo ambiente. Em parte, isso se deve à diversidade das regras institucionais, que variam de uma unidade para outra (KOSMINSKY, 1993). Lucas, ao chegar em Batatais, pôde sentir a variação das normas administrativas em seu próprio corpo.

³¹ É importante ressaltar os efeitos prejudiciais desse processo contínuo de transferências: “a) a disparidade entre a unidade de origem e a unidade de destino, por vezes a primeira na zona rural e a segunda na zona urbana, ou uma preferencialmente para órfãos e abandonados e a outra admitindo inclusive infratores; b) a separação e o distanciamento de irmãos e das crianças em relação aos seus núcleos familiares” (SILVA, 1997, p.65). No próximo capítulo, ao retomar a discussão acerca das transferências, discorro sobre os efeitos atuais provocados por tal procedimento institucional.

Quando eu saí da perua e cheguei no lar 6³², a primeira coisa que eu fiz foi sentar no meio de um jardim que tinha logo na entrada e ficar lá, que era a mesma coisa que eu fazia em Amparo quando eu estava triste. Eu sentava e ficava lá. E ali eu lembro até hoje do choro que eu tive lá. E era diferente porque quando eu me isolava em Amparo sempre uma freira ia lá, me acolhia e me levava lá pra dentro. Ali [em Batatais], eu levei uma surra, a primeira surra que eu levei cara. Mas surra mesmo, nesse momento, que eu mal cheguei. E você sabe porque ele me bateu, o filho da puta? Porque eu tava de chinelo havaiana. Porque uma das regras de Batatais era: chinelo havaiana só depois do banho, na hora que você tivesse dentro da unidade. Era diferente de Amparo. Amparo você andava de chinelo havaiana o dia inteiro, lá não, só depois do banho.

Se a entidade em que Lucas esteve internado anteriormente poderia ser classificada como uma instituição tipicamente religiosa, em Batatais, tratava-se de uma unidade rural, sendo o cotidiano institucional marcado pelo duro trabalho na lavoura. *Tinha até um lema: para você produzir o seu alimento, você tem que trabalhar, você tem que labutar.* Desse modo, os internos da UE-4, aproximadamente 400 crianças e adolescentes, eram os principais responsáveis pela produção dos alimentos consumidos.

O trabalho incessante nas roças de mandioca, milho, arroz e feijão prejudicava o aprendizado escolar, relegado ao esquecimento. Aqueles que optavam por frequentar a escola e, portanto, aos olhos dos agentes institucionais não trabalhavam e não produziam os seus próprios alimentos, também não estavam autorizados a almoçar.

Você não era obrigado a ir para a escola. Se você fosse para a escola, você não almoçava porque você não foi para a roça. Se você for ver a estatística de lá, 90% dos internos das décadas de 1970, 1980, que foi o meu período de internação, são analfabetos ou semi-analfabetos. Eu só não era um analfabeto porque eu vim da outra internação, fui alfabetizado lá [em Amparo]. Eu só conseguia ir para a escola e almoçar porque a diretora do grupo escolar conseguiu convencer a direção da unidade que alguns internos cuidavam da manutenção do grupo escolar, arrumando as carteiras, que eram carteiras de madeira bem antigas, fazendo a manutenção, a limpeza do grupo escolar. E aí, a gente conseguia almoçar. A gente tinha esse direito por causa dessa contrapartida maluca que tinha lá com o grupo escolar. E aí, uma vez eu tirei uma nota vermelha e por causa dessa nota eu apanhei pra caralho. Eles falaram assim: você já não vai para a roça, você já não produz a sua comida. Além de ir para a escola e ainda ter comida, você tira essa porra dessa nota.

³² Como ressalta meu interlocutor, o *lar* era uma espécie de pavilhão. Em Batatais, existiam duas Unidades Educacionais. A UE-4 era composta por 11 pavilhões, divididos por faixa etária, sendo que cada pavilhão abrigava uma média de 40 internos. Por sua vez, a UE-14 era formada por um único pavilhão e atendia internos que tinham entre oito e doze anos de idade. Segundo Lucas, *a UE-14 tinha um diferencial, eles não eram obrigados a ir para a roça, as crianças não eram obrigadas a ir para a roça. Mas às vezes eles tinham que ir. E os castigos eram menos. E haviam mais mulheres cuidando, coisa que lá na UE-4 não tinha.*

De fato, é possível afirmar que nas Unidades Educacionais localizadas em áreas rurais, como é o caso de Batatais, o trabalho desenvolvido pelos internos consistia na aprendizagem de técnicas de agricultura e no trato de animais, além dos serviços domésticos que, como bem observa Roberto da Silva (1997, p.106), “são atividades de subsistência da instituição e não de preparação para o mercado de trabalho propriamente dito”. Além de cuidar da lavoura e dos animais cotidianamente, os jovens também produziam os seus próprios instrumentos de trabalho, entre os quais, os inúmeros cabos de madeira que davam sustentação às enxadas. O material bruto, enviado pela sede da instituição, localizada na capital paulista, adquiria a forma adequada ao longo do curso de marcenaria, atividade profissionalizante ministrada pelos próprios funcionários da Unidade Educacional 4³³.

Você sabe para que servia essa marcenaria? Para fazer enxadas no tamanho adequado das crianças cara. Eles faziam cabos de enxada para crianças de oito anos, a criança crescia um pouquinho, eles aumentavam o cabo da enxada. É uma coisa muito louca, a marcenaria era para isso. Então, tinha lá meia dúzia de internos que ficavam no torno fazendo cabo de enxada o dia inteiro porque eram mais de 400 internos separados nesses 11 pavilhões (...). O governo, a central aqui da Febem, mandava só a enxada, o cabo tinha que ser produzido lá. Eu acho isso irônico. O mesmo cabo de enxada, eles partiam ao meio. Imagina um cabo de enxada para uma criança de oito anos. Era porrete para os vigilantes, instrumentos de tortura. Quer dizer, você produzia a enxada para você ir para a roça e você produzia o seu próprio porrete que ia te bater.

Ao longo dos cursos profissionalizantes, sempre insuficientes para atender o número excessivo de internos, durante as atividades escolares, rara oportunidade para aqueles que abriam mão da alimentação, ou mesmo nos escassos períodos de lazer, que se traduziam no “roubo” de frutas do quintal e de bolachas da dispensa, os espancamentos e as humilhações constituíam o *modus operandi* dos agentes institucionais. Diferentemente de Amparo, Unidade Educacional na qual as religiosas agrediam os internos, mas, por outro lado, acolhiam as crianças nos momentos mais difíceis da internação prolongada, em Batatais, a dinâmica institucional era diferente.

³³ Vale atentar para as distintas posições institucionais que constituíam o corpo funcional da UE-4. Era assim: você tinha em cada pavilhão o chefe de lar. O chefe de lar morava com a família dele, então ele tinha a mulher dele e os filhos em um quarto separado dentro do mesmo pavilhão. E aí, o chefe de lar era o rei, ele que mandava, ele que deliberava e tudo passava por ele. E você tinha o vigilante, o vigilante era assim, o chefe de lar cumpria uma carga horária e depois ele se recolhia. E aí o vigilante cumpria os outros horários. Os vigilantes ficavam 8 horas. Então, era assim: era chefe de lar, vigilante, assistente social e direção. E tinha o pessoal da administração. Tinha outros funcionários também, o responsável pela lavoura, o da pocilga, o do estábulo (...).

Totalmente diferente de Amparo. Mão pra trás, cabeça baixa, sim senhor, não senhor. Quando estava em fila não podia olhar para o lado de forma alguma, não podia conversar, não podia se comunicar. A hora de comer, tinha a oração. Se você tivesse doente e não tivesse ido para a roça, você não comia. Você tinha que esperar, mãos para trás, olhando para a parede, todo mundo comer. Isso para qualquer caso. Castigo físico à toa, do nada, do nada, do nada. Coro, porrada. Tortura mesmo, tortura do vigilante apagar o cigarro em você; tortura de ele pegar uma agulha de costura e enfiar no meio da sua unha; tortura de dar choque mesmo, de meter um fio lá [nos órgãos genitais] e te foder todinho. Por motivos torpes. Às vezes, de você estar comendo e você não querer comer aquela verdura porque tá muito ruim, moleque é meio sacana, grudava na mesa ou sei lá, jogava no prato do outro. O vigilante pegava, já era! E ele ficava circulando nas mesas enquanto a gente comia, batendo a porra do cabo de enxada na mão. E às vezes por puro sadismo ele ria e falava: e aí veadinho, deu muito o cu hoje a noite? E pá, ele batia no moleque de graça, do nada. E fazia piada com os moleques: e aí, seu pai deve estar preso dando o rabo na cadeia. E você não podia falar nada, e comer assim oh, não podia nem olhar para o lado. E tem outra, olha só que perversidade. Na troca de cueca você tinha que fazer fila e mostrar o fundo da cueca porque se tivesse bosta no fundo da cueca, você tava fodido. Então, o vigilante ficava com o porrete, você fazia uma fila indiana mostrando a cueca para o vigilante, a cueca que tivesse suja, a famosa derrapada, ele ia separando, separando, às vezes ficava 20 moleques separados. Você acha que ele ia bater nos 20? Corredor, o tal do corredor polonês. Você tinha que bater no camarada seu. Aqueles que estavam com a cueca limpa faziam o corredor polonês. E sabe o que o vigilante ficava fiscalizando? Se você tinha batido. Você tinha que bater no seu camarada, não tinha como escapar.

Nesse contexto, os internos que se rebelavam contra as constantes sessões de espancamento eram submetidos a novos ciclos de tortura, o que muitas vezes acarretava a fuga da instituição. No entanto, não é preciso grande esforço para imaginar as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos fugitivos quando estes se deparavam com Batatais, cidade pequena, interiorana, que oferecia poucas possibilidades para a vida nas ruas. Diante de tal quadro, muitos retornavam à Unidade Educacional 4, sem que para isso fosse necessário a mobilização do aparato policial.

É importante salientar que as práticas violentas não caracterizavam apenas as relações cotidianas estabelecidas entre os internos e os agentes institucionais. Como ressalta Roberto da Silva (1997, p.146-147), ao retratar a trajetória de institucionalização de crianças órfãs e abandonadas que viveram sob a tutela do Estado durante o regime militar, “no micromundo das instituições, o componente fundamental nesse processo de interação entre os pares é a disposição para o uso da violência (...)”. De fato, no período em que Lucas esteve internado, as relações travadas entre os internos também eram marcadas por agressões e embates.

Tinha briga, claro que tinha. Tinha briga, tinha moleque que ia comer a bunda do outro de madrugada quando o vigilante saía fora (...). Moleque que chegava novo lá se fodia, se fodia. Dava o cu mesmo, apanhava, tinha que lavar a cueca do colega pra quando chegar na troca de cueca não estar suja. Então, tinha muito dessas malandragens.

Em meados da década de 80, a dinâmica de funcionamento da UE-4 sofreria algumas alterações, em especial, devido à chegada de novos internos, provenientes da capital paulista.

1.2 Os infratores: subversão da ordem institucional

Vieram de São Paulo pra lá, então eles sabiam que eles [os funcionários] iam ter que lidar com menor infrator e um bando de cuzão, covarde do caralho, só sabia lidar com menor abandonado. Agora com infrator eles não sabiam. Eles começaram a fazer um inferno tentando jogar a molecada de lá contra os que vieram. Então, eles falaram que ia vir assassino, ia vir cara que roubava pai de família, ia vir bandido, ia vir estuprador. Então, fizeram terrorismo. Quando os moleques chegaram, nossa! A gente morria de medo dos moleques, nem olhava pros moleques. E os moleques assim...falava tudo o que aprontava. E eu fiquei muito assustado no começo. Aí, um tinha não sei o quê, matado um cara, aí depois que viu o cara morto lá ele voltou pra ver a aglomeração, a polícia, não sei o quê. Umas histórias escabrosas. E dava detalhes de como tinha matado, que virava a faca no bucho dos caras. E a gente morria de medo. Só que eu percebi que os moleques eram diferentes, eram malandros, tinham uma inteligência acima da média, porque muitos [em Batatais] male-male estudaram. Lá em Batatais, eu vou ser sincero, 95% eram analfabetos, não estudavam.

A chegada dos novos internos, provavelmente vindos do Quadrilátero do Tatuapé, principal espaço de internação destinado aos menores classificados como infratores³⁴, provocou o reordenamento das relações intra-institucionais. Os agentes estatais, acostumados a lidar apenas com crianças carentes e abandonadas, temiam pela perda de autoridade. Afinal, sabiam que a dinâmica de funcionamento das Unidades Educacionais destinadas aos infratores era outra. As inúmeras fugas e rebeliões, longe de constituírem acontecimentos esporádicos, faziam parte do cenário institucional.

Ao aterrorizarem os jovens de Batatais antes mesmo que os novatos colocassem os pés dentro da unidade, os funcionários procuravam evitar que se estabelecesse uma espécie de cumplicidade entre os jovens. Desse modo, logo após a chegada dos novos internos, a

³⁴ Ao discorrer sobre as Unidades Educacionais destinadas aos menores infratores no início da década de 80, Bierrenbach (1987, p.42) enfatiza que a maior parte dessa população se encontrava “no chamado 'quadrilátero', sem considerarmos a UE17, de Ribeirão Preto, que atende os infratores do interior do estado e os demais atendimentos em regime de liberdade assistida”.

primeira medida adotada pela direção da Unidade Educacional 4 foi o remanejamento de toda a população da unidade, distribuída em onze pavilhões. Tal procedimento, além de provocar efeitos perversos para a própria instituição, fez com que Lucas, após mais de uma década de afastamento, tivesse contato com o seu irmão mais velho, o que não resultaria na aproximação dos jovens, mas, pelo contrário, em um distanciamento ainda maior.

O meu irmão ele chegou a ir para o mesmo pavilhão que eu estava nos últimos seis meses de internação dele. Mas ele foi para lá porque eles fizeram uma mudança lá. Olha que coisa mais louca. Teve uma época que eles fizeram o seguinte: eles mesclaram todos os pavilhões, então pegaram 20 do lar 1 e jogaram para o lar 3, 20 do lar 3...mesclaram um pouco, que foi justamente depois que os infratores foram para lá, acho que eles começaram a perceber um certo movimento. Eles queriam dar uma misturada na unidade e aí nessa misturada, nos últimos seis meses de internação do meu irmão, ele caiu na mesma unidade que eu. Cara, a gente se odiava. Eu odiava o meu irmão, eu odiava. Por uma questão bairrista. Porque assim, como ele foi pra UE-14 pequenininho e depois foi para a UE-4, ele conhecia toda a molecada e eu tinha chegado de uma outra unidade, então tinha aquela coisa bairrista. Tinha uma coisa, moleque que chegava novo lá se fodia, se fodia. (...). O que me salvou desse processo foi o meu irmão. Só que o meu irmão tinha que apagar incêndio toda hora, todo mundo queria me pegar, não só eu como todo moleque que chegava lá novo, novão, tinha que ter o batismo da molecada. E aí o meu irmão tinha sempre que estar apagando incêndio, tal, tal. Então, ele não me suportava. Ele foi pra mesma unidade e a gente não se falava. E ele me batia, me descia o cassete, ele era mais velho, fortão. Tanto é que meu irmão morreu e a gente nunca se falou, a gente nunca teve uma relação.

Ao redistribuir os internos pelos onze pavilhões que constituíam a Unidade Educacional 4, nota-se que tal procedimento institucional, além de propiciar o rompimento definitivo entre Lucas e seu irmão mais velho, ampliou o espaço de atuação dos recém-chegados. Se o objetivo inicial era evitar o estabelecimento de vínculos entre infratores e abandonados, ao espalhar os primeiros pelos distintos pavilhões da UE-4, os agentes institucionais proporcionaram a constituição de diversos focos de organização interna. Tempos depois, tornou-se evidente que tal estratégia acarretou efeitos indesejados, entre os quais, a primeira rebelião da história da Unidade Educacional 4, evento que contou com a participação de todos os internos.

Eu acho que aconteceu o que a FEBEM temia, aconteceu que ao invés de eles serem condicionados pela maioria, aconteceu o contrário. A maioria foi recrutada por eles e a maioria passou a fazer o que eles queriam. Lembro até hoje, eu lembro da primeira reunião que foi feita de madrugada com esses moleques, lembro até hoje. Cinco

moleques conseguiu conduzir 40 moleques, cinco, cinco! Uma lábia, um poder de falar incrível. E deram atribuição para todo mundo da unidade, sabe? Claro, não era organizado igual é agora, mas tinha uma certa organização. A primeira coisa que fizeram foi proibir de comer a bunda de outro moleque. Foi a primeira coisa que eles fizeram! Pra você ter ideia, em seis meses teve a primeira rebelião lá, em seis meses eles conseguiram organizar onze pavilhões. (...) a gente quebrou as cadeiras do refeitório e depois todo mundo deu um cavalo doido, todo mundo fugiu da unidade. Quase todos, aquilo pá, saindo assim, todo mundo. E muitos voltaram, outros a polícia foi atrás e conseguiu trazer, foi um rebuliço do caralho. Mas pra gente que não tinha vivência disso era muito legal. Pela primeira vez a molecada fugiu e não apanhou cara. Aí a molecada se cresceu.

De fato, a transferência de um pequeno grupo de infratores do Quadrilátero do Tatuapé para Batatais provocou o rearranjo das relações internas. O momento que antecede a fuga em massa simboliza, mesmo que por um breve instante, a ruptura com a rígida disciplina institucional. Ao invés do controle incessante sobre os internos, que se traduz na formação de filas, na cabeça sempre apontada para o chão e nas mãos entrelaçadas para trás, com o início da rebelião, os corpos ganham força e movimento. Cadeiras são arremessadas contra o patrimônio institucional, crianças e adolescentes aterrorizam vigilantes, correm e ganham as ruas que circunscrevem a Unidade Educacional 4.

Vale salientar que o retorno ao espaço de internação, momento em que os agentes institucionais poderiam exacerbar o tratamento repressivo disponibilizado aos fugitivos, não foi marcado pelas agressões aos internos. Além disso, após a chegada dos infratores, constata-se algumas variações em relação ao padrão de conduta adotado pelos adolescentes. Os estupros, prática corriqueira, não seriam mais tolerados.

O poder de sedução dos infratores perante os jovens abandonados, atribuído por Lucas à uma suposta inteligência superior, deve ser visto sob outra perspectiva. De fato, é preciso ir além da explicação sugerida por meu interlocutor. Faz-se necessário, ainda que por meio da literatura que se debruçou sobre as unidades destinadas aos infratores (BIERRENBACH, 1987; ARRUDA, 1983), atentar para as relações internas que caracterizavam tais espaços, na medida em que tratava-se de um público acostumado a outra dinâmica institucional.

Refiro-me à existência, nos espaços de internação para menores infratores, das chamadas *sociedades*, grupos de internos que se formavam com o objetivo de se defenderem das agressões praticadas por outros jovens e, acima de tudo, da opressão exercida pelo corpo funcional. Os participantes de uma determinada *sociedade*, também conhecidos como *sócios*, além de dividirem entre si tudo o que tinham como, por exemplo, roupas e alimentos trazidos

pelos familiares de um dos integrantes do grupo, também praticavam assaltos, organizavam fugas e greves de fome (ARRUDA, 1983, p.97-99). Nesse sentido, é preciso adotar um distanciamento em relação aos estudos que enfatizaram a incapacidade dos internos de se constituírem como atores de suas próprias lutas. Ao designá-los como uma espécie de massa uniforme e dominada, perde-se uma infinidade de histórias, rostos, gestos, vidas e, ainda que incipientes, focos de organização interna³⁵.

Diante de tal quadro, é possível supor que os menores infratores, atendidos em espaços institucionais específicos, sobretudo no Quadrilátero do Tatuapé, ao serem transferidos, levaram consigo determinadas normas de conduta e formas de organização que, posteriormente, foram implantadas em Batatais, fato que, como vimos, provocou alterações na dinâmica de funcionamento da Unidade Educacional 4. Como enfatiza meu interlocutor, com a chegada dos novos internos, *teve uma mudança, teve, sem dúvida nenhuma*.

Poucos meses após a ocorrência da primeira rebelião na Unidade Educacional 4, mais especificamente, no final de 1986, a saída de Lucas de tal espaço institucional seria antecipada. Tendo comprovado a sua estabilidade financeira perante os integrantes do Juizado de Menores, Maria, que trabalhava há mais de uma década na Companhia Municipal de Transportes Coletivos da cidade de São Paulo (CMTC) e que, inclusive, já havia adquirido moradia própria, um pequeno apartamento por meio da Companhia de Habitação de São Paulo (COHAB-SP), poderia ter os seus filhos de volta. Além disso, outro fator, relacionado à própria dinâmica escolar da UE-4, colaborou com o processo de desinternação de Lucas.

(...) até a quarta série você fazia dentro do grupo escolar, dentro da unidade. A partir da quinta série você tinha que estudar na escola, na cidade. Então, eles te liberavam. E aí, isso era um problema pra unidade, quando o moleque ia pra quinta série ter que ir estudar na cidade. Você imagina uma cidade pequena, extremamente conservadora. As únicas notícias que tinham da Febem, por isso que eles isolavam a gente, a nossa unidade ficava distante da cidade, eram as notícias daqui, do Tatuapé, que saía no jornal e todo mundo assistia. Então, eles abominavam essa ideia de ter uma Febem na cidade e abominavam a ideia de ter um interno indo estudar com os filhos deles. Não existia escola particular em Batatais. E aí era um problema. Aí, o que que o Juizado de Menores achou melhor. Com o aval dos profissionais de Batatais, me dispensar.

³⁵ Ao discorrer sobre a situação dos milhões de jovens carentes, abandonados e infratores no início da década de 80, Sader (1987, p.22) afirma que “enquanto outras minorias políticas – como as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais, os idosos e, de forma ainda inicial, os presos – têm conseguido congregar-se para assumir sua condição de dominados e discriminados, os menores, junto com os doentes mentais, não foram até agora capazes de dar esse passo emancipador inicial”. Vale notar que tal abordagem difere das considerações tecidas por Arruda (1983), que aponta para a existência das chamadas *sociedades* em determinadas Unidades Educacionais destinadas aos menores infratores.

Após anos e anos sob a tutela do Estado, Lucas e seus três irmãos seriam finalmente desinternados. Se em um primeiro momento a saída da instituição representava o fim das inúmeras adversidades vivenciadas até então, tempos depois, tornou-se evidente que o longo processo de internação causou efeitos nefastos, entre os quais, a idealização de uma família que nunca existiu e as constantes dificuldades para sobreviver fora dos limites estipulados pelas regras institucionais. Por meio da narrativa de meu interlocutor, nota-se que o modo de socialização ao qual os jovens eram submetidos nas Unidades Educacionais capacitava-os para viver dentro da instituição e não fora de seus limites (SILVA, 1997), o que tornava o processo de desinternação tão violento quanto a internação prolongada.

De uma hora pra outra chegou a assistente social, me chamou para conversar, fez algumas perguntas: o que eu estava achando, se eu gostava da unidade. E eu tinha que falar que gostava, que tava mil maravilhas, aquela coisa toda. Aí ela falou assim: vai lá pegar as suas coisas. A gente nem questionava. E coisas? Eu não tinha porra nenhuma, só tinha a roupa da Febem mesmo e tinha a roupa pra sair de domingo, pra ir na missa, porque se você fosse na missa você podia ir pra cidade de manhã, mas só pra missa, tinha hora pra voltar. Aí fui, peguei a minha roupa de missa, coloquei em uma sacola de plástico. Ela falou assim: você vai pegar o ônibus da Febem, que era um ônibus amarelo. Você vai junto com os internos que estão indo pra UE-21 e lá a sua mãe está te esperando, você vai passar alguns dias com a sua mãe. Aí fui com os internos no ônibus amarelo tudo, aí chegou lá eu fiquei sabendo que eu ia sair, que eu ia ser desinternado. Aí foi a maior alegria, assim, você nem imagina. A maior alegria. Mas depois foi o maior sufoco. Foi muito difícil porque assim, eu tava condicionado dentro de um sistema prisional, onde a sua liberdade era restringida a um espaço, onde o seu pensamento era delimitado, onde tudo era condicionado. Quando eu cheguei em São Paulo, vi a estrutura da minha família, vi as possibilidades que eu tinha de liberdade, que eu poderia fazer as coisas do meu jeito, eu pirei. Eu pirei, aí me isolei de novo, entrei em depressão. Eu não conseguia entender tudo isso. Eu tava tão condicionado àquele tipo de vida que eu não sabia lidar com essas coisas e aí eu comecei a perceber, porque dentro da Febem eu endeusava a figura da minha mãe, endeusava essa questão de família, sonhava em ter uma família e comer gelatina no domingo, essas coisas que a gente imagina. Tudo caiu por água abaixo. A minha mãe passava por um processo de miséria impressionante, era uma pessoa descontrolada financeiramente. Foi um período muito difícil e onde a gente passou muita fome.

Vale ressaltar que alguns meses antes de Lucas deixar a Unidade Educacional 4, Caio, o seu irmão mais velho, que como ele não tinha nenhum histórico de infração penal antes do período de internação, tomaria o mesmo ônibus amarelo com destino à capital paulista. Contudo, não para ser entregue à sua mãe, mas para uma nova e breve estadia na UE-21, espaço institucional que, em tese, deveria ser destinado apenas aos menores infratores.

Nessa UE-21 é onde ficavam os infratores. E quando o moleque atingia 16 anos, das unidades do interior, ele tinha que vir pra essa unidade pra fazer um curso da Wolks, a Wolkswagem dava um curso de...não sei direito se era funilaria ou que porra que era. Então, eles vinham fazer esse curso aqui e aí misturavam também [abandonados e infratores]. E era o pavor de todo moleque vir pra cá, era o pavor porque a gente ouvia as histórias daqui que só tinha moleque sangue no zóio [perigoso; violento], que matava, que roubava e você não tinha escolha, quem determinava era o juiz. Eu tive a sorte de não ter vindo.

Mesmo após o processo de desinternação de todos os irmãos, Lucas e Caio, que conviveram em Batatais por um breve período de tempo, inclusive no mesmo pavilhão, acontecimento que gerou o distanciamento ainda maior entre os jovens, jamais se reaproximaram. De fato, não houve tempo suficiente para tanto, uma vez que Caio, ao deixar a Unidade Educacional 21, rapidamente se envolveu com um grupo de assaltantes de Sapopemba, distrito localizado na zona leste da cidade de São Paulo, sendo, posteriormente, assassinado por policiais militares³⁶.

Nós fomos morar na COHAB de Sapopemba, na zona leste daqui de São Paulo. Ele se envolveu com o pessoal que mexia com roubo a banco, roubo a joalheria e tal. Acabou sendo assassinado pela polícia com 18 anos. E assim, era o temor de Sapopemba naquela época, ele era conhecido como “Febem”, falava em “Febem” todo mundo tinha medo, era o pior bandido que tinha. Do fim da internação dele pro assassinato, ele não durou dois anos.

O assassinato de seu irmão mais velho, associado ao processo de pauperização que assolou a sua família em meados dos anos 80, período marcado pela alta da inflação, pelo fim do crescimento econômico que havia caracterizado as décadas anteriores, bem como pelo empobrecimento da população brasileira, sobretudo das classes populares (CALDEIRA, 2000), trouxe mudanças significativas.

³⁶ Longe de ser um fator determinante no que concerne ao seu posterior envolvimento com o crime, a passagem de Caio pela Unidade Educacional 21 pode ser considerada como um ponto relevante em sua trajetória. É importante notar que os dois irmãos, após serem desinternados, encontravam-se submetidos às mesmas condições sócio-econômicas, o que me permite refutar, assim como outros autores (ZALUAR, 1994; ARRUDA, 1983), a associação entre pobreza e criminalidade, haja visto que Lucas trilhou um caminho diferente de seu irmão mais velho. Dentro dos limites desta proposta de trabalho, na qual não pretendo refletir sobre o processo de constituição do infrator, limito-me a afirmar que “não há uma trajetória biográfica típica que derive para a delinquência, ao contrário do que apregoam certas tendências na literatura, inspiradas em teses criminológicas discutíveis, que elegem a desorganização familiar, a pobreza, a baixa escolaridade, a falta de profissionalização, a intermitência no trabalho como estímulos à construção de uma carreira no crime. De fato, a derivação para a delinquência pode estar associada a tais situações, estar associada a algumas delas combinadas entre si, ou a nenhuma delas” (ADORNO, 1993, p.194-195).

O retorno à escola e o consequente envolvimento com um grupo teatral, além de um novo período de moradia entre as ruas da capital paulista e os pequenos dormitórios de algumas pensões, fato que marcou o rompimento definitivo com a figura materna, significaram uma verdadeira inflexão na trajetória de Lucas.

A grande virada, se é que a gente pode falar assim, foi a volta à escola. E eu falo que a grande virada....não foi só a escola, foi a porra de uma aula de História, que me abriu uma luz, foi quando um puta professor competente, assim, desmembrou como funcionava a sociedade. Acho que isso foi o ponto crucial de entender como funcionava a estrutura social, como funcionava a política, como funcionava a coerção da igreja, como funcionava a coerção da família. Então, as aulas desse cara mudaram a minha vida e em paralelo a isso eu fui convidado por esse mesmo professor para participar de um grupo de estudo e de pesquisa de teatro, um grupo que no regime militar fazia peças de teatro contra o regime em porta de fábrica, incentivando as greves, aquelas greves da década de 80. Então, a partir daí eu comecei a perceber o que estava acontecendo comigo e isso me deu uma identidade. Então, eu acho que esse foi o fator culminante, o cara me mostrou como funcionava e a partir daí eu comecei a entender o que estava acontecendo. Porque até então eu não tinha referência nenhuma de vida, não tinha perspectiva de nada.

No início da década de 90, entre os ensaios realizados aos finais de semana e as discussões relacionadas às obras de autores como Bertold Brecht, Karl Marx e Michel Foucault, Lucas decidiu investir todas as suas energias na elaboração e execução de peças teatrais. Vale ressaltar que o longo período de vivência como interno da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor tornou-se a marca distintiva de suas produções, apresentadas exclusivamente aos estudantes da rede pública de ensino. Além disso, é importante notar a correlação existente entre a sua trajetória e o gênero teatral que serviu como fonte de inspiração para a elaboração de suas peças, marcado pela forte crítica ao Estado e pela temática das desigualdades sociais.

O que é o teatro popular? Aquele teatro feito do povo, para o povo, falando das coisas do povo. E qual o princípio que você usa para isso? Você tem o teatro dialético, que é o teatro do Brecht, o Brecht ele veio do marxismo, é marxismo puro, aí você vai falar das coisas da sociedade. Você tem o Teatro do Oprimido, desse gênio, que morreu recentemente, o Augusto Boal. E no meio você tem o Grotowski, que faz o teatro pobre, que fala o seguinte: o teatro pobre não é pobre em riqueza de conteúdo. É aquele teatro que você vai para a comunidade e você não precisa da grana do Estado para fazer o que o Estado quer, você não tem grana para fazer um cenário, vamos pegar o móvel que você tem em casa e vamos fazer o cenário. Vamos ressignificar os materiais que a gente tem na comunidade. Eu passei uns 10 anos só fazendo esse tipo de teatro, eu ia

para as escolas públicas, sempre escolas públicas. Eu escrevi uma peça pequena contando um pouquinho da minha trajetória. Escrevi uma peça de um moleque que tá no fundo do poço, fodido e que ele consegue buscar forças dentro das possibilidades que ele tem, nada muito alienígena. Aí peguei essa peça, fui apresentar nas escolas e depois abria um debate com eles [alunos]. Era um monólogo, eu sozinho montava a peça e depois trocava ideia sobre drogas, sobre comunidade, esse trabalho que eu continuo fazendo. Fiquei 10 anos fazendo isso, mambembando mesmo, chegava na escola, cobrava cinquenta centavos, um real. Era o dinheiro que me mantinha.

A gravidez inesperada de sua companheira, conhecida durante uma apresentação teatral realizada em uma escola pública, fez com que Lucas abrisse mão do trabalho itinerante e fosse em busca de um emprego estável. De certa forma, seria o fim de suas andanças pela cidade, marcadas pelo pouco dinheiro no bolso e pela ausência de endereço fixo. Obviamente, para o jovem que havia passado a maior parte de sua vida em uma instituição de controle social, que não ofereceu-lhe nenhuma capacitação profissional, o único emprego “no horizonte do possível” (WACQUANT, 1997, p.187) seria um serviço desqualificado, com um salário irrisório, mas que pelo menos proporcionava a sensação de estabilidade.

Fui trabalhar em um supermercado. Não por causa do salário, por causa do plano de saúde que a mulher exigiu para dar para a criança e eu não tinha condições de pagar um plano de saúde. Aí passei seis anos trabalhando nesse supermercado. E eu fugia no final de semana para fazer apresentação porque eu não podia falar pra mulher que eu estava indo atrás desses negócios de teatro. Ela achava que era uma perda de tempo. Depois disso, saí desse supermercado, fui tentar viver de teatro, consegui convencer ela de novo. Veio a outra menina, saí de novo, aí fui trabalhar aqui no Mackenzie.

Após a demissão daquele que foi o seu primeiro emprego com carteira assinada e a tentativa frustrada de retomar as atividades teatrais, graças à segunda gravidez de sua esposa, o jovem se viu, novamente, em busca de um novo emprego fixo. Em certo sentido, a contratação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, localizada na região central da cidade de São Paulo, trouxe lembranças desagradáveis de um período inesquecível de sua vida, o longo ciclo de internação na Unidade Educacional 4. Se em Batatais, juntamente com um pequeno grupo de internos, Lucas era encarregado de cuidar do grupo escolar, organizando as carteiras e limpando a sala de aula para aqueles que colocavam a alimentação em risco e se aventuravam a frequentar a escola, mais de vinte anos depois, o jovem estava novamente carregando carteiras e organizando salas de aula, só que agora para estudantes universitários, atividade que gerava enorme descontentamento.

Mais seis anos de infelicidade. Sabe quando você aceita as armas da oposição? Ainda mais no Mackenzie que é o símbolo do...foi um período difícil, até que chegou um dia e eu falei: olha, as crianças estão aí, o barulho é esse, tá afim de encarar? Eu tô indo nessa, se não a gente já separa. Aí eu rompi as correntes e falei: vou fazer o que eu acredito, chega. Daí retomei os projetos de teatro.

Tal retomada, marcada por certo estranhamento, provocou a impressão de que algo estava fora de lugar. O projeto social desenvolvido com adolescentes de Guaianazes, bairro localizado na periferia leste da capital paulista, gerou a sensação de que *o meu discurso como ex-interno tinha ficado lá pra trás*. Em outras palavras, após mais de uma década de afastamento das escolas públicas e do trabalho desenvolvido em regiões periféricas da cidade de São Paulo, Lucas percebeu, por meio das narrativas de seus interlocutores, que as coisas haviam mudado. A constante menção ao Primeiro Comando da Capital, coletivo de criminosos que atua dentro e fora do sistema penitenciário paulista, o inquietava³⁷. Ao longo das discussões que tratavam de temas diversos, entre os quais, o envolvimento dos jovens com o tráfico de drogas, Lucas sentiu que era preciso atualizar o seu discurso e compreender as transformações que haviam afetado a vida de seus alunos. Para tanto, era necessário retornar à Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação CASA), antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM/SP)³⁸.

Eu tava sentindo que o trabalho de teatro que eu estava fazendo com a molecada lá em Guaianazes, ele estava perdendo em verdade no sentido que o sistema de internação tinha mudado, eu não tava compreendendo direito como era a organização atual, por exemplo, do PCC, como as unidades estavam organizadas. Eu fui contra a minha vontade, eu relutei, eu não queria, é um lugar infernal que eu odeio cara, simplesmente eu odeio. Mas eu precisava voltar nisso porque eu tava sentindo que estava faltando verdade no meu trabalho.

³⁷ Sobre as recentes transformações que afetaram as periferias de São Paulo nos últimos anos, incluindo a entrada de integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC) em determinadas regiões, acontecimento que, entre outras coisas, provocou a reorganização do narcotráfico local e instituiu novos códigos de conduta no que concerne às relações entre *ladrões*, sugiro os estudos de Gabriel Feltran (2007, 2008).

³⁸ A mudança da nomenclatura institucional, aprovada pela Assembleia Legislativa de São Paulo em dezembro de 2006, durante o governo de Cláudio Lembo, teve como objetivo primordial a adequação do atendimento socioeducativo às diretrizes estabelecidas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Com a mudança, um dos principais projetos institucionais passa a ser o processo de descentralização e municipalização do atendimento. Trata-se de desativar os grandes complexos da instituição, localizados na capital paulista, e construir Unidades de Internação em todas as regiões do estado de São Paulo, com capacidade para atender um número reduzido de internos. Até o momento, é importante ressaltar que somente o complexo do Tatuapé foi desativado, em meados de outubro de 2007.

1.3 O deslocamento como constante institucional

Mais de duas décadas após o término do longo processo de internação que deixou marcas indeléveis na trajetória de Lucas, era chegada a hora de retornar para o lado de dentro dos muros institucionais, só que agora não como interno, mas como educador cultural responsável por ministrar atividades teatrais aos adolescentes.

As primeiras impressões indicavam que o cenário institucional presente em sua memória havia sofrido algumas alterações, a começar pelas mudanças decorrentes da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Vale notar que o surgimento de tal dispositivo jurídico-político deve ser compreendido tendo-se em vista o contexto dos anos 80, período de ampla mobilização social³⁹, Assembleia Nacional Constituinte e pressão de setores da sociedade civil pela inclusão de emendas populares no novo texto constitucional. De fato, é possível afirmar que o Estatuto da Criança e do Adolescente surge como uma espécie de ramificação da Constituição Federal de 1988, na medida em que reafirma disposições já presentes no artigo 227 de tal documento⁴⁰ (CARDARELLO; FONSECA, 2009). É importante salientar que o novo estatuto, também sintonizado com as diretrizes estabelecidas pela Organização das Nações Unidas (ONU)⁴¹, além de proclamar a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, enfatiza a necessidade de proteção integral (MARCÍLIO, 2007).

Muda-se com isso o quadro de montagem institucional e normativa da questão: aquelas crianças e adolescentes, ao invés de figuradas como 'desviantes' passariam a ser compreendidas como sujeitos cujos direitos estão ameaçados ou violados, e que, portanto, devem ser restituídos. A ação estatal se deslocaria, em teoria, da repressão para a proteção especial (FELTRAN, 2008, p.206).

³⁹ Ressalto que há uma extensa literatura que se debruçou sobre a atuação dos movimentos sociais na década de 80. Em relação à mobilização de segmentos da sociedade brasileira na luta pela defesa dos direitos de crianças e adolescentes, sugiro os trabalhos de Heringer (1992) e Santos (1992). Para uma análise histórica acerca da trajetória dos movimentos sociais, sobretudo no que concerne à maneira como tal objeto de pesquisa foi construído pela comunidade acadêmica, ver as reflexões de Cardoso (1994).

⁴⁰ Art.227 - É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

⁴¹ Refiro-me aos princípios estabelecidos nos seguintes documentos: Declaração dos Direitos da Criança (1959), Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989), Regras Mínimas das Nações Unidas para a Administração da Justiça, da Infância e da Juventude (Regras de Bejin-1988), Diretrizes das Nações Unidas para a Prevenção da Delinquência Juvenil (1990) e Regras Mínimas das Nações Unidas para a Proteção dos jovens privados de liberdade (1990) (MARCÍLIO, 2007).

Com a implementação da nova legislação, nota-se uma série de modificações em relação às formas de nomeação utilizadas pelo antigo Código do Menor. O ECA impõe um novo léxico. O termo “menor”⁴², carregado de preconceitos, é o primeiro a sair de cena, sobretudo porque “reduzia a criança pobre a uma categoria jurídica penal” (CARDARELLO; FONSECA, 2009, p.228), sendo substituído, desde então, por “criança e adolescente”. Do mesmo modo, “adolescente autor de ato infracional” e “adolescente em conflito com a lei” são as categorias que surgem em substituição ao termo “menor infrator”⁴³. Por sua vez, os “menores carentes” passam a ser classificados como “crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social”. Além disso, vale salientar que o novo aparato jurídico propõe a reestruturação dos instrumentos de justiça. O Juizado de Menores cede espaço às Varas Especiais da Infância e Juventude (VEIJ), locais especializados nos quais apura-se a culpabilidade dos adolescentes suspeitos de terem cometido atos infracionais. Nesse contexto, os jovens que cometem crimes ou contravenções, pelo fato de serem considerados inimputáveis penalmente, não são condenados, e sim, submetidos às medidas socioeducativas.

As Unidades Educacionais (UE's), agora chamadas de Unidades de Internação (UI's), após a promulgação da nova legislação, caracterizam-se pelo fim do atendimento às crianças abandonadas e carentes, público que configurou-se como a principal clientela da instituição durante as décadas anteriores.

As unidades da Febem seriam substituídas no atendimento a crianças abandonadas por programas descentralizados de 'atendimento em meio aberto', em casas alugadas em vários pontos da cidade, para meninos e meninas que viviam na rua e que precisavam de adoção, orientação, escola ou trabalho (PASSETTI, 2007, p.364-365).

Vê-se que o espaço institucional passa a ser ocupado apenas pelos adolescentes que cometeram atos infracionais. Nesse sentido, constata-se uma espécie de bifurcação no que concerne ao sistema de atendimento disponibilizado às crianças e adolescentes. Se antes da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, não era incomum encontrarmos jovens

⁴² Cabe destacar que o termo “menor”, empregado ao longo do texto, acompanha o deslocamento do arranjo institucional. Desse modo, mantenho o uso de tal categoria até o momento em que ocorre a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente. No entanto, é importante enfatizar que priorizo as categorias tal como mobilizadas por meus interlocutores. Por exemplo, quando os adolescentes referem-se a si mesmos como *ladrões*, qualificativo positivo do ponto de vista dos internos, sigo as suas narrativas e mantenho o uso de tal categoria “nativa”. Sobre a construção social do termo “menor” e a sua utilização para designar crianças e jovens oriundos de famílias de baixa renda, ver Passetti (1987).

⁴³ Vale ressaltar que o termo “adolescente autor de ato infracional”, segundo Gabriel Feltran (2008, p.208), “tem a vantagem de criar uma fronteira entre o ato e o indivíduo, o que situa mais claramente o foco da repressão legal no ato cometido, e não no indivíduo que o comete”.

abandonados e infratores dividindo o mesmo espaço institucional, como vimos na UE-4, localizada em Batatais, com o advento do ECA, estabelece-se uma clara distinção entre as crianças e adolescentes que necessitam de medidas de proteção⁴⁴ e aqueles que, pelo fato de terem cometido atos infracionais, são submetidos às medidas socioeducativas⁴⁵. Em termos práticos, observa-se a nítida tentativa de separar os órfãos e desamparados, que necessitam de auxílio e proteção, daqueles que são considerados “perigosos” e que, portanto, representam uma verdadeira ameaça à sociedade. Para estes últimos, a medida socioeducativa de internação, marcada pelo caráter punitivo que privilegia a contenção de *ladrões*, configura-se como mais adequada, haja visto que é preciso isolá-los do convívio social.

Em relação ao modo de gerir as políticas públicas voltadas para a infância e adolescência também constata-se alterações. Vale lembrar que a Constituição Federal, documento que sintetizou o processo de luta social que intensificou-se ao longo dos anos 80, além de restabelecer o Estado Democrático de Direito e promover a expansão dos direitos sociais, incorpora uma série de mudanças no que concerne à gestão das políticas públicas, entre as quais, “a participação ativa da sociedade civil na formulação e no controle social dessas políticas” (OLIVEIRA, 2004, p.107). De fato, a virada dos anos 90 caracteriza-se pela redefinição das relações estabelecidas entre o Estado e a sociedade civil, no sentido de que o antagonismo que havia marcado tal relação nas décadas anteriores cede espaço à possibilidade de uma ação conjunta visando o aprofundamento democrático (DAGNINO, 2004).

Diante de tal contexto, favorável à criação de diversos espaços de participação e deliberação da sociedade, os movimentos de luta pela defesa de crianças e adolescentes, que pressionaram pelo ECA no final da década de 80, dando continuidade ao que houvera durante o período constituinte, passam a exigir participação na elaboração, implementação e fiscalização das políticas públicas destinadas à área da infância (FELTRAN, 2008). O novo estatuto, sintonizado com os princípios da participação social e da descentralização, já

⁴⁴ Das Medidas de Proteção. Art.101 - (...) a autoridade competente poderá determinar, entre outras, as seguintes medidas: I - encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II - orientação, apoio e acompanhamento temporários; III - matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental; IV - inclusão em programa comunitário ou oficial, de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V - requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI - inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; VII - abrigo em entidade; VIII - colocação em família substituta. Parágrafo único - o abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.

⁴⁵ Art.112 - Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: I - advertência; II - obrigação de reparar o dano; III - prestação de serviços à comunidade; IV - liberdade assistida; V - inserção em regime de semiliberdade; VI - internação em estabelecimento educacional; VII - qualquer uma das previstas no Art. 101, I a VI.

previstos na Constituição Federal de 1988, institui, então, uma série de mecanismos de gestão, que articulam instâncias governamentais e representantes da sociedade civil.

O Estatuto da Criança e do Adolescente instituiu, entre os principais mecanismos de execução das políticas em relação às crianças e adolescentes, a instalação de conselhos de defesa e conselhos tutelares. Os primeiros destinam-se à formulação, gestão e fiscalização das políticas relacionadas às crianças e adolescentes e os segundos ao atendimento cotidiano às vítimas do não-cumprimento dos direitos garantidos no Estatuto. Ambos prevêem ampla participação de representantes da sociedade civil na sua composição (HERINGER, 1992, p.61).

Com o reordenamento político-institucional do país, torna-se evidente que a participação da sociedade civil, simbolizada pela emergência de distintos mecanismos de democracia participativa, entre os quais, os Conselhos Gestores de Políticas Públicas⁴⁶ e os Orçamentos Participativos⁴⁷, configura-se como elemento central no que concerne ao novo projeto político democratizante. Sendo assim, com a promulgação do ECA, nota-se que as políticas públicas destinadas à área da infância passam a contar com a participação de múltiplos atores sociais, todos empenhados em garantir os direitos deste público específico.

Vale lembrar que durante esse mesmo período o Estado também procurava adequar-se ao modelo neoliberal produzido pelo Consenso de Washington. Nesse sentido, constata-se a emergência “de um projeto de Estado mínimo que se isenta progressivamente de seu papel de garantidor de direitos, através do encolhimento de suas responsabilidades sociais e sua transferência para a sociedade civil” (DAGNINO, 2004, p.96)⁴⁸. De fato, nota-se que o Estatuto da Criança e do Adolescente redimensiona o papel do Estado em relação às políticas sociais, na medida em que “ele permanece orientando e supervisionando as ações, mas reduz sua atuação na esfera do atendimento facilitando o aparecimento, em larga escala, das organizações não-governamentais” (PASSETTI, 2007, p.366).

⁴⁶ Ao discorrer sobre tais espaços de participação e deliberação, instaurados nos níveis municipal, estadual e federal, Oliveira (2004, p.107) enfatiza que a responsabilidade de tais Conselhos, compostos paritariamente por membros do Estado e representantes da sociedade civil, “seria, sobretudo, definir e fiscalizar a execução das políticas públicas em todas as áreas: educação, saúde, assistência social etc”.

⁴⁷ Segundo Eleonora Cunha (2007, p.26), os Orçamentos Participativos “são processos de discussão pública sobre o orçamento municipal, em que o gestor compartilha com a sociedade as decisões sobre parte do orçamento público, tendo como base as Leis Orgânicas Municipais”. Para uma análise comparativa entre os Conselhos Gestores de Políticas Públicas e os Orçamentos Participativos em três municípios brasileiros, a saber, Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo, sugiro as reflexões da autora.

⁴⁸ Ao refletir sobre os efeitos provocados pelo projeto neoliberal nas sociedades latino-americanas, sobretudo no que concerne aos impactos desse processo sobre a cultura política de tais países, Dagnino (2004, p.95, grifo da autora) sugere a existência, no caso brasileiro, “de uma *confluência perversa* entre um projeto político democratizante, participativo, e o projeto neoliberal, que marcaria hoje, desde nosso ponto de vista, o cenário da luta pelo aprofundamento da democracia na sociedade brasileira”.

Se o período que se inicia com a criação da FUNABEM, em 1964, e se estende até a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, caracteriza-se pela forte presença do Estado na formulação e execução das políticas de atendimento destinadas às crianças e adolescentes, após a instauração do ECA, nota-se a redução da presença estatal na esfera do atendimento, movimento que acompanha “o novo dimensionamento internacional para as políticas sociais com redução no investimento estatal e ampliação na participação filantrópica da sociedade com apoio nas iniciativas empresariais” (PASSETTI, 2007, p.367).

Apesar das Organizações Não Governamentais atuarem, prioritariamente, no atendimento disponibilizado às crianças abandonadas que, como vimos, após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente, deixam de ser atendidas em regime de internação, os profissionais de tais entidades privadas também passam a ocupar os espaços institucionais destinados aos infratores, acontecimento que possibilita a reinserção de Lucas nos espaços de internação, haja visto que ele passa a atuar como educador cultural vinculado a uma organização da sociedade civil. Tais profissionais, encarregados de ministrar as atividades culturais e os cursos profissionalizantes⁴⁹, com o advento do ECA, intensificam as suas ações.

Vale ressaltar que os primeiros passos de Lucas como educador cultural da Unidade de Internação 37, espaço localizado no complexo Raposo Tavares⁵⁰, trouxeram à tona uma série

⁴⁹ A realização de atividades esportivas, culturais, profissionalizantes e de lazer fazem parte dos direitos dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação (ECA, art.124). Em relação às atividades culturais, saliento que estas compreendem oficinas de teatro, capoeira, fotografia, dança de rua, artes plásticas, etc. Geralmente, tais atividades são realizadas para grupos de 15 adolescentes, que se reúnem pelo período de três meses, com dois encontros semanais de uma hora e meia cada. No que concerne às atividades profissionalizantes, são oferecidas pela instituição oficinas de panificação, confeitaria, elétrica e informática, entre outras. Ainda que esta proposta de trabalho não tenha como objetivo central a reflexão acerca de tais atividades, vale notar que os internos demonstram interesse, principalmente, pelos diplomas que lhes são disponibilizados ao término dos cursos. Os certificados, valorizados por psicólogos e assistentes sociais que acompanham os jovens no cotidiano da internação, também conhecidos como *técnicos*, podem resultar em avaliações positivas por parte de tais profissionais, encarregados de elaborar e enviar relatórios semestrais aos juizes das Varas Especiais da Infância e Juventude (VEIJ) que, em posse de tais documentos, decidem pela permanência ou desinternação dos adolescentes. Por outro lado, é importante atentar para o significado atribuído às oficinas pelos educadores que as ministram. Boa parte dos profissionais acredita que tais atividades, além de auxiliarem na ressocialização dos internos, podem afastá-los da prática de crimes. Em alguns casos, sobretudo no que se refere às oficinas culturais, também conhecidas como oficinas de arte, tais atividades adquirem o caráter de salvação. Nesse sentido, a narrativa de Carla, coordenadora de oficinas culturais de uma ONG vinculada à Fundação CASA, mostra-se profícua. *Se tiver um bolo de dinheiro em cima da mesa e algum artista sem grana nenhuma, este nunca pegaria o dinheiro, porque a arte lhe basta, a arte alimenta.*

⁵⁰ O complexo Raposo Tavares, localizado próximo ao município de Osasco, zona oeste da capital paulista, possui cinco unidades de medida socioeducativa de internação, a saber, UI-22; UI-27; UI-28; UI-37 e UI-38. Tais espaços institucionais caracterizam-se por abrigar adolescentes de perfis distintos. A UI-22, por exemplo, atende jovens que cometeram atos infracionais considerados leves, como furto e porte ilegal de armas. Por sua vez, a UI-38, que já chegou a abrigar os chamados *reincidentes graves*, isto é, jovens que tiveram diversas passagens pela instituição por terem cometido atos infracionais considerados graves como, por exemplo, sequestro e latrocínio, após mudar de local dentro do próprio complexo e trocar toda a sua população interna, passou a abrigar *primários graves*, adolescentes que estavam sendo internados pela primeira vez. No terceiro capítulo, ao

de recordações que causaram efeitos imediatos em seu corpo.

Até conversei com a Lúcia [coordenadora de atividades culturais da ONG]. Eu falei assim: Lúcia, eu não estou me sentindo bem. E ela falou: o que que tá acontecendo? Porque eu tinha trocado uma ideia com a Lúcia e com a Carla [outra coordenadora]. Porque elas me fizeram uma pergunta assim: por que você acha que o seu trabalho vai ser importante dentro da unidade? Eu falei: porque eu sou ex-interno. Elas falaram: então tá bom. Aí me jogaram lá dentro. Aí eu entrei e a primeira sensação que eu tive foi o cheiro da unidade, o cheiro, eu não sei se opressão tem um cheiro, mas parece que tem cara. O cheiro, eu não sei se é o comportamento das pessoas que gera uma energia, que remete a lembranças lá de trás. E aquilo me incomodou e eu comecei a tremer, comecei a me sentir mal. E aquilo para mim é uma faca cara, aquilo me violenta, aquilo me traz coisas muito negativas. Eu achei que eu não ia conseguir.

A contratação por parte de uma Organização Não Governamental, após Lucas enfatizar que havia sido interno da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, foi imediata. Tal acontecimento torna-se compreensível se atentarmos para o fato de que, aos olhos das coordenadoras que participaram do processo de seleção, bem como dos funcionários que atuam nos espaços de internação, meu interlocutor construiu uma trajetória exemplar. Por mais doloroso que tenha sido o período de internação, ao sair da instituição, Lucas, diferentemente de seu irmão mais velho, não se envolveu com a prática de crimes. Pelo contrário, estruturou a sua vida em torno de trabalhos pouco rentáveis, porém “honestos”, constituiu família, realizou o sonho de atuar no teatro e retornou ao espaço institucional para contribuir com o processo de ressocialização de outros adolescentes. De fato, para os agentes institucionais, a trajetória de meu interlocutor é a prova de que, apesar das dificuldades que caracterizam o cotidiano da internação, ainda é possível acreditar na reinserção dos internos à sociedade. Do ponto de vista de tais atores, Lucas é o vitorioso da história, constituindo-se em um dos poucos personagens que conferem sentido *ao trabalho de todos os dias*⁵¹.

debruçar-me sobre a dinâmica de funcionamento dos espaços de internação, discorro sobre as tentativas de determinadas unidades de mudar o perfil de sua clientela, procedimento que se apresenta como uma das principais estratégias institucionais na luta pelo controle das Unidades de Internação. Por ora, gostaria de ressaltar que as unidades de Pirituba e Vila Leopoldina, apesar de fazerem parte do complexo Raposo Tavares em termos administrativos, não estão localizadas no mesmo espaço institucional.

⁵¹ Em outubro de 2008 recebi um e-mail de Lúcia, coordenadora de atividades culturais da ONG em que Lucas e eu trabalhamos. Tal mensagem ilustra os apontamentos tecidos acima. Ao longo do texto, destinado a todos os educadores culturais que atuavam no complexo Raposo Tavares, Lúcia enfatizou que ela e Lucas, ao visitarem a Unidade de Internação 27, haviam conhecido um adolescente que tinha repensado a sua prática de crimes graças ao envolvimento com a arte. Como já mencionado, histórias como essa, assim como a de Lucas, dão sentido ao trabalho desenvolvido pelos atores institucionais. Segue um trecho ilustrativo do texto escrito pela coordenadora: *O nome dele é J. S., e ele é um interno da UI-27, Complexo Raposo Tavares. Esta unidade é para reincidentes graves, e ele era o voz [piloto] da casa. Me contou ontem que, um dia, começou a pensar, pensar, e algumas coisas "não saíam da mente". Foi então que, incentivado por um funcionário da pedagogia, começou a ler*

Apesar do desconforto inicial, que marcou a nova inserção de Lucas no espaço institucional, meu interlocutor deu continuidade à sua proposta e durante alguns meses ministrou atividades teatrais aos adolescentes de distintas Unidades de Internação do complexo Raposo Tavares. No entanto, tornou-se evidente que o momento institucional era outro, bem diferente daquele vivenciado pelo garoto que passou boa parte de sua vida sob a tutela do Estado, a começar pela percepção de que havia uma infinidade de novos atores sociais em cena, entre os quais, integrantes da chamada área pedagógica⁵².

O *chefe de lar*, autoridade máxima em Batatais, não estava mais presente. Os espaços de internação, que durante a sua longa permanência em Amparo eram chamados de *lares*, passaram a ser designados, tanto pelos funcionários quanto pelos internos, como *cadeia*. Se no período em que Lucas esteve em Batatais, a entrada de novos adolescentes no espaço institucional era marcada pelo *batismo da molecada*, isto é, pelas inúmeras agressões físicas, no presente momento, tais práticas dão lugar às considerações tecidas sobre o histórico dos recém-chegados, procedimento marcado pelo diálogo e não pela violência entre os internos⁵³.

Os vigilantes, que em Batatais espancavam as crianças com cabos de enxada, também não fazem mais parte do cenário institucional. Em sua nova inserção, Lucas constata que a segurança das Unidades de Internação é realizada pelo *Choquinho*⁵⁴, grupo de homens treinados que permanece nos grandes complexos da instituição⁵⁵, sendo os seus integrantes os principais responsáveis pelas revistas periódicas realizadas nas unidades, bem como pela contenção de pequenos tumultos. Em algumas ocasiões, quando, por exemplo, as rebeliões

compulsivamente. Falamos de Manuel Bandeira, de Cecília Meireles, de Graciliano Ramos e muitos outros. Só do Camões ele não gosta muito! Este menino teve a sorte de ter uma tia que percebeu este interesse e se interessou por ler os textos que ele escrevia, e que resolveu dar de presente à ele a edição de um livro. Ele fez uma fala na Bienal do livro e sua publicação deve sair em dezembro, com direito a lançamento na editora, com coquetel e tudo. O J.S. deve se "reintegrar à sociedade" (como ele mesmo diz) ainda em outubro ou em novembro. Ele irá morar no interior do Rio de Janeiro, pois não pode voltar para a comunidade em que morava. Resolvi contar esta história para vocês porque conversar com este menino me alimentou, e deu sentido ao trabalho de todos os dias. Ele tem uma lucidez impressionante e me contou passo a passo tudo o que passou neste processo de reconhecimento. Conto também para alimentá-los, vocês que estão no dia a dia com estes meninos, e que têm toda a minha admiração. A arte realmente é capaz de dar novo sentido à vida das pessoas, como tenho certeza que deu à vida de cada um de nós.

⁵² Em todas as Unidades de Internação há o setor pedagógico. Os profissionais, com distintas formações de nível superior, são responsáveis pelo acompanhamento de todas as atividades pedagógicas realizadas na unidade (aulas do ensino formal, cursos profissionalizantes, atividades culturais, etc).

⁵³ No capítulo seguinte, discorro sobre os motivos pelos quais os internos avaliam o histórico dos recém-chegados. Por ora, pretendo apenas evidenciar a mudança de procedimento adotada pelos adolescentes.

⁵⁴ O termo *Choquinho* é uma alusão à Tropa de Choque da Polícia Militar. É importante destacar que os integrantes de tal grupo permanecem do lado de fora das Unidades de Internação, sendo a vigilância interna exercida por agentes de segurança que se dividem em turnos de doze horas.

⁵⁵ Refiro-me aos complexos de Franco da Rocha, Vila Maria e Raposo Tavares. O complexo do Tatuapé, antes de ser desativado, em outubro de 2007, também contava com a presença de tal grupo de segurança.

tornam-se iminentes, o *Choquinho* recebe o apoio do Grupo de Intervenções Rápidas (GIR), vinculado à Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP)⁵⁶.

De fato, a partir de meados da década de 2000, nota-se o aumento progressivo do número de agentes institucionais ligados ao sistema prisional atuando nos espaços de internação para adolescentes. A nomeação de Berenice Gianella como presidente da instituição, em junho de 2005, após ocupar os cargos de corregedora-geral do sistema penitenciário do estado de São Paulo e secretária adjunta da SAP, bem como o fato de que no mesmo período integrantes da Secretaria de Administração Penitenciária assumem a direção de determinadas Unidades de Internação (OLIC, 2009), simbolizam o deslocamento da instituição em direção à dinâmica de funcionamento do sistema penitenciário paulista⁵⁷. Tal movimento, não deve ser compreendido tendo-se em vista apenas as transformações ocorridas no aparato jurídico-institucional, uma vez que fatores externos aos espaços de internação atravessam as suas muralhas supostamente intransponíveis.

A existência de postos de liderança entre os adolescentes, tais como *piloto* e *faxina*, que também operam nos estabelecimentos prisionais em que os integrantes do Primeiro Comando da Capital atuam⁵⁸, não deve ser compreendida como o resultado da dinâmica intramuros. Se anteriormente os focos de organização nas unidades destinadas aos infratores resumiam-se às chamadas *sociedades* (ARRUDA, 1983), no atual momento institucional, os adolescentes de determinadas Unidades de Internação, conhecidas como *unidades dominadas*, encontram-se conectados às instituições prisionais do estado de São Paulo, bem como às áreas urbanas controladas por membros do PCC⁵⁹. Em tais espaços institucionais, os roubos, assim como as frequentes agressões entre os adolescentes, deixaram de ser práticas corriqueiras. Atualmente, os ideais de *Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade*, que segundo meus interlocutores constituem o lema do Primeiro Comando da Capital, fazem parte do léxico

⁵⁶ Em 15 de maio de 2006, período em que ocorreram os acontecimentos que ficaram conhecidos como os “ataques do PCC”, ao chegar no complexo de Franco da Rocha, constatei que a segurança do espaço institucional contava com a participação de integrantes do GIR. Em algumas ocasiões, como é o caso do complexo Vila Maria, que entre os anos de 2006 e 2007 passou por momentos conturbados devido às frequentes tentativas de fuga, pude notar a presença contínua do GIR.

⁵⁷ É importante notar que em agosto de 2004, durante o governo de Geraldo Alckmin (PSDB), a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor desvinculou-se da Secretaria de Educação e passou para a pasta da Secretaria de Justiça e Cidadania (RAMOS, 2004).

⁵⁸ Vale ressaltar que não realizei pesquisa de campo em unidades prisionais. Portanto, valho-me de alguns estudos recentes que se debruçam sobre o sistema penitenciário paulista, em especial, as etnografias produzidas por Adalton Marques (2009) e Karina Biondi (2010).

⁵⁹ Tais apontamentos serão delineados durante o Capítulo 2, quando pretendo esboçar a configuração referente às *unidades dominadas*, bem como ao longo das Considerações Finais. Em relação ao conceito de configuração, saliento que este será desenvolvido em seguida.

mobilizado pelos internos⁶⁰. A existência de um conjunto de normas de conduta que orienta a experiência cotidiana dos adolescentes, intitulado de *disciplina*, também aponta para o deslocamento institucional. Tais prescrições, semelhantes às que operam em instituições prisionais orientadas pelas diretrizes do *Comando*⁶¹, estipulam desde as vestimentas adequadas para um *dia de visita*⁶², ou impedimentos relativos ao contato entre os adolescentes e os funcionários, até diferenciações entre os próprios jovens. De fato, por meio das narrativas de meus interlocutores, nota-se a simetria existente entre as instituições prisionais e as Unidades de Internação da Fundação CASA.

A semelhança de conduta entre a FEBEM e as cadeias é claramente observada em vários aspectos. Ex: em qualquer prédio de medidas penais onde o Partido atua, sua palavra vale sua vida, suas palavras nunca voltam vazias por isso deve-se tomar muito cuidado com as palavras. Dia de visita, nada de palavrões, debates ou qualquer outra coisa que seja uma falta de respeito, dia de visita é sagrado por isso é um dia de paz. A verdade aqui é a chave para a sobrevivência, mentiras não são aceitas, porque o crime não mente para o crime (Josué, UI-25, complexo de Franco da Rocha).

Na minha opinião, Febem e cadeia não tem muita diferença, pois a única diferença é a idade. Pois tanto na cadeia e na Febem o certo prevalece e o errado é cobrado. Dentro da Febem ou na cadeia tem os faxineiros e o palavra [piloto] para pôr a disciplina na cadeia de um jeito ou de outro. Se caso um menino vim a errar, dependendo do erro é recebida uma oportunidade, se caso o menino vim a se acomodar na oportunidade ele é corrigido pra ele se ligar que ele se encontra preso e não no parque de diversão (João, UI-29, complexo de Franco da Rocha).

Tudo dentro deste pequeno mundo é igual. Tudo o que tem de caminhada [orientações] que é passada lá [nas cadeias do PCC], também é a mesma batida [coisa] aqui. Nós todos pertencemos à mesma família (Plínio, UI-29, complexo de Franco da Rocha).

⁶⁰ Vale salientar que os agentes institucionais questionam o fato dos internos mobilizarem tais ideais. Alguns funcionários chegam a afirmar que os adolescentes não têm o direito de pronunciar a palavra justiça, na medida em que estão internados por serem criminosos. Nota-se que o significado atribuído pelos adolescentes aos ideais de Paz, Justiça, Liberdade e Igualdade difere da maneira como tais termos são compreendidos pelos agentes institucionais. Robson, adolescente da UI-25, complexo de Franco da Rocha, ao discorrer sobre tais ideais, afirma que *paz significa paz entre nós, justiça significa justiça pra quem foi injustiçado e liberdade significa liberdade a qualquer custo*. Em relação ao ideal de Igualdade, os internos enfatizam que nas relações travadas entre eles nenhum adolescente deve se considerar superior ao companheiro. Nesse sentido, a narrativa de Renato, interno da UI-38, complexo Raposo Tavares, parece-me ilustrativa. *Independente que o cara foi preso roubando uma bicicleta e você foi preso roubando um banco, mas ele é a mesma coisa que você. É igualdade mano*.

⁶¹ Para meus interlocutores, o PCC também é conhecido como *Comando*, *Partido* e *Quinze*.

⁶² Momento em que os adolescentes recebem a visita de seus familiares. Em geral, tais encontros acontecem aos finais de semana. Para os internos, o *dia de visita* é considerado especial. Prova disso é que parte da comida entregue pelos funcionários ao longo da semana é armazenada pelos adolescentes, sendo distribuída após a chegada dos visitantes. O tempo de permanência dos familiares dentro das Unidades de Internação, assim como o tratamento disponibilizado aos visitantes durante o processo de revista, constituem pontos de embate entre os agentes institucionais e os internos.

Bom, a única diferença que a Febem tem de uma cadeia é que tem escola, cursos e técnicos [psicólogos e assistentes sociais]. E só, porque o resto é a mesma coisa. Por exemplo: o cigarro na cadeia é dinheiro e aqui também é. No dia de visita, lá é respeito total com a visita e aqui também. Aqui e lá não se ergue a camisa e não se fala palavrão. Até quando a gente está escutando um som, a gente tem que tomar cuidado. Se a música fala palavrão, não pode escutar porque é respeito total com as visitas, não importa se tem uma ou dez ou até mais do que dez. É a mesma coisa aqui e lá. Aqui não tem injustiça e nem lá, aqui não pode ter opressão e nem lá. Porque a gente já está privado de liberdade e vai ficar apanhando e sendo mal tratado por funcionário? (Carlos, UI-29, complexo de Franco da Rocha).

Os relatos descritos acima evidenciam que a correspondência entre tais espaços institucionais difere dos apontamentos sugeridos por determinados autores que se debruçaram sobre os espaços de internação na década de 80 (ARRUDA, 1983; BIERRENBACH, 1987). No presente momento, tal correlação não se restringe às instalações físicas, isto é, “à divisão por pavilhões, pátios internos e muros altos” (BIERRENBACH, 1987, p.53). Com o reordenamento do arranjo institucional, vê-se que a simetria entre as unidades prisionais e as Unidades de Internação da Fundação CASA assume novos contornos⁶³.

Os contatos entre os funcionários e os internos também se deslocam, apontando para alterações nas relações de poder. As práticas violentas adotadas pelo corpo funcional, que caracterizaram o período em que Lucas esteve internado, longe de terem chegado ao fim, encontram maior resistência por parte dos internos. Em determinadas ocasiões, funcionários são impedidos de acessar os espaços de internação ou então, quando os acessam, permanecem em locais específicos delimitados pelos próprios jovens. As mãos entrelaçadas para trás, no contexto das *unidades dominadas*, carregam anéis de prata. As cabeças raspadas dão lugar aos cortes de cabelo personalizados. Os uniformes são substituídos pelas roupas do *mundão*⁶⁴.

Ao sugerir o deslocamento das relações de poder no que concerne aos contatos travados entre os distintos atores sociais que circulam pelo espaço institucional, enfatizo que o conceito de poder, tal como pretendo mobilizá-lo, “denota uma relação entre duas ou mais pessoas, ou talvez mesmo entre pessoas e objectos naturais, que o poder é um atributo de

⁶³ Obviamente, a semelhança entre tais espaços institucionais não significa, como sugerem os depoimentos de meus interlocutores, que o modo de operação dos adolescentes nas Unidades de Internação seja exatamente igual à atuação dos integrantes do Primeiro Comando da Capital. Como veremos adiante, os internos da Fundação CASA colocam em prática, não sem adaptações, as orientações transmitidas pelos integrantes do PCC.

⁶⁴ O outro lado dos muros institucionais, isto é, o lado de fora das Unidades de Internação. Além de opor o lado de dentro ao lado de fora, vale notar que tal categoria é empregada pelos adolescentes para designar tudo aquilo que não pertence ao universo institucional (roupas, alimentos, objetos, etc). Como bem observa Paula Miraglia (2001:114), a expressão “fiz isso no mundão”, marca acontecimentos anteriores à internação”. Da mesma forma, os alimentos levados pelos familiares dos adolescentes no *dia de visita* são chamados de *comida do mundão*.

relações, que o termo é melhor usado conjuntamente com uma advertência das *alterações de poder* mais ou menos flutuantes” (ELIAS, 1970, p.126, grifo do autor). Em outras palavras, argumento que o poder não deve ser compreendido como um conceito estático e invariável, mas de relação. O poder, dependendo do arranjo institucional, isto é, da forma que as relações assumem numa determinada conjuntura, pode mover-se para diante e para trás, para um lado e para o outro (ELIAS, 1970, p.143).

Nas *unidades dominadas*, a disposição para o uso da violência, principalmente no que se refere às relações estabelecidas entre adolescentes e funcionários, cede espaço às incessantes negociações e ao diálogo. Televisores, aparelhos de som, frequência escolar, alimentos e roupas constituem alguns dos produtos que movimentam o interminável ciclo de trocas. As rebeliões, eventos que marcaram as Unidades Educacionais destinadas aos infratores nas décadas anteriores, no presente momento, constituem números irrisórios⁶⁵.

Ao propor uma espécie de confronto entre momentos institucionais distintos, ainda que por meio da reconstituição da trajetória de Lucas, nota-se que a instituição não deve ser compreendida como um objeto estático e imutável, isto é, como um corpo “infenso a mudanças” (BIERRENBACH, 1987, p.37). Diferentemente de outros autores, que enfocaram os distintos espaços de internação a partir de instantes institucionais (BIERRENBACH, 1987; MIRAGLIA, 2001) e que, portanto, ao adotarem tal perspectiva, produziram retratos específicos, opto por colocar tais imagens em movimento e discorro sobre o universo institucional tendo em vista que este deve ser compreendido como um processo, em que a mutabilidade apresenta-se como constante⁶⁶.

⁶⁵ Em 23 de fevereiro de 2011, reportagem veiculada pela revista *Veja São Paulo*, baseando-se em dados divulgados pela própria Fundação CASA, destaca a queda expressiva do número de rebeliões que afetaram a instituição nos últimos anos. Segundo tal publicação, o número de motins caiu de 53 em 2005 para 28 em 2006, cinco em 2007, três em 2008, um em 2009 e cinco em 2010 (BATISTA; BARROS, 2011). Vale ressaltar que no próximo capítulo, ao retomar esta discussão, discorro sobre alguns fatores que auxiliam-me a compreender a redução do número de rebeliões. Por ora, enfatizo que entre os últimos meses de 2006 e meados de 2009, período em que estive em campo, não presenciei a ocorrência de nenhum motim.

⁶⁶ Miraglia, por exemplo, ao reconstituir o percurso enfrentado por adolescentes que chegam à FEBEM/SP, enfocando as distintas representações sociais construídas acerca dos jovens infratores, apresenta-nos um recorte do cenário institucional referente ao final da década de 90. A autora (2001, p.8) enfatiza que sua proposta de trabalho “é resultado de uma experiência pontual de pesquisa, em momentos específicos do cotidiano e da história da instituição. O resultado consequentemente é parcial e pode ser tomado apenas como um retrato (ou um instantâneo) desses momentos”. Da mesma forma, Bierrenbach (1987) oferece-nos um retrato institucional do início da década de 80, período em que ocupou o cargo de presidente da instituição. O fato de adotar uma perspectiva analítica distinta das autoras citadas, na medida em que busco compreender o universo institucional como um processo, não significa que tais estudos devam ser descartados. Pelo contrário, vê-se que tais abordagens mostram-se relevantes para esta proposta de trabalho, já que as mobilizo como retratos que auxiliam-me a reconstruir, juntamente com a trajetória de Lucas, o deslocamento institucional ao longo do tempo.

De fato, se atentarmos para os laços de interdependência que envolvem os distintos personagens que constituem o universo em estudo, veremos o espaço institucional em constante movimento, deslocando-se de acordo com a forma que tais relações assumem num determinado contexto. Nesse sentido, o conceito de configuração, tal como proposto por Norbert Elias (1970, p.141-142), mostra-se profícuo para a análise que empreendo.

Se quatro pessoas se sentarem à volta de uma mesa e jogarem cartas, formam uma configuração. As suas acções são interdependentes. Neste caso, ainda é possível curvarmo-nos perante a tradição e falarmos do jogo como se este tivesse uma existência própria. É possível dizer: «O jogo hoje à noite está muito lento!». Porém, apesar de todas as expressões que tendem a objectivá-lo, neste caso o decurso tomado pelo jogo será obviamente o resultado das acções de um grupo de indivíduos interdependentes.

Vale notar que o conceito de jogo mobilizado pelo autor não tem existência em si mesmo. O jogo não existe como força transcendente, isto é, como algo independente dos jogadores envolvidos. O mesmo pode ser dito em relação à noção de configuração. O fato de quatro jogadores se sentarem ao redor de uma mesa e formarem uma determinada configuração não significa, de modo algum, que ela exista como força exterior aos indivíduos. Como sugere o autor, a noção de configuração deve ser entendida como o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores, a resultante de suas ações nas relações que estes mantêm uns com os outros (ELIAS, 1970). Trata-se de um “entrançado flexível de tensões” (ELIAS, 1970, p.142), sendo a interdependência dos envolvidos condição primordial para que estes constituam uma configuração. Ao mobilizar tal conceito, que pode ser aplicado a grupos de tamanho reduzido ou mesmo a sociedades constituídas por milhares de pessoas interdependentes, faz-se necessário raciocinar “não mais em termos de individualidades ligadas umas às outras, mas em termos de relações, necessariamente variáveis, entre posições definidas pelo sistema destas relações” (HEINICH, 2001, p.124).

No que concerne ao universo em estudo, ressalto que o fato de atentar para o movimento ininterrupto da instituição e, conseqüentemente, para as distintas figurações que resultam de tal deslocamento, não implica em desconsiderar a existência de alguns traços institucionais que persistem ao longo do tempo. Afinal, a reinserção de Lucas aos espaços de internação da Fundação CASA, como podemos ver, não caracterizou-se apenas pelo estranhamento, decorrente do movimento institucional.

Olha...ao mesmo tempo eu achei tudo muito parecido cara, muito parecido. O condicionamento da molecada. Eles podem estar com o poder, mas eles têm o condicionamento da instituição, a instituição ainda dá medo pra eles, por mais líderes que eles sejam, a instituição ainda dá medo. A cor daqueles muros, padrão cara, não mudou, não mudou. O jeito que as pessoas olham, os funcionários, o jeito que olham, que falsidade. O olhar daqueles professores não mudou, na portaria, não mudou. É a mesma coisa. A instituição como um todo, a forma opressora dela não mudou, é do mesmo jeito. Os funcionários parecem que são os mesmos da minha época, o jeito que eles pensam, o jeito que eles agem é o mesmo. Só que agora a maioria tem medo da molecada (...).

Por meio da narrativa de meu interlocutor, vê-se que o movimento institucional não resulta no apagamento do passado. A persistência de determinados traços que atravessam décadas e décadas não deve ser vista como oposta ao deslocamento, e sim, como inerente à própria mutabilidade do universo institucional. Sendo assim, vale atentar para a dinâmica de funcionamento de alguns espaços de internação que, em certos aspectos, assemelham-se às unidades nas quais Lucas esteve internado.

Aqui dentro deste maldito quadrado repleto de grades, minha rotina é muita chata, repetitiva, enjoativa e aborrecedora (...). Para começar temos que ser acordados igualmente a bichos, por meio de gritos e batidas nas portas. Depois, um miserável banho de no máximo cinco minutos, depois a revista chata e intolerante que chega a se repetir até vinte vezes ao dia. Depois sentar na maldita mesa de pedra [refeitório] e ainda esperar um homem igual a nós dar ordem para comermos...imagina só! Depois alguns fumam. Aí vêm as senhoras da pedagogia dar um cursinho de no máximo duas horas somente para pequena parte da população, o que estressa ainda mais. Depois, novamente outra formação [de filas] para o almoço, toda aquela burocracia igual do café da manhã, depois a brasa [cigarro], a escovação [dos dentes]...ainda temos que ficar pedindo licença [para os funcionários], andando com as mãos para trás (...). Às cinco horas outra formação, revista, banho de cinco minutos, formação, burocracia para jantar, só stress. Às sete horas somos divididos, 26 sobem para ver televisão e os outros 26 ficam aqui em baixo jogados [no pátio da unidade], abandonados, no máximo um som ou ping-pong. Às dez da noite sou trancado dentro de um quadrado ainda menor, o meu quarto, onde fico até de madrugada acordado conversando com o meu companheiro de quarto, onde tem funcionário que vem querer controlar o meu tom de voz. Aí durmo rezando para sonhar com o mundo, para acordar e enfrentar esta rotina maldita novamente por longos e lentos dias (Roberto, Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares).

Assim como em Amparo e Batatais, no depoimento descrito acima, colhido nos últimos dias de 2008, portanto, mais de duas décadas após a desinternação de Lucas, vê-se a constante formação de filas, os rígidos horários estipulados pelo corpo funcional e as mãos

dos internos entrelaçadas para trás. Simultaneamente, e isso o relato não evidencia, há homens do *Choquinho* andando sobre o telhado e *faxinas* operando entre os adolescentes.

Diante de tais considerações, nota-se que o universo institucional, ao mesmo tempo em que se move ininterruptamente, na medida em que as relações travadas entre os distintos atores sociais que o constituem se deslocam, carrega consigo a permanência de determinados elementos que persistem ao longo do tempo. Em outras palavras, no que concerne à dinâmica institucional, continuidade e mudança coexistem.

Para compreendermos, em sua complexidade, o atual momento institucional que emerge diante de nossos olhos, bem como o fato de que a dinâmica da instituição é feita de continuidade e mudança, torna-se necessário distanciar-mo-nos do que Elias (1970, p.122) denomina de “redução processual”, isto é, a redução de processos a condições estáveis, sem movimento. Ao delinear uma visão a longo prazo do deslocamento institucional, compreendemos porque o universo em estudo não deve ser visto como um objeto isolado e em estado de repouso, mas em constante movimento, como um processo, que deixa marcas indeléveis nas trajetórias dos envolvidos.

Então, o cara que passa por um processo desse ele não vai esquecer nunca. É a mesma coisa que o cara que passa por uma organização familiar tudo direitinho, ele não vai esquecer a infância que ele teve. A vida do cara tá marcada ali. Tudo que eu passei, às vezes não é nem só a tortura, nem só os castigos, nada disso. Mas como se deu tudo, como eu fui enganado muito tempo cara, é isso que eu não me conformo, como a minha infância foi roubada (Lucas).

2. As unidades dominadas como figuração social

Torna-se evidente que dois grupos de adversários, que têm entre si uma relação de «nós» e de «eles», formam uma configuração singular. Só podemos compreender o fluxo constante do agrupamento dos jogadores de um dos lados, se virmos que o grupo de jogadores do outro lado também está num fluxo constante.

Norbert Elias (1970)

Segunda-feira, 15 de maio de 2006. O trajeto é longo. O trem, com destino a Francisco Morato, município localizado na Região Metropolitana de São Paulo, como de costume, está lotado. Ao meu lado, dois adolescentes conversam sobre o assunto do momento: os inúmeros atentados praticados por integrantes do Primeiro Comando da Capital. De fato, a cidade amanheceu diferente. Instituições de ensino, estabelecimentos comerciais e órgãos públicos fecharam as portas. Diversas linhas de ônibus pararam de circular. O rodízio de carros foi suspenso. Até o momento, segundo dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública (SSP), 74 pessoas foram mortas, entre elas, agentes penitenciários, policiais civis, policiais militares e supostos integrantes do *Comando*⁶⁷. Desde a última sexta-feira, período que marcou o início dos confrontos, internos se rebelaram em 80 unidades prisionais espalhadas por todo o estado de São Paulo⁶⁸.

Após uma longa viagem, chego ao meu destino, a estação de Franco da Rocha. Pelas ruas, as pessoas parecem assustadas. O clima é tenso. Viaturas policiais deslocam-se por todos os lados. Caminho por trinta minutos até deparar-me com uma pequena rua de terra. Mais alguns passos e avisto a primeira guarita. Os seguranças empunham armas. Revistam o portamalas de um veículo. À minha frente, as muralhas do complexo de Franco da Rocha⁶⁹.

⁶⁷ Para se ter uma ideia da magnitude de tais acontecimentos, conhecidos como os “ataques do PCC”, entre os dias 12 e 20 de maio, 439 pessoas foram mortas no estado de São Paulo. “Comparativamente a igual período em anos anteriores, bem como às semanas anteriores e posteriores a esse período, o volume de mortes é bastante elevado, sugerindo um cenário de excepcionalidade” (ADORNO; SALLA, 2007, p.7).

⁶⁸ Informações retiradas de uma reportagem publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* (PCC ataca ônibus e fóruns, promove megarrebelião e amplia medo no Estado, 2006).

⁶⁹ O complexo de Franco da Rocha possui três Unidades de Internação. Entre 2006 e 2008, período no qual realizei a pesquisa de campo em tais unidades, também conhecidas como *cadeias dominadas*, a UI-21 abrigava adolescentes mais novos, com idade mínima de 12 anos. Tais jovens, em sua maioria, haviam sido internados por terem praticado pequenos furtos e assaltos. O envolvimento com o tráfico de drogas também era expressivo. Por sua vez, as Unidades de Internação 25 e 29 abrigavam internos com idades entre 16 e 18 anos, que haviam cometido homicídios, sequestros e latrocínios, entre outros crimes. Vale ressaltar que o Internato de Franco da Rocha, que atendia um público semelhante ao das unidades 25 e 29, apesar de fazer parte do complexo em

Me aproximo do portão de entrada. O vigilante nota a minha presença, se antecipa e abre a porta. Pede para que eu me sente em um banco, uma espécie de detector de metais. Abre a minha mochila, mexe em pastas e cadernos. Observa uma câmera fotográfica no fundo da bolsa. Diz que não posso entrar com o equipamento sem a devida autorização da diretoria. Opto por deixá-lo em suas mãos.

Caminho por um corredor extenso até deparar-me com uma *gaiola*, uma espécie de retângulo feito de grades, que limita o acesso às Unidades de Internação e ao setor pedagógico. Além de outro vigilante, que coordena quem entra e sai, mais um detector de metais. Chego à coordenação pedagógica. Os funcionários estão apreensivos. Afinal, sabem que os adolescentes podem *virar a cadeia*⁷⁰ a qualquer instante. Até o momento, ninguém entrou nas Unidades de Internação. A ordem dos diretores é para que todos aguardem. Sílvia, funcionária do setor pedagógico da Unidade de Internação 29, orienta-me:

A gente já colocou nossas coisas lá do outro lado [no setor administrativo, que fica distante das Unidades de Internação]. Deixa sua bolsa lá porque a gente nunca sabe o que pode acontecer. Quando a casa vira, a molecada chega quebrando tudo, revirando armários, pegando celulares e dinheiro.

Sigo as recomendações de minha interlocutora. Faço o caminho de volta. Por todos os lados, noto a presença de homens do Grupo de Intervenções Rápidas. Estão preparados para um possível confronto. Armados, vestem uniformes camuflados e tocas ninja. Parecem apenas esperar o momento em que as rebeliões irão *estourar*.

Aproveito para caminhar pelo complexo. Aguardo a autorização para entrar na Unidade de Internação 29. Entre os funcionários dos diversos setores institucionais, a conversa gira em torno dos “ataques do PCC”. Ao mesmo tempo em que tecem considerações sobre os recentes acontecimentos, relembram histórias do passado, sobretudo as que se referem às antigas rebeliões. As narrativas, do mesmo modo que contribuem para o aumento da tensão, parecem desconstruir os agentes institucionais.

Clara, coordenadora pedagógica da Unidade de Internação 29, se aproxima. Pergunta se estou disposto a entrar na unidade com o professor que ministra aulas de Educação Física aos adolescentes. Aceito o convite. Nos dirigimos, eu e Joel, ao portão de entrada da unidade. O segurança, antes de abrir o último cadeado, emite o seu parecer:

termos administrativos, não está localizado no mesmo espaço institucional.

⁷⁰ Segundo meus interlocutores, *virar a cadeia* é o mesmo que fazer uma rebelião.

Se eu fosse vocês eu não entrava aí não. Os ladrão tão tudo estranho. Teve até uns tumulto aí de ontem pra hoje. A unidade tá agitada. Ainda mais com tudo o que está acontecendo lá fora.

Decidimos ir embora. Retornamos ao setor pedagógico e comunicamos a nossa decisão aos integrantes do corpo funcional. Os diretores das Unidades de Internação estão reunidos. No entanto, não há muito o que fazer. Apesar dos indícios que apontam para possíveis manifestações por parte dos internos, até o momento, não aconteceu nada. Aos agentes institucionais, só resta esperar o próximo passo a ser dado pelos adolescentes.

No interior das muralhas que circunscrevem a Unidade de Internação 29, a situação também é tensa. Da mesma forma que os integrantes do Grupo de Intervenções Rápidas estão com as suas armas em punho, os internos *desentocam* as suas *naifas*⁷¹. Os lençóis adquirem outro significado. Transformam-se em bandeiras que estampam os ideais do *Comando*.

Em uma das salas do espaço de internação, conhecida como a *sala da faxina*, os *disciplinas*, grupo de adolescentes que se divide em *setores*, *faxinas*, *encarregados* e *pilotos*, assim como os diretores, estão reunidos. É preciso decidir rapidamente o que deve ser feito, afinal, os jovens da *população*⁷² aguardam as suas orientações. Nesse contexto, os celulares tornam-se ferramentas importantes, na medida em que possibilitam o contato dos *disciplinas* com os *irmãos* do *Partido*⁷³.

Desceu uma ordem daqui do São Camilo, a maior favela de Jundiaí. Veio a ordem, chegou de manhã, os funcionários já tava tudo...o negócio tava pegando em tudo quanto é cadeia e os funcionários tava cabreiro, tanto que só ficava dois no pátio e as mulher tudo pra fora. Aí eu cheguei num funcionário e falei: ó, é o seguinte senhor, não vai sair da cadeia, certo? O senhor vai ficar aqui dentro, não é pra deixar as funcionária entrar. Bom, a ordem que desceu era pra estourar e ir embora. A base era estourar, se der pra ir pro mundão, é mundão. Se não der, bate de frente com os caras [os funcionários], mas representa. A ordem era representar. Falamos pra população: o bagulho vai pegar. Deu umas 10 horas da manhã, nós falou: é agora (Pedro, UI-29, complexo de Franco da Rocha).

⁷¹ As *naifas* são facas artesanais elaboradas pelos próprios internos a partir de barras de ferro arrancadas das janelas dos dormitórios, das carteiras das salas de aula, bem como das estruturas que dão sustentação às camas. A produção de tais instrumentos é constante. Segundo meus interlocutores, as *naifas*, após serem confeccionadas, são rapidamente *entocadas* [escondidas] para que os membros do *Choquinho*, responsáveis por realizar as revistas dentro das Unidades de Internação, não as encontrem com facilidade.

⁷² A *população* é constituída pelos adolescentes que não fazem parte do grupo de *disciplinas*.

⁷³ Os *irmãos* são os membros *batizados* do *Comando*. Segundo Karina Biondi (2010, p.99, grifo da autora), “a entrada no PCC só pode ser feita mediante convite e indicação de dois *irmãos*”. Para mais informações sobre o processo de *batismo*, sugiro as análises propostas pela autora.

Em poucos minutos, a fumaça dos inúmeros colchões que queimam na porta de entrada da Unidade de Internação 29 ganha o céu de Franco da Rocha. Ao mesmo tempo em que chama a atenção dos agentes institucionais, serve como um sinal para que os adolescentes das unidades 21 e 25 iniciem novos motins. Diante da gravidade de tal situação, os diretores, ao perceberem que os integrantes do GIR não conseguiriam conter três rebeliões simultâneas, acionam os policiais da Tropa de Choque da Polícia Militar.

A Tropa de Choque já tava lá fora. Saía de uma cadeia e ia pra outra, os caras já chegavam arrebrandando. Tava estourando tudo mesmo. Fui procurar o Bruno [piloto da unidade], cadê o Bruno? E aí Bruno: o que nós vai fazer? [Bruno]: nós vai quebrar tudo. Foi quando o Alan [outro piloto] subiu com o funcionário lá no telhado, com a faca. Não sei que loucura que deu nele que ele empurrou o funcionário. O funcionário caiu e machucou a perna.

Dai, os caras [da Tropa de Choque] começaram a jogar bomba e dar tiro, o bagulho começou a pegar fogo. Foi quando fui procurar o Bruno e cadê? E o funcionário machucado lá e os cara querendo entrar. Foi quando eu peguei e amarrei uma camisa na cabeça e peguei uma naífa e fui lá negociar com os caras, fui lá na frente. Na primeira palavra que eu falei, os caras: não Pedro e tal. Já reconheceram a minha voz. Aí eu até tirei a máscara. Eu falei: ó senhor, é o seguinte: vamo negociar. Sem esculacho [humilhação]. O seu José [diretor da UI-29] também tava lá. E os caras com várias 12 [armas] e tal e eu com a faca no pescoço do funcionário. Senhor, é o seguinte: vamo negocia. Sem esculacho. Quer entrar, entra, mas sem esculacho porque se esculachar, nós vai matar esse funcionário aqui. [Diretor]: mas se vocês matarem vai todo mundo de bonde pro CDP [o diretor ameaça, afirma que os jovens serão enviados para um Centro de Detenção Provisória]. Eu pensei: nós já tá ferrado mesmo. Dai, os cara [da Tropa de Choque] falou: não vai ter negociação, nós vai entrar.

A tentativa de negociar com os policiais da Tropa de Choque, uma das principais atribuições dos adolescentes que atuam como *pilotos*, fracassa⁷⁴. Os policiais se preparam para invadir a unidade. No entanto, tendo em vista a intensidade das chamadas que retorcem o portão de entrada da UI-29, faz-se necessário o uso de um maçarico.

Pedro percebe que as negociações chegaram ao fim e opta por libertar o refém. Os policiais avançam, invadem a Unidade de Internação 29. Por sua vez, os adolescentes, aproximadamente 150 internos, correm pelo pátio, tentando se proteger das balas de borracha.

⁷⁴ Ao longo deste capítulo, tornar-se-á evidente que, no contexto das *unidades dominadas*, os *pilotos* ocupam uma posição de negociação, na medida em que, em nome da *população*, negociam com os agentes institucionais. Por ora, vale atentar para o fato de que Pedro, durante a rebelião ocorrida na UI-29, ocupava o posto de *faxina*. Ao reconstituir a trajetória do adolescente, procedimento que empreendo em seguida, discorro sobre alguns fatores que auxiliam-me a compreender o motivo pelo qual o interno pôde atuar, mesmo que transitoriamente, como *piloto da cadeia*.

Simultaneamente, arremessam pedaços de telha, paus e pedras. Em poucos instantes, são dominados pelos integrantes da Tropa de Choque. A rebelião termina.

Encurralou nós no canto lá do muro da [Unidade de Internação] 25. Eles falaram: vai, todo mundo descasca, descasca [o mesmo que tirar a roupa]. E eu tava sem coruja [cueca]. E eles: quem tiver sem coruja, pega uma coruja e veste, não quero ninguém pelado. E tinha um monte sem coruja e um monte com, aí todo mundo descalço e na pressa acabou tirando a coruja e todo mundo foi procurar, um pegando a coruja do outro e eu caramba, toda hora que eu ia pegar, alguém pegava, fui o último sem coruja. Chegou um choque lá e pegou uma coruja e jogou pra mim: você é o ultimo né? Não era você que tava lá negociando? [Pedro]: não era eu não. [Policial]: era você sim. Daí, ele chegou e pá, já me deu uma escudada na cara, aí pronto fodeu. Só sobra pra mim, só eu que apanho nessa porra. Me deram um sacode ali rapidinho e me levaram lá pra cima na formação [após o término do motim, os internos são obrigados a sentar em filas, com a cabeça apontada para o chão, procedimento conhecido como formação]. Aí, começou o esculacho e o negócio começou a pegar pro meu lado.

Antes de ingressarem nos espaços de internação, os integrantes da Tropa de Choque solicitam informações aos agentes institucionais, tendo como objetivo central o planejamento de suas ações. O conhecimento acerca do território em que irão atuar, o mapeamento de possíveis pontos de fuga e a escolha do local em que os internos serão reunidos configuram-se como estratégias relevantes. Além disso, os policiais procuram saber quem são os *frente da cadeia*, como também são conhecidos os *disciplinas*. Tais adolescentes, pelo fato de serem reconhecidos como lideranças, tanto pelos jovens da *população* quanto pelos membros do corpo funcional, são responsabilizados pela ocorrência das rebeliões. No caso de Pedro, vale lembrar que ele já havia sido identificado ao tentar negociar a entrada pacífica da Tropa de Choque. Tal atitude, além de não surtir o efeito desejado, provocou consequências dolorosas.

Chegou lá na formação e aí chegou os caras: cadê o Pedro? E eu abaixado assim. Cadê o Pedro? E eu quieto, sabia que eu ia apanhar. O cara falou: levanta a cabeça todo mundo. Levantamos. Ele falou: Pedro vem cá. Beleza, eu fui. Me levaram lá na churrasqueira. Ele falou: ajoelha aí Pedro. Ajoelhei. O cara da SAP [Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo] pegou, tava de toca, mas eu sei quem é. Pegou a 12, engatilhou e falou: abre a boca, vou te matar, vou te matar mano. Chegou um outro, deu coronhada na minha cabeça, na cara e falou: vamos dar uns tiros nele. Dando bicuda [chutes] e tal. Daí, eles falou: aí mano, você é do PCC? Eu falei: meu senhor, não sou não, mas nós fecha lindo, não tem essa não⁷⁵. [Integrante da SAP]: você é bocudo hein? [Pedro]: não sou folgado, só não gosto de vocês. Aí, bateram, bateram, bateram, aí eu abaixado assim no chão, pegaram um spray de

⁷⁵ Fechar com o Comando é o mesmo que seguir as orientações transmitidas pelos irmãos.

pimenta e por baixo do meu braço mandaram ver...[som do spray sendo usado pelos policiais]. Meu amigo...foi sofrido hein.

Ao lembrar as cenas descritas acima, assim como o dia que marcou o encerramento de sua medida socioeducativa de internação, acontecimento que ocorreu poucos meses após os “ataques do PCC”, Pedro se emocionou. Para a minha surpresa, apesar dos inúmeros sofrimentos causados pelo longo período de estadia na Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, o adolescente contou-me que logo após a desinternação sentiu *uma certa saudade* dos quase três anos em que esteve privado de liberdade. Obviamente, a saudade sentida pelo garoto não era da instituição e muito menos daqueles que o espancaram, e sim, dos companheiros que estiveram ao seu lado, do reconhecimento concedido pelos adolescentes da *população*, da posição de liderança por ele ocupada, bem como da adrenalina vivenciada por todos aqueles que são reconhecidos como os *frente da cadeia*.

Sabe como é né professor, o bagulho é loco. No dia que eu fui embora, os cara [outros internos da unidade] me carregou no colo. Eu saí carregado nos braços de todo mundo. Aqui fora eu era só mais um, lá dentro eu tocava [conduzia] uma cadeia. Você sai aqui no mundão e parece que você sai inútil, não tem aquela ação, você não vive aquela adrenalina, dá vontade de voltar.

Para que possamos compreender, em sua complexidade, a *vontade de voltar*, bem como alguns dos movimentos adotados pelo adolescente durante os acontecimentos de maio de 2006, a saber, o contato com integrantes do Primeiro Comando da Capital, a orientação para que os jovens da *população* dessem início ao motim e a tentativa de negociar com os policiais da Tropa de Choque, torna-se necessário delinear a trajetória de meu interlocutor. De fato, a reconstituição de trajetórias, esforço que empreendo ao longo deste capítulo, além de possibilitar a reflexão acerca do processo de constituição dos *disciplinas*, permite-me esboçar os traços centrais que constituem a configuração referente às *unidades dominadas*.

2.1 Pedro: dos pequenos furtos aos primeiros passos institucionais

Da última vez em que nos encontramos, em meados de 2010, em um bar localizado na região central de Campinas, o adolescente estava descontente. De fato, o término da medida socioeducativa de internação significou o retorno de antigos problemas, entre os quais, os

constantes períodos de desemprego e as conturbadas relações familiares.

Primeiro filho homem de uma família de cinco irmãos, Pedro nasceu em Salto, município localizado no interior do estado de São Paulo. Sua existência sempre foi marcada pela instabilidade. Ao longo da infância, mudou diversas vezes de residência, permanecendo por longos períodos na casa de alguns parentes. Simultaneamente, após o divórcio de seus pais, que ocorreu aos três anos de idade, alternou idas e vindas entre os dois domicílios.

O abandono paterno, associado às constantes agressões sofridas por mãe e filho, fizeram com que o jovem guardasse sentimentos ambíguos em relação ao pai. Ao mesmo tempo em que ainda o admira, o culpa pela derrocada da unidade familiar.

Meu pai é bem fechado, bem rígido, bem pragmático mesmo. Daqueles autoritários. Minha relação com meu pai quando eu era criança, era até uma relação de herói, independente do que ele fez pra minha mãe, o motivo da separação foi por conta de...traição. Independente do que ele fez com a minha mãe, eu tenho admiração, eu tinha admiração extrema pelo meu pai. Ele foi até me visitar já. Depois que eu comecei a ficar mais velho, começou a bater a revolta. Ele abandonou, passamos tudo o que nós passamos. Ele tem mais xodó pela minha irmã, pelas minhas duas irmãs do que por nós homens, entendeu? Eu fui morar com ele antes de ser preso e rolou espancamento. Eu ia buscar meu pai, eu com 12 anos, minha madrasta me acordava quatro horas da manhã pra buscar ele na zona. Quatro horas da manhã! Quantas vezes eu cheguei lá na zona e a mulherada deixava eu entrar porque eu já conhecia. E quando eu chegava lá, meu pai estava no ato, entendeu? E ali mesmo ele já começava a me espancar.

A prisão de Pedro, assim como o longo período de internação ao qual o adolescente foi submetido, os distanciou ainda mais. Após o cumprimento da medida socioeducativa, o jovem arriscou uma nova aproximação, mas não obteve êxito. A tentativa de restabelecer o contato com a figura paterna, durante um período em que ambos passavam por inúmeras dificuldades, resultou em novos insultos e espancamentos.

Depois que eu saí [da FEBEM], eu desandei em bebida, de usar drogas. Foi o período mais longo que eu usei drogas. Foi esse tempo. Coisa de dois meses. Abandonei um serviço de um ano e meio. Fui lá e pedi as contas. Eu tava num stress danado, aí eu falei: não, vou embora senão vou fazer besteira. E eu fui embora. Aí, meu pai tava desandado na cachaça. Um dos motivos dele que eu entendo foi por causa da perda da mãe dele. Minha vó morreu de câncer e depois disso daí ele desandou. Depois disso daí, ele começou a beber e nós começou a bater de frente. Ele joga na minha cara a minha detenção, entendeu? Daí, uma vez a gente meio que se estranhou lá e saímos na mão e eu quebrei as duas pernas dele. E eu ia pegar ele mesmo, eu coloquei a arma na cara dele. Daí ele me expulsou de casa. Aí eu vendi o meu celular, tinha comprado o

celular por R\$ 700, vendi por R\$ 50 só pra mim vim embora [o garoto retorna para a casa de sua mãe]. Aí, depois de uns oito meses sem nós se falar eu liguei lá, descobri que ele tava doente, tava com efizema porque ele fuma muito. Liguei lá e nós conversou. A gente mantém um relacionamento, mas não que nem era antigamente. Se eu pudesse voltar atrás, eu jamais faria isso com o meu pai.

Ao mesmo tempo em que se distancia da figura paterna, Pedro volta a se aproximar de sua mãe, considerada pelo adolescente como uma mulher *guerreira*⁷⁶. Atualmente, vive com ela e outros dois irmãos em uma casa na periferia de Campinas. Desde que Marisa perdeu o emprego pela última vez, as discussões tornaram-se mais frequentes. A solução encontrada pelo jovem, ainda que a contragosto, foi o ingresso em uma empresa que contrata ex-internos do sistema penitenciário. Apesar do descontentamento, do trabalho incessante e da baixa remuneração, em torno de um salário mínimo, Pedro segue como empilhador de sacas de soja.

De fato, para o adolescente que já *tirou uma cota na cadeia*⁷⁷, o único emprego disponível é um serviço desqualificado, sem a menor estabilidade e com um salário irrisório, principalmente se comparado à quantia financeira que pode ser obtida em um assalto ou mesmo no tráfico de drogas⁷⁸. Diante desse quadro, só resta ao jovem reproduzir o discurso proferido pelos agentes institucionais, quando tais atores discorrem sobre as oportunidades de trabalho disponíveis aos egressos. *Pelo menos é um trabalho honesto.*

As lembranças de seu primeiro contato com a força policial, apesar de extremamente dolorosas, permanecem vivas em sua memória. A execução de seu tio materno, quando o garoto tinha cinco anos de idade, ocasionou uma nova ruptura familiar. Ao mesmo tempo, uma mistura de dor e admiração. Ao discorrer sobre Dai, Pedro se empolga. Muda a postura corporal. Solicita um café à atendente do bar, estufa o peito e bate na mesa. *Da minha família,*

⁷⁶ A designação da mãe como *guerreira* é recorrente entre os meus interlocutores. Muitos carregam em seus corpos a seguinte expressão: *amor só de mãe*. Como enfatiza Gabriel Feltran (2008, p.87), “(...) em diversos relatos dos 'meninos do crime', a mãe é figura santificada”. De certa forma, é possível afirmar que tal designação é comum entre os moradores das periferias de São Paulo.

⁷⁷ Aos olhos dos internos, *tirar uma cota na cadeia* é o mesmo que cumprir medida socioeducativa de internação.

⁷⁸ Apenas para se ter uma ideia, em Paraisópolis, favela localizada na zona sul da cidade de São Paulo, o adolescente que trabalha vendendo drogas em uma *boca* [ponto de venda], também conhecido como *vapor*, recebe em média R\$ 2.000 por semana, o que totaliza algo em torno de R\$ 8.000 por mês (dados obtidos ao longo de uma pesquisa que venho realizando sob a coordenação do Prof. Dr. Ronaldo de Almeida, pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento/CEBRAP). Com tal apontamento, não pretendo sugerir que a inserção dos jovens no tráfico de drogas esteja vinculada apenas à questão econômica. Afinal, é preciso levar em consideração o poder e o prestígio associados à figura do traficante. Ao questionar Sérgio, jovem que trabalha no comércio de drogas em Paraisópolis, sobre os motivos que o haviam levado ao tráfico, o adolescente enfatizou que: *eu não passava necessidade, não passava fome, não passava porra nenhuma, nada, não precisava de nada, minha família é estruturada. Eu sempre tive os bagulho, não tive o que eu queria, mas o que minha família pôde me dar sempre deu mano. Eu fui por querer ganhar dinheiro, fama. Depois que eu criei fama, eu vi que não presta.*

só eu que dei continuidade na obra dele.

(...) meu tio era dali de Itapecerica da Serra, Taboão, daqueles lados ali, ele tinha uma biqueira [ponto de venda de drogas]. Você ver seu tio sendo morto na sua frente com três tiros na cabeça por conta de policial, de entrar e executar ele na frente da família dele, na sua frente. É difícil. Ele era meio Robin Hood. Entraram lá na casa dele, ele tava jurado pela polícia, entraram lá e tava todo mundo lá sentado no sofá assistindo jogo, foi num domingo à tarde. Entraram e falaram: nós não quer nada, só o Dai. Era Dai o apelido dele. Aí eles falaram: ajoelha Dai que chegou a sua hora. Aí ele ajoelhou. Ele falou: só não exagera. Aí foi que deram três tiros na cabeça dele. Aí, depois disso daí, vimo embora.

Após o assassinato de Dai, outra mudança. Os contínuos deslocamentos ao longo de sua infância resultaram em uma formação escolar fragmentada. Pedro completou o ensino médio apenas nas Unidades de Internação pelas quais transitou. No entanto, seu histórico escolar não reflete o incessante interesse pela leitura. *Não é porque é bandido que tem que ser burro. Vê o Marcola, o cara já leu mais de mil livros na cadeia*⁷⁹.

Em Indaiatuba, cidade localizada na Região Metropolitana de Campinas, mais uma tentativa de frequentar a escola e seguir com os estudos. A morte de seu tio materno era o assunto preferido ao longo das conversas travadas com os novos amigos. Na época, Pedro dividia as suas atividades cotidianas entre as constantes idas à biblioteca, as divertidas pichações e os pequenos furtos.

(...) nunca tive interesse por esse negócio de droga, mas eu sempre quis ter aquilo que eu não podia ter, entendeu? Então, foi quando comecei a pegar um toca CD, um negócio aqui, um negócio ali e começou a formar um, um círculo de amigos. Foi quando começou a criar uma fama na cidade e essa fama foi trazendo lucro.

Ao lado de seus colegas de escola, Pedro realiza as suas primeiras *fitas*. O desejo de adquirir alguns objetos de consumo, tais como roupas e celulares, argumento repetido por vários de meus interlocutores quando estes procuram justificar a realização de suas primeiras ações criminosas, o estimula. Com o passar do tempo, os furtos tornam-se práticas corriqueiras. Nesse contexto, a força policial se aproxima.

⁷⁹ É importante salientar que os internos das *unidades dominadas* costumam evocar a categoria *inteligência* como atributo dos adolescentes que atuam como lideranças. Ao questionar meus interlocutores sobre as qualidades que um adolescente deve ter para tornar-se *disciplina*, os jovens enfatizam que os líderes devem agir com a *razão* e nunca com a *emoção*. Mais adiante veremos que tal categoria possibilita a distinção entre *disciplinas* e *população*.

Nóis tava na escola, tava fumando um. Nóis não, os cara, eu só tava junto. Os cara tava fumando um baseado, aí pegaram e autuaram [os policiais]. Começaram a espancar, dar coronhada, cabada de 12 [arma] aqui no tornozelo. Dói pra porra. Você começa a ficar bravo, começa a boquejar e eu mandei todo mundo tomar naquele lugar. Eles vieram pro soco, nós fomo pro soco. Aí, os cara falou [policiais]: nós vamos matar. Aí pegaram e colocaram na viatura e levaram lá pra trás da Toyota [fábrica de carros], mandaram ajoelhar e colocaram a arma aqui no pé do meu ouvido e deram dois sapeco [dois tiros]. E falaram: isso aqui é pra você ficar ligeiro, da próxima vez nós não vamos fazer isso aqui não, nós vamos dar na sua cara. Daí, me deram um coro e deixaram eu lá.

Conforme as ações avançam, tornando-se cada vez mais ousadas e perigosas, o grupo de amigos, também conhecido como *os caras da APP*, nome vinculado à Escola Estadual Antônio de Pádua Prado, começa a *criar uma fama na cidade*. Os constantes assaltos, ao mesmo tempo em que despertam a atenção da polícia, propiciam o contato com criminosos mais experientes, *uns caras mais estruturado*⁸⁰. A aproximação de tais personagens, além de facilitar o acesso às armas de fogo, possibilita a participação em ações mais rentáveis.

Os caras era mais graduado, gostava de catar carga [roubo de carga], esses negócios e eu gostava mais de catar playboizinho, né? Então, foi quando me escalaram a fita do atelier, entendeu? Dizem que era 40 conto [mil]. Era quadro, o cara era pintor mesmo, ele tinha acabado de chegar da França. E tinha uma empregada doméstica que trabalhava pra ele, que era vizinha nossa, curtia uns bagulhos [drogas] e colava com nós. Ela falou: o patrão me mandou embora e é o seguinte: não me pagou, me esculachou e eu quero o dinheiro. Ela foi lá, trocou ideia e os caras [os ladrões mais experientes] falou: não vou catar não. Eu falei: dá essa bexiga aqui, vamos tomar uma cervejada no final de semana.

Em novembro de 2004, Pedro parte para a *missão*. O alvo é uma mansão localizada na região central de Indaiatuba, local em que também funciona um atelier. As armas, que até então não faziam parte da narrativa de meu interlocutor, entram em cena. A ansiedade aumenta. Mais alguns instantes e a vítima aparece.

Ele abriu o portão elétrico e aí nós entrou. Eu dei a voz, rendi o cara. O outro entrou [companheiro de Pedro]. Foi quando chegamo lá dentro e falamos: cadê, cadê o dinheiro? [Vítima]: não tem. [Pedro]: tem sim. Aí achamos um negócio, uma maletinha. Era pesada. Aí foi quando ele deu uma ciscada e meio que se assustou, aí entramos em

⁸⁰ Segundo Pedro, os *caras mais estruturado* eram primos e irmãos do Comando. Como já mencionado, os irmãos são os indivíduos que foram batizados. Por sua vez, os primos são aqueles que, apesar de não serem batizados, seguem as orientações transmitidas pelos membros do Partido.

luta corporal e o outro vazou [o parceiro de Pedro o abandona]. Aí, o outro vazou e foi quando eu desferi uns golpes nele lá, de faca mesmo, entendeu? Porque ele [a vítima] me desarmou e o outro foi embora. Foi quando eu consegui grudar [pegar] a maleta, só que no desespero, meio...eu não sei o que deu em mim. Todo ensanguentado do cara, foi quando fui correr na mesma rua, quatro quarteirão na frente ficava uma delegacia. Foi quando me pegaram. Me pegaram e como eu tava cheio de sangue, me levaram pro hospital pra ver se eu tava machucado. Como eu não tava, eu fui pra delegacia.

Pedro é conduzido ao distrito policial⁸¹. De fato, a ação dos adolescentes não poderia resultar em pior desfecho. Ao desferir algumas facadas em sua vítima, o jovem agrava a sua situação. O que era para ser um simples assalto, transforma-se em tentativa de latrocínio. Suas ações, ao lado dos *caras da APP*, chegam ao fim. As relações estabelecidas com os criminosos mais experientes, isto é, *primos e irmãos* do Primeiro Comando da Capital, ainda que temporariamente, também são interrompidas.

Após passar 21 dias em uma cela, procedimento considerado ilegal, haja visto que os adolescentes apreendidos pela polícia não podem permanecer em delegacias por um período superior a cinco dias, meu interlocutor foi enviado à Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, mais especificamente, à Unidade de Atendimento Inicial (UAI), espaço institucional localizado no bairro do Brás, zona leste da cidade de São Paulo⁸².

Chegando lá na UAI, o negócio já começou a ficar estreito [difícil]. Na hora que eu desci da viatura, o funcionário já chegou e falou: baixa a bola que aqui quem manda é nós, entendeu? Já tomei logo um tapão no meio da fuça. Nunca tinha ido preso, não sabia. Comecei a ver umas coisas estranhas, um monte de menor; cabeça pelada, cara de louco. Aí, chegou lá, tomei a pancada e me troquei. Minto, primeiro passaram o andamento da casa, fui lá pro convívio lá com os caras, assistir televisão. Chegou a noite, eles passou como que era lá, era licença senhor; licença senhora, cabeça baixa, mão pra trás. E se tiver lotado, vai dormir de valete⁸³. Escreveu não leu, o pau comeu.

⁸¹ Vale ressaltar que antes de ser encaminhado à FEBEM, o adolescente já havia comparecido à mesma delegacia de Indaiatuba por 16 vezes, fato que o tornava conhecido entre os policiais responsáveis pelo patrulhamento de rotina na região. Da última vez em que foi levado ao distrito policial, a delegada teria dito: *ah, é você Pedro? Agora você fica*. Nesse sentido, nota-se que a polícia compõe a experiência daquele que está imerso no “mundo do crime” (FELTRAN, 2008).

⁸² O adolescente, após ter sido encaminhado pela autoridade policial a um representante do Ministério Público, bem como à autoridade judiciária de Indaiatuba, poderia aguardar a transferência para a Unidade de Atendimento Inicial em uma delegacia comum, desde que fosse respeitado o prazo máximo de cinco dias. Além disso, conforme salienta o ECA (art.185), Pedro deveria ter sido conduzido a uma dependência separada da destinada aos maiores de idade, orientação que também não foi respeitada, uma vez que o jovem, enquanto esteve na delegacia, teve que dividir a cela com outros presos.

⁸³ Em unidades onde o número de internos é excessivo, os adolescentes são obrigados a dividir um único colchão. Para tanto, dormem de barriga para cima, de modo que um dos internos coloca a cabeça em uma das extremidades do colchão, ao passo que o outro jovem coloca a cabeça do lado oposto. Sendo assim, os pés do primeiro permanecem ao lado da cabeça de seu companheiro, posição designada como *valete*.

Após uma rápida viagem, Pedro chega à Unidade de Atendimento Inicial, espaço que configura-se como a porta de entrada da instituição. Em poucas palavras, o funcionário encarregado de recebê-lo explicita o modo de funcionamento de tal unidade: *baixa a bola que aqui quem manda é nós, entendeu?*

O adolescente recebe o primeiro atendimento. Entrega os seus poucos pertences aos agentes institucionais para que tais objetos sejam numerados e guardados. As roupas do *mundão* são substituídas pelo uniforme. O corte de cabelo personalizado dá lugar à *cabeça pelada*. As regras do local são rapidamente transmitidas: *licença senhor, licença senhora, cabeça baixa, mão pra trás*. Vale notar que esse modo de operação institucional constitui o que Erving Goffman denomina como processo de admissão, procedimento que, entre outras consequências, resulta em uma sucessão de perdas para o novato, bem como na padronização do recém-chegado (GOFFMAN, 1974, p.24-28).

A UAI, assim como todas as unidades localizadas no complexo Brás⁸⁴, é conhecida entre adolescentes e funcionários como uma *unidade na mão dos funça* [funcionário]. Diferentemente do que ocorre nas *dominadas*, em tais espaços de internação, os adolescentes são obrigados a participar das atividades escolares, bem como dos cursos culturais e profissionalizantes. Dormem, acordam, tomam banho, se alimentam e fumam de acordo com os horários estipulados pelo corpo funcional. Andam com as mãos entrelaçadas para trás e a cabeça apontada para o chão. A formação de filas configura-se como um procedimento rotineiro. Em tais unidades, quando os internos se deslocam pelo espaço de internação, seja para ir ao banheiro ou mesmo para praticar atividades esportivas, devem pronunciar a expressão mais ouvida pelos corredores, a saber, *licença senhor, licença senhora*. Caso contrário, correm o risco de sofrer punições, que vão desde um *tapão no meio da fuça* até as repreensões verbais. Vale notar que tais espaços institucionais, do ponto de vista dos funcionários, são considerados como o modelo a ser seguido. Já para os internos, o complexo Brás caracteriza-se por ser um local no qual os adolescentes *tiram a cadeia no mó veneno*⁸⁵.

O texto abaixo, produzido por um adolescente da Unidade de Internação 35, durante uma oficina de comunicação ministrada no segundo semestre de 2004, portanto, no mesmo período em que Pedro esteve internado no complexo Brás, evidencia o controle institucional

⁸⁴ Na época em que atuei como educador cultural em tal complexo, entre 2004 e 2005, existiam os seguintes espaços de internação: Unidade de Atendimento Inicial (UAI), Unidades de Internação Provisória 6, 7, 8, 9, 10 e 11, além das Unidades de Internação 34, 35, 36 e Japurá.

⁸⁵ Segundo os adolescentes, *tirar a cadeia no mó veneno* significa que cumprir a medida socioeducativa de internação em uma *unidade na mão dos funça* é algo extremamente humilhante.

exercido sobre os internos⁸⁶.

São seis horas da manhã. Como começa todos os dias saímos para escovar os dentes e logo na sequência tomamos café da manhã. (...). Os dias são todos iguais, as únicas coisas que mudam são os modos de pensar e fazer as atividades. É chegado às 9h e nos chamam para fazer as atividades. No mesmo tempo sou chamado para fazer biscoito. É onde consigo distrair os meus pensamentos, que são focalizados na minha família. Quando acaba o curso, subimos para a quadra e tudo parece sossegado. Quando chega às 13h, todos nós descemos ao refeitório para almoçar. Quando termina o almoço, fazemos a escovação [dos dentes]. Logo em seguida, somos chamados para as salas de aula onde estudamos e adquirimos mais conhecimento das coisas que não sabemos. Já são 18h. Descemos para os dormitórios onde iremos tomar banho e esperar a janta. É 19h. Subimos para o refeitório para jantarmos e logo que acabamos, saímos para esperar em uma sala, até sermos chamados para assistir televisão. Como de rotina, sempre filmes repetidos, que conhecemos de trás pra frente. Chegou às 22h. É quando descemos para os quartos. Nesse momento, os pensamentos entram em serviço...

Vê-se que as atividades cotidianas, além de serem realizadas em espaços temporais delimitados pelo corpo funcional, contam com a participação obrigatória de todos os internos. A repetição, simbolizada pela exibição dos mesmos filmes, que são conhecidos pelos adolescentes *de trás pra frente*, torna-se a marca distintiva das *unidades na mão dos funça*. A tentativa de proibir o acesso dos internos a determinados assuntos, sobretudo às notícias que têm como foco o tema da violência, constitui uma meta a ser alcançada pelos funcionários. Nesse contexto, o *rap*, estilo musical que agrada boa parte dos jovens, deve ser evitado⁸⁷.

Apesar de dolorosos, Pedro passou apenas três dias na Unidade de Atendimento Inicial, sendo, posteriormente, transferido para uma Unidade de Internação Provisória (UIP-6), espaço institucional no qual os adolescentes aguardam a sentença judicial.

Eu fiquei três dias na UAI, depois de três dias eu desci pra UIP-6, e aí eu fiquei três meses aguardando a sentença. Mas eu já tinha certeza que ia ser de seis meses a três

⁸⁶ No capítulo seguinte, pretendo retomar a discussão referente aos espaços de internação classificados como *unidades na mão dos funça*. Por ora, vale atentar para o fato de que tal categoria, como mobilizada por meus interlocutores, se opõe às *unidades dominadas*. Nesse sentido, argumento que as *unidades dominadas* devem ser compreendidas em relação às *unidades na mão dos funça*.

⁸⁷ Ao longo do período em que atuei como educador cultural nas Unidades de Internação do complexo Brás, exceto na UI-Japurá, por diversas vezes fui aconselhado pelos agentes institucionais a não trabalhar com letras de *rap*, sobretudo as que eram produzidas pelos grupos Racionais Mc's e Facção Central. O argumento utilizado pelos integrantes do corpo funcional era o de que tais produções musicais fazem apologia ao crime e, portanto, não auxiliam na recuperação dos internos. Vale notar que nas *unidades dominadas* o *rap* constitui a trilha sonora da *cadeia*, o que não significa que os funcionários, em especial, os membros do setor pedagógico, concordem com tal situação, fato que gera inúmeros embates entre os adolescentes e os agentes estatais, que pouco podem fazer para retirar os CD's das mãos dos internos.

anos. E ali eu fiquei três meses. Ali até que foi um período razoável, de vez em quando eu tomava um coro [apanhava] do tal do seu André [funcionário]. Lá, eu tinha uma assistente [assistente social que acompanhava o processo de Pedro], eu só não lembro o nome dela agora. Ali até que foi um período sossegado, teve uns princípios de rebelião, essas coisas. É...não é bem rebelião né. É nego levantar do chão e falar que vai virar [a cadeia] e a cadeirada come solta. O negócio começou a ficar mais estreito [difícil; preocupante] mesmo a partir do momento que o bonde cantou [a transferência para uma Unidade de Internação]. Aí, o negócio começou a ficar mais...

Em tese, os adolescentes que são encaminhados para as Unidades de Internação Provisória (UIP's) devem permanecer em tais espaços institucionais pelo prazo máximo de 45 dias, o que nem sempre é respeitado. No caso de Pedro, por exemplo, nota-se que o adolescente permaneceu na UIP-6 por aproximadamente 90 dias, o dobro do período máximo permitido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (art.108).

No início de 2005, decidiu-se que o jovem deveria cumprir medida socioeducativa de internação. Pedro, que aguardou a decisão judicial na UIP-6, recebeu a notícia de que seria transferido para a Unidade de Internação 1 (UI-1), complexo do Tatuapé, espaço institucional localizado na zona leste da capital paulista.

Aí o coração bate mais forte. Aí o chicote estrala [o negócio é tenso]. Aí você já começa a perguntar algumas coisas pra residente [adolescente que possui outras passagens pela instituição]. Isso já lá na UIP-6 mesmo. Nós já começa a perguntar: como que é lá? [Reincidente]: você vai pra onde? [Pedro]: eu fiquei sabendo que é Tatuapé, a UI-1. [Reincidente]: a UI-1 é grave, gravíssimo. Ali é tranca, ali o chicote estrala, ali só vai residente, essas coisas, delito considerado grave, gravíssimo. Quando você chegar lá, os caras [os disciplinas] vão passar a caminhada [orientações sobre o modo de funcionamento da unidade].

2.2 UI-1: a porta de entrada para as unidades dominadas

Chegando lá, primeiramente foi os funcionário que conversou comigo. Depois que você atraca [entra] pro pátio, vai ver barraco [quarto] essas coisas, aí cola os faxina, pergunta sua caminhada⁸⁸ e começa a explicar: é o seguinte, a cadeia é o certo pelo certo⁸⁹, entendeu? A caminhada vai ser o seguinte, respeito pra quem respeita. Nós somos contra a opressão e você vai caminhar dessa forma aqui, vai ter seu barraco e o seguinte, não pode ratar [roubar algo de outro interno]. Se ver alguma coisa, não viu. Se correr certinho, nós pode conversar pra você ter um espaço aí na frente da

⁸⁸ Nesse caso, *caminhada* refere-se ao histórico do adolescente no crime.

⁸⁹ Para meus interlocutores, *o certo* é o *Comando*. Como afirma Pedro, *correr pelo certo é correr pelo Comando*, ou seja, é estar lado a lado dos *irmãos* e seguir as suas orientações.

situação. E o negócio é esse, não ratear, não pagar de nada [fazer nada de errado] na visita. Se precisar de alguma coisa, chega nos faxina, não chega em funcionário.

Apesar de receber alguns informes dos agentes institucionais, nota-se que a chegada de Pedro à Unidade de Internação 1 difere dos acontecimentos que antecederam a sua inserção na Unidade de Atendimento Inicial. De fato, para os integrantes do corpo funcional da UI-1 não há como proferir a expressão *aqui quem manda é nós*, pelo simples motivo de que tal assertiva destoaria da dinâmica intramuros.

As agressões físicas, que marcaram a passagem de meu interlocutor pelos espaços de internação do complexo Brás, na UI-1, assim como em todas as *cadeias dominadas*, procuram ser evitadas pelos funcionários. Afinal, tais abusos institucionais podem causar reações imediatas por parte dos *disciplinas* como, por exemplo, a paralisação de todas as atividades realizadas na *cadeia*, acontecimento que gera efeitos indesejados à própria instituição, na medida em que as Organizações Não Governamentais que atuam junto aos adolescentes pressionam a administração da unidade para que as atividades voltem ao normal⁹⁰.

Ao ingressar na UI-1, mais especificamente, no pátio da unidade, Pedro trava os primeiros contatos com os *faxinas*. Em poucos instantes, recebe algumas orientações sobre o funcionamento da *cadeia*. Nas *unidades dominadas* é comum os *faxineiros* adotarem tal procedimento. Sua *caminhada* também é avaliada. Os *faxinas* sempre procuram obter informações acerca do histórico do novo interno. Esse modo de atuação faz com que os adolescentes indesejáveis, também conhecidos como *vermes* ou *pilantras*, sejam mantidos longe do *convívio*⁹¹, de preferência, no *seguro*⁹². Além disso, é nesse momento que os *faxinas*, ao tecerem considerações sobre a *caminhada* dos recém-chegados, selecionam aqueles que poderão *somar com a disciplina*⁹³. Tais adolescentes passam a ser observados, sendo que

⁹⁰ Quando os *disciplinas param a cadeia* significa que todas as atividades desenvolvidas dentro da Unidade de Internação são temporariamente interrompidas, desde os cursos culturais e profissionalizantes até as aulas do ensino formal. Os internos também se recusam a comparecer aos atendimentos realizados por psicólogos e assistentes sociais. Além disso, quando a *cadeia tá parada* os adolescentes rejeitam a alimentação, acontecimento que, se duradouro, provoca a rápida mobilização de defensores dos direitos humanos. Nesse sentido, vê-se que a iniciativa de *parar a cadeia* configura-se como uma importante estratégia adotada pelos internos no que concerne ao jogo de forças travado com os agentes institucionais.

⁹¹ Espaço destinado àqueles que *correm pelo certo*, ou seja, que seguem as diretrizes do PCC.

⁹² Os *seguros* são espaços institucionais mantidos fora das Unidades de Internação. Ao mesmo tempo, essa categoria remete aos internos que cometeram atos considerados inaceitáveis pelos outros adolescentes, tais como estupro e desrespeito à visita alheia. No que concerne ao modo de atuação dos *faxinas*, vale notar que Karina Biondi aponta para a existência de um movimento semelhante em unidades prisionais nas quais os *irmãos* atuam. “Para garantir que nenhuma das pessoas não aceitáveis no *convívio* habite as *Cadeias de* [sic] *Comando*, os *irmãos* fazem uma espécie de triagem com os presos recém-chegados” (BIONDI, 2010, p.94, grifo da autora).

⁹³ *Somar com a disciplina*, nesse caso, significa tornar-se *disciplina*.

muitas vezes mudam-se para o *barraco* dos *faxineiros*.

De fato, nota-se que o conhecimento sobre o modo de operação do *Comando*, o crime praticado⁹⁴ e os contatos estabelecidos no *mundão* caracterizam-se como elementos centrais no que concerne ao histórico do futuro *disciplina*⁹⁵. No caso de Pedro, por exemplo, é preciso atentar para o fato de que o adolescente fazia parte de um grupo de assaltantes que, como vimos, contava com a participação de *primos* e *irmãos* do PCC. Desse modo, torna-se evidente que o jovem já conhecia as diretrizes do *Comando* antes mesmo de sua inserção na Fundação CASA. Além disso, mantinha relações com membros do *Partido*. Caso fosse necessário, poderia entrar em contato com os seus *parceiros*. Como sugere meu interlocutor, o adolescente da *população* que possui contatos com os *irmãos* *ganha um ponto a mais*⁹⁶.

Com tal reflexão, não pretendo sugerir que o processo de constituição do *disciplina* esteja vinculado apenas às considerações tecidas sobre a sua *caminhada*. Afinal, há todo um sistema interno de aprendizagem. O possível *disciplina*, ao mesmo tempo em que recebe instruções, é incessantemente avaliado por todos aqueles que estão na *frente da cadeia*.

Às vezes, eles [os disciplinas] destacavam um adolescente da população pra presenciar a ideia da cadeia, dar a sua opinião. Aí os caras avaliavam qual era a sua visão do certo. Não é porque o cara é da minha quebrada que ele sobe. Diferente de um tempo ali em Franco da Rocha que foi assim. Eu até brigava com isso porque não pode pô. Tinha quatro nego daqui de Indaiatuba lá em Franco e nenhum deles eu subi, no tempo que eu tava na frente do negócio. Às vezes, os cara colocava nego de quebrada que chega hoje, amanhã já é faxina e não sabe nem qual é a situação (Pedro).

O que leva o mesmo [o recém-chegado] a somar na disciplina é o dia a dia, que sempre é colocado na balança. É ele ter uma caminhada correta. É ele colocar em prática tudo o que aprendeu dentro da unidade (piloto da UI-37, complexo Raposo Tavares).

⁹⁴ Vale salientar que os adolescentes das distintas Unidades de Internação adotam uma espécie de sistema classificatório em relação aos crimes praticados. Delitos como sequestro, assalto a banco e roubo de carga são valorizados pelos internos. De fato, aquele que rouba para consumir drogas, também conhecido como *nóia*, assim como um simples batedor de carteira, tem poucas probabilidades de tornar-se *disciplina*.

⁹⁵ Caso o adolescente seja reincidente, isto é, tenha outras passagens pela instituição, sua trajetória dentro da Fundação CASA também é um elemento importante a ser considerado.

⁹⁶ Se atentarmos para a narrativa de outros adolescentes, associados à posição de liderança no contexto das *unidades dominadas*, veremos que o contato estabelecido com integrantes do Primeiro Comando da Capital configura-se como um traço importante de suas respectivas *caminhadas*. Certa vez, ao questionar um dos *pilotos* da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares, sobre o processo que havia marcado a sua inserção no grupo de *disciplinas*, o adolescente enfatizou que: *antes de ser preso eu já colava com os caras [do PCC], já tinha uma visão do certo*. Tais considerações me permitem afirmar que alguns adolescentes, antes mesmo de ingressarem em uma *unidade dominada*, podem ser considerados *disciplinas* em potencial, tamanha a importância de alguns elementos que constituem as suas trajetórias.

Após um mês de avaliação, Pedro recebe o *convite* para *somar com a disciplina*⁹⁷. Torna-se um dos *setores da limpeza*. Os adolescentes que ocupam tal posto são os responsáveis pela limpeza de toda a unidade, exceto os quartos, atividade desempenhada por seus respectivos moradores, e o refeitório, função atribuída aos *setores da bóia* que, além disso, distribuem a alimentação para todos os adolescentes. Por sua vez, os *setores do esporte* organizam os campeonatos de futebol e os torneios de dominó. Solicitam brindes aos funcionários para a premiação dos vencedores. Reúnem os internos que frequentam a escola, assim como os adolescentes que participam dos cursos culturais e profissionalizantes oferecidos por Organizações Não Governamentais. Na medida em que exercem inúmeras atividades, os *setores do esporte* também são conhecidos como o *motor da cadeia*.

Vale ressaltar que o fato de Pedro ocupar o posto de *setor da limpeza*, não o isenta de avaliações. Pelo contrário, os *setores* são constantemente observados por todos os *disciplinas*, em especial, pelos *faxineiros*. A conduta do adolescente passa a ser decisiva. Suas ações, ao mesmo tempo em que podem determinar o afastamento da liderança⁹⁸, podem proporcionar o deslocamento pela hierarquia.

(...) *começou a canta bonde*⁹⁹ *pra Tupi, os maiores de 18 anos pra cima ia pra Tupi*,¹⁰⁰ *foi quando deu uma enxugada geral na faxina. Foi quando deu uma desarticulada na disciplina geral dali e teve que dar uma renovada, foi quando surgiu um convite pra mim [subir pra faxina].*

⁹⁷ Na época em que o adolescente esteve internado no complexo do Tatuapé, no sentido ascendente, existiam os seguintes postos hierárquicos: *setor da limpeza, setor da bóia, setor do esporte, faxina, toque da cadeia, toque geral e torre*. No início de 2006 surgem os *encarregados*, adolescentes que, entre outras funções, avaliam as atividades desenvolvidas pelos *faxineiros*. No mesmo período, o termo *setor* desapareceu das narrativas de meus interlocutores, sendo que as funções desempenhadas pelos antigos *setores* passaram a ser executadas pelos *faxinas*. Segundo Pedro, tais mudanças são decorrentes de algumas alterações que ocorrem nas unidades prisionais orientadas pelas diretrizes do PCC. *Muda lá, muda aqui. Porque pra te falar a verdade a Febem é uma cadeia só que em menor grau, entendeu?*

⁹⁸ Certa vez, um interno da UI-29 contou-me que havia sido afastado da *faxina* por ter xingado um funcionário. Disse ao jovem que não estava entendendo o seu argumento. Ele, então, respondeu que os *faxinas* não devem perder o controle e brigar com os funcionários. Devem manter-se calmos e dialogar com eles. Vale notar que há alguns casos em que os adolescentes não são afastados, mas também não ascendem, permanecendo no mesmo posto até que surja uma nova oportunidade de deslocamento.

⁹⁹ Quando *canta o bonde* para algum adolescente significa que ele será transferido de unidade.

¹⁰⁰ No dia 18 de março de 2005, Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo, anunciou a transferência de mais de 700 adolescentes de diversos complexos da instituição, com idades entre 18 e 21 anos, para uma penitenciária localizada em Tupi Paulista, interior do estado. Vale lembrar que no dia 14 de março, 240 internos do complexo de Franco da Rocha já haviam sido transferidos para um presídio de segurança máxima em Taubaté. Tais medidas teriam sido adotadas para controlar a crise pela qual passava a instituição, que na época sofria com a ocorrência de sucessivas rebeliões. É importante salientar que os adolescentes transferidos para o sistema prisional passaram para a responsabilidade da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (PENTEADO, 2005).

Momento de passagem. Após a transferência de algumas lideranças¹⁰¹, surge uma oportunidade para que Pedro possa torna-se *faxina*. No entanto, uma atitude indevida, tomada ao longo de uma reunião entre todos os internos da unidade, impossibilitou a sua ascensão. O adolescente, ao retomar os argumentos proferidos pelo jovem que ocupava o posto de *toque*, reconhece que naquele momento não estava preparado para assumir tal responsabilidade.

Teve um fato que contribuiu pra mim não ir porque eu não tava preparado, foi uma ideia geral da cadeia, entendeu? Eu dei uma ideia totalmente contrária da cadeia, só eu e mais dois, isso daí me deu uma queimada ali dentro, tanto que eu tomei uma comida de rabo depois. É, o toque [da cadeia] falou: ó, presta atenção nas suas ideias que você foi contra a opinião geral, entendeu? Dá uma refletida aí, dá uma estruturada na sua mente, começa a colar mais nas ideias. Foi até bom eu não ter entrado nessa época porque um erro pode ser fatal. Por exemplo, se eu assumo uma responsabilidade dessa [subir pra faxina] e dou uma ramelada [cometo algum erro], os caras podem me mandar pra [Unidade de Internação] 5¹⁰².

Em certo sentido, é possível afirmar que Pedro, ao manifestar uma opinião contrária aos internos de toda a unidade, estava, acima de tudo, discordando dos outros *disciplinas*. No limite, ao tomar tal atitude, o adolescente colocou em dúvida os pontos de vista emitidos por todos aqueles associados à posição de liderança¹⁰³. Contudo, vê-se que o erro cometido pelo novato, apesar de impossibilitar o seu deslocamento pela hierarquia, não resultou no afastamento da liderança. Afinal, a *caminhada* do adolescente, aos olhos dos outros *disciplinas*, era correta. Ao invés de afastá-lo da *frente da cadeia*, era o momento de fortalecer o *setor* e transmitir-lhe novas orientações. Os *setores*, por serem considerados menos experientes do que os outros *disciplinas*, podem cometer alguns erros. Obviamente, desde que reconheçam as suas falhas e demonstrem interesse em adquirir novos conhecimentos. Trata-se de um posto no qual os seus ocupantes estão em constante processo de aprendizagem.

Em meados de 2005, durante uma rebelião que contou com a participação de adolescentes das 18 Unidades de Internação do complexo do Tatuapé, a atuação de Pedro mostrou aos *disciplinas* que eles haviam acertado ao conceder-lhe uma oportunidade. A

¹⁰¹ É comum os diretores das distintas *unidades dominadas* adotarem tal procedimento com o objetivo de desarticular a liderança. Lá no Tatuapé, entre o *médio* [unidades do circuito leve e médio] e o *grave* [unidades do circuito grave] já tava uma *sintonia* [comunicação] totalmente estabelecida, uma coisa forte, entendeu? (Pedro). A seguir, enfatizo que esse modo de atuação tem um efeito inverso do esperado.

¹⁰² A Unidade de Internação 5, na época em que Pedro esteve internado no complexo do Tatuapé, era o espaço institucional destinado aos *vermes* e *pilantras*, ou seja, os *seguros*.

¹⁰³ Como ressalta Pierre Bourdieu (1990, p.157), os “pontos de vista são, como a própria palavra diz, visões tomadas a partir de um ponto, isto é, a partir de uma determinada posição no espaço social”.

notícia de que os adolescentes da Unidade de Internação 7 haviam sido agredidos por agentes institucionais se espalhou rapidamente por todo o complexo.

Tendo em vista tal acontecimento, os *disciplinas* de alguns espaços de internação, sobretudo das unidades 1 e 12 que, segundo Pedro, *eram as que mais se destacavam no complexo*, entram em comunicação¹⁰⁴. Afinal, os companheiros de *caminhada*¹⁰⁵ não podem seguir apanhando. Do ponto de vista dos internos, as agressões perpetradas pelos funcionários da UI-7 representam a dinâmica de funcionamento das *unidades na mão dos funça*. Diante desse quadro, é preciso tomar uma atitude. Para tanto, a consulta aos *irmãos* faz-se necessária.

Porque pra você...se você tomar uma atitude errada meu filho é complicado. Não adianta, tem que ter alguém mais estruturado e com um poderio maior pra avaliar suas ideias. Foi quando chegaram e explicaram o que tava acontecendo lá [na UI-7] e os irmãos falou: quer virar essa porra, pode virar. Manda vê.

Após obterem o *aval* de alguns *irmãos*, que transmitem orientações de dentro do sistema prisional ou mesmo de algumas *quebradas* localizadas no estado de São Paulo¹⁰⁶, os adolescentes dos distintos espaços de internação, com o objetivo de contestar o modo de atuação dos funcionários da UI-7, partem para o confronto. A Unidade de Internação 12, espaço institucional no qual encontra-se o *toque geral*, também conhecido como *piloto do complexo*, após a autorização dos *irmãos*, coordena as ações das outras unidades¹⁰⁷. Em poucos instantes, os internos transpõem as muralhas das 18 Unidades de Internação. O complexo do Tatuapé transforma-se em um espaço institucional *dominado*. Aos membros do

¹⁰⁴ Segundo meu interlocutor, tais Unidades de Internação abrigavam os adolescentes mais experientes, isto é, que possuíam uma longa *caminhada*, tanto no crime quanto na instituição. *Tanto que os caras* [os *disciplinas* das unidades 1 e 12] *tinham acesso às outras cadeias [dominadas] e ninguém falava nada*.

¹⁰⁵ Nesse caso, o uso do termo *caminhada* significa que os adolescentes compartilham a mesma situação.

¹⁰⁶ Como enfatizam meus interlocutores, não há um *irmão* específico que transmite orientações. Nesse sentido, a narrativa de Pedro parece-me ilustrativa: *os irmãos são tudo parcelado, do mundão, de penitenciária, de onde os caras* [os *disciplinas*] *tive um acole* [contato]. *Tem vários caras, tipo se você conhece um, eu também conheço outro, então, vamos trocar ideia com os dois*.

¹⁰⁷ Apesar de não ter tido acesso às *dominadas*, Paula Miraglia (2001, p.99) enfatiza que a Unidade de Internação 12 era descrita por adolescentes de outros espaços de internação “como uma ‘unidade dominada’, isto é, estava sob controle dos internos, eram eles que ditavam as regras: não tinham hora para dormir, acordar ou fazer as tarefas cotidianas”. Ainda segundo a autora (2001, p.100), que acompanhou a ocorrência de diversos motins no complexo do Tatuapé, no início da década de 2000, tal unidade “foi o foco inicial das rebeliões por diversas vezes”. Vê-se que a UI-12, muito antes dos acontecimentos descritos por Pedro, já era considerada pelos adolescentes das outras Unidades de Internação como o espaço institucional que abrigava o *toque geral*. Segundo Pedro, a principal responsabilidade daquele que ocupa tal posto é *coordenar*. *Se tiver 10 unidade ali no mesmo complexo ele é toque geral de tudo. Ele que planeja uma fuga em massa. Se tiver, por exemplo, que chegar ao ponto de matar alguém tem que chegar nele para ele ficar ciente. Tudo que é relacionado à cadeia dele e às outras do mesmo complexo, que vai englobar de modo geral todo mundo, ele é que dá a palavra final*.

corpo funcional, sobretudo àqueles que praticaram as agressões, só resta fugir. Já para os *seguros*, a situação é ainda mais tensa. Na medida em que estão presos no interior da Unidade de Internação 5, não há para onde correr.

Foi quando tudo começou, quando oprimiram a UI-7 lá em cima, né? Foi isso que deu origem à mega rebelião, tão famosa que teve trator e o caramba a quatro. Eu tava do lado daquele trator que ia sair pra fora, que os caras tava querendo jogar no portão. Aliás, eu tava no toque de frente, tanto que aparece na televisão quatro menor ali jogando pedra na Tropa de Choque, eu tava ali no meio, já dali. Uma parte [dos internos] foi tentar pegar a 5 [UI]. Outra entrou na Denadai, lá dentro tinha Denadai [empresa que fornece alimentos à instituição]. Acabou com tudo, o complexo caiu. Acabou com tudo, 2 mil menor praticamente ali naquele quadrilátero. Teve choquinho que tomou uma pá de facada ali dentro. Ali foi uma carnificina.

A narrativa de meu interlocutor ganha contornos de dramaticidade. A rebelião assume proporções inimagináveis. Os internos avançam, tentam invadir a Unidade de Internação 5. Trata-se de uma boa oportunidade para acabar com os *vermes*¹⁰⁸, bem como para destruir todas as *cadeias* do complexo. Ao mesmo tempo, funcionários e integrantes do *Choquinho* são agredidos com paus, pedras e *naifas*. A Tropa de Choque é acionada. Em meio às balas de borracha e às bombas de gás lacrimogênio, Pedro atua com desenvoltura. *Bate de frente com os caras*. Arremessa pedras nos policiais do Batalhão de Choque. Sente orgulho ao ver a sua imagem capturada pelas emissoras de televisão. Sabe que a sua atuação será reconhecida pelos outros *disciplinas*.

Aí foi quando encurralou todo mundo na 12 [UI]. Aí foram separando, mandaram todo mundo ficar de coruja. Foi separando por unidade. Eu voltei pra 1. Eu e voltou mais uns 15 [outros disciplinas] de outras unidades pra ficar lá meio muqueado [escondido] trocando ideia. O toque da 12 [toque geral] também tava muqueado, depois que acharam ele e mandaram pra lá [de volta para a UI-12].

A cena se repete. Os internos são contidos pelos policiais da Tropa de Choque. Apesar da disposição dos adolescentes, com a chegada do *Choque* não há o que fazer. Enquanto os

¹⁰⁸ Além de sofrerem constantes ameaças por parte dos outros internos, vê-se que os *seguros*, também conhecidos como *Jacks*, enfrentam a resistência dos agentes institucionais, que evitam trabalhar com tais adolescentes. “Ninguém quer conviver com o seguro. (...). Fica claro que a situação pedagógica ou sócio-educativa de um elemento desses é complicada, e os professores e psicólogos se apressam em dizer que não é problema deles – quem tem que impor a disciplina são os monitores. (...). De qualquer forma, cabe à Fundação zelar pela integridade física desses elementos. Eles são um desafio para a estrutura da FEBEM. O seguro é fator de instabilidade” (FARIAS; NARCISO, 2005, p.106).

internos arremessam paus e pedras, que atingem apenas os escudos, do outro lado, há bombas de gás lacrimogênio e balas de borracha, incessantemente cuspidas pelas armas calibre 12. Diante de tal situação, só resta ficar de *coruja* e fazer a *formação*, procedimento já conhecido pelos jovens. Pedro, juntamente com outros *disciplinas*, entre os quais, o adolescente que ocupa o posto de *toque do complexo*, é conduzido à UI-1. As lideranças das distintas Unidades de Internação estão reunidas, momento propício para que se reorganizem e elaborem outras ações. Um novo plano é traçado. Os jovens aguardam, esperam o momento ideal para colocá-lo em prática. Com o passar dos dias, alguns internos, que após a rebelião haviam sido enviados para outras unidades, ao serem descobertos pelos funcionários, retornam aos seus respectivos espaços institucionais. As decisões tomadas na Unidade de Internação 1 são transmitidas à *população* de todas as *cadeias*. Resta apenas esperar o sinal que, no momento certo, virá da UI-12.

Eu lembro até o dia, eu lembro como se fosse hoje. O sinal pra começar foi um assobio, de uma unidade pra outra. Começou a assobiar, os cara falou: é agora. Abriu as tranca e todo mundo correu, parecia uma São Silvestre. Nós arrebetamo o portão, foi arrebetando. A 1 foi a segunda unidade a sair, a primeira foi a 15, então, nós ficou na frente. Aí formou um cordão do Choquinho e nós foi. Como tinha meia dúzia de menor eles ainda iam pra cima, mas quando começou a chegar aquele monte de menor o Choquinho já foi recuando, foi a hora que eles começou a soltar escudo e cassetete e a correr. E os portão trancado, aí os cara batia, outros começava a subir. Foi o tempo que chegou aquela leva com bicuda e arrebetava até cadeado, aí foi unidade por unidade. Os portão lá na frente não aguentou. Quando eu tava subindo pra pular, aí chegou uma leva e abriu um portão, abriu outro e todo mundo foi pra rua.

Aí eu fui embora, eles me pegaram ali no terminal [de ônibus], eu não fui nem tão longe. Os busão tudo lotado, um monte de gente, correria, bala, a ROTA tava no meio, você escutava só os estampido de tiro. Foi quando eu entrei por trás do terminal que tem...ali é Belém, ali tem um terminal. Foi quando me pegaram lá. Eu tava escondido e pensei: pronto, os caras vai me matar. Aí entraram lá e me jogaram na viatura. Iam levar pra matar, eles tava conversando entre eles: vamos levar pra matar essas porra aqui. Aí eles começou a entrar numas quebradas, uns bagulho louco. Aí eu falei: nossa senhora, o bicho vai pegar agora. Bom, resolveram levar pra delegacia. Depois disso daí, voltei pra 1 de novo.

O retorno dos fugitivos ao complexo do Tatuapé, tanto para os agentes institucionais quanto para os internos, foi marcado por dificuldades. O espaço de internação, completamente destruído, não oferecia as mínimas condições para que os adolescentes permanecessem internados. Além da falta de segurança, que facilitaria a ocorrência de novas fugas, não

havam colchões, roupas e cobertores. *Tava feio, não tinha colchão, não tinha nada. Pra você ter uma ideia, eu dormi uns dias no refeitório, em cima da mesa.*

Diante das sucessivas fugas e rebeliões, que faziam parte da rotina de tal espaço institucional, o Governo do Estado de São Paulo anuncia o plano de desativação gradual do complexo do Tatuapé. Para Pedro, seria o fim de sua *caminhada* em tal complexo, mudança que resultaria em novas oportunidades de deslocamento pela hierarquia.

2.3 Unidos pela tensão: *disciplinas, funções e população*

Depois de tudo o que aconteceu no Tatuapé, fomos encaminhados pra inauguração da...digamos, nova Franco da Rocha. Nós foi a primeira unidade a chegar. Daí, nessa reestruturação ajuntou, fizeram um selecionado das unidades do Tatuapé. Aí, veio menor da UI-15, veio menor da UI-17 e juntou tudo ali na UI-29. Foi dois ônibus que chegou lá escoltado pela ROTA. Logo na chegada, no terceiro dia, foi estabelecida a liderança. Ali eu comecei como setor da limpeza. O cargo que você tinha na sua unidade ia ser mantido. Ali foi a primeira liderança, que veio o J., o B., esses caras, que não durou muito tempo. Foi uma semana de liderança e mandaram de bonde pra Raposo. Teve outra reestruturação. Depois de um mês, me subiram pra faxina.

A transferência de alguns adolescentes para o complexo de Franco da Rocha, que havia sido totalmente reformado após uma violenta rebelião ocorrida no início de 2005, como podemos ver, não resultou no esfacelamento da liderança. Pelo contrário, em poucos dias, os *disciplinas* transferidos, ao manterem os seus respectivos postos, se reorganizam. Os agentes institucionais, ao perceberem tal movimentação, reagem. Afinal, não desejam voltar a atuar em uma *unidade dominada*. A chegada dos internos ao novo território configura-se como o momento ideal para que os funcionários demonstrem que, pelo menos por enquanto, *quem manda é nós*. Para tanto, boa parte da liderança, que havia se reorganizado, é transferida. *Foi uma semana de liderança e mandaram de bonde pra Raposo* [complexo Raposo Tavares].

Para meu interlocutor, a transferência de seus companheiros significou uma outra oportunidade de transição. De fato, no contexto das *unidades dominadas*, é comum os diretores adotarem tal procedimento. Apesar dos agentes institucionais acreditarem que esse modo de atuação possibilita a dissolução da liderança, nota-se um movimento inverso. Após a transferência de alguns *disciplinas*, aqueles que ficaram se reorganizam rapidamente. Sendo assim, constata-se que os membros do corpo funcional enfrentam os efeitos de uma hierarquia na qual os postos que a constituem, em si mesmos, são vazios. Os atores sociais apenas

transitam, vão e vêm, os postos permanecem¹⁰⁹.

Pedro torna-se *faxina* da Unidade de Internação 29. Além de orientarem os recém-chegados e instruírem os internos que poderão *somar com a disciplina*, os *faxinas*, valendo-se da posição de mediação por eles assumida, atuam como uma espécie de canal de comunicação entre os adolescentes da *população* e os agentes institucionais. Se algum interno necessita de um lápis para escrever uma carta aos seus familiares, deve solicitar o objeto ao *faxina* que, por sua vez, transfere o pedido ao funcionário. O agente institucional segue a mesma lógica, ou seja, entrega o lápis ao *faxina* para que este o repasse ao adolescente da *população*. Tal procedimento, segundo meus interlocutores, além de evitar conflitos desnecessários entre os internos da *população* e os agentes institucionais, impossibilita possíveis delações de planos de fuga. No cotidiano da internação, nota-se que os *faxineiros* são constantemente acionados, tanto pelos internos quanto pelos funcionários. Por esse motivo, são os que mais aparecem no dia a dia da *cadeia*, sendo sempre lembrados pelos agentes institucionais no momento em que é necessário realizar uma transferência. *Todo problema que tem que chegar no funcionário é o faxineiro que toma a frente da situação, tá ligado mano?*

Os *faxineiros*, valorizados pelos jovens da *população*, na medida em que resolvem boa parte dos problemas que os afetam cotidianamente, são extremamente respeitados pelos *setores*, que, por serem considerados menos experientes, recebem orientações dos *faxinas*, mantendo com estes uma relação de aprendizado. Além disso, atuam como uma espécie de braço direito dos adolescentes que ocupam o posto de *toque da cadeia*. Também chamados de *pilotos da cadeia*, são eles os principais responsáveis pelas negociações que envolvem uma determinada Unidade de Internação. Negociam, junto aos diretores, o horário de abertura e fechamento dos *barracos*, solicitam melhorias na infra-estrutura da unidade, reivindicam a entrada de benefícios para todos os internos (roupas do *mundão*, televisores, etc).

Se os problemas enfrentados pelos adolescentes afetam todas as unidades existentes em um mesmo complexo, então, a responsabilidade recai sobre o *toque geral*, também conhecido como *piloto do complexo*. Apesar de permanecer em uma *cadeia* específica, como no caso da Unidade de Internação 12, o *toque geral* é responsável pela totalidade do espaço institucional. Ao discorrer sobre as relações estabelecidas entre o *toque da cadeia* e o *toque*

¹⁰⁹ Movimento semelhante é apontado por Karina Biondi. A autora (2010, p.109-110, grifo da autora) enfatiza que “na dinâmica do PCC existem posições políticas específicas que exacerbam e colocam em evidência as habilidades dos *irmãos*. Trata-se das funções do *piloto*, do *faxina* e a figura da *torre* que, longe de constituírem postos vitalícios ou atributos definitivos, (...) são ocupadas de forma transitória, o que lhes confere certa instabilidade e maleabilidade”.

geral, Pedro enfatiza que no complexo do Tatuapé *cada unidade tinha o seu toque da cadeia. Era aquele sistema de hierarquia, eles respondia o que vinha do toque geral da 12*¹¹⁰.

De fato, aqueles que são reconhecidos como *toque da cadeia* e *toque geral* são as figuras associadas à posição de prestígio e poder no contexto das *dominadas*. Ao observar o deslocamento de tais atores pelo espaço institucional, nota-se que os *toques*, diferentemente dos *setores*, encarregados de realizar as atividades braçais no cotidiano da internação, tal como a limpeza dos banheiros, permanecem com as roupas sempre impecáveis, ainda que sejam os uniformes institucionais. Tal constatação deve-se ao fato de que *nóis trabalha com a mente* (*piloto* da UI-29, complexo de Franco da Rocha). Os *pilotos*, ao contrário dos *faxinas*, pouco aparecem no cotidiano da *cadeia*. São discretos. Em geral, permanecem dentro de seus *barracos*, sendo acionados apenas nas ocasiões em que é necessário solucionar as *fitas de mil grau*, isto é, as situações mais complexas. O celular, instrumento fundamental no contexto das *dominadas*, na medida em que possibilita o contato com os *irmãos* do *Comando*, permanece sob o controle dos *pilotos*, o que não significa que outros *disciplinas* não possam utilizá-lo¹¹¹.

Se atentarmos para as atividades cotidianas realizadas pelos *disciplinas*, veremos que tais adolescentes são os principais responsáveis pelo funcionamento da *cadeia*. Nesse sentido, faz-se necessário refletir acerca da seguinte questão: como os agentes institucionais lidam com o fato de que, nas *unidades dominadas*, a gestão da ordem fica por conta dos *ladrões*? A narrativa abaixo, emitida por uma funcionária do setor pedagógico da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares, parece-me ilustrativa.

É tão difícil falar sobre isso. É...eu acho que...uma coisa que a J. falou hoje pra gente e eu acho que é isso. A gente quer trabalhar em condições ideais de trabalho. Eu não sei, eu sempre vi uma polaridade na Febem. Sempre foi tudo ou muito rígido demais ou frouxo demais e eu nunca acreditei em nenhum desses dois lados, mas também eu

¹¹⁰ Diferentemente do complexo do Tatuapé, no período em que realizei a pesquisa de campo em Franco da Rocha, pude notar que cada Unidade de Internação contava com o *toque da cadeia* e, ao mesmo tempo, com o *toque geral*. Desse modo, em todas as unidades haviam adolescentes responsáveis pela *cadeia* e adolescentes responsáveis pelo complexo. Ao longo da pesquisa, pude constatar que em determinados momentos a distinção entre *toque geral* e *toque da cadeia* não era mencionada. Os adolescentes se referiam apenas ao posto de *toque*, também conhecido como *piloto*. Tendo em vista as constantes variações com as quais deparei-me durante a pesquisa, no presente trabalho, opto por seguir as narrativas de meus interlocutores e mobilizo os postos hierárquicos de acordo com o espaço institucional sobre o qual me debruço. Vale ressaltar que conforme se avança na hierarquia, o número de adolescentes diminui, característica marcante de todas as formações hierárquicas. Em Franco da Rocha, em meados de 2006, na UI-29, haviam 12 *setores*, 8 *faxinas*, 2 *encarregados*, 2 *toques da cadeia* e 1 *toque geral*.

¹¹¹ Com tal assertiva, não pretendo sugerir que tais aparelhos sejam utilizados pelos internos apenas para entrar em contato com os *irmãos* do *Partido*. Em algumas conversas travadas com os adolescentes, torna-se evidente que os celulares também são utilizados para outros fins como, por exemplo, manter contato com as mães, as namoradas e os amigos da *quebrada*.

nunca vi uma prática diferente disso. Nenhuma unidade...eu só trabalhei na 38, mas eu conheço muita gente que trabalha em muitos outros lugares, eu não conheço ninguém, ninguém que tenha falado alguma coisa diferente disso. Essa organização, durante muito tempo na 38, tem três anos e meio praticamente que eu tô aí, sempre na mesma unidade e praticamente com a mesma equipe de trabalho, teve mudança de coordenador essas coisas, mas...eu sempre vi que...que ela era prática durante algum tempo. Ela funcionou porque a gente conseguia fazer muitas coisas e...você falar que a organização deles não viabiliza o nosso trabalho é mentira porque ela viabiliza, ela facilita o nosso trabalho. É como você chegar pra chamar um grupo [de adolescentes] e você não ter que ficar arrebatando a sua garganta pra chamar os meninos que vão participar daquele grupo. Você simplesmente entrega o papelzinho [para os disciplinas] e fala: táí, faz pra mim? Aí o menino faz o trabalho braçal pra você e você fica mais com a parte intelectual. Não acho que isso seja o ideal. Esse tipo de organização faz a gente não querer melhorar o nosso trabalho porque também é nossa parte fazer isso, também é nossa parte organizar tudo isso. Mas, de certa forma, às vezes é mais fácil trabalhar assim e às vezes só é possível trabalhar assim, como eu tenho vivido até então.

Eu não sei, eu acho que a casa na mão dos meninos é...representa muito, se a gente for pensar no ideal da Fundação que é ressocializar o menino, é óbvio que a gente sabe que isso na prática não rola, mas eu acho que uma casa na mão [dos meninos], ressocializa muito menos porque a cultura que se implanta lá dentro não é de: a gente pode fazer algo diferente quando sair daqui. A cultura que se institui lá é: quando a gente sair, a gente vai viver a vida do crime mesmo. Não sei, eu acho que se for pensar é mais ou menos isso, é só uma reprodução daquilo que eles já estão cansados de ver lá fora, não representa alguma coisa de novo, alguma coisa diferente que a gente pode trazer pra eles.

O depoimento acima deve ser compreendido tendo-se em vista a posição institucional ocupada pela funcionária que o concedeu. Apesar de reconhecer que a atuação dos *frente da cadeia* facilita o trabalho desenvolvido pelo setor pedagógico, nota-se a insatisfação de minha interlocutora, que reconhece a impossibilidade de afastar os adolescentes da prática de crimes, sobretudo quando estes cumprem medida socioeducativa em uma *unidade dominada*. *A cultura que se institui lá é: quando a gente sair, a gente vai viver a vida do crime mesmo.*

Vale ressaltar que o trabalho desenvolvido pelo *pedagógico*, como também é conhecido tal setor institucional, interessa aos *disciplinas*. Afinal, o material disponibilizado por tais funcionários (cadernos, lápis, folhas de papel sulfite, etc), bem como as atividades propostas, que englobam oficinas de origami e costura, entre outras, contribuem com as lideranças, na medida em que uma das principais atribuições de tais adolescentes é não deixar a *cadeia parada*, isto é, sem atividades à *população*, exceto nas ocasiões em que há motivos para pressionar a direção da unidade.

Em momentos de tensão, quando, por exemplo, as rebeliões tornam-se iminentes, os funcionários do setor pedagógico, sobretudo as *senhoras da pedagogia*, são impossibilitados de acessar o espaço de internação, atitude que aponta para a proteção dos *disciplinas* em relação a tais agentes institucionais.

Olha...vou falar francamente um negócio pra você. Com a liderança era uma faca de dois gumes. Pelo seguinte, era muito mais seguro você trabalhar dentro de uma unidade com a liderança deles do que hoje sem a liderança. Porque a liderança ela se mostrava. Ela era clara e objetiva. Ela te deixava trabalhar e ela não te traía (...). Não havia traição por parte dos meninos com os educadores, com os educadores tá, e não com os funcionários [agentes de segurança]. Porque os funcionários eles odiavam e se eles pudessem fazer um churrasquinho, eles faziam. Nós tínhamos muito mais segurança do que agora. Porque quando eles queriam fazer alguma coisa, eles mandavam a gente sair do pátio. Era a primeira coisa que eles faziam (ex-funcionária do setor pedagógico da UI-29, complexo de Franco da Rocha, que atualmente trabalha em uma unidade na mão dos funça).

Obviamente, a proteção dos *disciplinas* em relação aos membros do setor pedagógico, sobretudo nos momentos que antecedem os motins, não significa que os contatos travados entre tais atores não sejam marcados pelo conflito. Certa vez, ao ingressar no pátio do Internato de Franco de Rocha, pude notar que um *faxineiro* conversava com uma funcionária de tal setor institucional. O adolescente, visivelmente irritado, reclamava que algumas folhas de papel sulfite que lhe pertenciam, após serem levadas ao *pedagógico*, haviam desaparecido. A funcionária, que afirmava desconhecer a existência de tal material, enfatizava que a responsabilidade não era dela. O *faxina* insistia, ressaltando que o setor pedagógico era responsável por guardar as produções dos internos. Ao perceber que o diálogo não estava surtindo o efeito desejado, o adolescente resolveu tomar outra atitude: *ai senhora, se não agilizar essas folhas, vai tomar cadeirada*. A *senhora da pedagogia*, como também são conhecidas as mulheres que atuam em tal setor, ao ouvir a ameaça, retirou-se do pátio. Tal acontecimento evidencia que o fato dos *disciplinas* manterem boas relações com os integrantes do setor pedagógico, principalmente se considerarmos a qualidade dos vínculos estabelecidos entre os jovens e outros funcionários, não resulta na eliminação das tensões.

De fato, as relações estabelecidas entre os *disciplinas* e os membros de tal setor institucional provocam críticas por parte de outros funcionários. Para os agentes de segurança, por exemplo, responsáveis pela vigilância interna dos espaços de internação, bem como pelo acompanhamento dos adolescentes nas atividades realizadas fora das unidades, os integrantes

da pedagogia são conhecidos por *pagar madeira pra ladrão*¹¹². Em geral, tais funcionários dificultam a entrada dos materiais fornecidos pelo setor pedagógico, procedimento que gera inúmeros embates com as lideranças.

Os *funça de pátio*, como também são conhecidos os agentes de segurança, permanecem em locais específicos¹¹³, apenas observando o movimento dos adolescentes, em especial, dos *disciplinas*. Sabem que manter uma boa relação com as lideranças, o que nem sempre é possível, na medida em que exercem determinadas funções que potencializam os conflitos, tal como o trancamento dos internos em seus respectivos quartos no período noturno, é fundamental. Afinal, durante as rebeliões, diferentemente dos membros do setor pedagógico, são os primeiros a serem conduzidos ao telhado da *cadeia*, muitas vezes sendo arremessados pelos adolescentes. Se nas unidades do Complexo Brás, tais agentes institucionais são considerados torturadores em potencial, que controlam o espaço de internação, nas *unidades dominadas*, são vistos pelos *disciplinas* como incapazes de retomar o domínio da *cadeia*. O relato abaixo, extraído de meu caderno de campo, ilustra a qualidade das relações travadas entre tais atores.

Partimos para a última sessão do ensaio fotográfico, no qual os adolescentes estão produzindo os seus próprios retratos. Uma cena específica chama atenção. Tiramos fotografias individuais quando chega a vez de um dos *pilotos da cadeia*. O adolescente, com a roupa impecável, acaba de sair do banho. Nota-se que o jovem preparou-se para tal acontecimento. O interno escolhe o fundo em que será retratado, um grafite estampado em uma das paredes, com o desenho de uma favela. No local, sentados em um banco, há três agentes de segurança. De fato, há espaço suficiente para que a imagem seja feita, ou seja, não há necessidade que os funcionários deixem os seus respectivos lugares, mesmo porque estão na frente de uma pequena parte do grafite. No entanto, o *piloto* se aproxima e diz: *dá licença aí senhor*. Os três funcionários, apesar de demonstrarem certo descontentamento, se levantam. Um dos agentes de segurança, que veste uma camiseta com a palavra AGENTE estampada em suas costas, parecida com algumas roupas que são utilizadas pela polícia civil, diz alguma coisa. Não consigo ouvir o que é dito pelo funcionário. Contudo, o *piloto* para quem foi dirigida a fala, se manifesta: *tá louco, pra que que eu vou querer uma foto com o senhor?* O jovem que está atrás da câmera se posiciona para tirar a imagem. No entanto, antes de Robson apertar o botão, um interno passa em frente à lente da máquina fotográfica. Trata-se de um *faxina do esporte*. O *faxineiro* volta-se para os adolescentes que acompanham a sessão fotográfica e diz: *bate uma foto desse funça aqui* [se referindo ao mesmo agente de segurança] *que eu vou pegar ele quando eu sair daqui*. O funcionário, ao ouvir tal

¹¹² O mesmo que *pagar pau*, puxar o saco, fazer de tudo para agradar.

¹¹³ Na Unidade de Internação Adoniran Barbosa (UI-3), localizada no complexo da Vila Maria, ao longo do período em que realizei a pesquisa de campo, entre julho de 2006 e março de 2007, pude notar que tais agentes institucionais permaneciam sentados em cadeiras localizadas no canto direito do pátio, espaço que, segundo os *disciplinas*, era definido por eles mesmos.

ameaça, caminha em minha direção e, em baixo tom de voz, responde: *isso se eu não pegar ele antes* (Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares).

Ainda que as relações estabelecidas entre os agentes de segurança e os *disciplinas* sejam atravessadas por tensões e conflitos, vê-se que tais atores procuram evitar as agressões físicas, acontecimento que, quando ocorre, provoca efeitos indesejados para ambos os lados. Os agentes de apoio, como também são conhecidos os *funça de pátio*, sabem que uma possível agressão aos internos das *unidades dominadas* pode resultar em consequências dolorosas, entre as quais, a impossibilidade de retornar ao espaço de internação e a revolta dos adolescentes, que, após consultarem os *irmãos*, podem partir *pro arrebento*¹¹⁴. Por sua vez, nota-se que os *disciplinas*, sempre que possível, evitam o confronto direto com tais agentes institucionais, mesmo porque enfatizam que o mais importante é manter a *cadeia* sob o domínio dos internos, objetivo que deve ser alcançado por meio do diálogo e não pelo uso da força¹¹⁵. Em outras palavras, trata-se de assegurar a manutenção do quadro institucional, afinal, não há motivos para colocar em risco o que, aos olhos das lideranças, *é tudo nosso*¹¹⁶.

Em *Cadeia de chocolate*, publicação produzida por Paulo Farias e Laércio Narciso, funcionários que atuaram como agentes e coordenadores da área de segurança, estes últimos responsáveis pela atuação dos primeiros, constata-se que tais atores, além de não receberem treinamento específico por parte da instituição¹¹⁷, são reconhecidos pelos internos como

¹¹⁴ *Ir pro arrebento* é o mesmo que dar início a uma rebelião. Segundo os internos, momento propício para acertar as contas com os agentes institucionais que oprimem os adolescentes. Apesar do número de rebeliões ter caído significativamente ao longo dos últimos anos, acontecimento sobre o qual me debruço em seguida, para os integrantes do corpo funcional, o medo dos motins é constante.

¹¹⁵ Os *disciplinas* reconhecem que partir para o confronto com os agentes institucionais não constitui uma boa estratégia, já que a agressão aos funcionários, entre outras coisas, pode ocasionar a perda de alguns benefícios que foram conquistados após longas negociações com o diretor da unidade (a possibilidade de utilizar roupas do *mundão*, o direito de passar gel no cabelo, a redução do tempo disponibilizado às *visitas*, etc). *Tem que agir na inteligência né senhor. Os funça têm medo que nós saia da cadeia justamente porque com nós aqui não se agride funcionário (piloto da UI-38, complexo Raposo Tavares).*

¹¹⁶ Expressão utilizada pelos internos que cumprem medida socioeducativa nas *unidades dominadas*.

¹¹⁷ Nota-se que o treinamento oferecido aos funcionários recém-contratados é alvo de inúmeras críticas por parte dos integrantes dos distintos setores institucionais. *Olha...aquela semana de treinamento que eles dão, aquilo não vale pra nada. Todas as informações que eles deram pra gente, naquele curso, eram coisas que não existiam mais. Só para te dar um exemplo: a questão do lápis. Diziam que você não podia dar um lápis na mão do menino porque ele podia pegar e enfiar o lápis no ouvido, no olho do outro. Isso foi a mentira mais deslavada que eu já ouvi na minha vida. Eu já vi o Pedro quebrar um monte de lápis só de raiva, mas alguém pegar um lápis e fazer alguma coisa, eu nunca vi isso. Então, tudo o que eles falaram naquele curso foi fantasioso* (funcionária do setor pedagógico, UI-29, complexo de Franco da Rocha). As narrativas dos funcionários evidenciam que não há nenhuma preparação específica destinada àqueles que irão atuar nas *unidades dominadas*, principalmente porque a cúpula da instituição nega a existência de lideranças entre os adolescentes. Vale ressaltar que no complexo Brás já houveram casos em que os adolescentes utilizaram um lápis para agredir outros internos. Nesse sentido, vê-se que o treinamento disponibilizado pela instituição baseia-se no modo de funcionamento das unidades que são consideradas como modelo, isto é, as *unidades na mão dos funça*.

adversários, antes mesmo de ingressarem nas Unidades de Internação.

(...) no primeiro dia sentiu que não estava preparado para lidar com a complexidade do serviço – a lida diária com adolescentes que praticaram violência, que sofreram violência, e que viam a ele e aos seus colegas como inimigos. Não recebera nenhum treinamento maior, nenhuma orientação mais aprofundada, de como enfrentar esse desafio. 'Menor então vai pra cadeia?', ele lembra de ter se perguntado, porque não tinha ilusão alguma de que aquela unidade fosse outra coisa além de uma *cadeia*. Só mais tarde viria a saber que alguns desses menores haviam cometido crimes hediondos, ou estavam ali como reincidentes (FARIAS; NARCISO, 2005, p.32-33, grifo do autor).

Os *funça de pátio*, que se dividem em turnos de 12 horas, sendo os agentes institucionais que permanecem por mais tempo ao lado dos adolescentes, o que, por si só, reforça a animosidade existente entre tais atores, atuam como aliados dos diretores, uma vez que representam os olhos da administração no interior da *cadeia*. Contudo, vale notar que as relações estabelecidas entre a diretoria e os agentes de apoio também são marcadas pela tensão. Ao mesmo tempo em que os diretores necessitam das informações transmitidas pelos agentes e coordenadores da área de segurança, já que não costumam acessar os espaços de internação com tanta frequência, os reflexos das negociações travadas entre a diretoria e os *disciplinas* recaem, sobretudo, sobre os *funça de pátio*, o que gera desentendimentos entre os ocupantes de tais posições institucionais. Quando os diretores, por exemplo, negam a solicitação dos *disciplinas* para que os *barracos* permaneçam abertos no período noturno, a responsabilidade por assegurar que tal ordem seja cumprida cabe aos *funça de pátio*, taxados pelos adolescentes de *pau mandado*.

Em relação aos diretores, nota-se que a atuação dos *disciplinas* nos espaços de internação, da mesma forma em que simboliza uma ameaça à manutenção de seus respectivos cargos, já que a existência de lideranças é considerada como inaceitável pela presidência da instituição, auxilia na administração dos problemas cotidianos. Ao questionar o diretor de uma *unidade dominada* sobre o papel exercido pelos *disciplinas*, tal agente enfatizou que: *se eu não tiver a liderança lá embaixo, eu tô fodido*. Meu interlocutor, que ao assumir o cargo de diretor atuava como integrante da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP) e que, portanto, já conhecia o modo de operação das *cadeias do Comando*, apesar de reconhecer que as atividades desempenhadas pelos *disciplinas* facilitam o trabalho desenvolvido pelos distintos agentes institucionais, faz questão de salientar que: *se a presidente souber que eu reconheço a liderança, eu tô fora da FEBEM*. Nesse sentido, nota-se

a posição incômoda ocupada por tais agentes institucionais. Não podem reconhecer a existência das lideranças, sobretudo perante os integrantes da cúpula institucional, mas sabem que a atuação dos *disciplinas* contribui para o bom funcionamento da *cadeia*. O relato abaixo, extraído de meu caderno de campo, torna evidente a importância dos *disciplinas* para os diretores das distintas *unidades dominadas*.

Saí do pátio e fui conversar com Carlos, coordenador pedagógico da Unidade de Internação 38. O objetivo era questioná-lo sobre a possibilidade de montar uma biblioteca com os adolescentes da unidade, espaço em que os jovens poderiam grafitar as paredes, colar imagens fotográficas, etc. Ao propor tal atividade, que seria concluída em alguns meses, o coordenador colocou alguns empecilhos, entre os quais, a inexistência de uma sala para tal fim. Disse que existiam três salas livres dentro do pátio, mas que estavam sob controle das lideranças. Segundo ele e Lia, que também é funcionária do setor pedagógico, uma sala é usada para os adolescentes assistirem televisão, uma outra é utilizada pelos *bóias* e há uma terceira utilizada pelos *esportes*. Destaco que *bóias* e *esportes* são termos que se referem aos *faxinas* da unidade. Quando o coordenador mencionou a terceira sala, sorriu e disse: *é ali que acontecem as reuniões do comando*. A partir daí, começamos a conversar sobre a liderança dos jovens e percebi que a todo o instante o coordenador se esquivava, principalmente quando perguntei se ele sabia quem eram os líderes da unidade. Carlos sorriu e desconversou. Continuamos falando sobre a sala e percebi que a todo o momento a conversa girava em torno dos *disciplinas*. Lia soltou: *tudo bem, mas quem me garante que esse espaço não será apropriado pela meia dúzia de sempre* [se referindo às lideranças]? Continuamos a conversa e acabei perguntando para o coordenador o que ele achava da liderança exercida pelos adolescentes. Para a minha surpresa, ouvi o seguinte: *se não fosse eles, a coisa não funcionava*. Para complementar tal afirmação, o coordenador forneceu-me um exemplo ilustrativo. Carlos enfatizou que certa vez iria ocorrer uma visita de uma supervisora do ensino formal e que ninguém estava frequentando a escola, o que constituía um problema sério para a direção da unidade. Foi então que a diretoria da UI-38 chamou alguns internos para conversar [os *pilotos*] e no dia seguinte o problema estava totalmente resolvido, ou seja, todos os adolescentes haviam retornado à escola. Carlos, apesar de não mencionar a contrapartida oferecida aos adolescentes, ainda concluiu: *aqui funciona na base da moeda de troca* (UI-38, complexo Raposo Tavares).

O texto descrito acima, bem como as narrativas de meus interlocutores, evidencia que, do ponto de vista de determinadas posições institucionais, a atuação dos *disciplinas* auxilia na gestão do espaço de internação¹¹⁸, mas, simultaneamente, causa diversos transtornos, entre os

¹¹⁸ Vale ressaltar que os profissionais que atuam por meio das ONG's, também conhecidos como educadores, reconhecem que as funções desempenhadas pelos *disciplinas*, entre as quais, a reunião dos internos que participam dos cursos culturais e profissionalizantes, auxiliam no trabalho desenvolvido dentro das Unidades de Internação. Além disso, é importante notar que, assim como os membros do setor pedagógico, tais profissionais também contam com a proteção das lideranças, muitas vezes sendo orientados pelos internos a não entrar na *cadeia quando o bagulho tá loco* [quando o clima está tenso].

quais, o domínio de alguns espaços físicos, a paralisação das atividades realizadas na *cadeia* e, em alguns casos, sobretudo para os diretores, a perda do cargo institucional. Logicamente, reconhecer a importância das lideranças no cotidiano da *cadeia* não constitui tarefa fácil, mesmo porque implica em admitir que, em certo sentido, *quem manda é eles*. Tal constatação, angustiante para os integrantes do corpo funcional, auxilia-nos a compreender o motivo pelo qual os funcionários dos distintos setores institucionais, ao mesmo tempo em que rechaçam as lideranças, enfatizando que tais adolescentes oprimem os jovens da *população* e agem em benefício próprio, recorrem a elas, legitimando a atuação dos *disciplinas*¹¹⁹.

A narrativa de Pedro, ao discorrer sobre os contatos estabelecidos entre os *disciplinas* e os agentes institucionais, incluindo as negociações travadas com os diretores das distintas *unidades dominadas*, expõe às claras as tensões e os conflitos que caracterizam as relações estabelecidas entre tais atores, que, vale notar, encontram-se unidos e separados por um laço tenso de interdependência.

Essas negociação era até divertida, tinha situação que ficava um clima bem tenso, porque querendo ou não era tipo uma questão, era quase um Palmeiras e um Corinthians, por mais que é necessário ter, um não gosta do outro. Tinha momento que era até legal, que nós ia lá, descontraía e trocava uma ideia. O que dá pros caras fazer, eles fazem, você colaborando, evitando de botar tanto nego pra fora [da cadeia], não ofendendo muito funcionário...escola é 90% ali dentro. Se você quiser conquistar alguma coisa a mais, a escola é essencial. Os caras quer escola. O que o cara [diretor] puder fazer, até meio encoberto, o cara faz.

Apesar dos agentes institucionais enfatizarem que os *disciplinas* agem em benefício próprio, do ponto de vista dos jovens da *população*, tal afirmação mostra-se injustificável. Ainda que as lideranças gozem de privilégios como, por exemplo, o direito de comer alguns

¹¹⁹ Em diversas ocasiões, pude notar que os funcionários do setor pedagógico, com os quais mantive intenso diálogo durante a pesquisa, afirmavam que era preciso negar a existência dos *disciplinas*, mas, logo em seguida, recorriam às lideranças. Certa vez, a coordenadora pedagógica da UI-29, complexo de Franco da Rocha, ao discorrer sobre alguns problemas enfrentados pela unidade, entre os quais, a baixa frequência escolar e o uso contínuo de maconha por parte dos internos, pediu-me uma sugestão de como enfrentar tais problemas. Disse a ela que, na minha opinião, tais questões deveriam ser discutidas com os *disciplinas*. Obviamente, já imaginava a resposta. A coordenadora, um tanto irritada, enfatizou que, além de não reconhecer a liderança, para ela, o tipo de comando que os *disciplinas* exerciam estava mais para crime organizado do que para qualquer outra coisa. A conversa inicial estava encerrada. Combinamos de nos encontrar novamente, no início da tarde, para que eu apresentasse uma proposta de trabalho. Ao sentarmos em uma sala do setor pedagógico, antes mesmo que eu pudesse dizer qualquer coisa, a coordenadora sorriu e disse: *quero ouvir esses líderes, conversar com eles e quero que você seja o interlocutor desse processo*. Ora, vê-se que a mesma pessoa que há cerca de algumas horas havia dito que era preciso negar a liderança, agora, queria ouvir os *disciplinas* e conversar com eles. Ao fazer tal pedido, o funcionário que encontrava-se na mesma sala questionou-a: *Alice, você vai negociar alguma coisa com os disciplinas? Vai reconhecer a liderança exercida por esses meninos? Vai dar mais poder a eles?*

mantimentos que são armazenados para o *dia de visita*, o que não é permitido aos outros adolescentes¹²⁰, os jovens da *população* não consideram que tal prática seja abusiva, e sim, um direito adquirido por todos aqueles que são responsáveis não só pelo funcionamento da *cadeia*, mas, principalmente, pelas ações de todos os adolescentes que cumprem medida socioeducativa em uma *unidade dominada*¹²¹. Se aos olhos dos agentes institucionais, tais prerrogativas são decorrentes do regime opressor imposto pelas lideranças, para os *frente da cadeia*, tratam-se apenas de alguns benefícios destinados àqueles que, acima de tudo, atuam em prol da *população*.

Primeiramente é a população, é o bem-estar dela. Os cara já tá preso, fodido e mal pago. Tem que dar um novo olhar pra eles, uma nova esperança, nem que seja por amor ou por dor. Você tá ali na frente da cadeia pra isso, é primeiro eles, depois nós [os disciplinas]. Esse é o procedimento, é o fundamento da faxina. Se você for entrar pensando que você vai ter tudo, que você só vai ganhar e não vai contribuir, você tá muito enganado (Pedro).

No contexto das *dominadas*, nota-se que os *disciplinas* representam os interesses da *população* perante os integrantes do corpo funcional. O fato de tais internos atuarem como líderes, não significa, de modo algum, que possam abusar da autoridade. Pelo contrário, tais adolescentes não devem impor as suas vontades aos outros internos. Devem ser *humildes*¹²² e levar a sério as reivindicações trazidas pelos jovens da *população*¹²³. No limite, é possível afirmar que a autoridade exercida pelos *disciplinas* é obtida pela própria negação do exercício de autoridade. Certa vez, conversava com o *piloto* da Unidade de Internação 25, complexo de Franco da Rocha, quando um *faxina* se aproximou e disse: *porra mano, já mandei os cara da*

¹²⁰ *Tinha umas regalias [os disciplinas] de comer doce, tomar danone, isso a população não podia. É...entrava o danone [iogurte] e entrava a sobremesa pra todo mundo. Ai, o que que acontecia? Nós guardava o danone da semana, ia guardando pra visita, era tudo guardado pro dia de visita. Mas, de vez em quando ia um mão boba lá e comia um, comia dois. Os caras [os disciplinas] pode. Porra, são os caras que tã na frente da cadeia botando a cara a tapa o tempo todo (Pedro).*

¹²¹ Quando os integrantes do *Choquinho* encontram *naifas* no interior de alguma *unidade dominada*, para os agentes institucionais, não importa quem as tenha produzido, afinal, a responsabilidade recai sobre os *disciplinas*. Da mesma forma, se os adolescentes de uma determinada unidade se agridem fisicamente, para as lideranças de outros espaços de internação *dominados*, os agressores não são considerados culpados, e sim, os *disciplinas*, incapazes de assegurar que o *certo* prevaleça dentro da *cadeia*.

¹²² “A *humildade* é considerada ao mesmo tempo característica, habilidade, postura e atitude que todo *irmão* deve ter” (BIONDI, 2010, p.101, grifo da autora). O mesmo pode ser dito em relação aos *disciplinas*.

¹²³ Vale ressaltar que levar a sério as reivindicações da *população* não significa atendê-las. O importante, como enfatizam meus interlocutores, é *não negar atenção para a população* (*piloto* da UI-37, complexo Raposo Tavares). Em determinada ocasião, no complexo de Franco da Rocha, ao questionar o *piloto* da UI-29 sobre o motivo que o irritava naquele momento, este salientou que haviam alguns pedidos feitos pela *população* que, em sua opinião, não faziam o mínimo sentido e, portanto, não seriam negociados com o diretor da unidade. *Eu não vou ficar indo lá em cima pra pedir gel pra ladrão, né senhor?*

população fazer aquele bagulho lá e até agora nada mano. O piloto, ao demonstrar certo desconforto com a fala do faxineiro, respondeu-lhe imediatamente: que história é essa de mandar mano? Você não tem que mandar, você tem que pedir. De fato, aqueles que operam em benefício próprio e oprimem a população, isto é, exercem a autoridade por meio do uso da força, em geral, são punidos. Afinal, não estão agindo conforme a disciplina do Comando.

Ah, a disciplina é o dia a dia da cadeia, as regras impostas que têm que ser seguidas, é o que mantém a ordem. Respeito e liberdade acima de tudo, entendeu? É respeitar o próximo pra você ser respeitado. Liberdade quando der na telha, entendeu? É fazer o negócio andar, o negócio tem que andar certo. O negócio andar certo é não deixar acontecer injustiça. Tipo...você condenar alguém por um erro que não era tão grave. Matar, entendeu, sem permissão [dos irmãos], isso é uma coisa grave. Grave! É manter uma ordem, independente se tá preso ou não, se é bandido ou não, tem que ter um conceito de...de...um senso de correção. É a mesma coisa que você viver numa república, tem que respeitar o espaço do cara, tem que fazer aquilo pra não prejudicar ele e não me prejudicar. A disciplina é uma união. O bagulho veio pra...pra estabelecer isso daí mesmo, pra ninguém ser mais do que ninguém (Pedro).

A disciplina é pra quê...a disciplina é uma palavra comum tá ligado, é uma palavra que qualquer pessoa usa, mas dentro da Fundação a disciplina é tudo mano, a disciplina é o respeito, é a humildade, é a igualdade pelo geral (faxina da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares).

Vê-se o caráter norteador atribuído à *disciplina do Comando*. As prescrições condensadas em tal categoria como, por exemplo, não se masturbar e não falar palavrões no *dia de visita*, não agredir o companheiro de *caminhada* e não matar sem a permissão dos *irmãos*, no contexto das *dominadas*, orientam a experiência cotidiana dos adolescentes. Trata-se de um conjunto de códigos partilhado por todos aqueles que *fecham com o certo*, isto é, com o *Comando*. A *disciplina do Comando* é o que assegura o *respeito* e a *igualdade* entre aqueles que estão privados de liberdade. É o que possibilita a união entre os *ladrões*.

A disciplina do Comando existe como estratégia que almeja o estabelecimento da *paz entre ladrões*, mas em nome desta mesma *paz*, muitas das prescrições são suspensas, muitos dos imperativos são torcidos, manipulados e disputados em movimentos de improvisos estrategicamente adotados (BIONDI, 2010, p.171, grifo da autora).

Apesar de orientar as ações de meus interlocutores, vale ressaltar que a *disciplina do Comando* não deve ser compreendida como algo rígido e inflexível, mesmo porque, como

afirma Biondi (2010, p.178), “na prática, o que vemos são esses códigos recorrentemente manipulados, ajustados, disputados e torcidos”, isto é, avaliados circunstancialmente. Tal constatação não significa que os adolescentes poupam esforços para seguir à risca as prescrições condensadas em tal categoria, sobretudo os *disciplinas*, que devem servir como exemplo aos jovens da *população*¹²⁴.

Pedro, ao relembrar os seus primeiros passos como *faxina* da Unidade de Internação 29, após ser transferido do complexo do Tatuapé, lamenta o fato de ter transgredido uma norma do *Comando*, a saber, não abusar da autoridade perante os jovens da *população*. Como era esperado, haja visto que entre as *unidades dominadas* as informações circulam com extrema velocidade¹²⁵, tempos depois, o adolescente teria que conceder explicações às lideranças de outra *cadeia*.

Nessa época [que o adolescente assumiu a faxina], o negócio começou a ficar feio. É, aí começou uma patifaria, uma bagunça de querer bater, até eu fui corrigido ali, me desceram a lenha ali também. Os próprios disciplinas começou a exercer o papel do Choquinho, da Tropa de Choque, entendeu? Eu também cometi meus erros. Mesmo que você não participasse você tava consentindo. Eu cometi uns erros também. Começou muita opressão na população e a população tinha medo da gente, medo. Falava de disciplina era...nem trocar ideia com nós eles trocavam. Era uma população afastada e não é isso o que tem que acontecer. Você tem que se aproximar dela.

Ao mesmo tempo em que a *população* depende da atuação dos internos que exercem o papel de liderança, na medida em que tais adolescentes falam em nome do grupo perante o corpo funcional, vale notar que a legitimidade dos *disciplinas*, inclusive diante de outras *cadeias*, provém do reconhecimento concedido pela *população*.

As constantes agressões sofridas pelos adolescentes da UI-29 fizeram com que a direção da unidade, ao deparar-se com tal situação, até então desconhecida para os agentes institucionais, tomasse uma atitude. Os jovens agredidos seriam transferidos para outros espaços de internação. Tal medida, que acarretou sérias consequências aos *disciplinas* da UI-

¹²⁴ Nesse sentido, a narrativa de um adolescente da *população* da Unidade de Internação 25, complexo de Franco da Rocha, ao discorrer sobre a importância dos *disciplinas* para os recém-chegados, mostra-se profícua: *ah, os cara são tipo o pai e a mãe pra um adolescente novo que chega na cadeia*.

¹²⁵ Vale salientar que os adolescentes das *unidades dominadas* não se comunicam apenas por meio dos telefones celulares. Em momentos específicos, por exemplo, quando algum interno é conduzido ao fórum, o encontro com jovens de outras unidades torna-se possível. Além disso, os familiares dos adolescentes, com quem os internos mantêm contato durante os *dias de visita*, também auxiliam na circulação das informações. *Às vezes algum parceiro liga e passa a caminhada do mundo e também tem as famílias né senhor, que muitas vezes se conhecem e têm filhos internados em lugares diferentes (piloto da Unidade de Internação 29, complexo de Franco da Rocha)*.

29, permitiu que os relatos sobre os abusos de autoridade ultrapassassem os muros institucionais e chegassem aos ouvidos de outras lideranças. Como ressalta meu interlocutor, a Unidade de Internação 29 *tava mal falada*.

Isso daí com o tempo virou uma bola de neve, alguns menor começou a ser mandado embora pra fora da cadeia [pro seguro] sem motivo correspondente. Começou a ser espiado e começou a pegar bonde [transferência] pra outras cadeias e começou a falar. A 29 tava mais pra lá do que...tava mal falada. E põe mal falada nisso. Pô, teve um debate que saiu da [UI] 29 e a [UI] 25 que as duas cadeia subiu pro telhado, as duas cadeia inteira. E é o seguinte, a primeira palavra desse debate que a 25 falou pra nós foi: a 29 a partir de hoje é cadeia de verme. A primeira palavra [ênfase]. Foi uma palavra forte, entendeu? Não digo tão forte pelo que tava acontecendo, qualquer um teria essa visão, mas foi uma palavra que não podia ter sido falada. Tanto que depois o cara foi corrigido e foi afastado do toque da 25. Teve também todo um processo que...então, começou o povo lá fora, assistente, diretor, a diretora, não lembro o nome dela, ela se assustava: como pode, eu nunca vi isso. Foi quando teve uma tentativa de fuga e foi todo mundo de tranca¹²⁶ (...). Aí, mandaram de bonde.

Diante das atitudes indevidas tomadas pelos *disciplinas* da UI-29, as lideranças da Unidade de Internação 25 se posicionam. Sobem no telhado da *cadeia*, do qual é possível visualizar o pátio interno da outra unidade e enfatizam: *a 29 a partir de hoje é cadeia de verme*. Tal acusação, considerada como extremamente grave, na medida em que equipara uma *cadeia do Comando* aos espaços de internação destinados aos *vermes*, do ponto de vista dos *disciplinas* da UI-25, torna-se compreensível. Afinal, é preciso romper os laços que os une àqueles que não seguem a *disciplina do Comando*, medida necessária para que não sejam confundidos com os agressores. Calar-se seria o mesmo que compactuar com o modo de operação dos *vermes*. Além disso, trata-se de preservar a imagem de um espaço institucional, o complexo de Franco da Rocha, que notabilizou-se, perante internos e funcionários das distintas Unidades de Internação espalhadas pela capital paulista, por abrigar apenas os adolescentes *que fecham com o certo*, isto é, que se esforçam para manter as suas respectivas *cadeias sintonizadas* às instituições prisionais que operam a partir das diretrizes do *Comando*.

De fato, ao longo do período em que atuei como educador cultural nas Unidades de Internação do complexo Brás, sempre que referia-me aos espaços de internação de Franco da Rocha, os internos, além de demonstrarem curiosidade em relação ao modo de funcionamento

¹²⁶ A *tranca* é um recurso punitivo constantemente utilizado pelos diretores das distintas Unidades de Internação, em especial, após tentativas de fuga e rebeliões. Quando estão de *tranca*, os adolescentes permanecem confinados em seus quartos por um período que pode chegar a trinta dias. Geralmente, as atividades escolares, culturais e profissionalizantes, durante a *tranca*, são suspensas.

de tais unidades, enfatizavam que tal complexo, diferentemente do Brás, abrigava os *ladrão estruturado*. Vale notar que Farias e Narciso (2005, p.72), ao discorrerem sobre as Unidades de Internação de Franco da Rocha em meados da década de 2000, salientam que “lá estavam gente como o Batoré (antes de ficar conhecido da imprensa), o Cicinho, o Baianinho, o Danielzinho, o Jacaré, o Bela Vista, todos com uma média de cinco anos de FEBEM. Muitos eram mais experientes nessa vida, do que os funcionários que os guardavam”. Nesse sentido, nota-se que o complexo de Franco da Rocha goza de elevado capital simbólico junto aos adolescentes que cumprem medida socioeducativa em outros espaços institucionais¹²⁷.

Apesar de terem sido chamados de *vermes* pelos companheiros de *caminhada*, acusação que resultou no afastamento do jovem que ocupava o posto de *toque* da UI-25, vê-se que os *disciplinas* da Unidade de Internação 29, mesmo após tal acontecimento, continuam se movimentando de acordo com o lema do *Comando*, mais especificamente, em consonância com o ideal de *Liberdade*. Foi quando teve uma tentativa de fuga.

No segundo semestre de 2005, após uma tentativa frustrada de ganhar as ruas de Franco da Rocha, Pedro é transferido novamente. O adolescente, juntamente com outros três *faxineiros* da UI-29, foi enviado à Unidade de Internação 1, localizada no complexo da Vila Maria¹²⁸. Vale destacar que tal espaço institucional, na época em que o jovem foi transferido, era destinado apenas aos adolescentes que atuavam como líderes nos grandes complexos da instituição. Em outras palavras, a UI-1, também conhecida como *Parque dos Monstros*, abrigava apenas *pilotos*, *setores* e *faxinas*. Em tal espaço de internação, considerado de segurança máxima por adolescentes e funcionários, os internos eram submetidos a um conjunto de regras institucionais semelhante ao que opera em unidades prisionais nas quais os presos cumprem parte de suas penas sob o Regime Disciplinar Diferenciado (RDD)¹²⁹.

É...aí fui pro RDD, Regime Disciplinar Diferenciado. Chegando lá, na 1 da Vila Maria, tava tudo tomado véio, tudo tomado pelos funça. Aí o chicote estralou lá mesmo, era a SAP [integrantes da Secretaria de Administração Penitenciária] que tava lá. Chegamo lá

¹²⁷ O mesmo pode ser dito em relação aos complexos Raposo Tavares, Vila Maria e Tatuapé.

¹²⁸ O complexo da Vila Maria possui quatro unidades de medida socioeducativa de internação. Unidade de Internação Tietê (UI-1), Unidade de Internação Abaeté (UI-40), Unidade de Internação Adoniran Barbosa (UI-3) e Unidade de Internação Uirapuru (UI-41). Na época em que realizei a pesquisa de campo em tal complexo, entre julho de 2006 e março de 2007, todas as unidades eram conhecidas como *dominadas*.

¹²⁹ “A Lei nº 10.792, de 1º de dezembro de 2003, tornou legítimo aos gestores prisionais brasileiros utilizar o RDD para coação de presos, provisórios ou condenados, suspeitos de 'envolvimento ou participação, a qualquer título, em organizações criminosas, quadrilha ou bando', conforme descrito no segundo inciso de seu quinquagésimo segundo artigo. Sobre esses recairia, desde então, os confinamentos de até 360 dias (prorrogáveis) em alas especiais, através de celas individuais (por 22 ou 23 horas, diariamente), sem atividades educacionais ou profissionais e com rigorosas restrições às visitas” (MARQUES, 2009, p.11).

já no coro. Quem levou nós foi o Choquinho. Isso em 2005 ainda. O Choquinho passou toda a nossa fita pros caras [os agentes de segurança da UI-1]. Eles falou: ah, vocês é liderança? Então vamos conversar aqui com...aí o chicote estralou¹³⁰. Bateram com a mão, cassetete, bicuda, com aqueles coturno, ixi...o chicote estralou. Aí, o sistema lá era o seguinte: era quatro por barraco. Aliás, de quatro a oito por barraco, eu fiquei na ala A, acho que era ala A, era quatro por barraco, uns quatro barraco, tranca. Você tinha uma hora de sol, quatro cigarros por dia e aula você tinha também. Só. Visita, uma hora de visita. Pra sair [do quarto], licença senhor, até licença cachorro tinha que pedir. Nada de liberdade. Você ficava ali por um prazo de trinta dias¹³¹.

Assim como em outras ocasiões, vê-se que determinadas atitudes tomadas pela direção da instituição resultam em efeitos inesperados. Ao transferir uma série de adolescentes associados à posição de liderança em distintas *unidades dominadas*, acreditava-se que tal procedimento, somado a um rigoroso processo de contenção, resolveria os problemas enfrentados pelos agentes institucionais. No entanto, ao reunir as lideranças dos principais complexos em um mesmo espaço de internação, ao invés de eliminá-las, constata-se que a própria medida adotada pela Fundação contribuiu para o processo de constituição do que os adolescentes denominam como *torre*.

A torre é da onde que parte [as orientações para as outras unidades dominadas]¹³². É ali que tá o toque geral mesmo. É os caras que têm o contato mais próximo com...[os irmãos do Comando]. (...) que nem a Vila Maria, ali já é nego residente [reincidente], nego mais rodado da Febem, nego que tem 10 passagem no currículo, que vai pra lá porque não tem onde colocar o cara.

Apesar da dinâmica de funcionamento da Unidade de Internação 1 assemelhar-se às *unidades na mão dos funça*, se atentarmos para a narrativa de meu interlocutor, veremos que a *torre* abriga os adolescentes que possuem diversas passagens pela instituição. De fato, trata-se

¹³⁰ Nesse caso, o uso de tal expressão significa que os internos apanharam ao serem recebidos na UI-1.

¹³¹ Reportagem publicada pelo jornal *Folha de S.Paulo* em setembro de 2005, portanto, no mesmo período em que Pedro esteve na UI-1, oferece-nos dados relevantes acerca de tal unidade. “A Vila Maria 1 foi remodelada no meio do ano para se tornar a unidade de maior contenção da Febem. Para lá foram enviados os internos vistos como os mais problemáticos, como líderes de rebelião, para cumprimento de sanção disciplinar. (...). Segundo o Ministério Público, as normas rígidas se assemelham às implantadas no RDD (Regime Disciplinar Diferenciado), existente no sistema prisional do Estado, na [sic] qual os detentos só têm uma hora diária de banho de sol” (BALAZINA; PENTEADO, 2005).

¹³² Vale lembrar que os *disciplinas* das distintas *unidades dominadas* não recebem orientações apenas da *torre*. Como já mencionado, as lideranças mantêm contato com os *irmãos do Comando*, que atuam dentro e fora do sistema penitenciário. No que concerne à estrutura organizacional do PCC, é importante ressaltar que “as *torres* são as posições políticas das quais partem as diretrizes, comunicados e recomendações do *Partido* para todas as suas unidades (...)” (BIONDI, 2010, p.123, grifo da autora). Nesse sentido, a existência de tal posto dentro da Fundação CASA configura-se como mais um elemento que aponta para a simetria entre as *unidades dominadas* e as prisões orientadas pelas diretrizes do *Comando*.

de um público mais experiente, os chamados *ladrao estruturado*, adolescentes que transitaram por distintas *unidades dominadas* e que, portanto, merecem consideração e respeito por parte de seus companheiros de *caminhada*, que, sempre que possível, recorrem à *torre* justamente por reconhecê-la como a posição de maior prestígio e autoridade no contexto das *dominadas*, haja visto que os adolescentes ali internados, além de serem mais experientes, encontram-se diretamente ligados aos membros do PCC. *É os caras que têm o contato mais próximo.*

Além de servir como referência para os *disciplinas* que atuam nas *unidades dominadas*, vê-se que a *torre*, ao mesmo tempo em que pode ser compreendida como um posto hierárquico¹³³, na medida em que transmite orientações aos *pilotos* de outras *cadeias*, deve ser entendida como um território específico que, dependendo da conjuntura, desloca-se para outros espaços institucionais¹³⁴.

No *Parque dos Monstros*, diferentemente das *dominadas*, os *disciplinas* não se dividem em *setores*, *faxinas* e *pilotos*, sobretudo porque a própria dinâmica institucional impossibilita a execução de determinadas funções por parte dos internos. Na Unidade de Internação 1, todos falam em nome da *torre*, mesmo porque a *caminhada* dos adolescentes os habilita a agir de tal maneira. Da mesma forma que transmitem orientações para outras *cadeias*, é importante salientar que os internos que *tiram uma cota na torre* também recebem informações sobre o modo de funcionamento de outras unidades. Os *disciplinas* que não seguem as diretrizes do *Comando*, ao chegarem na *torre*, serão cobrados. Pedro, além de enfrentar os espancamentos por parte dos agentes de segurança da Unidade de Internação 1, antes mesmo de ingressar na nova unidade, sabia que estava sendo aguardado. Afinal, os relatos sobre as agressões gratuitas ocorridas na UI-29 já haviam sido transmitidos à *torre*.

*Ali era só disciplina que ia. Disciplina de Vila Maria, de Raposo Tavares, Franco da Rocha, só dessas cadeias, 40, 41. Ave Maria! Quando chegamo lá, parecia que os cara tava esperando. Os cara falou.*¹³⁵

¹³³ A *torre*, assim como os *setores*, os *faxinas*, os *encarregados* e os *pilotos*, não está vinculada a sujeitos específicos. Ao atentarmos para a narrativa de Pedro, veremos que os internos enviados à *torre* permanecem em tal espaço institucional por um período de, no máximo, trinta dias, acontecimento que não resulta na eliminação de tal posto. Como já esboçado anteriormente, isso se deve ao fato de que os postos que constituem a hierarquia presente nas *unidades dominadas* são ocupados de forma transitória.

¹³⁴ Na época em que Pedro esteve internado no complexo do Tatuapé, a *torre* era localizada em tal espaço institucional, mais especificamente, na Unidade de Internação 12, que, como vimos, também abrigava o *toque geral* do complexo. Ao questionar o adolescente sobre o motivo pelo qual a UI-12 havia deixado de ser reconhecida como *torre* pelos *disciplinas* de outras *unidades dominadas*, Pedro enfatizou que: *o Tatuapé já tava desativando. Já tava tudo indo pra Vila Maria*. Vale ressaltar que a Unidade de Internação 12, assim como a UI-1, também era destinada aos reincidentes graves, adolescentes que tinham diversas passagens pela FEBEM.

¹³⁵ O diálogo descrito, segundo meu interlocutor, foi travado pelas bocas de ralo existentes nos quartos.

Torre: *hei, colocou quem da 29 aí?*

Pedro: *é o Pedro.*

Torre: *então Pedro, cê é faxineiro lá em cima né? O que que tá acontecendo lá?*

Pedro: *eu expliquei tudinho.*

Torre: *quem tá na frente da situação?*

Pedro: *eu falei os nomes.*

Torre: *então, o bagulho é o seguinte, o bagulho se repercutiu aqui em baixo, certo. Nós vamos aí trocar uma ideia pra ver se vocês voltam pra dentro da cadeia ou se daqui mesmo já volta pro seguro.*

Pedro: *E dá ideia meu amigo, foi quase uma noite inteira de ideia [conversa; reunião]. Você suava, eu pensava: tô fodido. Trancado aqui sem poder sair, esses cara vai matar nós, eu não vou aguentar não.*

Torre: *porra, você tava lá mano.*

Pedro: *pô, eu cometi uns erros sim, mas...*

Torre: *não, não quero saber. Mesmo você não tendo feito, você consentiu, se você não tivesse gostando porque você não saiu? Sai da cadeia mano, passa a caminhada¹³⁶, mas não fica mano, quem cala consente.*

Pedro: *E vai ideia, vai ideia e os cara chegou no resumo [resolução].*

Torre: *é o seguinte, foi pro sumário [espécie de julgamento] e a resposta do sumário é o seguinte. (...) foi dada oportunidade pra vocês, porque nós geralmente tamo trabalhando com oportunidade, entendeu? Os monstros [integrantes do PCC] falou pra nós que era pra trabalhar com oportunidade, que era pra evitar de mandar nego pra fora da cadeia, é pra somar, não pra dividir. Então, foi dada oportunidade, vocês vão voltar pra cadeia de vocês. Vocês vão voltar pra lá e vão tirar esse maluco [piloto da UI-29]. Pisou o pé lá tira ele, manda pro seguro, manda quem tiver do lado dele pro seguro também e vocês assume a situação. Chega lá e tira ele, faz um catadão lá, chama uns moleque bom pra somar com vocês e é o seguinte, vocês vai colocar essa disciplina lá: mais ideia com os funcionário. Procura negocia mais do que agir com força, se for o caso de agir, age. Mas negocia mais. Mais progresso [benefícios] pra população, é o certo pelo certo. Faz um corre de biriri¹³⁷, mantém contato com as outras cadeias e lá fora também [áreas urbanas em que os irmãos atuam].*

Apesar de compactuar com a atuação condenável dos *disciplinas* da Unidade de Internação 29 e, portanto, transgredir uma norma do *Comando*, a saber, não abusar da autoridade perante os internos da *população*, Pedro não foi enviado ao *seguro*, acontecimento que, caso ocorresse, impossibilitaria o seu deslocamento pela hierarquia.

Os adolescentes que falavam em nome da *torre*, após avaliarem o ocorrido, consideraram que o mais importante era retomar o controle da unidade, vista pelos internos como uma *cadeia do Comando*. Para tanto, era necessário que os *faxinas* retornassem à UI-29 e afastassem os *disciplinas* que haviam permanecido na *frente da situação*. Por mais que o adolescente estivesse receoso quanto a uma possível agressão por parte dos internos da *torre*,

¹³⁶ *Passar a caminhada*, nesse caso, significa comunicar a situação aos *irmãos* do *Comando*.

¹³⁷ *Fazer o corre do biriri* é o mesmo que conseguir um telefone celular.

esses cara vai matar nós, nota-se que tal acontecimento era improvável. Afinal, não faria o mínimo sentido se Pedro e os outros *faxineiros* fossem agredidos, haja visto que o reconhecimento concedido à *torre* está intimamente relacionado ao fato de que os adolescentes ali internados, na medida em que encontram-se estreitamente ligados aos integrantes do *Comando*, seguem as orientações do *Partido* à risca. *Os monstros falou pra nós que era pra trabalhar com oportunidade*.

Em certo sentido, vê-se que a passagem do adolescente pela *torre* significou outro momento de aprendizagem. Pedro, ao receber inúmeras instruções, torna-se um *ladrao mais estruturado*, isto é, amplia os seus conhecimentos acerca do modo de operação do *Comando*. Se fortalece perante os internos que permaneceram na Unidade de Internação 29, sobretudo ante os *disciplinas* que agiram como *vermes*. O retorno à *cadeia*¹³⁸, assim como no dia em que o jovem recebeu a notícia de que seria desinternado, foi marcado pela emoção. Pedro, que meses depois sairia carregado nos braços de 150 internos, desta vez, era aguardado com ansiedade pela *população da 29*.

(...) chegamo lá terça-feira à tarde e só fomo atracar [entrar na unidade] na quarta depois do almoço. E quando nós chegamo lá, passou um funcionário e viu que nós tinha chegado. Os caras [internos da população] tava esperando nós desde terça-feira. Chegamo lá foi festa, todo mundo recebeu com abraço. Aí já chegamo e avisamo: cola os faxina. Colou os faxina e colou o Joca [piloto]. Chegamo no Joca e falamo: aí Joca, é o seguinte. Ele já veio na intenção de perguntar qual que tinha sido a ideia lá porque ele sabia que o chicote tava estralando pro lado dele¹³⁹. Ele falou: e aí mano, e a ideia lá? Nós falamo: não, calma aí que você vai ter o seu parecer. Fomo pro barraco, chegando no barraco: é o seguinte Joca, trocamos ideia lá e o respaldo foi que você tem que sair da cadeia. E ele: não mano, eu vou correr atrás da minha situação. [Pedro]: mano, você não tem que correr atrás de nada, você vai é sair da cadeia, é pra sair ou nós vai tirar você. E vai ser estabelecida a nova faxina. Acordamo no dia seguinte e cadê o Joca? Vazou! [pediu seguro, recorreu à proteção dos agentes institucionais].

No que concerne à trajetória de meu interlocutor, nota-se que a breve estadia ao lado dos adolescentes da *torre* configurou-se como um momento chave. Em primeiro lugar, porque aos olhos dos internos da UI-29, o adolescente havia retornado da UI-1, o *Parque dos Monstros*, acontecimento que, por si só, o tornava mais experiente e preparado para executar novas funções no cotidiano da *cadeia*. Em segundo lugar, porque o jovem regressava com a

¹³⁸ Após 30 dias de permanência no *Parque dos Monstros*, os internos regressavam às suas respectivas unidades. O retorno, ao mesmo tempo em que permitia a transmissão de comunicados enviados pela *torre*, significava, para alguns adolescentes, como é o caso de Pedro, uma nova oportunidade de deslocamento pela hierarquia.

¹³⁹ O *piloto* sabia que a sua situação perante os adolescentes da *torre* era extremamente complicada.

incumbência de afastar os antigos *disciplinas* e instaurar um novo comando. Para tanto, estava autorizado a falar em nome da *torre* e, no limite, em nome do PCC. Fato que, associado aos acontecimentos biográficos já esboçados, o habilitava a ocupar o posto de *toque*.

Você volta mais estruturado né veio? Volta mais...eu já tinha uma ideia, não vou falar que eu já não tinha uma ideia, mas você volta dali mais...começa a trocar ideia com os caras lá, mais experiente, reincidente, com umas 4, 5, 6 passagem. Aí você acaba voltando com a mente mais blindada¹⁴⁰. Eu voltei pra faxineiro com uma voz já mais, entendeu? Eu voltei pra faxina porque eu quis. Porque os caras queriam me jogar o toque [queriam que Pedro assumisse o posto de toque].

Apesar de meu interlocutor ter contrariado a vontade de seus companheiros de *caminhada*, vale notar que após o afastamento do antigo *piloto* da UI-29, tal posto passou a ser ocupado por um adolescente que, assim como Pedro, havia retornado do *Parque dos Monstros*. Contudo, dias depois, a liderança de Piolho seria questionada.

(...) foi estabelecido que na cadeia não podia ter galinagem [brincadeira] de mão, isso aí o próprio Piolho falou. Aí, o que que aconteceu? Eu fui dormi à noite, pagar [tirar] um descanso, tava cansado pra caralho, correndo o dia inteiro, dormi que eu nem vi. No outro dia, quando eu levantei, aquela cadeia tava uma zona de pasta, os cara chama de pomo. Pega papel higiênico, enche de pasta e taca na cara dos outros. Tava uma zona! Aí eu levantei macho e falei:

Pedro: *cola os disciplina aí, vamo ver o que tá acontecendo.*

Piolho: *o que que tá pegando?*

Pedro: *pô, já não falou que não era pra ter galinagem.*

Piolho: *não, mas eu liberei.*

Pedro: *mas não tem essa de liberar.*

Piolho: *não, então, você tá batendo de frente com a minha ideia?*

Pedro: *eu não to batendo de frente véio, você é que não tá agindo certo. Falou que não era pra ter, não é pra ter. Ninguém é melhor que ninguém. Então porque não libera na [UI] 21 e na [UI] 25 pra ver o que vira essa bexiga, nego vai começar a trocar soco no pátio. É o seguinte. Se continuar desse jeito, eu tô me afastando da faxina.*

Piolho: *ah é, você tá batendo de frente? Se você não tá contente, você sai da faxina ou assume o toque dessa porra.*

Pedro: *eu não quero.*

Piolho: *agora não tem dessa, assume que eu não vou mais assumir.*

Pedro: *daí ele renunciou. Aí os caras [da população] falou: aí, você chamou a ideia, não vem dá pra trás agora não. Não vai ficar sem toque essa porra não. Aí eu falei: então dá essa bexiga aqui!*

¹⁴⁰ Para meus interlocutores, o adolescente que possui a *mente blindada* é capaz de suportar situações de extrema tensão sem demonstrar o mínimo descontrole.

O relato descrito acima evidencia que no contexto das *unidades dominadas* não basta atentar para as desigualdades existentes entre *disciplinas* e *população*. É preciso considerar as tensões permanentes que atravessam as lideranças, afinal, os *disciplinas* não devem ser compreendidos como um grupo em que não há tensões internas.

O sucesso ou o fracasso daqueles que encontram-se associados à posição de liderança depende dos pequenos gestos cotidianos. Em tal contexto, cada movimento deve ser minimamente calculado. Piolho¹⁴¹, por exemplo, ao enfatizar que a *galinhagem* na *cadeia* estava proibida, não poderia ter voltado atrás sem consultar os seus companheiros de *caminhada*, sobretudo os *disciplinas*. Ao agir de tal maneira, o *piloto* tomou uma *atitude isolada*, algo que deve ser evitado nas *cadeias do Comando*¹⁴².

As lideranças, como ressaltam meus interlocutores, devem buscar o consenso, o que não significa que as decisões tomadas na *cadeia* contam com o apoio de todos os adolescentes. No limite, a última palavra, caso os internos não cheguem a um acordo, é dos *disciplinas*. *Nóis é que assume né senhor. É nóis que tá na frente da cadeia (piloto da UI-29, complexo de Franco da Rocha)*. Em determinados momentos, quando os impasses impedem que os *disciplinas* cheguem a uma decisão conjunta, a responsabilidade recai sobre os *pilotos*, haja visto que tais adolescentes são considerados *o cérebro da cadeia*¹⁴³. Nesse sentido, vê-se que o principal erro de Piolho consistiu em não consultar as opiniões das outras lideranças¹⁴⁴.

De fato, conforme se avança na hierarquia, nota-se que a tolerância em relação aos erros diminui. Se os *setores* podem cometer determinadas falhas, o que não resulta no afastamento imediato do posto ocupado, na medida em que tais adolescentes encontram-se em processo de aprendizagem, para os *pilotos*, qualquer deslize pode ser determinante. *Ele assumiu o toque da Febem ou de cadeia ou de qualquer coisa, ele tá com a cabeça na faca mano (faxina da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares)*.

¹⁴¹ Na época em que ocorreu a discussão entre Pedro e Piolho, segundo a narrativa de meu interlocutor, não havia distinção entre *toque geral* e *toque da cadeia*. *O Piolho era o toque, da 29 e o toque geral*.

¹⁴² Biondi (2010, p.202, grifo da autora), ao discorrer sobre o modo de operação do PCC, enfatiza que “as decisões não podem ser tomadas por um só *irmão* ou, como dizem os presos, ‘decisões não podem ser isoladas’. É por isso que as prisões contam sempre com mais de um *piloto* e é também por tal razão que recorrem às *torres* nos casos de decisões consideradas importantes. Essa é uma forma de evitar *atitudes isoladas* que anunciariam que alguém deseja *ser mais do que o Comando*”.

¹⁴³ A narrativa de meu interlocutor, ao discorrer sobre a importância dos *disciplinas*, mostra-se profícua: *os piloto é o cérebro da cadeia, os setor é o sangue, os encarregado são os braço, os faxina é a veia e a população é o corpo* (adolescente da *população*, UI-25, complexo de Franco da Rocha).

¹⁴⁴ Caso a *população* e os outros *disciplinas* não aderissem à proposta de Piolho, o *piloto* não poderia contrariar a vontade dos internos. Os adolescentes que ocupam o posto de *toque*, apesar de terem autoridade suficiente para tomar a decisão final quando os *disciplinas* não entram em acordo, como veremos adiante, não devem *bater de frente* com a opinião geral da *cadeia*.

Tendo em vista tais considerações, argumento que quanto mais se avança na hierarquia, mais se está fragilizado. Os internos que ocupam o posto de *toque*, diferentemente do que afirmam os agentes institucionais, não estão livres do sistema normativo que recai sobre todos os adolescentes. Pelo contrário, além de serem os principais responsáveis pela instauração da *disciplina do Comando*, os *pilotos devem servir como exemplo*, não só para a *população*, mas também para os outros *disciplinas*. Além disso, é importante ressaltar que tais adolescentes são responsabilizados pelos *irmãos* no que concerne ao funcionamento da *cadeia*, fato que os coloca em uma posição de prestígio, mas, ao mesmo tempo, de risco.

Pedro, ao questionar a atitude de Piolho, acontecimento que resultou na renúncia do adolescente, torna-se *piloto da cadeia*. Meses depois, o seu modo de atuação ao longo das negociações travadas com o diretor da Unidade de Internação 29 seria questionado. As constantes reclamações por parte da *população*, bem como dos outros *disciplinas*, fariam com que meu interlocutor *tirasse a camisa*¹⁴⁵.

Foi nessa época que o Fabrício chegou. Ele ficou de geral [toque] e eu fiquei da cadeia [toque]. Só que era uma sintonia só. Até nisso daí eu não tinha conquistado nada, não tinha feito nada, não tinha mudado nada. Aí pegamo firme, pegamo firme não, eu peguei firme. Trouxe a roupa do mundão. Depois consegui a comida do mundão. Aí, eu e o Fabrício começamo a botar o bagulho pra andar. E tava indo legal. Aí, foi quando eu e o Luan [faxina] meio que se estranhamo lá, que parou a cadeia. Porra nós tava conquistando tudo, tava indo devagar. Eu sou um cara mais racional, entendeu? Eu não gostava de estourar, fuga era só na hora certa. E os cara [os disciplinas] querendo estourar e eu falei: não, não vai. [Luan]: você tá indo contra os bagulho, isso não é certo. Isso começou no barraco. Começou uma gritaria, meu irmão! Eles queria estourar, queria ir embora. Num dava, naquela época não dava. Nós tinha acabado de chegar da Vila Maria, tava uma pressão lascada pra cima de nós, qualquer coisa os cara entrava, já tava a SAP ali, num dava. E ele: não, vamo. E eu: não, não vamo. Aí ele falou: você não é digno de estar na frente da situação. Aí o bagulho estranhou. Aí o negócio...eu falei: como é que é? Não sou digno? Então é o seguinte: convoca a cadeia aí. Convocou a cadeia lá na sala de vídeo. A população na parede, os faxineiro no meio. Aí vieram matando em cima de mim. [Disciplinas]: pô Pedro, você não tá querendo, o bagulho é progresso. [Pedro]: mano, não dá, não dá e eu não vou fazer. Quer fazer, vocês faz. Ficou um negócio feio. Aí, eu falei: quer saber, toca essa bexiga. Tirei a camisa e joguei no chão. Falei pros cara: toca essa bexiga aí. E os cara: você tirou a camisa no bagulho! Eu falei: toca, não tá bom pra vocês. Aí eu me afastei.

Ao contrapor-se à opinião dos outros *disciplinas*, bem como dos adolescentes da *população*, Pedro colocou-se em situação delicada. De fato, *bater de frente* com a opinião

¹⁴⁵ O ato de *tirar a camisa* significa abrir mão da liderança.

geral da *cadeia* não configura-se como uma estratégia prudente. Quando os embates assumem proporções de tal magnitude, a ruptura torna-se inevitável, ou seja, alguém vai *cair*¹⁴⁶. Contudo, vale salientar que o desfecho de tal discussão, para meu interlocutor, poderia ter sido ainda mais doloroso. Ao *tirar a camisa*, Pedro “optou” por abandonar o posto de *toque da cadeia*, evitando assim, que houvesse a necessidade de uma intervenção direta por parte das outras lideranças. Ao solicitar o próprio afastamento, impediu que os *disciplinas* decidissem por ele, mostrando que, apesar das dificuldades, ainda detinha o controle sobre a sua própria *caminhada*. Além disso, manteve a sua opinião até o último instante, provando para os outros *ladrões* que a sua palavra *não faz curva*.

Vale notar que tal atitude não significa que o afastamento seja definitivo. Por diversas vezes, pude constatar que alguns adolescentes, após solicitarem o afastamento, rapidamente reassumiam o posto deixado em aberto. Pedro, por exemplo, em um curto espaço de tempo, voltou a atuar como *faxina*. *Eu tava entediado da população. Não tem como mano, você acaba voltando*. No entanto, em meio aos “ataques do PCC”, mais especificamente, no dia em que ocorreram as rebeliões no complexo de Franco da Rocha, o adolescente, mesmo que por um breve instante, assumiu o posto de *toque*, sem que para isso fosse necessário obter qualquer autorização dos outros *disciplinas*¹⁴⁷. Se no início de sua *caminhada*, o deslocamento pela hierarquia estava atrelado à transferência de outras lideranças, bem como ao possível *convite* feito pelos *frente da cadeia*, no presente momento, a situação era outra. Pedro, que já havia transitado por distintas *unidades dominadas* e, até mesmo, pela *torre*, gozava de legitimidade suficiente para atuar como *toque*, sem mesmo estar vinculado a tal posto.

De fato, se atentarmos para a trajetória de meu interlocutor, veremos que o encerramento da medida socioeducativa de internação trouxe mudanças significativas. O antigo grupo de amigos, *os caras da APP*, se desfez. Muitos foram mortos, outros estão presos. As constantes negociações travadas com os agentes institucionais, bem como a adrenalina que envolve tais embates, também cessaram. Atualmente, a possibilidade de falar em nome do Primeiro Comando da Capital praticamente inexistente. No entanto, constata-se que nem tudo são mudanças. Permanecem as angústias familiares, a impossibilidade de seguir com os estudos e o descontentamento com o trabalho. Talvez, diante de tal contexto, possamos compreender a *vontade de voltar*.

¹⁴⁶ Nesse caso, *cair* é o mesmo que abandonar o posto ocupado.

¹⁴⁷ Pedro, juntamente com os dois *pilotos* da UI-29, deu início à rebelião. Além disso, vale lembrar que o adolescente comandou as negociações com os policiais do *Choque*, função atribuída aos *pilotos*.

2.4 As *dominadas* após os “ataques do PCC”: Túlio entra em cena

Do lado de dentro das muralhas da UI-29, o barulho é ensurdecedor. As portas de aço que servem para trancar os internos em seus respectivos quartos, ao receberem chutes e pontapés, produzem um som estrondoso. Ao mesmo tempo em que os agentes institucionais entram em alerta, haja visto que as dolorosas recordações do dia 15 de maio permanecem vivas, os adolescentes comemoram. A notícia de que Pedro será desinternado já foi comunicada à *cadeia*. Trata-se de uma boa oportunidade para festejar a saída do jovem, que merece consideração e respeito por parte de seus companheiros. A emoção é intensa. Os internos se abraçam. As lágrimas rapidamente vêm aos olhos.

O dia que o Pedro saiu, até a [UI] 25 cantou a liberdade junto. Eles cantaram a liberdade, aquela reza que eles faziam lá na quadra, perto do muro da 25. Eles pegaram o Pedro, levantaram ele assim...nos braços. Ele ficou em cima e eles rezando, todo mundo em volta. E a 25 rezando junto. Eles quebraram todos os trincos das portas [dos quartos], todos, de tanto bater (funcionária do setor pedagógico da Unidade de Internação 29, complexo de Franco da Rocha).

Pedro, após cumprir medida socioeducativa de internação, é libertado. Seus últimos instantes dentro da *cadeia* são nos braços da *população* que, juntamente com os outros *disciplinas*, agradecem pelos inúmeros serviços prestados. Para aqueles que acompanharam a atuação de meu interlocutor, sobretudo durante as rebeliões que explodiram em Franco da Rocha, trata-se de uma perda inestimável. Afinal, se atentarmos para os movimentos adotados pelo jovem durante os “ataques do PCC”, veremos que, aos olhos dos outros *ladrões*, Pedro teve uma atuação exemplar. Além de conduzir as negociações travadas com os policiais da Tropa de Choque, suportou as agressões dos integrantes da SAP sem permanecer calado. Entre coronhadas, chutes e socos, não perdeu a oportunidade de enfatizar que a Unidade de Internação 29 era uma *cadeia do Comando*. (...) *nóis fecha lindo, não tem essa não*.

Túlio, que ingressou na unidade poucos meses antes da desinternação de Pedro, também comemorou a liberdade de seu companheiro. Assim como os outros internos da *população*, carregou-o em seus braços. O pouco tempo em que dividiram o espaço institucional foi o suficiente para que o jovem reconhecesse as qualidades do *disciplina*.

Quando eu entrei, ele já tava afastado [do posto de piloto da cadeia] porque aconteceu

uns desatrito com ele. Uns desentendimentos dele lá que eu não lembro direito. Mas eu sei que ele foi um puta de um cara cabeça pra caramba, inteligentíssimo. Nossa, eu conheci o Pedro, o cara era cabeça pra caramba.

Vale ressaltar que apesar de Pedro ter participado dos motins que destruíram as Unidades de Internação do complexo de Franco da Rocha, acontecimento no qual o adolescente desempenhou um papel central, meu interlocutor, ao ser desinternado, não pôde acompanhar as transformações que ocorreram nas *unidades dominadas* após os “ataques do PCC”. Sendo assim, tendo como objetivo primordial a reflexão acerca de tais mudanças, de agora em diante, reconstituo a trajetória de Túlio. O delineamento de tal trajetória, ao mesmo tempo em que auxilia-me a prosseguir com as análises referentes à configuração das *unidades dominadas*, permite-me atentar para as escolhas possíveis daquele que, assim como Pedro, tornou-se liderança.

Túlio, diferentemente de Pedro, que ao discorrer sobre a figura paterna demonstra arrependimento por tê-lo espancado, sente-se incomodado por reconhecer que o seu próprio pai pode ser classificado como um *verme*. O suposto abuso sexual praticado contra uma de suas irmãs, quando a família ainda estava reunida, permanece em sua memória. A impossibilidade de esclarecer tal acontecimento o angustia.

(...) depois que eu tinha uns quatro anos de idade, minha mãe separou do meu pai e veio pra cá tipo fugida né. Tipo um assunto que aconteceu entre ele e a minha irmã, mas ninguém prova nada. É a minha irmã falando aqui e ele ninguém nunca ouviu. Tipo ele tentou abusar da minha irmã, só que eu mesmo não sei a verdade. Porque eu nunca ouvi da boca dele, entendeu? Nunca mais vi ele, nem lembro dele, nem sei como que ele é, não sei nem se ele é preto ou é branco. Minha mãe nunca quis falar, se eu pergunto, ela fala: pode ir atrás, se vira. Já tentei ir atrás uma vez, mas só gastei tempo e dinheiro. Não consigo achar mano, São Paulo é muito grande. Ele era açougueiro, ele era gerente do açougue. Só isso que eu me lembro, o resto eu não lembro de mais nada.

Tendo em vista tal acontecimento, a família de Túlio, dilacerada pelo que havia ocorrido com uma de suas irmãs, abandona a capital paulista e desloca-se rumo ao interior do estado de São Paulo, mais especificamente, ao município de Tremembé. Diante das constantes dificuldades financeiras, um ano após a primeira mudança, Túlio e suas duas irmãs, acompanhados da figura materna, mudam-se novamente, agora para o Parque Ipanema, bairro localizado no município de Taubaté.

E assim fomo construindo a nossa vida aos poucos cara. A minha infância assim...tipo foi igual a de uma criança normal mano, brincando, tudo. Só o que mudava era dentro de casa. Dentro de casa eu via droga todo dia, via arma todo dia. E pra mim era a rotina normal né mano. Eu cresci e aprendi, convivi com isso quase a minha vida toda né. Então, eu não aprendi essas coisas na rua. Eu não aprendi com o crime na rua, eu aprendi com o crime dentro de casa. Dentro de casa eu aprendi o que era o certo e o que era o errado, entendeu? Aí, isso foi vindo, foi vindo, foi vindo...primeiro, é lógico, quem eu vi sendo presa foi a minha mãe, a minha mãe e o meu ex-padrasto.

Vê-se que a mudança de residência possibilita o surgimento de outro ator, o padrasto de Túlio que, ao lado de sua mãe, sustenta a família com o dinheiro obtido nos *corres* [ações criminosas]. Momento em que as armas, assim como as drogas, aos poucos, começam a fazer parte da rotina do garoto, que tinha entre seis e sete anos de idade. Com o passar do tempo, as ações praticadas pelos membros da família intensificam-se, propiciando um estilo de vida que, até então, era inimaginável.

Ele era do corre mesmo, o cara ganhou muito dinheiro, muito dinheiro mesmo. Também...ele fazia de tudo. Pra você ter uma noção foi ele que levantou esse lugarzinho aqui [o adolescente se refere ao fato de que o seu ex-padrasto foi o primeiro a fundar um ponto de venda de drogas na região]. E cansava de ganhar dinheiro cara, era um quilo de farinha [cocaína] por semana. Todo final de semana nós tava em Ubatuba, pra você ter uma noção, todo final de semana. Pra você ter uma noção do tanto de dinheiro que o cara levantava.

Aos onze anos de idade, a *cadeia* separaria Túlio e sua mãe pela primeira vez, o início de uma ruptura que se estenderia por toda a sua adolescência, haja visto que Lúcia, após ser libertada, seria presa novamente em outras duas ocasiões. A prisão do casal por tráfico de drogas, após a polícia invadir a residência da família, acontecimento que simboliza o primeiro contato do garoto com a força policial, fez com que o jovem fosse temporariamente acolhido por sua irmã mais velha. Para meu interlocutor, seria o fim de suas divertidas viagens à Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo.

Fiquei com a minha irmã. Minha irmã tem 26 anos. Tem pouca diferença de idade. Eu tenho 21, ela tem 26, a minha outra irmã tem 24. Quando a minha mãe foi presa, foi ela que me deu uma força porque eu fiquei na casa dela e do meu cunhado. Até a minha mãe sair. Minha mãe saiu, minha mãe foi lá e me buscou. Eu fui morar com a minha mãe. Meu ex-padrasto saiu [da cadeia] também, daí eles ficaram juntos. Minha mãe ficou junto com o meu ex-padrasto por onze anos.

As lembranças relacionadas ao seu ex-padrasto que, enquanto esteve ao lado de Lúcia, *era um cara respeitado*, atualmente, cedem espaço a uma mistura de pena e incompreensão. Afinal, o dinheiro adquirido ao longo das ações criminosas e a reputação construída perante os *ladrões da quebrada*, após a separação do casal, transformaram-se em fumaça. Aquele que um dia ensinou-o *o que era o certo e o que era o errado*, no presente momento, gasta todas as suas energias no consumo de crack.

Ele tá largado, ele mora lá no Parque Ipanema. Ali naquele mesmo terreno que eles tinham construído um puta de um casão da hora, ele com a minha mãe, um casão que eu vou falar pra você, muita gente queria. E eles mesmos destruíram a casa, botaram a casa pro chão por causa de uma briga deles. Eles mesmos falou: não vai ficar pra mim, não vai ficar pra você, então, não fica pra ninguém. Botaram a casa pro chão. Você passa lá hoje em dia é só entulho. O cara ganhou muito dinheiro, hoje ele é nóia mesmo cara, se você vê ele dá até dó. O cara era respeitado pra caramba entendeu, muita gente tinha até medo dele, hoje em dia ele é um pobre coitado, um pobre coitado, dois moleques de doze anos bate nele. O que ele mais odiava, hoje em dia ele é. Nóia de chupa a lata mesmo. Porra, um cara que ganhou dinheiro pra caramba, que era respeitado na quebrada e tudo. Hoje em dia ele parece um menino. É triste, mas você vai falar com o cara, o cara não quer mais parar, a vida dele é essa, tá ligado?

A narrativa do adolescente, ao discorrer sobre a trajetória de tal personagem, perde intensidade. O movimento corporal acompanha o ritmo da fala. As mãos agitadas, que num primeiro momento simulam armas, aos poucos, descansam sobre a mesa. A empolgação é substituída pela tristeza e, em alguns momentos, pelo desprezo que envolve a figura do *nóia*. O crack, que nas falas de meus interlocutores é capaz de fazer com que o viciado troque a própria mãe por uma única *pedra*, transforma o padrasto de Túlio, *ladrão respeitado*, em um *pobre coitado*, que vaga pelas ruas da cidade com as roupas esfarrapadas, os dentes apodrecidos, os dedos amarelados e alguns centavos no bolso, prontos para serem gastos assim que o cachimbo estiver novamente vazio¹⁴⁸.

Túlio, ao tentar seguir os passos de Lúcia e seu ex-padrasto não obteve êxito. O início de seu envolvimento com o tráfico de drogas, aos 12 anos de idade, um ano após a prisão do casal, foi marcado pelo descontentamento. A baixa remuneração, o trabalho incessante e o

¹⁴⁸ Vale ressaltar que nas *unidades dominadas* o consumo de crack, assim como ocorre nas instituições prisionais em que os *irmãos* atuam, costuma ser evitado e até mesmo proibido. Segundo os internos, tal medida teria sido adotada pelo *Comando* porque o vício em crack, entre outras coisas, causa inúmeros conflitos entre aqueles que vendem e aqueles que consomem. Conforme salientam meus interlocutores, em virtude do rápido efeito proporcionado pelo uso de tal droga, o viciado está sempre disposto a adquirir novas pedras de crack, mas nem sempre honra com os compromissos assumidos.

relacionamento conflituoso travado com os *nóias da quebrada*, que o atormentavam durante as crises de abstinência, o fizeram desistir da *biqueira*.

Ah, primeiro eu tentei traficar, tá ligado? Não gostei. Isso com 12 anos. Eu tinha 12 anos, daí eu fui traficar. Falei: ah, é muito pouco dinheiro. O negócio não rende, só dá confusão, só dá dor de cabeça, nóia enchendo o saco o dia inteiro. Daí eu falei: ah, quer saber, não gostei. Resolvi parar. Aí, trabalhei, trabalhei durante uns seis meses em uma chácara aqui na região. Aí, foi quando aconteceu o acidente na minha mão [o adolescente mostra um dedo mutilado].

Após a iniciativa frustrada de trabalhar no comércio de drogas, meu interlocutor, que nessa época ainda morava com a sua irmã mais velha, considerada pelo adolescente como a única pessoa honesta da família, haja visto que a sua outra irmã também se envolveu com a prática de crimes¹⁴⁹, consegue um emprego em uma chácara localizada na zona rural do município de Taubaté, período em que Túlio divide os seus afazeres cotidianos entre o trabalho na roça, as idas à escola e os pequenos assaltos.

Se as atividades desenvolvidas na *biqueira* rapidamente desagradaram o garoto, tempos depois, tornou-se evidente que o trabalho na lavoura não representava a solução adequada para os problemas financeiros enfrentados naquele momento. De fato, o estilo de vida que havia caracterizado a infância do jovem, após a aparição de seu ex-padrasto, marcado pelas constantes viagens à praia, bem como pela fartura dentro de casa, estava cada vez mais distante, a não ser pelos assaltos realizados esporadicamente que, em comparação com o salário obtido na roça, propiciavam uma boa quantia financeira.

Em meados de 2003, dois acontecimentos simultâneos provocariam uma verdadeira reviravolta na vida de Túlio. A perda de parte de um dos dedos da mão direita durante a lida na roça, associada ao seu primeiro fracasso escolar, fariam com que o jovem canalizasse todas as suas energias para a realização de ações criminosas.

Cara, sempre fui pra escola, sempre gostei de escola. Eu parei de ir pra escola por questão de eu ter repetido um ano, tá ligado? Um ano que eu repeti assim me deu uma desanimada né. Aí teve o acidente na minha mão, que foi na chácara. Isso desanimou também né mano, daí eu falei: ah, o bagulho é se envolver de vez. Já tinha feito alguns

¹⁴⁹ Da última vez em que nos encontramos, em setembro de 2010, num bar localizado na região central de Taubaté, a irmã do adolescente estava cumprindo pena em um estabelecimento prisional. Ao discorrer sobre as suas irmãs, Túlio enfatiza que: *tem uma irmã minha [que o acolheu enquanto sua mãe esteve presa] que mora lá no Piratininga, que nunca mexeu com nada cara, super sossegada. E tem a outra que é cavernosa. É a do meio. A do meio, nossa! É um bicho. Já é a terceira vez que ela vai presa.*

assaltos. Eu falava assim: ah, agora seja o que Deus quiser.

Ao lado dos companheiros da *quebrada*, Túlio intensifica as suas ações. Os pequenos assaltos cedem espaço às *fitas* mais rentáveis. A quadrilha, que se fortalece a cada *corre* bem sucedido, torna-se cada vez mais ousada. Aos poucos, as atenções de seus integrantes voltam-se para os postos de combustíveis, os grandes supermercados e as mansões de *gente famosa*, espaços que possibilitam a arrecadação de valores vultosos. Dinheiro que propicia a aquisição de motos, carros, roupas, celulares e armas. Nas palavras de meu interlocutor, *tudo o que um moleque da minha idade sonharia em ter*. Nesse contexto, em que as notícias sobre as atuações da quadrilha se espalham pelos jornais da cidade, a força policial é acionada.

Túlio sabe que é preciso ser discreto. Apesar de adquirir inúmeros objetos de consumo, evita as aparições em público. Durante boa parte do dia, o adolescente permanece *entocado* dentro de sua casa. Quando quer se divertir, momento propício para ostentar os tênis sofisticados, as roupas de marca e as correntes de ouro, produtos obtidos com o dinheiro dos *corres*, desloca-se para outros municípios da região.

Entre os *ladrões* da *quebrada*, que reconhecem a boa performance do grupo, os comentários ganham força. Os integrantes do *Comando*, que também atuam na região, rapidamente se aproximam. Túlio prefere manter certa distância, afinal, a participação nas *fitas* de outros *ladrões* significa a redução de seus lucros. Ao mesmo tempo, o jovem considera que estar lado a lado dos *irmãos*, *aprendendo com eles*, é fundamental.

Ah, tinha bastante gente envolvida comigo. Os conhecido da quebrada mesmo. Muita gente morreu, um a minha irmã matou. Até quando eu fui preso, eu fui preso por formação de quadrilha. Aí, eu fui preso conhecido como o cabeça, colocaram no jornalzinho de Taubaté e tudo: “Menor é preso chefiando quadrilha, mais de 16 assaltos, porte ilegal de arma, tentativa de latrocínio”. Fodeu comigo né mano. Os cara [os policiais] tava caçando eu há dias, só que nunca ninguém descobria que era eu mano. Eu era um cara tão sossegado que se você me visse você ia falar: ah, mentira que esse cara tá no corre.

Ah, era uma galera envolvida, mas [na quadrilha] não tinha ninguém do Comando não [não havia irmãos]. Isso aí, pelo menos da minha parte, eu não gostava. Na época, eu falava assim: ah não mano. O que eu ganhar eu tenho que repartir com mais gente ainda? Eu fui lá, dei as caras e eu tenho que repartir com os caras? Ah não mano, deixa que eu me viro sozinho então. Eu achava assim, entendeu? Ou o dinheiro fica só pra quem fez ou não fica pra ninguém. Eu pensava assim. Não achava justo algumas coisas. Pô, eu que fui lá catar o negócio e tenho que dar 40% pra um cara que eu nem

conheço, nunca vi na vida. Por isso que eu não gostava muito de me envolver [nesse trecho, o adolescente se refere ao fato de que, certa vez, foi procurado por um irmão que lhe propôs a realização de um assalto. Segundo o jovem, o irmão teria dito que as armas utilizadas na fita seriam disponibilizadas por Túlio e que, além disso, 40 % do lucro obtido na ação deveria ser repassado ao Comando. Meu interlocutor, após uma rápida discussão, recusou a proposta feita pelo irmão].

Eu conhecia os caras [irmãos], tinha amizade, colava com eles e tal. Sempre tava conversando com os caras, aprendendo com eles. Só que quando os cara falava: aí, vamo fazer tal fita com nós? Eu respondia: ah não, tô sossegado. [Irmãos]: ah, mas você não faz tal, tal, tal fita? [Túlio]: ah não, não faço mais não, tô parando. Tipo, eu metia o louco [arriscava]. Pra sobreviver né mano. Nesse mundo né mano, você não vai ficar dando a cara a tapa. Eu sempre fui sossegado cara, coisa light mesmo. O bagulho era só dinheiro e mulher. Só curtidão.

Os ladrões que atuavam ao lado de Túlio, diferentemente da postura adotada pelo jovem, além de participarem de algumas *fitas* com os integrantes do *Comando*, administravam alguns pontos de venda de drogas controlados pelo *Partido*.

O fato de meu interlocutor não participar de ações criminosas junto aos *irmãos* não significa que o adolescente, ao longo de sua *caminhada*, não tenha adquirido um profundo conhecimento acerca do modo de operação do Primeiro Comando da Capital. *Eu sabia como tudo andava [funcionava], até hoje eu sei.* Além disso, vê-se que seguir as orientações dos integrantes do *Partido* não implica em sujeitar-se à vontade dos *irmãos*. Ao recusar a oferta de um membro do PCC, Túlio não deixou de orientar as suas ações de acordo com os preceitos do *Comando*, mesmo porque, *o certo é o certo*.

Cara, não tem explicação o que que é o certo e o que que é o errado. O errado é o errado e o certo é o certo. É certo mexer na latinha [no momento da entrevista o jovem tomava um refrigerante]? É certo. Então, pronto e acabou. É errado não mexer, é errado não mexer. Não tem explicação, tá ligado? Você tem que saber o que que é o certo e o que que é o errado. No dia a dia do que você vai vendo, do que tá certo, do que tá errado, se é certo olhar pra frente ou não, se é certo fazer tal coisa ou não. Porque é todo um...tipo é uma bola de neve enorme. Você tem que conviver com aquilo [com o Comando], tem que aprender com aquilo.

Em meados de 2005, a exatos treze dias de completar 16 anos, Túlio parte para a última *missão* ao lado de seus companheiros. Após realizar mais de quinze assaltos, que haviam rendido uma boa quantia financeira à quadrilha, o adolescente está confiante. As

armas, revólveres calibre 38 e pistolas semi-automáticas, já estão carregadas. O carro desloca-se pelas ruas de Taubaté em alta velocidade. Em poucos instantes, os assaltantes chegam ao endereço esperado, a mansão de um dos proprietários da cervejaria Brahma. É preciso controlar a ansiedade, colocar os capuzes, acertar os últimos detalhes e, no momento certo, *cair pra dentro*¹⁵⁰.

Era a mansão do dono da Brahma, aqui mesmo em Taubaté. Era R\$ 200 mil dólar. Bagulho de louco. Pra seis caras. Na época, o dólar valia quase R\$ 4. Era R\$ 800 mil limpinho. Já tinha até comprador e tudo, o cara ia pagar pra nós R\$ 700 mil. Pra nós valia a pena né mano. Pra quem mais nós ia vender? Difícil de achar um cara que compre tudo assim, na lata. Tem que ser bagulho de louco mesmo né mano, você perder um pouco pra ganhar bastante. Aí, deu errado, nós fomos pra fuga, eu me desviei, entrei dentro do Pão de Açúcar. Tinha um carro forte, o segurança do carro forte já viu eu com a arma em punho, o cara já se preparou também, aí eu fui e coloquei a arma na cintura, fui e catei uma bicicleta no estacionamento. Nessa daí meu parceiro também catou outra bicicleta, nós fomos na fuga de bicicleta. O bagulho não tinha outra escolha, nós já tinha desviado dos outros caras [parceiros de Túlio], os caras já tinha sumido. Nós tava vindo embora quando...faltou coisa de uma avenida pra nós atravessar pro lado da minha casa, uma viatura resolveu dá geral na gente, por coincidência. Aí meu parceiro se desesperou, jogou o revólver e eu fui tentar sacar [a arma]. Aí, encostei no muro. Os dois policia, com a arma em punho, mandaram eu largar a arma. E eu segurando a arma aqui na cintura, na mão mesmo, uma pistola. Frente a frente com eles. Aí, eles falou: larga a arma, larga a arma. Aí, eu ia sacar, meu parceiro começou a falar assim: aí mano, larga a arma cara, você vai morrer mano. Se você sacar, você vai morrer. E eu já encostado na parede. Eu falei: não mano, nós vai embora. E ele: você vai morrer cara, se você sacar, você vai morrer. Aí, entrei em desespero né mano, já tava desesperado. O coração vem a mil né. Não tive outra escolha. Aí, eu larguei, na hora que eu larguei já era, os cara mandou eu deitar no chão. Fiquei deitado no chão até chegar as outras viaturas, porque eu sei lá, acho que os cara tava meio em choque [com medo] de me colocar na parede, dá geral, por causa de eu ter reagido. Aí, a hora que chegou os outros policia já era. Os cara mandou eu me levantar devagar, mandou eu levantar a blusa. Eu levantei a blusa, eles viram que não tinha mais nada. Aí, já era, é só coro mesmo, o coro já começou a comer ali no meio da rua.

Após ser agredido pelos policiais que o abordaram, sobretudo por ter cogitado a possibilidade de reagir à ordem de prisão, Túlio, ao invés de ser encaminhado à delegacia mais próxima, foi obrigado a conduzir os policiais militares à sua residência. Se a situação do adolescente já era preocupante, na medida em que o jovem estava sendo procurado pela polícia há vários dias, acusado de ter cometido uma série de outros crimes, em poucos

¹⁵⁰ O mesmo que entrar, invadir a residência.

minutos, tornou-se ainda pior. Durante uma rápida revista pelos cômodos da casa, os policiais encontram armas, drogas, cartões de crédito e talões de cheque, além das inúmeras correntes de ouro e prata e de uma boa quantia em dinheiro, aproximadamente R\$ 3.000,00. Tais objetos, conquistados com o suor de tantos e tantos *corres*, aos poucos, vão sumindo dentro dos bolsos dos policiais militares. *Eles foi levando tudo o que tinha pela frente pra eles. Na minha nota de culpa constou só R\$ 294. E os cara ainda queria mais mano.*

A chegada de Túlio ao distrito policial seria marcada por mais dificuldades. As vítimas das ações da quadrilha, entre as quais, o dono de um estabelecimento comercial que havia perdido R\$ 18.000,00 durante um assalto, com o passar dos dias, comparecem à delegacia para fazer o reconhecimento dos acusados. As altas cifras mencionadas ao longo dos depoimentos despertam o interesse dos policiais, que propõem um *acerto*¹⁵¹.

A única tentativa [de acerto] foi na hora que eu tava na delegacia, que Taubaté é foda né, acontece alguma coisa vai todo mundo na delegacia reconhecer. Daí, teve um assalto que eu fiz que me reconheceram. Reconheceram. Era R\$ 17.000, R\$ 18.000 pra ser mais exato, com os quebradinhos. Aí eles queriam o dinheiro de tudo quanto é jeito né. Que aconteceu? Eles colocaram eu numa viatura, algemado pé e mão, eu até pensei que tava indo embora pra Febem. Que nada cara, eles levaram eu de quebrada, levaram eu de quebrada lá numa estradinha de terra. Eu sozinho. Aí chegou na quebrada lá, eles falaram: então, fala pra nós onde tá o dinheiro, nós libera você, você vai embora. [Túlio]: aí senhor, não tem dinheiro nenhum não, o único dinheiro que tem já tá no bolso do senhor. Na hora que eu falei isso ele abriu a minha boca, arregaçou com a minha boca, só sangue. Aí ele me jogou no chão e deu dois tiro do meu lado. E falou: tô ligado que você não vai dar o dinheiro, então você vai ter que caguetar [entregar os outros integrantes da quadrilha]. [Túlio]: ah, então pode me matar senhor. E foi o dia inteiro cara, o dia inteiro. Apanhei, apanhei, apanhei, trocou o plantão, apanhei, apanhei, apanhei. Eu era bocudo na época entendeu, qualquer negócio eu xingava. Os outros vinha falar comigo, eu falava: ah, vai tomar no seu cu. Aí, quando foi dez horas da noite resolveram colocar eu pra dentro do corró [cela]. Aí, quando eu entrei dentro do corró eu já tava quase desmaiando. Na hora que colocaram eu pra dentro do corró eu quase caí, daí um moleque lá que também se encontrava preso, de Pindamonhangaba, ele que me deu uma força nesse dia. Lavou a minha boca, deu um bagulho pra mim comer e eu desmaiei. Daí, quando foi seis horas da manhã os cara já acordou eu de novo. [Policiais]: vamo que hoje tem mais. Daí foi cara, foi uns sete dias direto. Eu tava no limite, a cara tudo enxada, a costela doendo até umas hora, peito todo roxo. Eu tava estragado cara. Eu pensava: nossa, eu vou morrer na mão desses caras. Aí, eu fui até fazer exame de corpo de delito nesse meio tempo. Fui no corpo de delito, daí eu comecei a falar né: aí senhora, me machucaram aqui, assim,

¹⁵¹ O *acerto*, que nas comunidades do Rio de Janeiro também é conhecido como *arrego*, é o pagamento oferecido pelos indivíduos que foram apreendidos pela polícia, mas que tentam evitar o encaminhamento à prisão. Tal expressão é comum entre os *ladrões*, sobretudo entre os traficantes de drogas, que procuram assegurar o funcionamento de suas *biqueiras* por meio de pagamentos rotineiros à força policial.

assim, assado. Aí veio um policial por trás dela e falou assim: coloca o que tem que colocar aí e já era. Ela colocou que eu não apresentava hematoma e não tinha sido agredido. Aí, o policial saiu na porta lá do lugar e falou assim: corre. Daí eu falei: eu não vou correr. Daí, o outro na janela já com a arma em punho falou assim: corre mano, nós deixa você ir embora. Tipo pra mim correr pra eles matar eu né mano porque eles estavam querendo matar eu de qualquer jeito. Aí eu falei: eu não vou correr, daqui eu não saio. Daí, eles pegaram, algemaram eu de novo, colocaram dentro da viatura e falaram: então, se você não vai querer ir embora, vamos voltar lá pra delegacia pra você apanhar mais um pouco. Fiquei dez dias no corró, entendeu? Tinha um conhecido meu lá que era carcereiro, muito gente boa, mora aqui perto. Chegou no dia de eu ir de bonde [transferência], eu falei pra ele: puta, eu não quero ir mano. Ele começou a chorar, ele começou a chorar cara! Daí ele pegou e falou assim: monta na viatura e vai embora mano. Se você ficar aqui, os caras vai matar você. Antes você vivo na Febem do que você em Taubaté morto. Vai embora, isso aí vai passar rápido... não treta [briga] mais com os caras, monta na viatura e vai embora, melhor coisa que você faz. Aí, fui pra UAI, da UAI fui pra UIP-6, da UIP-6 fui pra Franco da Rocha.

O adolescente, assim como Pedro, permanece na delegacia além do tempo permitido pelo ECA, procedimento que, segundo os internos, é frequentemente adotado pela autoridade policial. No caso de Túlio, tal irregularidade explica-se pelo fato de que, aos olhos dos policiais, o jovem possui algo que os interessa, o dinheiro dos *corres*. Na impossibilidade de obter tais valores, os policiais, ao menos, tentam fazer com que meu interlocutor manche a sua reputação perante os *ladrões* da *quebrada*. Para tanto, pressionam o jovem para que ele denuncie os outros integrantes da quadrilha. Túlio encontra-se em situação delicada. Sabe que se *caguetar* os companheiros de *caminhada* pode sofrer as consequências de tal atitude dentro da *cadeia*, afinal, se tais informações chegarem aos ouvidos dos *disciplinas*, o destino do adolescente pode ser o *seguro*. Por outro lado, tem consciência de que, se permanecer calado, será reconhecido pelos outros *ladrões* como alguém que *fecha com o certo*. Diante de tal situação, a melhor saída, ainda que extremamente dolorosa e humilhante, é seguir apanhando.

Túlio não desiste. Entre as constantes sessões de espancamento elabora um plano de fuga, que será colocado em prática durante a sua transferência para a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, mais especificamente, para a Unidade de Atendimento Inicial. O adolescente aguarda o momento certo. O balanço da viatura dificulta a ação. As armas, que antes de Túlio ser capturado pela polícia eram os seus principais instrumentos de trabalho, dão lugar a um simples clipe enferrujado.

Ah, na UAI eu já cheguei apanhando. Na UAI, eu cheguei lá... eu tinha tentado abrir a algema dentro da viatura e não consegui, o clipe quebrou lá dentro. Na hora que

chegou lá os cara queria engolir eu vivo porque eles não conseguiam abrir a algema. Apanhei até umas hora, apanhei pra caramba e eles tentando abrir a algema e não conseguiam. Aí, foi um cara da UAI lá, um funcionário da UAI mesmo, um dos mais opressores que tinha lá, chegou e falou pros policia: se vocês continuarem batendo nesse moleque do jeito que vocês estão batendo, ele não vai entrar aqui. Pode voltar com ele de onde ele veio. Daí, foi onde que os policia resolveram parar de me bater. Conseguiram desalgemar, chamaram um cara lá, um perito pra desalgemar. Colocaram eu pra dentro da UAI, tudo, daí tive que passar na enfermaria. A mulher pediu pra eu tirar a roupa, tive que tirar toda a roupa pra ela, puta vergonha! Ela pegou e falou assim: nossa, fizeram tudo isso com você? Nossa, acabaram com você. Mas, o que você fez pra eles? Eu falei: não fiz nada, eu sou inocente senhora [risos].

A cena se repete. Túlio, da mesma forma que Pedro, ao chegar na Unidade de Atendimento Inicial, é agredido. O modo de operação institucional é o mesmo. No lugar das roupas pessoais, o uniforme. Ao invés do cabelo personalizado, *a cabeça pelada*. O corpo do adolescente, assim como o de Pedro, desloca-se pelo espaço institucional da mesma maneira. Na UAI, não há escolha. Todos reproduzem os mesmos movimentos: *licença senhor, licença senhora, cabeça baixa, mão pra trás*.

O jovem aguarda a transferência para uma Unidade de Internação Provisória. Durante a sua breve estadia na UAI, aproximadamente seis dias, meu interlocutor completa 16 anos. A saudade do *mundão* é intensa. Momento propício para que Túlio relembre alguns instantes do passado, sobretudo o aniversário de 15 anos, festejado ao lado dos companheiros da *quebrada*. As bebidas, as drogas e a comida em grande quantidade, que haviam caracterizado tais comemorações, no presente momento, são substituídas pelo suco amargo, o feijão estragado e os espancamentos gratuitos.

Apanhei no dia do meu aniversário, no dia do meu aniversário cara! E por causa de água. Só porque eu pedi água pro cara [agente de segurança]. Eu falei pro cara: oh, não tomo esse suco aqui não. Porque o suco era horrível, o feijão tava estragado, tudo era horrível cara. Aí eu falei: oh, deixa eu tomar um pouco de água no banheiro? Aí o funça perguntou pra mim de onde que eu era. Eu falei: eu sou de Taubaté. Daí ele falou: Taubaté só tem cara folgado. Aí eu falei: você já foi lá pra ver? Aí o cara destruiu comigo né. Me moeu na porrada.

Na Unidade de Internação Provisória (UIP-6), espaço institucional para o qual Túlio foi transferido, vê-se que as confusões não cessam. Se nas *unidades dominadas* as agressões entre os internos são proibidas pelos *disciplinas*, haja visto que tais confrontos demonstram que a *cadeia* não está unida, o que, do ponto de vista das lideranças, simboliza a falta de

sintonia com a disciplina do Comando, nas unidades na mão dos funça, os embates entre os jovens, ainda que não sejam frequentes, tornam-se possíveis.

Tive um atrito com um moleque lá, bati nele. O moleque era meio que aliado dos funça. Ele foi querer folgar comigo, aí eu falei: pára cara, não gosto de confusão, não gosto de confusão. Teve uma hora que ele me irritou né, quando ele me irritou, eu subi ele na porrada [agrediu o interno]. Quando eu subi ele na porrada, os funça subiu eu na porrada também. Aí um funça foi tentar me bater, um fraquinho lá, eu joguei ele no chão. Aí, quando eu joguei ele no chão, foi a pior coisa que eu fiz. Os outros funça me moeu na pancada.

Após alguns dias de internação provisória, período marcado por uma única atividade, a saber, *ficar sentado o dia inteiro vendo televisão*, o futuro de Túlio seria decidido. O adolescente, que ficaria por quase três anos afastado de Taubaté, retornaria à cidade apenas para comparecer à audiência judicial. O jovem, ao relembrar os comentários proferidos pelos policiais que o escoltaram ao fórum da cidade, sente-se orgulhoso pelo reconhecimento concedido à sua *caminhada*.

A ROTA não acreditou na hora que eles viram a minha ficha aqui em Taubaté, eles não acreditaram cara. Eles foram aqui dentro do fórum e falaram: oh, quem que é o fulano de tal? [Túlio]: sou eu. [Policiais]: cara, é você que tem mais de dezessete assaltos? Eu falei: sou eu senhor. [Policiais]: mentira, impossível, não foi você. [Túlio]: não fui eu mesmo, é isso que eu estou tentando provar aqui. [Policiais]: impossível cara. Foi você que deu um tiro num polícia durante um assalto? O cara tá aí, tá furioso com você. Eu falei: não fui eu.

Essa fita do policia foi o seguinte mano: eu fui tentar fazer um assalto, o cara tava lá, de civil, normal. Era um bagulho que tinha aqui em Taubaté de material de construção, tá ligado? Era outra fita dada também. Era pra catar R\$ 32 mil. Aí, o cara viu e tentou sacar [a arma], na hora que ele tentou sacar, eu dei [alguns tiros]. Aí, eu dei e pegou na barriga dele e varou na bunda. Aí, ele se escondeu atrás de um bagulho de pia. Eu dei mais quatro no bagulho de pia pra ver se acertava. Não acertou, daí ele ficou escondido lá e nós fomos embora.

A estratégia de negar todas as acusações perante o juiz da Vara da Infância e Juventude, entre as quais, porte ilegal de arma, tentativa de latrocínio, reação à prisão e formação de quadrilha, rapidamente mostrou-se em vão. Túlio, ao ser questionado sobre a participação em um assalto realizado a um posto de combustíveis, reconhece que a resposta concedida à autoridade judicial não foi a mais adequada.

Era uma coisa que eu neguei que eu não podia ter negado. Tinha uma filmagem e eu não sabia cara. Daí, o juiz e o promotor falou assim: você tem certeza que não foi você? Eu falava: eu tenho certeza senhor. E eles: você tem certeza mesmo? [Túlio]: tenho certeza. [Promotor]: então, nós vamos provar o contrário, que foi você. Daí eu falei: não tem como senhor, não fui eu, não tem como o senhor provar um negócio que não fui eu. [Promotor]: não foi você? Tá bom então. Pode entrar. Daí, ele mandou entrar uma televisão com vídeo cassete, os caralho a quatro, eu pensei: ah, mentira mano. Aí, ligou o bagulho, parou a filmagem, parou eu de cara com a câmera, com o revólver apontado. Não tinha nem como eu falar. Daí o promotor começou a falar: e esse aí, quem é? Sou eu ou é você? Aí eu abaixei a cabeça e pensei: já era mano.

Apesar de ter sido considerado inocente em relação ao episódio que resultou na troca de tiros com o policial à paisana, na medida em que não haviam provas suficientes contra o adolescente, meu interlocutor não pôde contar com a mesma sorte no que concerne aos outros crimes praticados. *Sobrou 16 assaltos, porte ilegal [de arma], reação à prisão, formação de quadrilha, sobrou muita coisa...*

Tendo em vista o histórico de Túlio, os únicos locais seguros para abrigar o adolescente, considerado de alta periculosidade pelos integrantes do corpo funcional, eram as *unidades dominadas*. De fato, os *ladrões* considerados mais perigosos, que possuem uma longa *caminhada* no crime, costumam ser enviados para tais Unidades de Internação que, do ponto de vista dos funcionários, são as *cadeias* mais seguras, no sentido de que as muralhas, as *gaiolas* e a presença contínua do *Choquinho* dificultam as tentativas de fuga. Além disso, vale notar que a permanência de tais adolescentes em outros espaços institucionais, sobretudo nas unidades classificadas como *na mão dos funça*, procura ser evitada ao máximo, haja visto que, segundo os agentes institucionais, os *ladrões estruturados* podem *contaminar* os jovens menos experientes, que ainda possuem alguma chance de serem reintegrados à sociedade.

Ah, em Franco da Rocha, quando eu cheguei ali muitos [funcionários] já estavam sabendo que ia chegar alguém...o que eles chamavam de PGG [Primário, Grave, Gravíssimo]. Eu cheguei lá, eles já olharam na minha lista e falaram: você é de boa, como que você é? Tipo a diretora que falou comigo primeiro né...o Nelson [coordenador da área de segurança] chamou eu pra conversar também. Ele falou: então, aqui nós somos da segurança. Pedimos pra você não causar [tumultuar] na unidade. Tira a sua [cadeia] de boa, tranquilo, que isso vai pro seu relatório. Ele explicou pra mim como que funcionava. Daí, ele viu como eu era tranquilo e falou: você é uma pessoa tão tranquila, não aparenta ser PGG igual tá na sua pasta. Eu falei: ah, não tenho culpa que eles me condenou. Eu até falei pra ele: eu queria ser transferido pra São José dos Campos. Daí ele falou: eu vou levar você até a técnica [assistente social que acompanharia o caso de Túlio]. Você vai conhecer a técnica e é ela que tem que

resolver isso pra você. Daí, eu fui. Meu primeiro atendimento foi com a Norma. A Norma até tentou me transferir. Teve uma vez que ela ligou lá e me colocou pra escutar. Aí, os caras [da unidade de São José dos Campos] falou: nós não aceitamos uma pessoa desse nível aqui.

As instruções fornecidas pelos funcionários da Unidade de Internação 29, espaço institucional no qual o adolescente cumpriria a medida socioeducativa de internação, não eram tão relevantes. Túlio, assim como todo novato que chega às *unidades dominadas*, sabia que as orientações realmente importantes seriam transmitidas assim que ele cruzasse o último portão de aço rumo à *cadeia*.

A primeira coisa que os caras [os disciplinas] fala é: aqui é cadeia do PCC. Aqui é do PCC, a influência aqui é do Comando. Nós não aceita patifaria e não aceita Jack [estuprador]. Se você fez alguma coisa de errado lá no mundão já fala agora, porque se mais pra frente nós descobrir, você vai ser cobrado pela mentira. Dia de visita você não pode levantar a camiseta, não pode bater punheta. Os cara passa tudo a caminhada. Aí beleza, depois disso eles fala: agora é com você, daqui em diante é com você. Você vê, aqui nós têm tudo isso [roupa do mundão, gel para o cabelo, comida do mundão, quartos abertos no período noturno, etc] e mais um pouco que nós quer conquistar. Naquela época, a intenção dos caras era sempre conquistar mais e mais...

Na Unidade de Internação 29, vê-se que a dinâmica é outra. As mãos entrelaçadas para trás se movimentam livremente. Os cortes de cabelo, executados pelos próprios adolescentes, adquirem formatos variados. As tatuagens, elaboradas com máquinas improvisadas, estampam mensagens na pele dos *ladrões*¹⁵². As visitas realizadas pelas namoradas dos adolescentes, que nas *unidades na mão dos funça* acontecem pelos corredores, nas *dominadas*, ainda que os agentes institucionais protestem contra tal situação, ocorrem nos quartos dos internos, o que muitas vezes acarreta gestações indesejadas.

Túlio nota as diferenças em seu próprio corpo. O uniforme utilizado na Unidade de Atendimento Inicial, bem como na Unidade de Internação Provisória, caracterizado pela calça caqui, camiseta branca e chinelo, cede espaço à roupa do *mundão*. O jovem entra na *cadeia*

¹⁵² Ao longo da pesquisa pude notar que os adolescentes tatuavam diversas imagens em seus corpos, entre as quais, caveiras, fuzis, metralhadoras, serpentes, artigos do Código Penal como, por exemplo, 157 (assalto à mão armada), expressões como *amor só de mãe* e, inclusive, o lema do *Comando*. Os palhaços, geralmente retratados com diversas armas e sacos de dinheiro, constituíam uma das preferências dos adolescentes. Além disso, também era recorrente o desenho em que cinco pontinhos pretos são cravados em uma das mãos do interno. A disposição de tais pontinhos, um no meio e quatro em volta, segundo os jovens, significa que quatro *ladrões* estão prestes a assassinar um policial. Vale ressaltar que durante as abordagens realizadas pela polícia tais imagens são utilizadas na identificação dos indivíduos que já *tiraram uma cota na cadeia* e que, portanto, aos olhos da autoridade policial, são sempre suspeitos.

vestindo calça jeans e camiseta vermelha. Nos pés, um par de tênis da marca Nike. Se as correntes de ouro não tivessem sumido nos bolsos dos policiais militares que o prenderam, provavelmente, estariam penduradas em seu pescoço.

Vale notar que o modo de operação dos *disciplinas* da Unidade de Internação 29 assemelha-se à conduta adotada pelas lideranças que receberam Pedro na Unidade de Internação 1, complexo do Tatuapé. Tal constatação deve-se ao fato de que os *frente da cadeia* se esforçam para manter as *unidades dominadas* no mesmo *ritmo* dos espaços prisionais orientados pelas diretrizes do *Comando*, o que não significa que tais Unidades de Internação, apesar de apresentarem semelhanças entre si, funcionem da mesma maneira. De fato, nota-se que há variações entre as *cadeias dominadas*. Em primeiro lugar, porque as orientações transmitidas pelos *irmãos* não chegam às unidades ao mesmo tempo. Se as lideranças de um determinado espaço de internação, por exemplo, perdem os telefones celulares durante as revistas realizadas pelo *Choquinho*, os *disciplinas*, caso não disponham de outro meio para acessar os *irmãos*, bem como os internos de outras *unidades dominadas*, podem permanecer isolados por longos períodos, acontecimento que, como enfatiza Túlio, *deixa a cadeia meio sem rumo*. Em segundo lugar, é preciso levar em consideração o fato de que as negociações travadas com o corpo funcional produzem particularidades, afinal, aquilo que é aceito pelo diretor de uma determinada unidade nem sempre é permitido por outro.

Túlio, ao entrar no pátio da unidade, é recebido pelos *disciplinas*, que rapidamente transmitem alguns informes acerca do modo de funcionamento da *cadeia*. Assim como aconteceu com Pedro, as lideranças procuram obter informações sobre a *caminhada* do recém-chegado que, caso tenha cometido alguma atitude indevida no *mundão*, será enviado ao *seguro*. Inicia-se, então, o período de observação, momento em que os *disciplinas*, sobretudo os *faxineiros*, avaliam a postura adotada pelo interno no cotidiano da *cadeia*. Se o adolescente demonstrar que é *capacitado* para atuar junto às lideranças, isto é, para *somar com a disciplina*, em pouco tempo ele receberá o *convite*.

Na minha visão, ser capacitado é muita coisa, muita coisa cara. Primeira coisa é a humildade. Porque se o cara não tem humildade, tipo...se o cara quer sempre ser mais, sempre estar certo, sempre estar na razão cara, não é cabível nem fodendo ele entrar em uma faxina, porque se ele entrar, ele vai bater a nave [vai cometer erros]. O cara tem que estar ciente do que ele está fazendo, estar muito ciente mesmo porque se ele entrar de olho fechado...tipo na emoção sabe: ah, eu quero ser piloto. Eu quero ser piloto e pá, todo mundo vai querer ficar do meu lado, todo mundo vai gostar de mim porque eu sou piloto. Se ele pensar assim, o cara vai quebrar; o cara vai quebrar

porque uma hora ele vai cometer uma falha muito grande. O cara que entra assim mano, emocionado, ele quebra. Agora, já o cara que entra com a cabeça mesmo entendeu, com a inteligência, crendo que é aquilo mesmo que ele quer; que é o bem mesmo da população, o cara consegue ir pra frente, ele tira a cadeia dele de boa mano, tira sossegado.

Túlio, com o passar dos dias, demonstra ser um *ladrão humilde*. Trata todos os companheiros de *caminhada* como *iguais*, movimentando-se de acordo com o lema do *Comando*, mais especificamente, em consonância com o ideal de *Igualdade*. Sempre que alguém o solicita, mostra-se disposto a ajudar. Ao invés de emitir opiniões, prefere ouvi-las. Apesar de possuir uma extensa ficha criminal, evita tecer comentários acerca de suas ações, exceto quando é questionado. Falar excessivamente sobre os crimes praticados pode fazer com que outros adolescentes pensem que Túlio deseja ser visto como mais ousado, mais perigoso e, portanto, melhor do que os outros.

No espaço de internação, meu interlocutor desloca-se com extrema discrição, sobretudo nos dias em que os familiares dos internos comparecem à *cadeia*, período em que os movimentos corporais devem ser minimamente controlados. Nos *dias de visita* não é permitido tocar nos órgãos genitais, falar palavrões e olhar para as mulheres que visitam os companheiros. As palavras proferidas em alto tom de voz também devem ser evitadas, afinal, aqueles que gritam na *cadeia*, atitude que representa a falta de respeito com as famílias dos outros *ladrões*, são repreendidos pelos *disciplinas*.

A cada conversa travada dentro da Unidade de Internação 29, momento em que as lideranças transmitem as orientações do *Comando*, elaboram as estratégias de atuação para manter a *cadeia* sob controle e avaliam as opiniões emitidas pelos adolescentes da *população*, Túlio aproxima-se dos *disciplinas*, que reconhecem o potencial do novato.

Os caras [os disciplinas] pegava e chegava em nós: oh, tá acontecendo tal, tal situação, tem como vocês colar lá na ideia pra ajudar a gente? [Túlio]: demorou. Eu colava lá, ajudava os cara entendeu, dava a minha opinião. Aí, tipo assim, os caras [as lideranças] falava que a opinião de uns cara que já conviveu com muita coisa era bastante influente, bastante forte. Mesmo sendo população porque é o seguinte: quem já conviveu com muita coisa é mais cabeça, mais mente, já passou por muito mais coisa. Os caras trabalhava em cima disso né. Porque eles também queriam aprender, porque querendo ou não, mesmo o cara estando na faxina, ele tá numa fase meio que de aprendiz. O cara pode ser piloto e tudo, mas nem tudo o cara sabe. Então, tipo, é um passando pro outro, um aprendendo com o outro. Tipo como se fosse uma escola mesmo, só que uma escola voltada pro crime, tá ligado? Então, tipo, eu sempre tava

colando nas ideia junto com os caras. Aí, eu fui aprendendo mais, aprendendo mais, os caras foi me convidando [pra somar com a disciplina] e eu negando né, que no começo eu não queria me envolver.

Aos poucos, o jovem mostra-se preparado para atuar junto às lideranças. As intensas experiências vividas ao lado dos companheiros da *quebrada*, bem como o conhecimento acerca do modo de operação do *Comando*, adquirido antes mesmo do adolescente ingressar na Unidade de Internação 29, o tornam, aos olhos dos *disciplinas*, um *ladrão mais cabeça, mais mente, que já conviveu com muita coisa* e que, portanto, pode contribuir significativamente para que a *cadeia* continue sob domínio dos internos. Nesse contexto, o *convite* para que Túlio ocupe o posto de *setor da limpeza*, o mesmo que foi preenchido por Pedro no complexo do Tatuapé, não tarda a chegar.

Nessa época, eu falava: não, não quero. Daí, alguns caras [sobretudo os setores] falava: você quer moleza, quer ir direto pra faxina? Eu falava: não, não é que eu quero ir direto pra faxina. A questão é que pra mim esse cargo de setor não me convém mano. Tipo, os caras via que eu não gostava mesmo do trampo de setor. Puta, eu não gostava de ficar varrendo pátio, essas coisas, não gosto mesmo. Não gosto cara! Eu não arrumava nem o meu barraco, eu pagava pros outros arrumar. Eu tinha de tudo lá dentro entendeu, tinha de tudo mesmo cara, tinha era cem maços de cigarro. Os caras pagava maior pau né mano pra isso. Pô, eu tinha de tudo né mano. Era o maior corre mesmo. Tipo, eu não gostava nem de lavar a minha roupa mano, pagava pros outros lavar porque eu não gostava¹⁵³.

Diferentemente de Pedro, que na primeira oportunidade aceitou o *convite* para tornar-se *setor da limpeza*, cargo que ocupou durante toda a sua estadia no complexo do Tatuapé, Túlio recusa a proposta para *somar com a disciplina*. O adolescente, apesar de reconhecer que tal posto é um bom começo para o novato que chega à *cadeia*, na medida em que os *disciplinas* podem observar se o recém-chegado muda a sua conduta após tornar-se liderança, *tem uns caras que entra pro bagulho e já começa a se achar*, mostra-se insatisfeito com as funções desempenhadas pelos *setores* que, vale notar, caracterizam-se pelo trabalho braçal. A

¹⁵³ Nas *unidades dominadas*, assim como ocorre nos estabelecimentos prisionais, o cigarro é o dinheiro da *cadeia*. Nesse sentido, vê-se que os internos estabelecem alguns valores que auxiliam nas negociações. Túlio, por exemplo, ao solicitar que outro adolescente limpasse o seu *barraco*, pagava para o executor do serviço um maço de cigarros. Da mesma forma, por cada peça de roupa lavada, o jovem desembolsava cinco cigarros soltos. Certa vez, o adolescente mostrou-me uma caixa de sapatos repleta de cigarros. Segundo o jovem, que não fumava, os cigarros eram obtidos por meio dos jogos realizados na *cadeia*, que incluíam partidas de dominó, truco, tranca, etc. Tais eventos eram organizados pelos *disciplinas* que, inclusive, estabeleciam um limite para as dívidas contraídas pelos jogadores, atitude tomada para que nenhum participante se comprometesse com valores exorbitantes, impossíveis de serem pagos.

limpeza dos banheiros, das salas de aula e do pátio interno, enfim, de todos os espaços que constituem a Unidade de Internação, são atividades que desagradam o jovem, sobretudo porque, aos olhos do adolescente, ele já encontra-se preparado para atuar só com a *mente*.

Túlio aguarda uma nova proposta. O risco do adolescente cair no esquecimento, isto é, não ser mais convidado para participar dos assuntos que envolvem o futuro da *cadeia*, existe, mas é diminuto. De fato, nota-se que meu interlocutor soube avaliar o contexto em que se deslocava. Túlio pôde se movimentar de tal maneira porque sabia que era considerado como uma figura importante pelos *frente da cadeia*, afinal, boa parte dos recém-chegados que eram encaminhados à UI-29 naquele momento, aos olhos das lideranças, não eram tão *capacitados*.

Muita gente que entrava ali naquela época já era mais criança cara. Tipo mais voltado pra criancice. Os caras não se desempenhava, não trocava uma ideia, não tava nem aí se o Choquinho ia entrar ou não. Os caras não se preocupava muito, os caras queria tirar [a cadeia] só na gozolândia mesmo, deitado, dormindo, comendo, bebendo. Os caras não se preocupava com o que iria acontecer mais pra frente, os caras não via o futuro. Tipo, os disciplinas tava sem opção. E aí, é o seguinte: os caras [as lideranças] achava que eu tinha muita ideia né mano. Os caras falava: puta mano, o cara é muito cabeça pra colocar ele num setorzinho. Os caras convidava eu pro setor e eu negava. Daí, eles falava: ah, e pra faxina? [Túlio]: pra faxina talvez eu pense. Naquela época, os caras olhava pra população, os caras falava: pô, nós só enxerga você mano¹⁵⁴.

Ainda que o jovem tenha recusado o posto de *setor da limpeza*, permanecendo entre os internos da *população*, constata-se que Túlio continua sendo acionado pelos *disciplinas*, que surpreendem-se com a postura adotada pelo adolescente no cotidiano da *cadeia*. Afinal, trata-se de um *ladrão* que não comete erros, como aquele praticado por Pedro no complexo do Tatuapé que, ao manifestar uma opinião contrária à emitida por todos os internos da UI-1, impossibilitou o seu deslocamento pelos postos de liderança.

As opiniões de meu interlocutor, frequentemente solicitadas pelos *disciplinas*, em especial, pelos *pilotos da cadeia*, passam a ser cada vez mais valorizadas. Diante das dificuldades enfrentadas pelos *frente da situação*, que ao observarem os adolescentes da *população* só enxergam Túlio, em pouco tempo, surge um novo *convite*.

¹⁵⁴ De fato, a partir de meados de 2006, período a que meu interlocutor se refere, sobretudo na UI-29, acompanhei a desinternação de diversos *ladrões estruturados*, entre os quais, Pedro. Ao mesmo tempo, pude notar que os agentes institucionais, dentro do possível, evitavam o recebimento de adolescentes que possuíam uma longa ficha criminal, ainda que fossem obrigados a aceitar alguns jovens considerados mais experientes. Muitos dos internos que chegavam à UI-29 naquele momento, diferentemente de Túlio, não eram classificados como *PGG* [Primário, Grave, Gravíssimo]. Ao longo das oficinas de comunicação, deparava-me com muitos novatos que haviam sido presos por terem praticado pequenos assaltos, internos que, aos olhos das lideranças, não eram tão *estruturados* como Pedro e Túlio.

Eu já tava muito influente com eles [os pilotos], já tinha pegado muita amizade com eles. Aí eles falaram: cara, não tem mais opção, nós tá sem opção cara. Não que nós tá pedindo pra você quebrar o nosso galho cara, mas, ou é isso ou você vai ver a cadeia virar patifaria e não é isso o que você quer. Daí, eu falei pros caras: puta cara, mas não adianta eu me ajuntar com vocês e não ser o que vocês querem. Daí, os cara pegou e falou: não, nós têm plena confiança que você vai conseguir. Do seu jeito ou não, você vai conseguir. Daí, me chamaram pra faxina. Eu falei assim: ah, demorou então, vamos ver o que vai dar. Fiquei na faxina por um tempo, aí depois eu resolvi me afastar. Eu mesmo resolvi me afastar. Eu lembro que tipo eu tava meio de cabeça quente, eu já não tava mais aguentando aquelas ideias, não gostava de ver outros caras sendo corrigidos. Porque doía né mano. Porra, você ter que bater em um cara que você vai ter que continuar convivendo com ele, não é fácil né?

Túlio, após a insistência dos *pilotos*, torna-se *faxina*. De fato, gerir a *cadeia* não constitui tarefa fácil. Em geral, os adolescentes que ocupam tal posto, juntamente com os *setores*, são os primeiros a levantarem de suas camas e os últimos a se recolherem em seus *barracos*, tamanha a quantidade de atividades desenvolvidas ao longo do dia.

Os problemas que envolvem a *cadeia*, desde os desentendimentos entre os jovens da *população* até a suspeita de que algum *verme* pode estar escondido no *convívio*, devem ser solucionados pelos *disciplinas*, que, para tanto, sempre estão na *ideia*¹⁵⁵. Vale ressaltar que os jovens da *população* que cometem erros são avaliados de acordo com alguns critérios. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta a gravidade do ato praticado, afinal, insultar um companheiro de *caminhada* não é tão grave quanto masturbar-se no *dia de visita*. Tal avaliação, segundo Túlio, é extremamente necessária, haja visto que os erros cometidos não devem ser punidos com a mesma intensidade.

Só porque o cara xingou o outro ali, nós já vai subir o cara na paulada? Não é assim que funciona, não é assim que a banda toca cara. Por isso que os caras [os disciplinas] têm que sentar e conversar muito antes de chegar na decisão final.

Outro ponto importante a ser considerado é o histórico do adolescente dentro da *cadeia* que, caso cometa erros sucessivos, mostrando que não está disposto em absorver os ensinamentos dos *disciplinas*, sofre punições cada vez mais severas, que podem resultar em sua transferência para o espaço destinado aos *vermes*, isto é, o *seguro*.

Apesar das lideranças priorizarem o diálogo no que concerne à resolução de tais conflitos, tendo como objetivo principal o fornecimento de instruções àqueles que *ramelaram*

¹⁵⁵ A *ideia* é uma espécie de reunião feita pelas lideranças sempre que alguma decisão precisa ser tomada.

[erraram], em alguns casos, a sanção adotada pelos *disciplinas* é a *madeirada* [agressões físicas]. Vale notar que a aplicação de tal medida punitiva é executada apenas pelas lideranças, mais especificamente, *só de faxina em diante*.

Setor, dependendo da situação, nem vai [não presencia a aplicação da medida punitiva]. Porque o setor tá aprendendo, tá começando a desenvolver as ideias que nós desenvolvía. Porque não era fácil, não era fácil você ter que sentar lá e ficar duas horas, três horas conversando com uma pessoa até entender o que aconteceu. Era muito difícil, vários caras. Aí você colhe a opinião de um, escuta outro, escuta um, escuta outro, até um errar ali e falar a verdade. Até um não aguentar mais e falar: não mano, foi isso e isso que aconteceu, essa é a verdade. [Disciplinas]: ah, é isso, então beleza, então nós vai agir assim, assim, assado.

Se antes de assumir o posto de *faxina* o adolescente participava das discussões junto aos *disciplinas*, mas não aplicava as sanções àqueles que cometiam erros, após ter aceitado o convite feito pelas lideranças, a participação de Túlio passa a ser outra. Quando algum adolescente da *população* toma uma atitude indevida, os *faxinas*, os *encarregados* e os *pilotos* vão *pra ideia*, momento em que tais lideranças avaliam a situação, ouvem as opiniões emitidas por todos os envolvidos, chegam a uma conclusão e aplicam a medida punitiva considerada como a mais adequada.

Em alguns casos era madeirada mesmo. Teve um maninho lá, o único de Taubaté que foi corrigido. Puta, deu mó dó né mano. O cara olha nos seus olhos e fala: puta, vou apanhar. Esse moleque aí tinha chamado os caras de verme [os disciplinas]. Nossa, até comigo ele já tinha arrumado confusão, tá ligado? Eu que mais defendi ele lá dentro cara. Tipo, eu ali né mano, pô não queria que o cara apanhasse. E eu tentava, falava com os caras [com as lideranças]: pô, dá uma oportunidade e pá ou então vamo só no braço. Oh, teve muita conversa cara, muita conversa mesmo porque muitos ali, por muitos ali era seguro mesmo. E os cara falava: pô mano, mas só porque o cara é da sua quebrada? [Túlio]: não cara, não é por causa disso. É que sei lá cara, na minha opinião, o cara não merece isso, ele merece ser corrigido dessa forma aqui e não dessa daí. Aí, foi muita conversa, muita conversa, muita conversa. Nas ideias entre a [UI] 29 e a [UI] 25, ele foi e deu uma mancada lá no meio da ideia. Primeiro ele disse que não aceitava o corregimento dele. Na 29, os cara falando pra ele né...porque os cara fala: oh, você só vai sair [da cadeia] com a nossa permissão pra ir pra técnica, você vai ficar um tempo na nossa visão pra nós ter certeza que você não vai caguetar a gente lá na frente [na direção]. E ele não aceitou na hora que os caras da 29 falaram isso. Só que na hora que os caras da 25 repetiu a mesma coisa que nós tinha falado, a mesma coisa, ele foi e aceitou. Aí, eu pensei: nossa, o cara mesmo se condenou mano. Porque ele devia ter ficado quieto cara, não ter falado nada. Esperasse os caras da 25 falar também e ele falasse só uma vez [emitisse uma única opinião], já que ele tinha dúvida

do que ele estava falando. Aí, ele bateu a nave. Já era. Eu pensei comigo: infelizmente mano, o cara vai apanhar. Aí, não deu outra, os caras subiu ele na madeira.

Em algumas ocasiões, sobretudo quando não há consenso entre os *disciplinas*, vê-se que a consulta às lideranças de outra *cadeia* torna-se possível, afinal, como enfatiza Túlio, *quanto mais opinião melhor*. Durante a *ideia*, que pode durar horas e horas, os *disciplinas* permanecem concentrados. Trata-se de um jogo de paciência em que todos os participantes buscam o esclarecimento dos fatos, a *verdade*. A descontração, conforme as opiniões vão sendo enunciadas, cede espaço à tensão, que produz corpos quase imóveis. O jovem que está sendo avaliado, diante de tamanha pressão, além de atentar para os movimentos involuntários produzidos por seu próprio corpo, que podem sugerir que o adolescente tem algo a temer, deve tomar cuidado com as palavras proferidas, haja visto que, como ressaltam meus interlocutores, *palavra de ladrão é uma só, não faz curva*. Nesse sentido, nota-se que os internos que entram em contradição, como no depoimento acima, assinam a própria sentença.

De fato, o cotidiano das *unidades dominadas* caracteriza-se pela intensidade das experiências vividas. Se nas *unidades na mão dos funça* os adolescentes reclamam que *nunca tem nada pra fazer, é tudo sempre a mesma coisa*, nas *dominadas*, falta tempo para solucionar todos os problemas da *cadeia*. É por esse motivo que os *disciplinas*, enquanto encontram-se associados à posição de liderança, devem dedicar atenção total às questões que envolvem o espaço de internação. Aqueles que não conseguem desvincular-se dos problemas pessoais deixados do outro lado das muralhas, em geral, solicitam o afastamento do posto ocupado, que pode ser preenchido novamente assim que as questões do *mundão* forem resolvidas. Contudo, vale salientar que o afastamento também depende da aprovação das lideranças.

Tive que trocar ideia. Pra explicar porque eu queria [o afastamento]. Porque não era assim, só chegar e falar: oh, eu quero sair. Tive que trocar bastante ideia, convencer os caras entendeu, expliquei pros caras a situação, tudo e pá. Os caras entendeu e falou: não, isso mesmo, nós entendemos. Chegaram numa conclusão, então, que eu estava afastado. Depois disso não passou muito tempo eu subi de novo, os caras convidaram eu de novo pra subir pra faxina.

Os problemas familiares que atormentavam meu interlocutor, entre os quais, as incessantes tentativas frustradas de visitar a sua mãe na *cadeia*, associados ao desgaste de participar de tantas e tantas *ideias*, *eu já não tava mais aguentando aquelas ideias, não*

gostava de ver outros caras sendo corrigidos, fizeram com que o adolescente solicitasse o afastamento da *faxina* aos outros *disciplinas*, evento em que a argumentação do jovem, que precisou convencer os companheiros de *caminhada*, foi determinante.

No final de 2006, Túlio retornaria ao posto deixado em aberto. Se os problemas relacionados à sua família não estavam totalmente solucionados, pelo menos não desviavam as suas atenções que, em sua nova inserção na *faxina*, estavam totalmente voltadas para a resolução dos problemas da *cadeia*. Além disso, meu interlocutor não teria mais que lidar com a dor decorrente das punições aplicadas aos outros *ladrões*, afinal, a *madeirada* já havia sido terminantemente proibida pelo *Comando*.

2.5 Bandeira branca: a paz deve reinar na cadeia

Até o momento, além de debruçar-me sobre o processo de constituição dos *disciplinas*, atentando para alguns traços que constituem a configuração referente às *unidades dominadas*, procurei demonstrar que os ocupantes de tais postos de liderança são os principais responsáveis pelo funcionamento da *cadeia*, o que não significa que tais adolescentes atuam sozinhos. Como vimos ao longo de alguns trechos deste capítulo, antes de tomarem decisões importantes como, por exemplo, a iniciativa de *ir pro arrebento*, as lideranças, sempre que possível, entram em contato com os *irmãos* do *Comando*. Apesar dos adolescentes seguirem as orientações transmitidas pelos integrantes do *Partido*, nota-se que tais internos não são filiados ao Primeiro Comando da Capital, isto é, não são *batizados*, portanto, não são reconhecidos como *irmãos*¹⁵⁶.

Nóis é a sintonia dos caras. Eu sou sintonia dos caras. Corro com os caras [do *Comando*, isto é, sigo as suas orientações], *mas tô do lado de fora, de fora* [não sou batizado; não sou irmão], *mas seguindo a doutrina de dentro* (*faxina* da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares).

A narrativa descrita acima, ao mesmo tempo em que aponta para a inexistência de *irmãos* no interior das *unidades dominadas*, evidencia que os adolescentes de tais espaços de

¹⁵⁶ Nesse sentido, distancio-me das abordagens, sobretudo jornalísticas, que insistem em afirmar que os internos da Fundação CASA são membros do PCC. Algumas publicações chegam a sugerir a existência de uma espécie de “PCC Mirim”, tal como a matéria veiculada pelo jornal *Agora São Paulo* em 16 de maio de 2010: “Facção tem ala mirim dentro da Fundação CASA” (FERRAZ, 2010).

internação, mesmo não sendo *batizados*, seguem as instruções do *Comando*. Tais orientações, quando precisam ser amplamente divulgadas para todos os indivíduos que *fecham com o certo*, não importa se estes encontram-se dentro ou fora das instituições de controle social, são transmitidas por meio do *salve geral*.

O salve geral é uma comunicação do Comando. É pra quem tá dentro [das cadeias] e pra quem tá fora. É pra quem segue a doutrina, tá ligado? Quando revoluciona alguma caminhada, por exemplo, em 2006 teve os atentados [“ataques do PCC”]. Em 2007, final de 2006, veio o salve geral da paz, a bandeira branca, que ainda tá de pé. A paz, a bandeira branca, o salve da paz, foi comunicado a todo mundo¹⁵⁷ (faxina da UI-38, complexo Raposo Tavares).

Túlio, ao reassumir o posto de *faxina* da Unidade de Internação 29, deparou-se com outro cenário. De fato, os informes transmitidos pelos *irmãos* nos últimos dias de 2006, provocariam alterações significativas no que concerne aos métodos punitivos adotados pelos *disciplinas*. As agressões físicas, também conhecidas como *madeirada*, apesar de serem utilizadas apenas em alguns casos, seriam terminantemente proibidas. Como ressalta meu interlocutor, *os irmãos chegaram até nós e falaram: oh, tá cortado, agora é paz total*. Desde então, aqueles que cometem erros no cotidiano da internação, independente da gravidade dos atos praticados, bem como da recorrência das atitudes indevidas, não sofrem mais punições violentas em seus corpos, sobretudo porque a *bandeira branca ainda tá de pé*. Diante de tal contexto, às lideranças só resta instruir os internos que cometem erros e, em último caso, enviá-los ao *seguro*. Contudo, sem encostar as mãos naqueles que insistem em descumprir as suas orientações. Além disso, vale ressaltar que durante a vigência da *bandeira branca*, período em que a paz deve reinar na *cadeia*, os *disciplinas* procuram evitar as rebeliões.

Dias (2008, p.257), ao discorrer sobre os efeitos provocados pela instauração da *bandeira branca* nas instituições prisionais orientadas pelas diretrizes do *Partido*, salienta que tais prisões “estariam com uma 'bandeira branca hasteada' em função de um acordo feito com o governo do estado, após numerosos ataques do PCC contra as instituições de segurança pública – polícia, judiciário e sistema prisional”. Em troca da pacificação das *cadeias do Comando*, as autoridades governamentais teriam concedido vantagens aos membros do *Partido*, entre as quais, a transferência de alguns *irmãos* de unidades prisionais regidas pelo

¹⁵⁷ Com relação ao *salve geral*, categoria nativa que aponta para a existência de conexões entre instituições prisionais, Unidades de Internação para adolescentes e determinadas áreas urbanas, resalto que pretendo retomar tal discussão nas notas finais da dissertação.

Regime Disciplinar Diferenciado (RDD). Ainda segundo a autora, durante este período de paz nos presídios paulistas, constata-se que os presos evitam as brigas, as confusões e os motins, procedimentos que, ao serem adotados tanto pelos *irmãos* quanto pelos *disciplinas*, mais uma vez, evidenciam a simetria existente entre as Unidades de Internação da Fundação CASA e as instituições prisionais orientadas pelas diretrizes do *Comando*.

Em relação às *unidades dominadas*, nota-se que o *salve da paz* provocou uma espécie de reordenamento nas relações estabelecidas entre os *ladroes*. Túlio, apesar de reconhecer os benefícios proporcionados pela *bandeira branca*, entre os quais, o fato de não ter que agredir os companheiros de *caminhada*, enfatiza que a instauração de tal procedimento acarretou alguns empecilhos à atuação dos *disciplinas*.

Tipo assim, tá acontecendo um...vamos supor que o moleque vai lá e bate punheta no dia de visita. O cara sabe que não pode. Então, tipo, pra nós, nesse caso, era madeirada na certa, mas mesmo assim nós quer a opinião mais pra frente [dos irmãos] porque nós não sabe o que tá acontecendo lá fora, principalmente naquela época que os caras falou: não, agora é paz total, é só pegar e tirar pra fora da cadeia. Daí, tipo...numa situação dessa aí o cara não merece ir pra fora da cadeia, o cara merece só um corregimento, mas qual o corregimento? Qual deles escolher? Pô, são vários caminhos, imagina que são três caminhos. Um desses caminhos tá certo e os outros dois tá errado. O bagulho é mil grau mano, você fica com a cabeça a mil. Puta, faço ou não faço, faço ou não faço? Muitas vezes ali nós fez porque nós tinha certeza que tava certo, nós chegava nos caras [nos irmãos] depois e falava: oh, nós fez isso, isso, assim, assado. Como vocês quer nós tá passando a caminhada. Aconteceu isso, isso e isso, assim, assim e assado, beleza?

Vê-se que os *disciplinas*, após a instauração da *bandeira branca*, movimentam-se com certa dificuldade. O receio de cometer algum equívoco em relação ao tratamento dispensado àqueles que *ramelaram*, acontecimento que, entre outras consequências, pode resultar no afastamento do posto preenchido, em alguns casos, praticamente os imobiliza, situação que pode agravar-se quando a consulta aos *irmãos* mostra-se inviável. Nesse contexto, as relações travadas entre os *disciplinas* e a *população* tornam-se cada vez mais tensas, haja visto que, aos olhos daqueles que encontram-se associados à posição de liderança, alguns jovens da *população*, após o hasteamento da *bandeira branca*, ao perceberem que não seriam punidos com tanta rigorosidade, passaram a abusar da possibilidade de cometer erros.

De fato, entre os primeiros meses de 2007 e novembro de 2009, período em que ministrei oficinas de fotografia em distintas *unidades dominadas*, sobretudo nos complexos de

Franco da Rocha e Raposo Tavares, pude notar que o descontentamento das lideranças em relação à conduta adotada por alguns adolescentes da *população* intensificava-se. As atitudes indevidas por parte de alguns internos, sobretudo nos *dias de visita*, irritava os *disciplinas* que, pelo fato de agirem conforme as orientações do *Comando*, estavam proibidos de corrigir comportamentos por meio da *madeirada*. Certa vez, ao observar o descontentamento do *piloto* da Unidade de Internação 38, aproximei-me do adolescente para saber o motivo de tamanha irritação. O jovem, após discorrer sobre a inexperiência dos novatos, ressaltou que durante a última visita dos familiares à *cadeia*, um adolescente da *população*, mesmo sabendo que os parentes dos internos encontravam-se na unidade, compareceu ao pátio interno sem a *coruja* [cueca], postura que segundo o *disciplina* era inaceitável e que, não fosse a vigência da *bandeira branca*, seria corrigida de outra maneira. *Esse daí merecia uma pá de madeirada. Mas, fazer o que né? Hoje em dia não pode mais relar a mão no vagabundo de jeito nenhum.*

Diante de tal situação, as lideranças de algumas *cadeias dominadas*, com o objetivo de não esquecerem todos os equívocos praticados por aqueles que insistem em *ramelar*, passam a anotar as atitudes indevidas dos adolescentes da *população* em um caderno, que permanece sob controle dos *faxineiros*. Os erros cometidos, intitulados pelos *disciplinas* de *fitas no ar*, termo que, vale ressaltar, aponta para a impossibilidade de solucionar tais problemas imediatamente, ao serem agrupados, registram o histórico do adolescente na *cadeia* que, no momento oportuno, será cobrado pelas lideranças¹⁵⁸.

Fitas no ar

1- O mano X foi para o pérola [local dos cursos profissionalizantes] sem a coruja. 2- O mano X caguetou o mano Y na UIP-10. 3- O mano X tentou passar o mano B como errado, falando que o mano B tinha escutado ele falar que tava a pampa [tranquilo] de galinagem sendo que o mano B não tinha ouvido nada. 4- O mano X falou que iria fazer B.O. contra os manos que estavam galinhando com ele.

1- O mano J saiu na destruição [brigou] com o mano W. 2- O mano J se encontra com outra fita no ar devido ter rateado [roubado] a coruja do mano L. 3- O mano J se encontra com uma fita no ar devido ter rateado o cigarro do mano Z. 4- O mano J falou que o peito da visita era caído.

1- O mano V veio a sair na destruição com o mano F. 2- O mano V furou a lupa da mulher do culto [olhou para o corpo da funcionária que oferecia assistência religiosa aos internos]. 3- O mano V veio a sair na destruição com o mano D.

¹⁵⁸ No início de 2009, por meio de um diretor de uma *cadeia dominada*, tive acesso ao caderno da *faxina*, que havia sido apreendido durante uma revista. A seguir, apresento algumas anotações dos *faxineiros*.

1- O mano N foi pra visita sem a coruja. 2- O mano N tentou passar os manos E e G como errados. 3- O mano N coçou o saco na frente das visitas. 4- O mano N se encontra com uma fita no ar porque saiu na destruição com o mano H.

Após a instauração da *bandeira branca*, nota-se que os adolescentes que insistem em não absorver os ensinamentos transmitidos pelos *disciplinas*, cometendo uma sucessão de erros, apesar de não serem punidos, também não caem no esquecimento. Pelo contrário, permanecem com as suas *fitas no ar*, como que em suspenso, ainda que seja por um período determinado. Aos *disciplinas*, só resta esperar o momento adequado para que as medidas punitivas, em especial, a *madeirada*, voltem a ser aplicadas. Afinal, as lideranças têm consciência de que, da mesma forma que os *irmãos* hastearam a *bandeira branca*, estes podem baixá-la a qualquer instante. *Ah senhor, quando a bandeira branca cair e subir a bandeira vermelha, vários malucos sem postura dentro da cadeia tá fodido* (piloto da UI-38).

Se durante a vigência da *bandeira branca* a paz deve reinar dentro da *cadeia* o que, em termos práticos, significa a proibição de qualquer tipo de agressão entre os adolescentes, bem como o término das rebeliões, com a instauração da *bandeira vermelha*, a situação rapidamente se altera. Como ressaltam meus interlocutores, quando a *bandeira vermelha tá de pé* as lideranças operam em *ritmo acelerado*. As rebeliões, por exemplo, podem ser detonadas a qualquer momento, sobretudo se os internos estiverem sendo agredidos pelo corpo funcional. Da mesma forma, aqueles que cometem erros no cotidiano da *cadeia* passam a receber uma única oportunidade que, caso não seja aproveitada, cede espaço à *madeirada*.

Quando tá assim, os caras começam a acelerar o ritmo da cadeia. Escreveu não leu, o pau comeu mano. Teve uma época na [UI] 29 que a cadeia tava assim, ritmo acelerado, acelerado mesmo. É uma ideia só. Não faz, não faz...fez uma vez, firmeza, mas não faz a próxima. Fez a próxima...aí o pau come (Pedro).

Para os integrantes do corpo funcional, sobretudo no que concerne aos *funça de pátio*, que durante os motins são os primeiros a serem conduzidos ao telhado da *cadeia*, constata-se que a *bandeira branca*, instaurada nas *dominadas* após os acontecimentos de maio de 2006, trouxe mudanças significativas, entre as quais, a queda expressiva no número de rebeliões. De fato, os anos 90, bem como o início da década de 2000, foram marcados pela ocorrência de sucessivas rebeliões nas distintas Unidades de Internação da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, acontecimentos que colocaram a instituição, ainda que de forma negativa, nas

páginas de todos os jornais impressos, bem como na programação dos noticiários televisivos. Imagens que auxiliaram na construção da FEBEM como uma espécie de símbolo do medo, “palco do terror e fonte de ameaça para o conjunto da sociedade” (MIRAGLIA, 2001, p.30).

A partir dos últimos dias de 2006, as cenas aterrorizantes que haviam caracterizado as décadas anteriores, muitas vezes transmitidas ao vivo, de internos em cima dos telhados, armados com facas improvisadas e pedaços de pau, ameaçando e espancando os agentes institucionais, aos poucos, foram desaparecendo dos veículos de comunicação. Apenas para se ter uma ideia, se ao longo de 2003 a instituição registrou a ocorrência de 80 motins, durante todo o ano de 2008, período em que a *bandeira branca* já encontrava-se hasteada, a FEBEM enfrentou apenas três rebeliões. Diante deste novo cenário, do ponto de vista dos agentes institucionais, sobretudo da presidência da instituição, há muitos motivos para comemorar.

Os números demonstram o êxito obtido pelo Governo do Estado de São Paulo na reconstrução das políticas de atendimento ao adolescente autor de ato infracional. Em um ano (de 2006 para 2007), as taxas de reincidência entre os internos da Fundação CASA caíram de 29% para 19,3%. Além deste indicador, que é inconteste e aponta para uma melhoria de qualidade na execução das medidas socioeducativas, há outros dados importantes que devem ser frisados em nome da boa informação e do esclarecimento da sociedade. Um deles é a queda no número de rebeliões. Foram apenas cinco ocorrências do gênero em 2007. Em 2005, quando teve início a atual gestão da Fundação CASA, 53 haviam sido registradas, sendo 35 apenas nos cinco primeiros meses do ano. Isso sem contar 2003, quando o escore bateu na casa dos 80 motins. Pode-se lembrar ainda do avanço na descentralização do atendimento. Em dois anos e oito meses, 31 unidades foram construídas e entregues pelo Governo do Estado. São unidades pequenas (para 40 jovens em internação e 16 em internação provisória) que atendem aos pré-requisitos do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Outras 15 casas do gênero serão inauguradas até o final deste ano, permitindo que os adolescentes do Interior sejam atendidos próximos de suas famílias. Nestas novas casas, não houve rebelião alguma em quase dois anos de programa e os problemas disciplinares são diminutos. Elas são geridas num sistema moderno, com a participação da sociedade civil, representada por organizações respeitadas, como a Pastoral do Menor. São estas novas unidades que têm permitido o esvaziamento dos grandes e inadequados complexos de internação. Neste quesito, cumpre ressaltar a desativação do Tatuapé, levada a cabo faz cinco meses e que simbolizou a guinada que o Governo do Estado deu no sentido de romper com o passado de unidades grandes, superlotadas e violentas (O desafio de construir uma nova casa, 2008).

O trecho descrito acima, extraído de uma publicação produzida pela própria assessoria de imprensa da Fundação CASA, em abril de 2008, evidencia as transformações ocorridas na antiga FEBEM/SP que, a partir de dezembro de 2006, portanto, no mesmo período em que a *bandeira branca* foi instaurada nas *cadeias dominadas*, passou a chamar-se Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente.

Aos olhos dos funcionários dos distintos setores institucionais, vê-se que a redução no número de rebeliões está intimamente relacionada à eficácia da medida socioeducativa, bem como ao processo de descentralização do atendimento, que, entre outras inovações, propiciou a desativação do complexo do Tatuapé, palco de inúmeras rebeliões, e a construção de unidades menores localizadas no interior do estado de São Paulo, com o objetivo de reduzir o número de adolescentes atendidos em um mesmo espaço institucional. Por sua vez, do ponto de vista dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação nas *unidades dominadas*, a queda no número de motins nada tem a ver com os novos procedimentos institucionais, e sim, com as orientações transmitidas pelos integrantes do Primeiro Comando da Capital, mais especificamente, com a vigência da *bandeira branca*. Obviamente, no presente trabalho, não se trata de adotar uma ou outra perspectiva. Faz-se necessário atentar para o fato de que tais explicações, quando articuladas, ganham força. Por um lado, é preciso reconhecer que os novos espaços de internação, frutos do processo de descentralização do atendimento, também conhecidos como *casas*, dificultam a mobilização dos internos, haja visto que os jovens encontram-se em número reduzido, aproximadamente 50 adolescentes por unidade, quadro que diverge consideravelmente daquele encontrado nos grandes complexos da instituição como, por exemplo, o Tatuapé, que na época em que Pedro esteve internado chegou a abrigar mais de 1.500 adolescentes divididos em 18 unidades de internação, sendo que algumas *cadeias*, por meio dos contatos travados entre os *disciplinas*, como vimos, agiam em conjunto. Além disso, vale salientar que a dinâmica de funcionamento das novas *casas* assemelha-se às *unidades na mão dos funça*, espaços de internação em que a chance dos jovens *virarem a cadeia* é reduzida, principalmente porque o controle institucional é intenso. Por outro lado, é importante enfatizar que após a instauração da *bandeira branca*, período em que estive em campo, não presenciei a ocorrência de nenhuma rebelião nas *unidades dominadas*, fato que aponta para a importância de considerarmos os efeitos provocados pelas orientações do *Comando*, que, nesse sentido, também contribuíram para a redução dos motins.

Apesar da *bandeira branca* impor algumas restrições em relação ao modo de operação dos *frente da cadeia*, no que concerne às tentativas de fuga, os adolescentes continuam se movimentando livremente, em consonância com o ideal de *Liberdade*.

Início de 2008. As lideranças da Unidade de Internação 25, principais responsáveis pelo planejamento e execução dos planos de fuga, juntamente com os internos da *população*, estão prestes a ganhar as ruas de Franco da Rocha. De fato, as adversidades são muitas.

Em primeiro lugar, é preciso cavar rápido mas, ao mesmo tempo, com extremo cuidado, afinal, qualquer barulho pode atrair a atenção dos funcionários e, conseqüentemente, botar tudo a perder. A grande quantidade de terra, bem como as roupas utilizadas por aqueles que permanecem horas e horas dentro do buraco quente e apertado, precisam ser rapidamente escondidas. Enquanto alguns adolescentes distraem os integrantes do corpo funcional, sobretudo os *funça de pátio*, outros internos, com ferramentas improvisadas, dia após dia, concentram todas as suas energias na produção do *tatu* [túnel], que, se tudo der certo, conduzirá os adolescentes da UI-25 à tão sonhada liberdade (relato extraído de meu caderno de campo).

Túlio¹⁵⁹, assim como todos os companheiros de *caminhada*, está ansioso. O *mundão*, que após a sentença judicial nunca esteve tão perto, está logo ali, a poucos metros de suas mãos. Mais alguns instantes e o plano de fuga será colocado em prática.

Tinha tudo mano, o bagulho você ficava de pé mesmo, era grandão, o bagulho era monstro mesmo. Se os caras não tivesse tido tanta pressa, nós tinha conseguido. Porque os caras pensou: ah, vou fugir de sexta pra sábado, sábado é visita. Os caras [integrantes do Choquinho] não vai entrar pra dentro. Uma coisa que ninguém esperava né, nunca tinha acontecido de no dia de visita os caras resolver fazer revista na cadeia. Aí, alguns caras já tava lá dentro do túnel, cataram os caras dentro do túnel. Cara, o bagulho era...oh mano, se continuasse do jeito que tava, os caras [funcionários] só ia descobrir no dia que a cadeia tivesse vazia. Os caras só ia descobrir na hora que falasse: cadê todo mundo? Ia todo mundo embora, quem que ia querer ficar?

A tentativa frustrada de transpor as muralhas da Unidade de Internação 25 manteria o adolescente afastado do *mundão* por mais alguns meses, acontecimento extremamente doloroso. A saudade de sua mãe, que ainda encontrava-se presa, associada à impossibilidade de contatar a figura paterna e, de uma vez por todas, esclarecer o que havia ocorrido entre o seu pai e a sua irmã quando a família ainda morava em São Paulo, angústia que nunca abandonou os pensamentos de meu interlocutor, fizeram com que o adolescente solicitasse o afastamento definitivo da *faxina*, decisão que seria mantida pelo jovem até o término da medida socioeducativa de internação.

Eu tava perto de sair, não tava aguentando mais. Tava com muita coisa na cabeça cara, algumas coisas aconteceram com a minha família. Daí eu falei pros caras [lideranças]: tô me afastando, vou tirar licença. Os caras entenderam. Daí, os caras falaram: ah,

¹⁵⁹ Em meados de 2007, em virtude de uma reforma realizada na Unidade de Internação 29, todos os adolescentes que encontravam-se internados em tal espaço institucional foram transferidos para a Unidade de Internação 25, local em que Túlio cumpriu os últimos meses de sua medida socioeducativa. Vale ressaltar que após a transferência para a nova *cadeia*, os internos que ocupavam postos de liderança na UI-29 mantiveram os seus respectivos cargos na UI-25. Túlio, por exemplo, continuou sendo *faxineiro*.

beleza então, pode se afastar. Nós vai passar pra cadeia. Passou pra cadeia, aí eu me afastei. (...) queria me manter do jeito que eu tava. Mesmo assim, os caras ainda convidava pra ideia, sempre convidando pra ideia.

Túlio, apesar de abandonar o posto de *faxina*, continua sendo acionado pelos *disciplinas* que, tendo em vista a *caminhada* irrepreensível do adolescente, dentro e fora da *cadeia*, solicitam as opiniões de meu interlocutor sempre que é preciso *ir pra ideia*. Além disso, vale notar que em meados de 2008, período em que o jovem já encontrava-se afastado da liderança, em determinadas ocasiões, pude perceber que o adolescente, mesmo sem estar vinculado a tal posto, continuava desempenhando algumas funções desenvolvidas pelos *faxineiros*, sem que para isso fosse necessário obter qualquer autorização daqueles que encontravam-se associados à posição de liderança. Da mesma forma em que Pedro, durante os eventos de maio de 2006, pôde atuar como *piloto da cadeia*, mesmo ocupando o posto de *faxina*, Túlio, apesar de fazer parte da *população*, após solicitar o afastamento da liderança, continua sendo reconhecido como *disciplina*.

Tais considerações me permitem afirmar que, no contexto das *unidades dominadas*, *ser disciplina* não significa apenas estar vinculado a um determinado posto hierárquico. Aqueles que são reconhecidos como lideranças, antes de mais nada, são *humildes*. Respeitam as opiniões emitidas por todos os companheiros de *caminhada*, tratando-os como *iguais*. Manejam os seus corpos no cotidiano da *cadeia* com extremo cuidado, atentando para os movimentos adotados, assim como para as palavras proferidas, sobretudo nos *dias de visita*. Quando cometem erros, reconhecem os equívocos praticados e aprendem com os *ladrões mais estruturados*. Possuem amplo conhecimento acerca do modo de operação do *Comando*, adquirido antes mesmo de ingressarem nas Unidades de Internação, bem como uma intensa *caminhada* no crime, o que os torna, aos olhos dos outros internos, mais experientes, *mais cabeça, mais mente*. Enfim, orientam as suas ações de acordo com a *disciplina do Comando*, dominando os códigos partilhados por todos aqueles que *fecham com o certo*.

Para meu interlocutor, que após o afastamento da *frente da situação* continua sendo reconhecido pelos outros internos como liderança, os últimos dias da medida socioeducativa já não despertam o mesmo entusiasmo. Se os primeiros meses ao lado dos *disciplinas* da Unidade de Internação 29 foram marcados pela intensidade de tais relações, na reta final de sua internação, o sentimento de solidão ganha força.

No final de 2008, todo mundo já tinha ido embora. Todo mundo, não tinha mais ninguém cara, ninguém mesmo, só eu. Tipo assim, eu já me sentia mais solitário. Tipo...não tinha mais o que me confortar ali. Apesar dos caras me respeitar e pá, eu já tava meio afastado, os caras já me achava meio invocado. Não conversava muito. Os caras chamava eu pra ideia, eu tipo trocava ideia, dava minha opinião, tudo. Os caras via a minha ideia e falava: por que esse cara não tá na faxina? Os caras que chegavam [os novatos] falavam isso, tá ligado? Os caras tinha acabado de chegar e perguntava: por que você não tá na faxina com os caras?

Vale ressaltar que o descontentamento do adolescente em relação aos últimos momentos vividos dentro da Unidade de Internação 25 não deve ser compreendido apenas como o resultado da desinternação de seus antigos companheiros de *caminhada*, afinal, a dinâmica de funcionamento das *cadeias* de Franco da Rocha, desde meados de 2008, também não era mais a mesma. Aos poucos, os funcionários intensificam as suas ações, tendo como objetivo central a retomada de tais espaços institucionais.

Ah, já não tava tudo na nossa mão porque não tinha mais como ter as coisas que tinha no passado. Tipo...a galeria [onde ficavam os quartos] já não era mais nossa [não ficava aberta no período noturno], a gente já não podia mais subir no telhado pra se comunicar com os caras da outra cadeia, a faxina também já não era tão revoltada com a vida, tá ligado? Antes, nós falava: é tudo nosso e acabou. Naquela época [nos primeiros meses da medida socioeducativa] não tinha tanta criança. Era uma batidona forte mesmo. Depois, começou a ir uns caras que não era tão estruturado igual os mano de antigamente.

As lutas travadas entre os *disciplinas* e os agentes institucionais tornam-se cada vez mais tensas. Tudo é motivo de disputa. As listas com os nomes dos participantes dos cursos culturais e profissionalizantes, que eram entregues nas mãos dos *disciplinas*, encarregados de reunir tais adolescentes, passam a ser solicitadas pelos *funça de pátio*, atitude que provoca o descontentamento das lideranças. As roupas do *mundão* cedem espaço aos uniformes institucionais. Os diretores das Unidades de Internação, acostumados a negociar junto às lideranças, também são substituídos, entregando os seus respectivos cargos a outros colegas que evitam tais negociações. Os anéis de prata, que enfeitam as mãos de alguns *disciplinas*, começam a ser retirados. Os contatos estabelecidos entre as lideranças das três *cadeias* de Franco da Rocha são interrompidos. Aqueles que insistem em subir no telhado para se comunicar com os companheiros, recebem punições que recaem sobre toda a população da unidade. As peças de roupa, que muitas vezes eram lavadas pelos próprios internos, passam a

ser recolhidas pelos agentes institucionais, sendo encaminhadas à lavanderia. Os *barracos* dos adolescentes, que durante os *dias de visita* permaneciam abertos, são trancados.

Diante de tal cenário, os *disciplinas* se movimentam, fazendo de tudo para manter o domínio do espaço institucional. Lutam para continuar servindo a alimentação aos adolescentes da *população*. Paralisam as atividades da *cadeia* para serem atendidos pelos novos diretores. Os celulares, que possibilitam o contato com os *irmãos* do *Comando*, apesar de serem apreendidos com maior frequência, ainda permanecem sob o controle das lideranças que, tendo em vista a *caminhada* dos recém-chegados, enfrentam inúmeras dificuldades para substituir aqueles que são desinternados, haja visto que os novos internos, aos olhos dos *frente da cadeia*, não são tão *capacitados*. Nesse contexto, uma outra categoria emerge das narrativas de meus interlocutores. A Unidade de Internação 25, que desde o período em que Pedro foi encaminhado ao complexo de Franco da Rocha, era considerada, tanto pelos adolescentes quanto pelos agentes institucionais, como uma *unidade dominada*, passa a ser classificada como *unidade meio a meio*, categoria que, como veremos ao longo do próximo capítulo, aponta para a divisão de autoridade no que concerne ao funcionamento do espaço institucional, isto é, *não é tudo nosso, mas também não é tudo deles* (Túlio).

Em meados de 2009, após alguns meses de afastamento, retornei ao complexo de Franco da Rocha para ministrar oficinas de fotografia aos adolescentes de tais espaços de internação. Na UI-25, ao colocar os pés dentro do pátio interno, pude notar que as coisas realmente haviam mudado. Em primeiro lugar, *setores*, *faxinas*, *encarregados* e *pilotos* não faziam mais parte do cenário institucional. Além disso, as mensagens estampadas nas paredes da *cadeia*, que enfatizavam o domínio do Primeiro Comando da Capital, também haviam sido apagadas. Naquele momento, todas as atividades realizadas dentro da unidade eram geridas pelos funcionários, que coordenavam os movimentos dos internos. Túlio, que já havia sido desinternado, ao ser informado sobre tais acontecimentos, durante o nosso último encontro realizado em setembro de 2010, apesar de lamentar o fato de que, atualmente, os adolescentes *tiram a cadeia no mó veneno*, sente-se aliviado por reconhecer que teve a sorte de cumprir a medida socioeducativa em um período que a *cadeia ainda fechava com o certo*.

Cara, tipo assim, é um negócio que eu nunca vou esquecer, nunca vou esquecer mesmo. O bagulho sempre vai estar na minha mente mano. Tinha o sofrimento, mas também tinha toda uma parte boa, se eu falar pra você que eu não sinto saudade daquela época [em que as unidades eram dominadas], eu estaria mentindo.

3. Dominada, meio a meio e na mão dos funça: figurações possíveis

(...) todas são lutas para modificar o equilíbrio do poder; como tal, podem ir desde os cabos-de-guerra silenciosos que se ocultam sob a cooperação rotineira entre os dois grupos, num contexto de desigualdades instituídas, até as lutas francas pela mudança do quadro institucional que encarna esses diferenciais de poder e as desigualdades que lhe são concomitantes.

Norbert Elias (2000)

Janeiro de 2007. Uma, duas, três, quatro revistas. As mãos dos vigilantes rapidamente deslizam sobre o meu corpo, completamente tomado pela inquietação. Sensação de medo que se entrelaça ao desejo de observar o que acontece do outro lado das muralhas. Em poucos instantes, enquanto aguardo a abertura do último portão de aço, uma série de imagens atravessam os meus pensamentos. Lembro-me das relações estabelecidas com os internos dos complexos de Franco da Rocha, Tatuapé e Vila Maria. De fato, as intensas experiências adquiridas ao lado dos adolescentes de outras *cadeias dominadas*, ao mesmo tempo em que amenizam a tensão, diminuem a possibilidade de que situações constrangedoras, tanto para mim quanto para os *disciplinas*, voltem a ocorrer¹⁶⁰.

Entre tantas aflições, tento convencer-me de que estou preparado para ingressar na Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares. Por via das dúvidas, pergunto ao vigilante sobre a atual situação da unidade, considerada pelos funcionários dos distintos espaços de internação espalhados pela capital paulista como uma *cadeia perigosa*, haja visto que tal espaço institucional abriga apenas os adolescentes que são classificados como *RGG* (Reincidente, Grave, Gravíssimo), internos que, pelo fato de terem diversas passagens pela instituição, cumprem medida socioeducativa de internação durante boa parte da adolescência. A resposta, prontamente concedida pelo funcionário, não poderia ser mais desestimulante: *a cadeia está tranquila, mas daqui a cinco minutos a gente nunca sabe o que pode acontecer.*

¹⁶⁰ Vale ressaltar que no início da pesquisa, sobretudo nas *unidades dominadas*, enfrentei inúmeras dificuldades em relação ao comportamento que eu deveria adotar dentro da *cadeia*. Certa vez, na Unidade de Internação 25, durante a visita dos familiares dos internos, ao fornecer algumas instruções para um jovem que participava do curso de fotografia, abaixei-me. Tal posição corporal fez com que uma pequena parte de minhas costas se tornasse visível. Diante de tal acontecimento, um adolescente que ocupava o posto de *faxina*, ao perceber o movimento inadequado, aproximou-se: *e aí senhor, que fita é essa? Tá mostrando a bunda pra cadeia? Tem visita no pátio mano!* Após pedir desculpas ao *disciplina*, este complementou: *fica de boa senhor, tranquilo, com o tempo você vai aprendendo*. Nesse sentido, vê-se que os agentes institucionais também devem manejar os seus corpos de acordo com a *disciplina do Comando*.

Agora não há como voltar atrás. Os adolescentes da Unidade de Internação 37, sobretudo os *disciplinas*, encarregados de não deixar a *cadeia parada*, isto é, sem atividades aos internos da *população*, aguardam a apresentação dos novos cursos culturais e profissionalizantes, disponibilizados aos jovens de todos os espaços institucionais durante o período em que estes entram de férias das atividades escolares¹⁶¹.

Em poucos minutos, o último cadeado é aberto. A porta de aço, na medida em que corre em cima do trilho enferrujado com extrema lentidão, aos poucos, como uma espécie de câmera fotográfica, fornece-me a primeira imagem do espaço de internação. Muralhas com arame farpado, portas de aço, grades por todos os lados, menções ao Primeiro Comando da Capital espalhadas pelas paredes do pátio interno e aproximadamente 150 adolescentes que dividem a pequena quadra de futebol desbotada compõem o cenário. Diante de tantos internos, os agentes de segurança sequer são notados, permanecendo com os seus corpos imóveis em locais delimitados pelas próprias lideranças.

Vale ressaltar que, enquanto os agentes institucionais evitam trabalhar na UI-37, haja visto as inúmeras dificuldades enfrentadas, entre as quais, a falta de condições estruturais adequadas (lousas, cadeiras, mesas, salas de aula), bem como os constantes embates com os *disciplinas*, os adolescentes que encontram-se internados no complexo Brás, aguardando a transferência para outros espaços de internação, sonham em ser encaminhados à Unidade de Internação 37, que assim como a UI-1, localizada no complexo da Vila Maria, também é conhecida como *Parque dos Monstros*. De fato, tal espaço institucional goza de elevado capital simbólico perante os adolescentes que encontram-se internados em outras *cadeias*, afinal, a UI-37 é conhecida por abrigar os internos que foram presos diversas vezes e que, portanto, possuem uma intensa *caminhada*, tanto no crime quanto no universo institucional. Em outras palavras, trata-se de uma *cadeia que fecha com o certo*.

Maurício Olic, ao discorrer sobre a dinâmica de funcionamento das Unidades de Internação do complexo Raposo Tavares entre os anos de 2004 e 2006, atentando para o embate de forças que caracteriza o cotidiano de tais espaços institucionais, fornece-nos um retrato ilustrativo do *Parque dos Monstros*, inaugurado em 26 de fevereiro de 2004.

¹⁶¹ As oficinas de férias, como são chamadas as atividades culturais disponibilizadas aos adolescentes durante o recesso escolar, possibilitam a circulação dos educadores por distintos espaços de internação. Em geral, tais profissionais permanecem nas unidades por um período de 15 dias, ministrando aos internos duas aulas semanais de uma hora e meia cada. No que concerne à minha pesquisa, saliento que tais atividades foram fundamentais, sobretudo porque propiciaram o acesso a outras *cadeias dominadas*.

(...) a UI-37 passou a exercer o papel de Unidade *piloto* do Complexo Raposo Tavares, isto é, ela passou a concentrar o poder de decisão do Complexo. Assim, por exemplo, os internos das outras *casas* só poderiam se rebelar com a devida autorização da Unidade 'central'. Isto fez com que a UI-37 acabasse por ser considerada por adolescentes e funcionários como o local da *diretoria do crime*, onde aqueles que por lá passam têm a responsabilidade de *honrar a cadeia em que estão* (OLIC, 2009, p.122, grifo do autor).

Diante de tais considerações, constata-se que a UI-37, também conhecida como *Aroeira*, assim como a Unidade de Internação 12 no período em que Pedro esteve internado no complexo do Tatuapé, além de abrigar os chamados *ladrões estruturados*, conta com a presença do *piloto do complexo* que, como vimos no capítulo anterior, é responsável pela totalidade do espaço institucional, coordenando as ações dos adolescentes que encontram-se internados em outras *cadeias* quando, por exemplo, é preciso *partir pro arrebento*. De fato, como bem observa Olic (2009, p.122), o prestígio associado à Unidade de Internação 37 pode ser verificado quando algum interno de tal espaço institucional é transferido para outras *cadeias dominadas*, “uma vez que ele passa a carregar consigo o 'status 37' para a sua nova unidade”. O relato abaixo, extraído de meu caderno de campo, corrobora com tais reflexões.

14 de junho de 2006, Franco da Rocha. O fim do período de *tranca*, após as rebeliões que explodiram por todo o complexo, decorrentes dos eventos de maio de 2006, mobiliza o Grupo de Intervenções Rápidas, que se prepara para soltar os internos de seus *barracos*. Os cassetetes e as armas carregadas com balas de borracha já estão em mãos. No setor pedagógico, professores, *funças de pátio* e coordenadores da área de segurança esperam a autorização para entrar nas unidades. De certa forma, todos têm medo que os adolescentes saiam da *tranca* e *virem a cadeia* novamente. Na Unidade de Internação 29, ao entrar no pátio, noto que os *disciplinas* estão agitados. Após trinta dias trancados em seus quartos, os *frente da cadeia* buscam retomar as suas atividades. Os *faxinas* reassumem os seus postos. Permanecem na entrada da unidade anotando os nomes de quem entra e quem sai. Os dois *pilotos*, por sua vez, caminham pelo pátio. Noto a presença de um novato entre tais adolescentes. Marcela, funcionária do setor pedagógico, enfatiza: *esse aí acabou de chegar lá da raposo, da 37, e já tá enturmado. Quando os meninos estavam de tranca, de dentro do quarto ele já conversava com os outros internos, demonstrando ter perfil de liderança*. O recém-chegado, ao perceber que estou com inúmeras folhas de papel sulfite em mãos, rapidamente se aproxima: *e aí senhor, descola uma dessas aí pra mim?* Aproveito para conversar com o interno. As roupas impecáveis, as palavras proferidas em baixo tom de voz e as orientações transmitidas aos internos da *população*, que insistem em fazer perguntas ao novo companheiro de *caminhada*, evidenciam que Jair deve ocupar algum posto de liderança. Tal dúvida seria esclarecida na semana seguinte, durante um breve diálogo travado com os outros *disciplinas*. O adolescente, após ser transferido do *Parque dos Monstros*, em menos de duas semanas, já era reconhecido como um dos *pilotos da cadeia*.

Aos olhos daqueles que ocupavam postos de liderança na Unidade de Internação 29, Jair era um *ladrão estruturado*. Sua intensa *caminhada* dentro da Fundação CASA, marcada pela circulação entre distintas *cadeias dominadas*, entre as quais, a Unidade de Internação 37, associada às suas opiniões valiosas emitidas durante a *ideia*, o habilitavam a *somar com a disciplina*. Obviamente, não para preencher qualquer posto. Da mesma forma em que Túlio, no início de sua internação na UI-29, do ponto de vista das lideranças, *era muito cabeça pra colocar ele num setorzinho*, Jair, em concordância com a sua *caminhada*, não poderia ocupar um posto hierárquico que não fosse o de *piloto da cadeia*, cargo que seria preenchido pelo adolescente por pouco tempo, haja visto que a direção da Unidade de Internação 29 trataria de eliminar o *disciplina*, transferindo-o para outro espaço institucional.

Ao colocar os meus pés dentro do pátio interno da Unidade de Internação 37, as lideranças, sobretudo os *faxineiros*, rapidamente se aproximam. Assim como ocorre com os adolescentes que possuem outras passagens pela instituição, os *disciplinas* procuram obter informações acerca do meu histórico na Fundação CASA. Para tanto, elaboram uma bateria de perguntas: *e aí senhor, veio fazer o que na cadeia? O senhor é de qual quebrada? Já trabalhou em outras cadeias antes? Quais? E como que tá lá, tá na mão dos menor ou tá na mão dos funça? E o senhor, prefere trabalhar em que tipo de cadeia? Aqui é o seguinte, é tudo nosso professor. Nós fecha com o Comando, tá ligado mano?*

Momento de tensão. Meu destino dentro da *cadeia*, em certo sentido, depende das respostas que serão concedidas às questões que me foram lançadas. Ao mesmo tempo em que não posso dizer o que os *faxinas* desejam ouvir, sobretudo porque um funcionário do setor pedagógico permanece ao meu lado, pronto para observar a conduta do novo professor e transmitir as suas impressões à direção da unidade, avaliação que pode resultar na impossibilidade de retornar à *cadeia* em oportunidades futuras, também não me parece prudente ignorar os questionamentos formulados pelos *disciplinas*, haja visto que a aceitação da oficina e, portanto, a minha permanência no espaço institucional, de certa forma, também depende daqueles que encontram-se associados à posição de liderança. Afinal, tais adolescentes, além de elaborarem a lista com os nomes dos participantes dos cursos culturais e profissionalizantes, estimulando os internos a acompanharem as atividades propostas, sobretudo os jovens da *população*, podem impedir a entrada de determinados funcionários no interior da *cadeia*¹⁶². Nesse contexto, torna-se necessário atentar para as palavras proferidas.

¹⁶² Certa vez, um funcionário do setor pedagógico da Unidade de Internação 25, complexo de Franco da Rocha, após discutir com um *faxina* de tal unidade, que o havia chamado de *parasita* [aquele que não faz nada pelos

Cair em contradição pode proporcionar efeitos indesejados, entre os quais, a acusação de não sustentar as minhas próprias opiniões, dando a entender aos *ladrões estruturados* que minhas palavras *fazem curva* e que, conseqüentemente, não sou um educador confiável. Diante de tal cenário, o melhor a ser feito é falar o mínimo possível, procurando inverter a situação desconfortável em que me encontro. Para tanto, procuro responder as perguntas que me foram feitas com mais perguntas. Aproveito para questionar as lideranças sobre os desdobramentos que os acontecimentos de maio de 2006 provocaram no *Parque dos Monstros*, assunto sobre o qual os *disciplinas* demonstram satisfação em discorrer, principalmente porque trata-se de mais uma oportunidade para evidenciar àqueles que entram no espaço de internação pela primeira vez que os adolescentes ali internados seguem as orientações transmitidas pelos integrantes do Primeiro Comando da Capital.

Luis, que ocupa o posto de *faxina*, antes de responder à pergunta por mim formulada, faz questão de salientar: *eu sou um dos disciplinas da cadeia, tá ligado? Qualquer coisa que precisar é com nós mesmo*. O adolescente, ao relembrar alguns momentos que marcaram as rebeliões que explodiram no complexo Raposo Tavares durante os “ataques do PCC”, entre os quais, a orientação dos *irmãos* para os internos *virarem a cadeia*, o início das chamadas que destruíram inúmeros colchões e o confronto violento travado com os policiais da Tropa de Choque da Polícia Militar, *nós vai pro confronto mesmo, aqui é outra fita senhor, não é qualquer Choquinho que chega entrando na nossa casa assim não*, recorda-se, em detalhes, do exato momento em que conduziu um agente de segurança ao telhado da *cadeia*, enrolando-o em um colchão, furando-o com a sua faca improvisada, ateando fogo e arremessando-o lá de cima, narrativa que durante frações de segundo provocou a interrupção de nossa conversa, tamanho o espanto sentido pelo meu corpo, congelado pela intensidade de tal depoimento.

De fato, como ressaltam os adolescentes da Unidade de Internação 37, *nessa cadeia aqui os funça não têm boi senhor, os caras passam mal*. Apesar das agressões físicas contra os agentes institucionais não serem frequentes, sobretudo porque tais atitudes, como vimos ao longo do capítulo anterior, podem proporcionar a perda de alguns benefícios conquistados pelas lideranças ao longo das constantes negociações travadas com a direção da unidade, vale salientar que, nas *unidades dominadas*, a pressão psicológica exercida sobre os integrantes do

adolescentes, que não trabalha e só espera o tempo passar para ir embora], recebeu o comunicado de que a sua entrada na unidade estava proibida. Foi então que a diretora da UI-25, com o objetivo de solucionar o problema do funcionário, chamou o *faxina* e os dois *pilotos da cadeia* para uma conversa. Tais jovens, após ouvirem o pedido da diretora para que o agente institucional pudesse retornar à unidade, teriam dito: *ai senhora, se ele tentar entrar na cadeia, o bagulho vai ser daquele jeito*.

corpo funcional, simbolizada pela permanência dos *funça de pátio* em locais estipulados pelas próprias lideranças, é intensa. Diante de tal situação, nota-se o descontentamento dos servidores públicos que, entre outras consequências, resulta em um quadro funcional sempre insuficiente para atender o número excessivo de internos, haja visto que muitos agentes institucionais solicitam a transferência para outros espaços de internação ou mesmo o afastamento do cargo ocupado, em especial, aqueles que são feridos durante os motins. Com efeito, constata-se que ninguém deseja trabalhar no *Parque dos Monstros*. As péssimas condições de trabalho, o perfil dos adolescentes atendidos e o medo constante dos poucos funcionários que atuam na *cadeia* fazem com que tal Unidade de Internação constitua-se “como uma espécie de 'depósito de corpos indesejáveis’” (OLIC, 2009, p.121).

No que concerne aos integrantes da cúpula institucional, nota-se que a dinâmica de funcionamento das *cadeias dominadas* configura-se como um fator de instabilidade, principalmente para aqueles que ocupam a presidência da instituição que, em geral, são afastados de seus cargos sempre que a situação torna-se incontrolável. No caso da Unidade de Internação 37, por exemplo, as frequentes tentativas de fuga e as incessantes rebeliões, imagens que estamparam as páginas dos jornais desde a inauguração de tal espaço de internação, em fevereiro de 2004, bem como as constantes denúncias feitas pelos familiares dos adolescentes e pelos próprios agentes institucionais acerca das condições degradantes em que se encontrava a *cadeia*, fariam com que Berenice Giannella, presidente da instituição desde junho de 2005, fosse afastada de seu respectivo cargo nos últimos dias de 2007. Em tal ocasião, o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, baseando-se em laudos elaborados pelo Conselho Regional de Psicologia, pela Vigilância Sanitária, bem como pelo Departamento de Controle do Uso de Imóveis (CONTRU), que atestavam condições precárias de higiene, habitabilidade e salubridade, solicitava o fechamento definitivo de dois espaços institucionais: a Unidade de Internação 1, localizada no complexo da Vila Maria, local em que, vale lembrar, Pedro permaneceu internado pelo período de aproximadamente trinta dias, também conhecida como *torre*, e a Unidade de Internação 37, o *Parque dos Monstros*¹⁶³.

Em janeiro de 2008, poucos dias após o afastamento da presidente da Fundação CASA que, inclusive, já havia retornado ao cargo, ao comparecer à porta do complexo Raposo Tavares, novamente para ministrar oficinas de férias aos adolescentes das Unidades de Internação 22 e 28, deparei-me com inúmeras viaturas policiais. A ousadia dos adolescentes

¹⁶³ Vale salientar que boa parte das informações acerca do afastamento de Berenice Gianella foi retirada de uma publicação do jornal *Folha de S. Paulo* (Justiça de SP afasta do cargo a presidente da antiga Febem, 2008).

da Unidade de Internação 37, do ponto de vista dos agentes institucionais, havia chegado ao limite. A construção de uma piscina dentro da própria unidade, em uma sala que, em tese, deveria ser utilizada pelos educadores¹⁶⁴, as constantes apreensões de drogas e celulares, a dinâmica de funcionamento da *cadeia*, simbolizada pela expressão *é tudo nosso* e, principalmente, o recente afastamento da presidente da instituição, fariam com que os integrantes da cúpula institucional optassem pelo fechamento, ainda que temporário, de tal unidade. Para os adolescentes da UI-37, que seriam transferidos para o complexo da Vila Maria, mais especificamente, para a Unidade de Internação Adoniran Barbosa, a decisão dos agentes institucionais de *zerar a cadeia*, isto é, reformar o espaço de internação e substituir toda a população da unidade, significava o término de suas *caminhadas* no complexo Raposo Tavares. Já para os funcionários dos distintos setores institucionais, a transferência de tais *ladrões* que, vale notar, também eram chamados de *lixo*, representava a possibilidade, ainda que longínqua, de sonhar com outro cenário, no qual a *cadeia* seria controlada pelos *funça*.

A correria dos policiais militares, o barulho das sirenes sendo acionadas e o ônibus branco repleto de adolescentes que, repentinamente, acelerou em direção à Rodovia Raposo Tavares, deixando para trás o *Parque dos Monstros*, proporcionaram o esboço de um leve sorriso por parte dos agentes institucionais que acompanhavam a transferência dos *ladrões estruturados*. Em certo sentido, a imagem da Unidade de Internação 37 como uma *cadeia dominada*, isto é, como uma *cadeia que fecha com o Comando*, a partir daquele momento, deslocava-se rumo ao passado.

3.1 Meses depois, a cadeia tá na mão dos funça

Nasci em Taboão da Serra, no dia 08 de maio de 1991. Sou de família pobre, irmão de cinco garotos e uma menina. Um dos meus irmãos morreu quando era recém-nascido, deixando a minha mãe com seis filhos, quase todos de pais diferentes. Devido a problemas financeiros e conflitos familiares, meus pais se separaram aos meus oito anos de idade. Minha mãe ficou com uma criança recém-nascida, trabalhando como diarista. Meu pai era dono de um boteco véio de favela e eu cheio de sonhos de consumo. A partir dos nove anos de idade comecei a furtar brinquedos, chocolates, doces e pequenas quantias em dinheiro para jogar fliperama. Aos onze anos comecei a

¹⁶⁴ Em relação à construção da piscina, em primeiro lugar, vale notar que os adolescentes se apropriaram de uma sala que possuía uma pia com algumas torneiras. Em seguida, arrancaram a porta de entrada de tal ambiente e inverteram a sua posição, colocando-a na horizontal. Por fim, com o objetivo de impossibilitar a saída de água, tamparam os ralos, bem como as frestas existentes entre os batentes e a porta, com alguns pedaços de cobertor. Após o volume de água atingir alguns metros de altura, o suficiente para que os internos pudessem arriscar um mergulho, a pia transformou-se em uma espécie de trampolim.

fumar cigarro, roubar bicicletas e celulares. Um tempo depois me envolvi com o tráfico de drogas, começando como olheiro, que avisa os traficantes quando a polícia entra na favela. Depois de um tempo passei pra vapor, o vendedor de drogas. Isso até os doze anos de idade. Ao mesmo tempo comecei a roubar à mão armada, lojas e mercados. A partir daí, passava mais tempo na rua do que em casa. Cheirava cola, fumava muita maconha, tomava muitas bebidas. Isso até ser preso aos 13 anos de idade por porte ilegal de arma, perdendo o meu primeiro revólver calibre 32. Fui preso na véspera do Natal, mas saí no dia 26 [o jovem não chegou a ser encaminhado à Fundação CASA, dando a entender que houve um possível acerto com os policiais que o abordaram]. Daí, continuei na mesma, só que um tempo depois já usava lança perfume, cheirava cocaína e fazia muito sexo. Depois fui preso por assalto, mas meu parceiro conseguiu fugir com a arma, sendo solto no mesmo dia. Depois, aos 15 de anos de idade, fui preso por tráfico de drogas. Passei pela UAI, ficando três dias no berço da opressão. Só andando de mão pra trás, cabeça baixa, sem falar uma palavra, a não ser licença senhor, licença senhora. Só soco na cara! Depois fui pra UIP-6, o espelho da UAI, sendo encaminhado ao Internato de Franco da Rocha, cadeia na mão dos menor, sem regras de funcionários, só regras criminais. Depois de um mês fui encaminhado pra UI-29. Depois pra UI-25, ambas na nossa mão [unidades dominadas]. Depois de uns nove meses, fui desinternado no dia 23 de dezembro de 2007.

Após um breve período de estadia nas Unidades de Internação do complexo de Franco da Rocha, aproximadamente um ano, espaço institucional em que Ariel chegou a ocupar o posto de *faxina*, o adolescente retorna às ruas da capital paulista. O distanciamento de seus familiares, que intensificou-se com a prisão do garoto, após a desinternação, não foi totalmente superado. Nesse contexto, a única saída encontrada pelo adolescente que, depois do término da medida socioeducativa, continua *cheio de sonhos de consumo*, é alugar um pequeno barraco na favela, *roubando de quatro a oito vezes por semana*. Diante de tal cenário, mais uma vez, a força policial se aproxima.

Em junho de 2008, portanto, seis meses após o encerramento de sua primeira medida socioeducativa de internação, a *caminhada* de meu interlocutor no *mundão*, que tinha aproximadamente 17 anos, é novamente interrompida. Após uma tentativa de assalto, o jovem é encaminhado à Fundação CASA, percorrendo o circuito institucional já conhecido pelos reincidentes: ação criminosa, abordagem policial, delegacia, Unidade de Atendimento Inicial, Unidade de Internação Provisória e Unidade de Internação.

Vale ressaltar que, em meados de 2008, ao mesmo tempo em que o adolescente sofre com as constantes agressões perpetradas pelos agentes institucionais das Unidades de Atendimento Inicial e de Internação Provisória, assim como da primeira vez em que foi enviado à tais espaços de internação, os agentes institucionais da UI-37 acertam os últimos

detalhes para a reinauguração da unidade. As menções ao Primeiro Comando da Capital, espalhadas pelas paredes do *Parque dos Monstros*, são encobertas. Da mesma forma, a quadra de futebol desbotada, bem como o portão de aço que possibilita o acesso ao pátio da unidade, recebem algumas camadas de tinta. Com o objetivo de evitar que os adolescentes acessem o telhado da *cadeia*, espaço considerado estratégico pelos *disciplinas*, haja visto que, entre outras coisas, possibilita a comunicação com os *ladrões* de outras Unidades de Internação, uma espécie de guarita é construída no topo de uma das muralhas da Unidade de Internação 37. De agora em diante, todos aqueles que forem encaminhados à tal espaço institucional serão constantemente vigiados pelos integrantes do *Choquinho* que, pelo fato de terem uma visão privilegiada do pátio interno, após a chegada dos novatos, conseguirão observar todos os movimentos adotados pela nova população da unidade. A promessa dos integrantes da cúpula institucional de que a *cadeia* funcionará a partir de um programa pedagógico especial, elaborado para atender apenas os jovens reincidentes, desperta o interesse por parte dos funcionários de outros espaços de internação. Se antes da reforma no *Parque dos Monstros*, ninguém desejava atuar na Unidade de Internação 37, no presente momento, a situação se inverte. Os agentes institucionais que enfrentam inúmeras dificuldades em outras unidades do complexo Raposo Tavares como, por exemplo, a Unidade de Internação 38, que encontra-se completamente *dominada* pelos adolescentes, almejam uma possível transferência para a UI-37 que, inclusive, é rebatizada para *Nova Aroeira*. A capacidade de atendimento de tal espaço institucional, que em alguns momentos chegou a abrigar aproximadamente 150 *ladrões estruturados*, também é modificada, sendo reduzida para 56 internos, medida extremamente necessária quando o principal objetivo é controlar os movimentos corporais dos recém-chegados. De fato, diante de tantas modificações, do ponto de vista dos agentes institucionais, sobretudo daqueles que sofreram com a dinâmica de funcionamento do *Parque dos Monstros*, caracterizada pelo domínio absoluto dos adolescentes, há muitos motivos para comemorar, bem como para acreditar que, a princípio, a Unidade de Internação 37 já não é mais a mesma.

Em setembro de 2008, Ariel, após aguardar a decisão judicial acerca da medida socioeducativa que lhe seria imposta na Unidade de Internação Provisória 11 (UIP-11), complexo Brás, durante aproximadamente três meses, recebe a notícia de que será encaminhado à Unidade de Internação 37. A satisfação do garoto, por reconhecer que cumprirá a sua segunda medida socioeducativa em uma *cadeia* que sempre *fechou com o certo*, em poucos instantes, será desfeita. Afinal, ao colocar os pés dentro do pátio interno da

Nova Aroeira, o adolescente percebe, por meio da dor em seu próprio corpo, que o *Parque dos Monstros* é apenas uma imagem do passado. Por incrível que pareça, é preciso reconhecer que, no presente momento, *a cadeia tá na mão dos funça*.

Quando eu cheguei aqui na UI-37 só tinha eu e mais três menor. Tinha também 12 funcionários opressores e dezenas de regras absurdas. Logo de cara, ganhei muito cor, muita porrada, um corte raso na cara, um outro corte profundo na nuca, levando cinco pontos e sofrendo com muita opressão todos os dias.

Diferentemente do que ocorreu em sua primeira inserção institucional, quando o adolescente, ao chegar no complexo de Franco da Rocha, foi recebido pelos *frente da situação*, na *Nova Aroeira*, a recepção dos recém-chegados, inclusive no pátio interno, é organizada pelos próprios agentes institucionais que, assim que os novatos cruzam o último portão de aço rumo à *cadeia*, tratam de enfatizar: *agora quem manda é nós*.

De fato, se atentarmos para os apontamentos tecidos no início do presente capítulo, veremos que a dinâmica de funcionamento da Unidade de Internação 37, após a reinauguração de tal espaço institucional, que ocorreu no dia 19 de setembro de 2008, é outra. Os incessantes espancamentos sofridos pelos novatos que são encaminhados à *Nova Aroeira*, as mãos entrelaçadas para trás, os uniformes institucionais, a cabeça sempre apontada para o chão e, como ressalta meu interlocutor, a existência de uma infinidade de *regras absurdas*, tais como: as revistas que chegam a ser realizadas três vezes ao dia, a formação de filas que antecede a execução de todas as atividades cotidianas e os rígidos horários estipulados pelos membros do corpo funcional, que, entre outros procedimentos, controlam os poucos minutos em que os adolescentes permanecem embaixo do chuveiro, evidenciam o deslocamento do quadro institucional e, conseqüentemente, a alteração das relações de poder¹⁶⁵. Nesse contexto, vê-se que os ponteiros dos poucos relógios que permanecem nos braços dos agentes institucionais, assim como ocorre em todas as unidades que são classificadas como *na mão dos funça*, do ponto de vista dos adolescentes, tardam em avançar, dando a impressão de que o tempo não passa e que, portanto, todos os dias são iguais.

¹⁶⁵ No presente trabalho, como já mencionado ao longo do Capítulo 1, mobilizo o conceito de poder tal como proposto por Norbert Elias. Nesse sentido, argumento que o poder, dependendo do arranjo institucional, isto é, da forma que as relações assumem numa determinada conjuntura, pode mover-se para diante e para trás, para um lado e para o outro (ELIAS, 1970, p.143). No que concerne aos espaços de internação da Fundação CASA, como veremos ao longo deste capítulo, o equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes, constitui um dos traços fundamentais do universo institucional.

Aqui na UI-37 todo dia é a mesma coisa. Acordamos às 8h30 porque estamos de férias, senão levantamos às 6h. Tomamos uma ducha de no máximo três minutos e descemos para o pátio. Entramos no refeitório, fazemos as nossas orações e tomamos o nosso café da manhã. Saímos para o pátio e fumamos um cigarro cada um. Alguns adolescentes vão para os cursos [culturais e profissionalizantes], enquanto outros ficam no pátio. Esses não fazem muita coisa. Depois, almoçamos e fumamos mais um cigarro. No mundão, você vai pra lá e vem pra cá, o tempo passa mais rápido. Aqui, um dia é um ano inteiro, o tempo não passa. No período da tarde, escovamos os dentes e voltamos para o pátio. Alguns vão para os cursos e outros ficam no pátio parasitando [sem fazer nada]. Às 17h, pagamos a ducha [tomamos banho], voltamos para o barraco e descemos às 18h para o jantar. Depois, mais um cigarro. Ai, passamos pela contagem e depois uma parte sobe para assistir televisão, enquanto a outra fica no pátio até às 21h. Depois, tomamos o café da noite e fumamos mais um cigarro. Chegou a hora de escovar os dentes. Daí, tiramos o nosso descanso, porque amanhã é o mesmo dia¹⁶⁶.

Se antes de *zerar a cadeia* os adolescentes da UI-37 detinham o total controle sobre o espaço institucional, fumando maconha livremente, organizando as atividades realizadas dentro da unidade, impedindo a entrada de determinados integrantes do corpo funcional no pátio interno e utilizando os diversos telefones celulares para manter contato com os membros do *Comando*¹⁶⁷, após a transferência do lixo para o complexo da Vila Maria, vê-se que o cenário institucional que emerge diante de nossos olhos destoa completamente das imagens que caracterizaram o *Parque dos Monstros*, haja visto que os adolescentes da *Nova Aroeira*, entre tantas restrições, sequer podem acender os seus respectivos cigarros antes de serem devidamente autorizados pelos *funça de pátio*. Nesse contexto, em que as disparidades de força entre os adolescentes e os agentes institucionais tornam-se acentuadas, os jovens que são encaminhados à Unidade de Internação 37, sempre que possível, rechaçam o modo de operação adotado pelos *funça*.

A proposta da Fundação CASA é de reabilitar o adolescente para o convívio, tanto familiar quanto com a sociedade, acreditando em um tratamento sem agressões e com base no respeito. Porém, isto é só fantasia para as autoridades. Aqui dentro [na UI-37] acontece tudo diferente do que é passado lá fora. Alguns funcionários querem impor o respeito através de agressões, tanto físicas quanto psicológicas. No meu ponto de vista,

¹⁶⁶ A produção textual descrita acima, que retrata o cotidiano da *cadeia*, foi elaborada por dois adolescentes da Unidade de Internação 37 em dezembro de 2008, durante a realização de uma oficina de comunicação, período em que, diferentemente das oficinas de férias, passei a atuar como educador fixo em tal unidade, ministrando atividades semanais aos adolescentes de tal espaço institucional até meados de 2009.

¹⁶⁷ Em janeiro de 2007, antes que os *ladrões estruturados* fossem transferidos para o complexo da Vila Maria, os *disciplinas* disseram-me que, naquele momento, havia mais de quinze celulares dentro da *cadeia*. Segundo os jovens, que faziam questão de enfatizar o domínio sobre o espaço institucional, no *Parque dos Monstros*, tirando a liberdade, não faltava nada. *Ah senhor, aqui só não entra carro e moto porque não passa na gaiola. De resto, nós temos de tudo aqui dentro da cadeia (faxina da UI-37).*

os funcionários deveriam saber entrar e sair de uma discussão, pois passam por curso de capacitação para trabalhar nesta “nova proposta”. Porém, isso não acontece. Eles são todos vermes que se deixarmos, eles xingam até os nossos familiares. E como aqui dentro a família é prioridade, quando ocorre ofensas com os familiares ou desrespeito na hora da revista, na maioria das vezes, o confronto é inevitável (produção textual elaborada por um adolescente da Unidade de Internação 37 em dezembro de 2008).

Diante de tal situação, sem dúvida dolorosa, os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação na *Nova Aroeira*, que nos últimos dias de 2008 somam aproximadamente 40 internos, começam a cogitar a possibilidade de *bater de frente* com os agentes institucionais. Afinal, aos olhos de tais *ladrões*, é preciso inverter o atual quadro institucional e retomar o controle da *cadeia* que, desde a sua inauguração, no início de 2004, notabilizou-se, perante os internos de outras *unidades dominadas*, por abrigar apenas os adolescentes que *fecham com o certo*. Contudo, vale salientar que as adversidades são muitas. O número reduzido de adolescentes no pátio interno, a divisão de toda a população da unidade em dois grupos que praticamente não se comunicam, haja visto que estes permanecem em alas diferentes, a dificuldade de entrar em contato com os integrantes do PCC, o rígido controle institucional exercido sobre os corpos dos adolescentes e a presença contínua dos integrantes do *Choquinho* no telhado da *cadeia*, que permanecem com as armas calibre 12 carregadas de balas de borracha, prontas para serem disparadas assim que algum movimento suspeito for adotado pelos adolescentes, constituem alguns dos inúmeros empecilhos enfrentados pelos *ladrões*. Diante de tal cenário, a melhor saída para superar tais dificuldades, como ressaltam meus interlocutores, *é agir na inteligência, tá ligado?*

De fato, tendo em vista que a *cadeia* encontra-se totalmente *na mão dos funça*, partir para o confronto com os agentes institucionais não configura-se como uma estratégia prudente, sobretudo porque os adolescentes de tal espaço de internação encontram-se em número reduzido, o que significa que qualquer tentativa de *subir os funça na madeira* seria facilmente controlada. Do ponto de vista dos internos, antes de mais nada, faz-se necessário implantar a *disciplina do Comando* que, como vimos no capítulo precedente, além de orientar as ações de meus interlocutores, assegura o *respeito* e a *igualdade* entre aqueles que estão privados de liberdade, possibilitando a união entre os *ladrões*. Para tanto, é preciso que alguns adolescentes, em concordância com as opiniões emitidas por todos os internos da *Nova Aroeira*, sejam escolhidos para ocupar a posição de liderança. Em outras palavras, torna-se necessário selecionar os *ladrões* que serão reconhecidos pelos outros internos como os *frente*

da cadeia. Tais adolescentes, ao falarem em nome do Primeiro Comando da Capital, além de orientarem a conduta dos companheiros de *caminhada*, transmitindo instruções, serão os principais responsáveis por conduzir as lutas travadas com os agentes institucionais, elaborando as estratégias que serão adotadas durante os incessantes embates entre tais atores.

Apesar dos adolescentes encaminhados à Unidade de Internação 37 possuírem outras passagens pela Fundação CASA, vale notar que aos olhos de alguns *ladrões*, nem todos os companheiros que encontram-se internados na *Nova Aroeira* são *capacitados* para assumir postos de liderança, sobretudo por causa de suas respectivas *caminhadas*. *Ah senhor, tem muito menor aí que já tirou uma cota em outras cadeias, mas se você ver a caminhada dos mano, muitos adolescentes só passaram por cadeia de verme, tipo o complexo Brás* (Ariel)¹⁶⁸.

Pelo fato de não haver *ladrões estruturados* para preencher todos os postos hierárquicos presentes nas *unidades dominadas*, a saber, *setor, faxina, encarregado e piloto*, os adolescentes da *Nova Aroeira*, após a circulação de inúmeros bilhetes entre as duas alas da *cadeia*, que vão e vêm com as sugestões de todos os internos acerca dos nomes que devem assumir a *frente da situação*, reconhecem que é preciso implantar a liderança aos poucos, optando, primeiramente, pela nomeação de apenas três *faxineiros*. Ariel, que já havia ocupado tal posto em sua primeira passagem pela instituição, na qual o adolescente transitou pelas *cadeias* do complexo de Franco da Rocha que, como vimos no capítulo anterior, goza de elevado capital simbólico perante os internos de outros espaços institucionais, obviamente, figura entre os escolhidos. De fato, as experiências adquiridas ao lado dos internos de *Franquinho*, bem como o conhecimento acerca do modo de operação das *cadeias do Comando*, o tornam um *ladrão respeitado*.

Vale salientar que a atuação dos três *faxineiros*, para que estes obtenham êxito, num primeiro momento, deve ser discreta, sobretudo porque os adolescentes que encontram-se associados à posição de liderança sabem que se forem descobertos pelos agentes institucionais podem ser rapidamente transferidos para outros espaços de internação. Diante de tal cenário, nota-se que as lideranças atuam com extremo cuidado. Do ponto de vista dos *frente da cadeia*, o primeiro passo a ser adotado consiste em aproximar os adolescentes das duas alas, fazendo com que todos os internos da unidade se movimentem de acordo com a *disciplina do*

¹⁶⁸ É importante atentarmos para o público encaminhado à UI-37. Se antes da reinauguração de tal espaço institucional os adolescentes enviados ao *Parque dos Monstros* possuíam diversas passagens pela instituição, em especial, por distintas *cadeias dominadas*, na *Nova Aroeira*, boa parte dos internos que chega à *cadeia*, como ressalta Ariel, circulou apenas por unidades na *mão dos funça*, fato que os diferencia de meu interlocutor, um dos poucos que já *tirou uma cota* no complexo de Franco da Rocha.

Comando. Para tanto, os bilhetes, também conhecidos como *pipas*, com diversas orientações transmitidas pelas lideranças, configuram-se como importantes instrumentos de comunicação.

As discussões entre os internos, que nas unidades *na mão dos funça* tornam-se possíveis, passam a ser terminantemente proibidas pelos *faxineiros*, afinal, para que os adolescentes retomem o controle do espaço institucional a união entre os *ladrões* é imprescindível. Da mesma forma, aqueles que insistem em cometer erros no cotidiano da internação como, por exemplo, masturbar-se no *dia de visita* e *ratear* os pertences dos companheiros de *caminhada*, apesar de não serem imediatamente cobrados pelas lideranças, na medida em que tais atitudes provocariam suspeitas por parte dos agentes institucionais, quando a *cadeia* estiver na *mão dos menor*, serão punidos. Aos poucos, por meio dos corpos dos adolescentes, que passam a atentar para os seus movimentos, sobretudo durante os momentos em que há a presença de familiares dentro do pátio interno, vê-se que a *disciplina do Comando* vai sendo implantada, acontecimento que provoca a crescente insatisfação por parte dos integrantes do corpo funcional¹⁶⁹.

Com o passar dos dias, os *disciplinas*, impulsionados pelo desejo de retomar a *cadeia*, bem como pelo total apoio dos outros adolescentes, intensificam as suas ações, tornando-se cada vez mais ousados. Pelo pátio interno, nota-se que os *faxineiros* caminham de um lado para o outro, transmitindo algumas orientações aos adolescentes da *população* e, conseqüentemente, despertando suspeitas por parte dos agentes institucionais que, tendo em vista a possibilidade, ainda que diminuta, de perder o controle do espaço institucional, respondem a tal ameaça com mais *coro* e *porrada*. Aos olhos dos internos, desde que a Unidade de Internação 37 foi reinaugurada, pela primeira vez, os ponteiros do relógio avançam com certa rapidez. Os adolescentes da *Nova Aroeira* estão ansiosos, afinal, a tristeza por passar as festas de final de ano atrás das grades, em breve, será substituída pela satisfação de *bater de frente com os funça*. Ao mesmo tempo em que as pessoas do *mundão* se preparam para comemorar a entrada do novo ano, os três *faxineiros*, que nos últimos dias de 2008 passam a contar com o auxílio de um adolescente que ocupa o posto de *piloto da cadeia*, escolhido por meio de uma votação entre todos os internos da unidade¹⁷⁰, acertam os últimos

¹⁶⁹ Certa vez, ao chegar no setor pedagógico da Unidade de Internação 37, pude constatar que a coordenadora pedagógica estava irritada. Tal descontentamento, conforme minha interlocutora, devia-se ao fato de que os jovens haviam se recusado a participar de uma aula de vôlei porque a mãe de um dos internos encontrava-se na *cadeia*. Segundo os adolescentes, enquanto o familiar permanecesse no pátio interno a atividade não seria realizada, haja visto que a prática de tal esporte faria com que as camisetas dos jogadores levantassem, mostrando algumas partes de seus respectivos corpos à mãe do companheiro.

¹⁷⁰ É importante atentarmos para o fato de que o adolescente escolhido para ocupar tal posto, do ponto de vista dos internos da *Nova Aroeira*, possuía uma *caminhada* respeitável. Além de ter cometido diversos crimes, entre

detalhes com os companheiros de *caminhada*. O plano elaborado pelas lideranças, dentro de alguns minutos, será colocado em prática. Agora só resta esperar o sinal a ser dado pelos *frente da cadeia* para que os gritos dos adolescentes da *Nova Aroeira* ecoem por todo o complexo Raposo Tavares, demonstrando que os *ladrões* da Unidade de Internação 37, apesar de tantas dificuldades, ainda se esforçam para *fechar com o Comando*.

- *Pai Nosso, que estais no céu...*
- *Ave Maria, cheia de graça...*
- *Se Deus é por nós, quem será contra nós?*
- *Se a GIR imbicar [entrar na unidade], nós mata.*
- *Guerrear sempre, vencer às vezes, desistir jamais.*
- *Um por todos, todos por um.*
- *Unidos venceremos.*
- *Sem luta, não há vitória.*
- *Falaremos todos em uma só voz.*
- *Aconteça o que acontecer, sempre haverá um de nós.*
- *Revolucionários do 15, somos terroristas.*
- *Na 37 é tudo nosso, se não for nosso nós destrói.*
- *Nosso lema é: paz, justiça, liberdade.*
- *Não somos o 14 nem o 16, somos o 15.*
- *Não somos o segundo nem o terceiro, somos o primeiro.*
- *1533¹⁷¹, PCC, 1533, PCC, 1533, PCC.*
- *O 15 prevalece.*

os quais, o assassinato de um policial da ROTA durante uma tentativa de latrocínio, Fred possuía distintas passagens pela instituição, algumas interrompidas por tentativas de fuga bem-sucedidas. Segundo o adolescente, *minha infância foi baseada em convivências com criminosos de todas as idades*. Nesse sentido, destaco as relações estabelecidas com os integrantes do Primeiro Comando da Capital.

¹⁷¹ Como bem observa Karina Biondi (2010, p.74), “este número segue o 'Alfabeto Congo', segundo o qual as letras são numeradas de acordo com sua posição no alfabeto. Nesse sistema, o P corresponde à décima quinta letra e o C, à terceira letra. Desta forma, o número 15.3.3 é o equivalente numérico à sigla PCC”.

Os dizeres acima, também conhecidos como *gritão*¹⁷², ao serem proferidos pelos adolescentes da *Nova Aroeira*, misturados ao som estrondoso dos inúmeros socos e pontapés distribuídos pelas portas de aço de todos os *barracos da cadeia*, aterrorizam os agentes institucionais. Vale notar que tal manifestação, principalmente para aqueles que vivenciaram a dinâmica de funcionamento do *Parque dos Monstros*, de certa forma, simboliza o retorno ao passado. De fato, tratam-se de lembranças indesejáveis, imagens desbotadas pelo tempo que a cada frase proferida pelos internos voltam à tona, como que pondo em risco o atual quadro institucional, caracterizado pelo domínio dos *funça*.

Diante de tal acontecimento, com o objetivo de enterrar tais lembranças de uma vez por todas e evidenciar aos adolescentes que a Unidade de Internação 37 continua *na mão dos funça*, os agentes institucionais, após o *gritão do Comando*, partem para o *esculacho*, isto é, intensificam as agressões, bem como os insultos e as humilhações contra os *ladrões*. Por sua vez, os *disciplinas*, encarregados de proteger os jovens da *população*, reagem, elaborando novas estratégias de atuação. Tais adolescentes, pelo fato de possuírem outras passagens pela instituição, o que, em certo sentido, os torna profundos conhecedores do universo institucional, têm consciência de que os relatos sobre as agressões praticadas por alguns funcionários, se chegarem aos ouvidos dos integrantes do Departamento de Execuções da Infância e Juventude (DEIJ) que, entre outras atribuições, realizam inspeções judiciais nas Unidades de Internação da Fundação CASA para apurar denúncias de supostos maus-tratos contra os adolescentes, podem proporcionar o afastamento dos envolvidos por tempo indeterminado, inclusive do diretor da *cadeia*, acontecimento que, do ponto de vista das lideranças, configura-se como uma boa oportunidade para retomar o controle do espaço institucional, na medida em que os agressores, ao serem afastados de seus cargos, deixando a unidade com um quadro funcional insuficiente, o que, em termos práticos, significa que os adolescentes não serão controlados com tanta eficácia, abrem espaço para a livre circulação das lideranças pelas duas alas da *cadeia*, bem como por todos os ambientes do pátio interno.

Os *pipas*, que antes da realização do *gritão* circulavam apenas entre os internos da *Nova Aroeira*, possibilitando a escolha daqueles que assumiram a *frente da cadeia*, assim como a difusão das orientações transmitidas por tais adolescentes ao restante da unidade, após

¹⁷² Vale ressaltar que o *gritão* também é conhecido entre os internos como a *reza do Comando*. Em geral, os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação nas *unidades dominadas rezam* duas vezes ao dia, sendo a primeira na parte da manhã e a segunda no início da noite. Como podemos ver, as frases proferidas durante a *reza*, além de enfatizarem o domínio do espaço institucional por parte dos internos, apontam para uma possível vinculação entre os adolescentes e o Primeiro Comando da Capital.

a intensificação das agressões perpetradas pelos funcionários, começam a ser enviados para o outro lado dos muros institucionais. Além de informar os integrantes do Primeiro Comando da Capital sobre a situação delicada em que se encontram os *ladrões* da Unidade de Internação 37, o que pode resultar em alguma atitude por parte dos *irmãos*, haja visto que tal unidade sempre *fechou com o certo*¹⁷³, tais comunicados, ao serem enviados aos companheiros do *mundão*, solicitando que estes façam denúncias acerca do modo de operação dos agentes institucionais, se encaminhados aos defensores dos direitos humanos podem trazer consequências desagradáveis à direção da unidade. Diante de tal cenário, marcado pela luta silenciosa dos adolescentes, que continuam apanhando sem retribuir as agressões, haja visto que, como ressaltam meus interlocutores, é preciso *agir na inteligência*, nota-se que os familiares dos internos, mesmo que indiretamente, transformam-se em importantes aliados dos adolescentes no que concerne à intensa disputa pelo controle do espaço institucional, principalmente as mães dos jovens, que ao ouvirem os relatos de seus filhos durante os *dias de visita* encaminham as inúmeras reclamações dos internos às entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente que, em posse de tais relatos, pressionam os órgãos governamentais para que haja uma intervenção na Unidade de Internação 37.

De fato, vê-se que na luta pelo domínio da *cadeia*, todos os atores institucionais envolvidos jogam o jogo com o máximo de suas forças. Ao mesmo tempo em que os adolescentes se movimentam no sentido de reduzir os diferenciais de poder que caracterizam as relações travadas entre os internos e os agentes institucionais, o que, aliás, coloca os primeiros em uma situação de extrema opressão, os integrantes do corpo funcional, por sua vez, apostam todas as suas fichas na manutenção do atual quadro institucional ou, em outras palavras, na preservação das disparidades de força. Nesse sentido, nota-se que tais atores, ao longo dos incessantes embates, colocam as suas distintas estratégias em operação. Ao passo

¹⁷³ É importante ressaltar que os *disciplinas* da Unidade de Internação 38, sempre que eu comparecia ao pátio interno para ministrar atividades fotográficas aos adolescentes, faziam questão de perguntar sobre a situação da *Nova Aroeira*. Certa vez, o *piloto* de tal unidade, após enfatizar que tinha informações acerca dos espancamentos sofridos pelos internos, pediu-me um favor que, por questões éticas, não foi atendido. Disse para que eu providenciasse o nome completo de qualquer adolescente que encontrava-se internado na UI-37 para que ele enviasse um comunicado aos integrantes do PCC. Segundo o *piloto*, tal informação, após ser encaminhada aos *irmãos*, seria repassada a um dos advogados que prestam serviços ao *Partido*. Este, em posse de tais dados, tomaria as providências necessárias para que as denúncias chegassem aos ouvidos dos órgãos competentes, atitude que poderia resultar em uma inspeção judicial na Unidade de Internação 37 e, consequentemente, no afastamento dos agressores. Vale notar que o envolvimento de advogados com integrantes do *Comando*, além de ser reconhecido por autoridades governamentais, já foi amplamente noticiado pela mídia. Em julho de 2006, por exemplo, durante a realização da CPI do Tráfico de Armas, 34 advogados estavam sendo investigados pela comissão parlamentar, todos suspeitos de colaborar com o Primeiro Comando da Capital. Informações retiradas de uma publicação do *Estado de S. Paulo* (Quebrados sigilos de advogados suspeitos de ligação com PCC, 2006).

que os agentes institucionais diminuem a intensidade dos espancamentos, inclusive pondo em prática técnicas de tortura que não deixam marcas nos corpos dos adolescentes como, por exemplo, bater nas solas dos pés, principalmente quando há boatos de que alguma inspeção judicial pode ocorrer repentinamente, os internos, com o intuito de acelerar o afastamento dos *vermes*, por incrível que pareça, produzem ferimentos em seus próprios corpos, acentuando as marcas já deixadas pelos membros do corpo funcional. Afinal, quando os integrantes do Departamento de Execuções da Infância e Juventude comparecerem à Unidade de Internação 37, as provas dos espancamentos realizados pelos funcionários, em especial, pelos *funça de pátio* e pelos membros *Choquinho*, devem estar cravadas na carne dos *ladrões*.

Na Unidade de Internação 37, vê-se que os primeiros dias de 2009 são marcados pelo aumento da tensão. As menções ao Primeiro Comando da Capital, que estampavam as paredes do *Parque dos Monstros*, bem como as cadeiras das salas de aula, na *Nova Aroeira*, são substituídas por palavras que, em certo sentido, representam o sentimento dos adolescentes, tais como: *ódio, revolta, morte para os vermes e desejos homicidas*.

A satisfação dos adolescentes pelo fato de terem realizado o *gritão do Comando* na noite do ano novo, acontecimento que, aos olhos das lideranças, simbolizou a primeira vitória perante os integrantes do corpo funcional, aos poucos, cede espaço ao descontentamento, haja visto que a *Nova Aroeira* ainda continua *na mão dos funça*. Vale notar que apesar das constantes humilhações sofridas pelos internos, os *disciplinas* devem manter-se calmos. Aqueles que discutem com os agentes institucionais de modo incisivo, perdendo o controle, são automaticamente afastados de seus postos, afinal, como ressalta meu interlocutor, *agora é o momento de agir com a razão e não com a emoção* (Fred, *piloto da cadeia*).

Se durante a implantação dos primeiros postos hierárquicos na *Nova Aroeira*, como pudemos ver, todos os adolescentes da unidade deram as suas respectivas opiniões acerca dos nomes que deveriam assumir a *frente da situação*, após a nomeação dos três *faxineiros*, bem como do *piloto da cadeia*, as questões que envolvem a liderança passam a ser solucionadas apenas pelos *disciplinas*, o que não significa que os adolescentes da *população*, em determinadas ocasiões, não sejam consultados. Desse modo, aqueles que, entre outras qualidades, são *humildes*, demonstrando que estão preparados para atuar junto aos líderes, para preencher um determinado posto hierárquico, antes de mais nada, devem ser convidados pelos *frente da cadeia*. Da mesma forma, os *disciplinas* que cometem erros na *cadeia* como, por exemplo, abusar da autoridade perante a *população*, após *irem pra ideia*, dependendo do

caso, são imediatamente afastados dos postos de liderança pelos companheiros de *caminhada*.

No início de janeiro de 2009, Ariel, juntamente com os outros dois adolescentes que ocupam o posto de *faxina*, ao longo de uma discussão travada com os *funça de pátio*, na qual os internos questionam o modo de operação de tais atores institucionais, marcado pelas constantes humilhações aos adolescentes, perde o controle. A calma necessária para aqueles que ocupam postos de liderança, em poucos minutos, cede espaço à revolta quase que incontrolável. A *razão* transforma-se em *emoção*. Fred, que ocupa o posto de *piloto da cadeia*, ao presenciar o descontrole dos três *faxineiros*, sabe que precisa tomar uma atitude. O adolescente, com o apoio dos internos da *população*, que reconhecem o equívoco cometido pelos três *faxinas*, haja visto que os agentes institucionais poderiam exacerbar o tratamento repressivo disponibilizado aos *ladrões* da unidade, sobretudo por causa do comportamento inadequado adotado pelos *frente da cadeia*, opta pelo afastamento das lideranças que, ao reconhecerem os erros cometidos, aceitam a decisão do companheiro. Contudo, o *piloto* reconhece que tais postos não podem permanecer vazios por muito tempo. Em primeiro lugar, porque a luta contra os agentes institucionais está apenas começando. Nesse sentido, o preenchimento de todos os postos de liderança por adolescentes que encontram-se preparados para enfrentar tais embates, com as tensões que lhe são constitutivas, torna-se fundamental. Em segundo lugar, porque caso o adolescente continue na *frente da situação* atuando sozinho, este pode ser acusado pelos outros internos de tomar *atitudes isoladas*, o que não condiz com a postura adotada por aqueles que *fecham com o certo*. Diante de tal situação, só resta ao *piloto da cadeia* observar a conduta dos adolescentes da *população* para, posteriormente, fazer o convite àqueles que encontram-se preparados para *somar com a disciplina*. Ao longo de tal avaliação, vê-se que meu interlocutor adota alguns critérios.

Pra somar na disciplina, primeiramente, o mano tem que ter discernimento, que é saber distinguir o certo do errado, principalmente para não cometer injustiças e para implantar a paz, a justiça e a liberdade dentro da cadeia. O cara tem que ter pulso firme, ter disposição, ter uma caminhada correta, ter a noção do que está fazendo. Tem que saber o peso da camiseta da faxina [a responsabilidade de ocupar tal posto hierárquico], que é a vida. Sempre agir na razão, jamais na emoção. Tem que fortalecer os seus demais companheiros de caminhada e não negar atenção pra população. Tem que colocar em prática tudo o que aprendeu dentro da unidade e, principalmente, ser leal, justo e verdadeiro.

Tendo em vista os apontamentos descritos acima, o adolescente, durante alguns dias, permanece apenas observando a conduta dos outros *ladrões*. Pelo pátio interno, nota-se que meu interlocutor caminha com extrema tranquilidade, atentando para os movimentos corporais adotados por seus companheiros de *caminhada*. Os internos que insistem em *galinhar* [brincar] dentro da *cadeia*, assim como os adolescentes que mantêm conversas duvidosas com os agentes institucionais, aos olhos do *piloto*, além de não estarem preparados para *somar com a disciplina*, quando a unidade estiver *na mão dos menor*, serão cobrados por tais atitudes. A avaliação das cenas que emergem diante de seus olhos, aos poucos, mostra-se insuficiente. Fred sabe que é preciso aproximar-se dos possíveis *disciplinas* para obter informações mais detalhadas, principalmente acerca do histórico de tais adolescentes. Afinal, uma escolha equivocada pode deixar marcas indeléveis em sua própria trajetória. Caso o *piloto*, por exemplo, selecione algum *verme* para ocupar qualquer posto de liderança, se tal acontecimento chegar aos ouvidos de outros *ladrões*, este pode ser acusado, tanto pelos *irmãos* quanto pelos *disciplinas* de outras *cadeias dominadas*, de *fechar com o errado*. Apesar do jovem contar com as opiniões emitidas pelos adolescentes da *população*, Fred tem consciência de que a decisão final está em suas mãos, mesmo porque as consequências de suas atitudes, caso estas sejam equivocadas, recairão apenas sobre o *piloto da cadeia*.

Vale salientar que a dinâmica de funcionamento da Unidade de Internação 37 torna as escolhas do adolescente ainda mais complicadas. Pelo fato dos *disciplinas* não avaliarem a *caminhada* dos recém-chegados, como ocorre nas distintas *unidades dominadas* espalhadas pela capital paulista, na medida em que o próprio modo de operação dos agentes institucionais impossibilita a realização de tal procedimento, a presença de *vermes* escondidos no interior da unidade, misturados àqueles que *fecham com o certo*, não deve ser descartada, sobretudo porque a *Nova Aroeira*, diferentemente do *Parque dos Monstros*, não conta com a existência do *seguro*, espaço destinado àqueles que, como já mencionado, cometeram atos considerados imperdoáveis pelos outros *ladrões*, tais como estupro e desrespeito à *visita* alheia.

Mesmo diante de tantas adversidades, às quais soma-se a existência de poucos *ladrões estruturados* aptos a preencher postos de liderança, haja visto que boa parte dos adolescentes que chega à *Nova Aroeira* cumpriu medida socioeducativa de internação apenas em unidades *na mão dos funça*, o que os torna, aos olhos do *piloto da cadeia*, pouco experientes e, portanto, não *capacitados* para assumir a *frente da situação*, meu interlocutor, após ouvir as opiniões de alguns internos da *população*, seleciona dois adolescentes que, de agora em

diante, serão reconhecidos pelos outros jovens da Unidade de Internação 37 como *faxinas*.

Após o afastamento de Ariel da *frente da cadeia*, bem como dos outros dois *disciplinas* que atuavam ao seu lado, vê-se que a liderança da Unidade de Internação 37 se reorganiza, afinal, na luta pela gestão do espaço institucional e, conseqüentemente, pela diminuição das arbitrariedades praticadas pelos funcionários, não há mais tempo a perder, mesmo porque as agressões e as humilhações contra os *ladrões* da *Nova Aroeira* continuam ocorrendo. Nesse cenário, constata-se que as lideranças intensificam as suas ações, contando com o total apoio dos jovens da *população* que, ao acompanharem os esforços de seus companheiros, enfatizam: *ah senhor, os menino tá empenhado hein*.

Apesar dos *disciplinas* continuarem enviando *pipas* para o *mundão*, em busca do apoio das entidades de defesa dos direitos humanos, bem como dos *ladrões* que *fecham com o Comando* do outro lado das muralhas, aqueles que encontram-se associados à posição de liderança reconhecem que, enquanto a ajuda externa não chega, é preciso agir internamente. Para tanto, torna-se necessário preencher outros postos hierárquicos, haja visto que a atuação de apenas três *disciplinas*, aos olhos de tais internos, mostra-se insuficiente, tamanho o desafio a ser enfrentado pelos *frente da cadeia*. Desse modo, os *disciplinas*, tendo como objetivo primordial o fortalecimento da liderança, antes de cogitarem a possibilidade de *bater de frente com os funça* novamente, concentram todas as suas energias nos adolescentes da *população*, fornecendo orientações aos internos. Aqueles que possuem uma *caminhada correta*, demonstrando interesse em absorver os ensinamentos das lideranças e destacando-se durante as conversas travadas no pátio interno, momento em que os adolescentes são estimulados a dar opiniões acerca das medidas que devem ser adotadas em relação ao futuro da unidade, por mais que não estejam tão preparados, em virtude da atual situação delicada em que se encontra a UI-37, receberão uma oportunidade para *somar com a disciplina*.

Com o passar dos dias, constata-se que as estratégias adotadas pelos *frente da cadeia*, entre as quais, a iniciativa de fortalecer a liderança e o incessante envio de *pipas* para o *mundão*, entrelaçadas a algumas alterações no próprio modo de operação dos agentes estatais, possibilitam o ligeiro deslocamento do quadro institucional que, conforme os embates entre tais atores avançam, intensifica-se. De fato, como veremos adiante, a relação de forças entre os internos e os distintos agentes institucionais não deve ser considerada como algo estável e, portanto, sem movimento. Afinal, é preciso levar em consideração que o equilíbrio de poder entre tais grupos é sempre mutável.

3.2 Cadeia meio a meio: é nós aqui e eles lá

Fevereiro de 2009. Entro na Unidade de Internação 37 com o filme *Quase dois Irmãos*. Tal produção, ao retratar a relação estabelecida entre presos políticos e assaltantes de banco durante o período da ditadura militar, momento em que estes eram obrigados a dividir as celas existentes no Instituto Penal Cândido Mendes, presídio de segurança máxima localizado na Ilha Grande (RJ), sugere que a convivência entre os dois grupos, ambos submetidos à Lei de Segurança Nacional (LSN), possibilitou o surgimento do Comando do Vermelho, facção criminosa que atua dentro e fora do sistema penitenciário fluminense. Os adolescentes da *Nova Aroeira*, ao saberem que o filme retrata o nascimento de tal facção, demonstram interesse em assisti-lo, inclusive aqueles que não encontram-se inscritos na oficina de comunicação. Afinal, aos olhos de meus interlocutores, o Comando Vermelho também *fecha com o certo*. Como ressaltam os adolescentes, os integrantes do Primeiro Comando da Capital e os membros do Comando Vermelho podem ser considerados aliados¹⁷⁴. Marcelo, interno da *população* que participa das atividades por mim ministradas desde os últimos dias de 2008, ao notar a minha presença no pátio interno, rapidamente se aproxima: *e aí senhor, tô cheio de ódio, tá ligado? Nós é do Comando professor, ainda vamos mandar nessa porra dessa cadeia*. A fala de meu interlocutor, em certo sentido, traduz o desejo de todos os *ladrões*, a saber, *tomar a cadeia da mão dos funça* o mais rápido possível. Caminho pela unidade chamando os participantes do curso para que estes entrem na sala de aula. Em determinado momento, noto que Fred se aproxima. Aproveito para perguntar ao adolescente acerca da atual situação em que se encontra a *cadeia*. O *piloto*, após esboçar um leve sorriso, responde: *ah senhor, já tem mais nove [disciplinas] na frente da situação*. Ao deparar-me com a resposta do jovem, sem dúvida inesperada, durante alguns segundos, permaneço calado. Vale ressaltar que há cerca de duas semanas a Unidade de Internação 37 contava com a presença de apenas dois *faxineiros* e do próprio *piloto*. Em menos de 15 dias, os três *disciplinas* ganharam o apoio de nove companheiros de *caminhada*. Após a primeira resposta do adolescente, volto a insistir: *mas e aí mano, como andam as coisas na cadeia?* [Fred]: *ah senhor, aos poucos o bagulho vai andando e nós vamos conquistando a cadeia de volta, tá ligado?* Apesar

¹⁷⁴ Dentro dos limites desta proposta de trabalho, na qual não pretendo tecer reflexões acerca das relações estabelecidas entre os integrantes de tais *Comandos*, ainda que tal questão possa ser desenvolvida em oportunidades futuras, haja visto que a considero profícua, sugiro apenas alguns apontamentos. Para tanto, aproprio-me das narrativas de meus interlocutores. Para Sérgio, por exemplo, interno que cumpriu medida socioeducativa na Unidade de Internação 38 e que, atualmente, trabalha como *gerente* do tráfico de drogas em uma *quebrada* controlada por membros do PCC, localizada na zona sul da capital paulista, os integrantes das duas facções, além de possuírem o mesmo lema, isto é, *Paz, Justiça e Liberdade* (vale lembrar que o ideal de *Igualdade* também faz parte do lema do PCC), *seguem a mesma linha de raciocínio, que é só ganhar dinheiro e tal, tá ligado?* Ainda segundo o adolescente, a principal diferença no que concerne à dinâmica de funcionamento do tráfico de drogas nos dois estados, refere-se ao fato de que no Rio de Janeiro os integrantes do Comando Vermelho sempre estão sob ameaça de guerra. *Lá é outra fita, tem muitas facção, tá ligado? A guerra dos cara lá é com outras facção e com a polícia. Lá tem o Comando Vermelho, tem os ADA (Amigos dos Amigos), tem o Terceiro Comando e outras facção que tão se revelando agora. Aqui não, aqui a nossa guerra é só com os polícia. Os cara do Rio é só troca de tiro mano, o bagulho lá é tiro. Aqui já não, aqui é a paz mano, o Comando implantou a paz em São Paulo*. De fato, ao longo das inúmeras conversas travadas com os internos das distintas *unidades dominadas*, vale ressaltar que os adolescentes faziam questão de enfatizar que o Comando Vermelho, assim como o Primeiro Comando da Capital, *é o lado certo da vida errada*. Para alguns apontamentos acerca do surgimento do Comando Vermelho durante a década de 70, bem como da possível associação existente entre membros do CV e integrantes do PCC, sugiro as reflexões de Carlos Amorim (2004).

do desejo de seguir com a conversa, opto por interromper o diálogo com o *piloto da cadeia*, afinal, a atividade já deveria ter começado. Sigo reunindo os participantes do curso, função que, vale notar, desde a reinauguração da UI-37 era desempenhada apenas pelos funcionários. De fato, o número de agentes institucionais presentes no pátio interno já não é mais o mesmo. Além disso, a chegada de novos *ladrões*, que propiciou o aumento da população da unidade, atualmente com 60 adolescentes, dificulta a atuação dos *funça*. Nesse sentido, vê-se os reflexos de tais mudanças nos corpos dos internos. A formação de filas, por exemplo, que nos primeiros dias de 2009 antecedia a realização de todas as atividades cotidianas, no presente momento, já não acontece com tanta frequência, principalmente porque não há funcionários suficientes. Após reunir todos os internos, nos dirigimos à sala de aula. Enquanto os adolescentes acompanham a narrativa cinematográfica sem desgrudar os olhos da televisão, sequer por um minuto, noto que a cadeira em que estou sentado possui novas informações cravadas na madeira. As menções ao Primeiro Comando da Capital voltam a aparecer, ainda que disputando espaço com palavras como *ódio* e *revolta*. De repente, dois internos abrem a porta. Os jovens, após conversarem rapidamente com um adolescente que acompanha o filme, antes de deixarem a sala de aula pedem a atenção de seus companheiros de *caminhada*: *ai família, depois nós vamos se reunir pra discutir umas injustiça que vêm se ocorrendo na cadeia*. A entrada repentina de tais adolescentes, que provavelmente ocupam o posto de *faxina*, informação que seria confirmada pelo *piloto da cadeia* ao término da atividade, associada à falta de atitude do funcionário que permanece ao meu lado sem esboçar qualquer tipo de reação, cena inimaginável há alguns meses atrás, configura-se como mais um sinal de que a relação de forças entre os adolescentes e os agentes institucionais está mudando.

No relato descrito acima, extraído de meu caderno de campo, torna-se evidente que a dinâmica de funcionamento da Unidade de Internação 37, sobretudo se atentarmos para os apontamentos tecidos anteriormente, de fato, já não é mais a mesma. As mãos dos adolescentes, que desde a reinauguração de tal espaço institucional encontravam-se entrelaçadas para trás, com o passar do tempo, movimentam-se livremente. O olhar dos internos, que nos últimos dias de 2008 apontava apenas para o chão da *cadeia*, ao mudar de direção, entrecruza-se com o olhar dos agentes institucionais. Além disso, expressões como *licença senhor* e *licença senhora*, que caracterizavam o deslocamento dos *ladrões* pelos distintos ambientes do pátio interno, todas as vezes em que estes deparavam-se com os agentes institucionais, constituindo-se em palavras obrigatórias, aos poucos, deixam de fazer parte do léxico mobilizado por meus interlocutores. Por sua vez, os ideais do Primeiro Comando da Capital, a saber, *Paz*, *Justiça*, *Liberdade* e *Igualdade*, voltam a ser estampados nas paredes da *cadeia*, bem como nas cadeiras das salas de aula, acontecimento que, obviamente, provoca o descontentamento dos integrantes do corpo funcional. As revistas, realizadas nos corpos dos *ladrões* após todas as atividades pedagógicas, que tinham como

objetivo central impossibilitar que os adolescentes se apropriassem de alguns materiais, entre os quais, canetas, lápis e folhas de papel sulfite, objetos fundamentais no que concerne à elaboração de *pipas*, também diminuem, sendo executadas com menos frequência¹⁷⁵. Da mesma forma, a divisão dos internos em duas alas, estratégia institucional que dificultava a comunicação entre os jovens, impedindo que os adolescentes atuassem em conjunto, vale notar, já não constitui um procedimento rotineiro. No presente momento, todos os *ladrões* da unidade, aproximadamente 60 adolescentes, permanecem reunidos no pátio interno, situação que, em certo sentido, facilita a atuação dos *frente da cadeia*, na medida em que aqueles que encontram-se associados à posição de liderança, ao se aproximarem dos jovens da *população* com mais facilidade, intensificam as orientações transmitidas aos companheiros, fazendo com que todos os internos se movimentem de acordo com a *disciplina do Comando*.

De fato, a chegada de outros adolescentes à *Nova Aroeira*, que intensificou-se desde os primeiros dias de 2009, associada a outros fatores, tais como o fortalecimento da liderança e o afastamento de alguns funcionários, configura-se como um elemento importante no que concerne ao reordenamento do espaço institucional. Do ponto de vista dos agentes institucionais, principalmente dos *funça de pátio*, encarregados de coordenar os movimentos corporais de todos os *ladrões* que cumprem medida socioeducativa de internação na UI-37, a chegada de novos internos constitui-se como um fator de instabilidade. Afinal, ao mesmo tempo em que a população da *cadeia* aumenta, o número de membros do corpo funcional presente no pátio interno, quase que na mesma velocidade, diminui, o que, consequentemente, resulta em um controle menos intenso sobre os corpos dos adolescentes. Se os primeiros meses de funcionamento da Unidade de Internação 37, como pudemos ver, foram marcados pela existência de um quadro funcional que controlava os mínimos movimentos corporais adotados pelos adolescentes, inclusive o tempo em que os jovens permaneciam embaixo do chuveiro, com a intensificação dos embates entre tais atores, bem como das tensões que lhes são inerentes, alguns agentes institucionais, em posse de atestados médicos, deixam de

¹⁷⁵ Vale lembrar que Michel Foucault nos faz recordar do corpo como objeto e alvo do poder. Corpo submisso, treinado e modelado através de um conjunto de técnicas, que docilizam e tornam úteis os corpos dos prisioneiros. Nesse sentido, nota-se a importância da rotina institucional, marcada pelas incessantes revistas, pela constante formação de filas, pelas atividades regulares, pelos rígidos horários estipulados pelos integrantes do corpo funcional, entre outros métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo. De fato, tratam-se de técnicas minúsculas no qual o alvo “é o corpo, é o tempo, são os gestos e as atividades de todos os dias (...)” (FOUCAULT, 2004, p.106). No presente capítulo, torna-se evidente que a observação acerca dos movimentos corporais dos adolescentes auxilia-nos a compreender o deslocamento do quadro institucional. Quando as revistas deixam de ser realizadas cotidianamente, quando as mãos dos internos começam a movimentar-se livremente e quando as filas não são formadas com tanta frequência é sinal de que as coisas estão mudando.

comparecer à unidade com a mesma frequência, o que, obviamente, dificulta a atuação daqueles que persistem na luta contra os *ladrões*. Diante de tal cenário, em que o número de adolescentes aumenta, a ausência de um simples *funça de pátio*, que atua ininterruptamente durante o período de doze horas, do ponto de vista do corpo funcional, representa uma baixa significativa. Tendo-se em vista o rígido controle institucional que caracteriza a *Nova Aroeira*, em que o relógio configura-se como o principal instrumento de trabalho dos *funça*, determinando o horário exato em que as atividades devem ocorrer, em termos práticos, quando algum agente institucional não comparece à unidade, acontecimento que tornou-se frequente durante os primeiros meses de 2009, boa parte das atividades executadas por tal funcionário permanece em aberto, provocando a desestabilização do planejamento institucional. Desse modo, nota-se que a formação de filas, bem como as constantes revistas, deixam de ser realizadas com a mesma assiduidade, possibilitando a adoção de novos movimentos por parte daqueles que encontram-se associados à posição de liderança.

Vale notar que nos primeiros dias de março de 2009, as dificuldades enfrentadas pelo corpo funcional tornariam-se ainda mais complicadas. O afastamento definitivo de três *funças de pátio*, que seriam rapidamente transferidos para outros espaços de internação, todos acusados de humilhar e agredir os adolescentes desde a reinauguração do espaço institucional, aos olhos das lideranças, simbolizou uma importante vitória contra os *funça*, principalmente porque os agentes institucionais transferidos, como ressaltam meus interlocutores, *eram os mais opressores*. Diante de tal situação, vê-se que os *disciplinas* comemoram, sobretudo o *piloto da cadeia*, que desde os primeiros dias de 2009, por meio dos *pipas* enviados para aqueles que encontram-se do outro lado das muralhas, movimenta-se no sentido de propiciar o afastamento daqueles que oprimem os seus companheiros de *caminhada*. *Tá vendo senhor, é aquilo que eu tinha dito, nessa situação aí nós têm que agir sempre na inteligência* (Fred).

Obviamente, o afastamento de tais agentes institucionais não deve ser entendido apenas como o resultado da atuação daqueles que ocupam postos de liderança na UI-37, ainda que a mobilização de tais adolescentes tenha sido fundamental. Afinal, os internos da *Nova Aroeira* não são os únicos a reprovar o modo de operação adotado pelos *funças opressores*. A pressão exercida pelos educadores das Organizações Não Governamentais que atuam junto à Fundação CASA, sobretudo aqueles encarregados de ministrar as atividades culturais e os cursos profissionalizantes aos adolescentes, as constantes reclamações feitas pelos familiares de meus interlocutores durante os *dias de visita* e, conseqüentemente, a transmissão dos

relatos de seus filhos às entidades de defesa dos direitos da criança e do adolescente, o descontentamento de alguns integrantes de outros setores institucionais da UI-37 acerca dos espancamentos praticados pelos colegas de trabalho e, segundo os próprios internos, o receio do diretor da unidade de perder o cargo ocupado, haja visto que tal funcionário encontrava-se pressionado pelo Departamento de Execuções da Infância e Juventude, constituem alguns fatores que, quando vistos em relação, auxiliam-nos a compreender o afastamento dos *vermes*.

Nesse contexto, favorável à atuação das lideranças que, no presente momento, encontram-se com todos os postos hierárquicos já preenchidos, a saber, *setor*, *faxina*, *encarregado* e *piloto*, os *disciplinas*, assim como os jovens da *população*, reconhecem que depois de tantos meses de sofrimento, *finalmente estamos obtendo o domínio sobre a porra dessa cadeia* (Ariel). Do ponto de vista dos adolescentes, os primeiros passos para retomar o controle do espaço institucional, entre os quais, o afastamento dos *opressores* e a instauração dos postos de liderança que constituem a *disciplina*, já foram dados. *Ah senhor, a primeira coisa que tem que ser feita pra tentar tomar a cadeia da mão dos funça é quebrar a opressão dos vermes. Porque senão não tem como implantar toda a disciplina* (interno da *população*).

Diante de tais acontecimentos, sem dúvida angustiantes para os integrantes do corpo funcional, na medida em que estes têm consciência de que, gradativamente, estão perdendo o controle do espaço de internação, os *frente da cadeia*, ao perceberem o abatimento e a preocupação daqueles que permanecem no pátio interno, que, vale ressaltar, já se deparam com algumas imagens que os fazem recordar da dinâmica de funcionamento do *Parque dos Monstros*, sabem que é preciso aproveitar ao máximo o atual momento em que se encontra a unidade, caracterizado pela ligeira diminuição das disparidades de força entre os adolescentes e os agentes institucionais. Apesar dos espancamentos perpetrados pelos funcionários não serem tão frequentes, sobretudo após a transferência dos *mais opressores*, o que não significa que as agressões contra os internos não fazem mais parte do cenário institucional, aos olhos das lideranças, ainda que tal mudança constitua-se como uma importante vitória, há muitos outros benefícios para serem conquistados como, por exemplo, a troca dos uniformes pelas roupas do *mundão*, o direito de permanecer com as portas dos *barracos* abertas durante o período noturno e, acima de tudo, o recebimento dos *jumbos* nos *dias de visita*¹⁷⁶. Nesse

¹⁷⁶ Os *jumbos* são os alimentos, produtos de higiene e cigarros, objetos que os adolescentes das *unidades dominadas* costumam receber das mãos de seus familiares nos *dias de visita*. Em geral, quando os agentes institucionais pretendem punir os internos, uma das primeiras medidas a serem adotadas é o cancelamento do *jumbo*, atitude que provoca o descontentamento dos adolescentes, haja visto que quando isso ocorre os internos são obrigados a utilizar apenas os produtos que são disponibilizados pela própria instituição, os quais são classificados pelos *ladrões* como *badarosca* [sem qualidade]. Vale ressaltar que na maioria das unidades

sentido, com o objetivo de propiciar novas alterações no modo de funcionamento da Unidade de Internação 37, vê-se que meus interlocutores elaboram outras estratégias de atuação, intensificando os embates contra os agentes institucionais que, ao sentirem que estão perdendo o controle da unidade, reagem com o máximo de suas forças, não poupando esforços para que a *Nova Aroeira* volte a ser controlada apenas pelos *funça*.

Se antes do afastamento dos *vermes*, a luta contra os funcionários, de certa maneira, concentrava-se junto àqueles que transitavam pelo pátio interno, no atual momento, trata-se de pressionar os agentes institucionais que permanecem do outro lado das muralhas, principalmente porque tais atores, ao ocuparem os cargos administrativos de maior prestígio e poder de decisão no contexto da internação, são os únicos que podem atender as reivindicações dos adolescentes, em especial, o diretor da *cadeia*, que no caso da UI-37, como podemos ver, ainda insiste em não negociar com as lideranças.

Abril de 2009. *Essa fita aí foi o seguinte: nós decidiu fazer umas reivindicação pra chefe das técnicas. [Os disciplinas, tendo em vista o descontentamento em relação ao tratamento dispensado às visitas, que, entre outros constrangimentos, são submetidas a duas revistas antes de colocar os pés dentro da unidade, ao comparecerem à sala das técnicas, profissionais que acompanham o andamento de seus respectivos processos judiciais, bem como o desenvolvimento dos internos ao longo de toda a medida socioeducativa de internação, aproveitam a ocasião para pressionar a coordenadora de tais funcionários, tendo como objetivo central a alteração dos procedimentos institucionais adotados nos dias de visita]. E aí é o seguinte: o diretor, quando soube dessas nossa reivindicação, ficou mordido, tá ligado? Daí, o que que ele fez? Ele entrou no pátio e começou a falar que discordava da nossa atitude, que a gente não podia falar com a chefe das técnicas. Aí foi quando o bagulho azedou. Nós começou a tentar argumentar. Só que quando nós começou a falar, ele disse pra nós calar a boca. Aí já viu né...nós foi pra cima (Fred).*

Na medida em que o diretor da Unidade de Internação 37 recusa-se a receber os *disciplinas* em sua sala, procedimento comum adotado pelos profissionais que ocupam tal cargo nas distintas *unidades dominadas*, nota-se que os *frente da cadeia*, com o objetivo de intensificarem as suas reivindicações, aproveitam as saídas pontuais do pátio interno para pressionar os funcionários que atuam em outros setores institucionais. Aos olhos das lideranças, torna-se necessário acabar com as humilhações sofridas pelos seus familiares durante os *dias de visita*, afinal, como ressaltam meus interlocutores, *quem tá cumprindo pena é nós e não as nossas famílias que fica sendo esculachada antes de entrar na cadeia*

classificadas como na *mão dos funça*, os *jumbos* são proibidos pela direção da *cadeia*.

(adolescente da *população*). Além disso, os *disciplinas* reconhecem que após o afastamento dos *opressores* e a consequente diminuição dos espancamentos praticados pelos *vermes*, é o momento de *botar a cadeia pra andar*, isto é, trata-se de conquistar determinados espaços do pátio interno, os quais serão utilizados apenas pelas lideranças, bem como de conseguir alguns benefícios para os jovens da *população* que, do ponto de vista dos *frente da situação*, *tão sempre em primeiro lugar* (Fred).

O diretor da *Nova Aroeira*, por sua vez, que antes de assumir tal cargo era integrante da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo, mais especificamente, do Grupo de Intervenções Rápidas, pelo fato de conhecer a dinâmica de funcionamento das *cadeias dominadas*, haja visto que este atuou durante alguns anos apenas em unidades controladas pelos *ladrões*, sabe que se der início às negociações junto aos *frente da cadeia*, provavelmente, estas não terão mais fim¹⁷⁷. Sendo assim, constata-se que tal agente institucional, também conhecido entre os adolescentes como *vermão*, ao invés de negociar com os *ladrões*, opta por *bater de frente* com os internos.

De fato, diante dos recentes acontecimentos ocorridos na UI-37, entre os quais, a diminuição do quadro funcional, a pressão exercida pelos *ladrões* sobre os integrantes de outros setores institucionais e a crescente desobediência dos adolescentes, que se recusam a formar filas, andar com as mãos entrelaçadas para trás e cumprir os horários determinados pelos *funça de pátio*, o diretor da *cadeia* reconhece que é preciso tomar uma atitude o mais rápido possível. Caso contrário, a Unidade de Internação 37, reinaugurada há menos de um ano, se nada for feito, pode voltar a ser reconhecida como o *Parque dos Monstros*. Nesse contexto, marcado pelo acirramento dos ânimos entre os adolescentes e os agentes institucionais e, conseqüentemente, pelo aumento da tensão que atravessa os corpos de todos aqueles que se movimentam pelo espaço de internação, o melhor a ser feito, do ponto de vista da direção, é entrar no pátio interno e evidenciar aos adolescentes que o corpo funcional, pelo menos em parte, ainda detém o domínio da *cadeia*. Para tanto, o diretor da *Nova Aroeira*, temendo uma possível agressão por parte dos internos, antes de colocar os seus pés dentro da unidade, solicita o apoio dos membros do *Choquinho*, que, com as suas armas calibre 12, se posicionam no telhado da *cadeia*, assim como no portão de entrada do espaço de internação.

¹⁷⁷ Vale ressaltar que durante as rebeliões que explodiram no complexo de Franco da Rocha em maio de 2006, ao chegar em tal espaço institucional, pude constatar que o atual diretor da Unidade de Internação 37, assim como os outros integrantes do Grupo de Intervenções Rápidas, estava agitado. Anos depois, o uniforme camuflado, a toca ninja e a arma calibre 12 carregada com balas de borracha, para a minha surpresa, haviam cedido espaço à sala de diretor, ao traje social e à caneta para despachar a papelada institucional, sem que para isso houvesse qualquer capacitação profissional especializada.

Em poucos instantes, o último cadeado é aberto. Finalmente, os adolescentes e o diretor da Unidade de Internação 37 encontram-se frente a frente. Contudo, não para negociar, e sim, para medir forças ou, em outras palavras, para mostrar quem é que manda na *cadeia*. Ao mesmo tempo em que os internos permanecem sentados no chão da quadra de futebol, posição corporal que nos remete às *formações* organizadas pelos integrantes da Tropa de Choque todas as vezes em que as rebeliões chegam ao fim, o diretor argumenta, enfatizando que os adolescentes tomaram uma atitude equivocada ao pressionar a *chefe das técnicas*. Os *ladrões*, por sua vez, alegam que o único equívoco refere-se ao tratamento disponibilizado às *visitas*, marcado pelas constantes humilhações aos seus familiares. Diante de tal atrevimento, haja visto que aos olhos dos agentes institucionais os adolescentes deveriam permanecer calados e com as cabeças apontadas para o chão, cena corriqueira durante o período em que a unidade encontrava-se *na mão dos funça*, vê-se que o diretor da Nova Aroeira perde a paciência, ordenando que todos os *ladrões* calem a boca, atitude que provoca a resposta imediata por parte dos *disciplinas*.

Aí eu já levantei, tá ligado? Porque é o seguinte, nós tava tudo sentado no chão. Logo que eu levantei, na sequência, alguns moleques já levantaram junto comigo [outros disciplinas]. E é o seguinte mano: nós ia quebrar ele, tá ligado? Aí foi quando os funça já se meteu no meio. Foi quando eu olhei pra trás e vi que o Grupo de Apoio [Choquinho] tava na porta da unidade pronto pra entrar (Fred).

Se nos últimos meses de 2008 as conversas travadas entre os adolescentes e os funcionários eram marcadas por uma única voz, no presente momento, conforme o relato dos adolescentes, vê-se que a situação é outra. O *piloto*, indignado com a postura do diretor, marcada pela ofensa aos *ladrões*, é o primeiro a se levantar, movimento que também é adotado pelas outras lideranças. Em poucos segundos, enquanto os jovens da *população* permanecem sentados no chão da unidade, os funcionários deparam-se com os corpos de todos os *disciplinas*, que encontram-se preparados para o embate. Trata-se de uma cena inimaginável, acontecimento que, além de provocar o espanto dos *funça*, evidencia que os agentes institucionais já não podem mais proferir a frase que foi dirigida à Ariel no momento em que este chegou à Unidade de Internação 37, a saber, *quem manda é nós*.

Diante de tal situação, os integrantes do *Choquinho*, que já haviam sido avisados pelo diretor da *cadeia* de que algo poderia ocorrer, acertam os últimos detalhes para invadir o pátio interno. Fred, ao notar a presença dos *vermes* na porta de entrada do espaço de internação,

bem como no telhado da unidade, sabe que precisa agir rápido, sobretudo porque o *piloto* reconhece que não há como medir forças com o *Choquinho*, haja visto que os seus integrantes, além dos escudos e dos cassetetes, encontram-se com as armas calibre 12 repletas de balas de borracha. O melhor a ser feito, aos olhos dos *frente da situação*, que sequer possuem *naifas* para transformar o diretor em refém, é negociar a entrada pacífica dos *vermes*, de preferência, sem *esculacho*, função que é exercida pelo *piloto da cadeia* que, em poucos minutos, consegue apaziguar os ânimos.

Vale notar que apesar das lideranças cogitarem a possibilidade de partir para o confronto físico com os agentes institucionais, com o desenrolar dos acontecimentos, os *disciplinas*, em algumas frações de segundo, rapidamente alteram os seus movimentos, principalmente porque os jovens reconhecem que agredir os *funça*, que contam com o apoio total dos integrantes *Choquinho*, no atual momento, não constitui uma atitude sensata. Afinal, os *frente da cadeia* têm consciência de que, se os *vermes* invadirem o espaço de internação, espancaram os adolescentes e trancaram os *ladrões* em seus respectivos quartos pelo período de trinta dias, procedimento institucional conhecido como *tranca*, tal acontecimento pode fortalecer o corpo funcional, haja visto que, com os internos trancados em seus quartos durante tantos dias, os *funça* tentarão retomar o controle da *cadeia* de qualquer maneira. Tendo em vista tal cenário, em que o mínimo movimento pode ser decisivo, vê-se que os *disciplinas* optam por não colocar em risco o pouco que já foi conquistado, afinal, como ressaltam os *frente da cadeia*, na Unidade de Internação 37, após tantos meses de sofrimento, *se ainda não é tudo nosso, também já não é tudo deles*.

Quando a cadeia fica assim, que é o que nós chama de meio e meio, fica nós aqui, no nosso canto, tentando conquistar [a unidade] cada vez mais e mais e eles [os agentes institucionais] fica na deles, tentando impedir nós, tá ligado? É tipo...o momento que nós tenta reconquistar as coisas aos poucos, tudo aquilo que nós perdeu, nós tenta ter de volta, tá ligado? É como se a unidade ficasse dividida, nós faz o nosso corre e eles faz o corre deles, tipo a cadeia não é nossa porque não tá tudo na nossa mão, mas também não é deles (Túlio, jovem que cumpriu medida socioeducativa de internação no complexo de Franco da Rocha)¹⁷⁸.

¹⁷⁸ É importante lembrar que ao longo do capítulo anterior reconstitui a trajetória de Túlio, adolescente que permaneceu internado no complexo de Franco da Rocha pelo período de aproximadamente três anos e que, inclusive, ocupou o posto de *faxina* nas Unidades de Internação 25 e 29. Vale ressaltar que nos últimos meses em que o adolescente esteve internado em tal complexo, a Unidade de Internação 25, que desde o início de minha inserção em campo sempre foi classificada por meus interlocutores como uma *unidade dominada*, em virtude de uma série de mudanças na dinâmica de funcionamento da *cadeia*, passou a ser reconhecida por adolescentes e agentes institucionais como uma *unidade meio a meio*, o que torna evidente que o deslocamento do quadro institucional não se restringe ao caso da Nova Aroeira.

Diante de tais apontamentos, vê-se que o quadro institucional que emerge diante de nossos olhos, destoa das outras duas imagens que foram esboçadas ao longo do presente capítulo. Em um primeiro momento, vimos que a Unidade de Internação 37 era classificada por meus interlocutores como uma *unidade dominada*, sendo reconhecida, inclusive, como o *Parque dos Monstros*, espaço institucional que abrigava apenas *ladrões estruturados*, os quais eram os principais responsáveis pelo funcionamento da *cadeia*. Dinâmica que, vale recordar, proporcionou o afastamento da presidente da instituição nos últimos dias de 2007, período em que os *ladrões* faziam questão de enfatizar: *é tudo nosso, tá ligado?* Em um segundo momento, após a iniciativa da cúpula institucional de transferir tais adolescentes para o complexo da Vila Maria e reformar a unidade, procedimento também conhecido como *zerar a cadeia*, deparamo-nos com outro cenário, completamente diferente da imagem anterior. Na *Nova Aroeira*, sobretudo nos primeiros meses de funcionamento de tal espaço institucional, vimos que os adolescentes deslocavam-se pelo pátio interno com as mãos entrelaçadas para trás, com a cabeça sempre apontada para o chão e com as expressões *licença senhor e licença senhora* prontas para serem proferidas, assim que os seus corpos cruzassem com os integrantes do corpo funcional. A dura rotina da *cadeia*, marcada pelas constantes sessões de espancamento contra os internos, associada ao controle ininterrupto dos mínimos movimentos corporais adotados pelos *ladrões*, que sequer podiam permanecer embaixo do chuveiro sem a marcação cerrada dos funcionários, naquele momento, por mais dolorosa que fosse tal afirmação, fazia com que os adolescentes reconhecessem: *a cadeia tá na mão dos funça*. Com o passar do tempo, procurei evidenciar que a junção de alguns fatores possibilitou a diminuição das disparidades de força entre os internos e os agentes institucionais, entre os quais, a implantação de todos os postos de liderança, bem como da *disciplina do Comando*, o aumento do número de adolescentes dentro da *cadeia*, o afastamento dos funcionários *mais opressores* e o acirramento dos embates travados entre os *frente da situação* e o corpo funcional. De fato, tais acontecimentos simultâneos, ao propiciarem uma série de mudanças na dinâmica de funcionamento da UI-37, aceleraram o deslocamento do quadro institucional rumo a outra configuração, conhecida entre os adolescentes e os funcionários como *unidade meio a meio*, categoria que, além de apontar para a divisão de autoridade no que concerne ao modo de funcionamento da *cadeia*, na medida em que os *disciplinas* começam a desempenhar algumas atividades que eram exercidas apenas pelo quadro funcional, sugere o equilíbrio de forças entre aqueles que encontram-se unidos por laços de interdependência.

Tendo em vista tais reflexões, nota-se que as configurações esboçadas ao longo deste capítulo, a saber, *dominada, na mão dos funça e meio a meio*, não devem ser concebidas como entidades autônomas, isto é, como se fossem exteriores aos laços de interdependência que ligam os meus interlocutores, afinal, as figurações descritas acima constituem-se como o produto das relações estabelecidas entre os atores institucionais que circulam pelos espaços de interação da Fundação CASA. Nesse sentido, vê-se que as *cadeias* controladas pelos *ladrões* não devem ser entendidas como sendo eternamente *dominadas*, e sim, como estando *dominadas* em um determinado momento, constatação que torna-se evidente se atentarmos para o fato de que a mutabilidade configura-se como uma propriedade indelével da própria estrutura institucional.

Salve geral: cadeias e quebradas na mesma sintonia

No decorrer deste trabalho, ao esboçar a configuração referente às *dominadas*¹⁷⁹, vimos que os adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação em tais espaços institucionais, sempre que possível, procuram seguir as orientações transmitidas pelos integrantes do Primeiro Comando da Capital, sobretudo quando se trata de tomar decisões importantes em relação à *cadeia* como, por exemplo, a iniciativa de *ir pro arrebento*. Nesse sentido, procurei demonstrar que, no contexto das *cadeias dominadas*, os adolescentes orientam as suas ações de acordo com as diretrizes do *Comando*, esforçando-se para manter tais espaços de internação no mesmo *ritmo* das unidades prisionais e dos territórios urbanos que encontram-se sob domínio do *Partido*. Para tanto, a comunicação estabelecida com o outro lado das muralhas, seja por meio dos telefones celulares ou mesmo dos *pipas* que são enviados pelos *disciplinas* ao *mundão*, aos olhos dos internos, torna-se fundamental.

Quando nós tá lá dentro, nós sempre procura manter contato com o Comando na rua e com o Comando na cadeia, CDP [Centro de Detenção Provisória], penitenciária, nós têm tudo essa sintonia. Com os cara que tão aqui fora, que passa o que que tá acontecendo aqui fora, o que que nós têm que fazer lá dentro e os cara que tá em outras cadeias, que nós não tá no mesmo ritmo que eles, eles passa o ritmo pra nós. Nós têm que tá ciente pra não tomar nenhuma atitude fora da doutrina (Sérgio, jovem que cumpriu medida socioeducativa na UI-38 e que, atualmente, trabalha como *gerente* do tráfico de drogas¹⁸⁰ em Paraisópolis, favela que encontra-se sob controle do PCC).

¹⁷⁹ Os traços centrais que caracterizam tais unidades podem ser vistos em detalhes no Capítulo 2.

¹⁸⁰ É importante ressaltar que o *gerente* é o principal responsável pelo funcionamento dos pontos de venda de drogas que operam na favela. Nas palavras de meu interlocutor, *meu trampo é o seguinte mano, é deixar o bagulho redondo, eu tá acompanhando os cara da boca, não deixar os cara ficar moscando* [falta de atenção]. *Eu passo no tráfico o cara tá moscando ali eu já falo: e aí maluco!* Além disso, vale notar que o *gerente* atua como uma espécie de braço direito do *patrão*, conhecido como o *dono* da favela, responsável pelas negociações travadas com os fornecedores das drogas e das armas utilizadas. Em Paraisópolis, no que concerne à estrutura organizacional do tráfico de drogas, nota-se a existência de outras duas posições. Os *campanas*, conhecidos como *olheiros*, são responsáveis pela vigilância das *biqueiras*, avisando os traficantes caso haja uma possível ação policial ou movimentação de pessoas suspeitas ao redor das *bocas*. Na *quebrada*, permanecem em pontos estratégicos, locais próximos aos pontos de venda. Em geral, não utilizam armas, suas ferramentas de trabalho são os *radinhos* [walk-talk]. Por sua vez, os *vapores* são aqueles que travam contato direto com os usuários. Permanecem em pontos territoriais específicos, carregando consigo pequenas quantidades de drogas guardadas em sacos plásticos. Também conhecidos como *pacotes*, vendem maconha (trouxinhas de R\$ 5), cocaína (cápsulas de R\$ 10) e crack (pequenas porções de R\$ 5). Durante as suas atividades, permanecem atentos aos informes dos *campanas*. Em caso de uma invasão por parte da força policial, devem esconder as drogas rapidamente. Dowdney, ao discorrer sobre a estrutura do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, aponta para a existência de duas posições que não operam dentro das favelas. Segundo o autor (2003, p.42, grifo do autor), os *donos* “não poderiam agir sem os *atacadistas*, que organizam a importação da cocaína, nem sem os *matutos*, que levam a cocaína para o coração das favelas que os *donos* controlam (...)”. Na *quebrada* de Sérgio, não tenho informações acerca de tais posições. De qualquer forma, acredito que o tráfico de drogas propicia a existência de distintas estruturas organizacionais que variam conforme o tamanho da comunidade, a localização geográfica, o

Como já mencionado, os comunicados que chegam às Unidades de Internação da Fundação CASA, às instituições prisionais e às periferias da cidade de São Paulo, quando precisam ser amplamente divulgados para todos aqueles que *fecham com o certo*, são transmitidos por meio do *salve geral*, categoria nativa que aponta para a conexão entre tais territórios, ainda que esses espaços possuam particularidades.

Ao questionar meus interlocutores, sobretudo os adolescentes que encontram-se associados à posição de liderança, acerca da procedência de tais informes, os *frente da cadeia* enfatizam que o *salve geral* parte de algumas penitenciárias, sendo enviado pelos *final do bagulho*, isto é, pelas *torres do Comando*¹⁸¹. Contudo, tal afirmação não significa que os *disciplinas* estabelecem relações diretas com os *ladrões* que ocupam a posição de *torre*, afinal, como vimos ao longo do segundo capítulo, muitas orientações que chegam às *unidades dominadas* são transmitidas por integrantes do PCC que atuam dentro e fora do sistema penitenciário paulista e que, em geral, não ocupam tal posição política. Nesse sentido, vale notar que se as recomendações do *Comando* partem das *torres*, tais comunicados, ao serem enviados para todos os *irmãos* que encontram-se em unidades prisionais e *quebradas* do *Partido*, na mesma velocidade em que chegam a tais espaços, são repassados para outros territórios, entre os quais, as *cadeias dominadas*. Em maio de 2006, por exemplo, durante os eventos que ficaram conhecidos como os “ataques do PCC”, período em que, além de uma série de ações armadas dirigidas a delegacias, viaturas policiais e prédios públicos, quase uma centena de rebeliões explodiram em presídios e espaços de internação da Fundação CASA, os adolescentes da Unidade de Internação 29, complexo de Franco da Rocha, como vimos, receberam a orientação para *virar a cadeia* de um integrante do *Comando* que atuava em uma *quebrada* de Jundiaí. *Então senhor, geralmente os caras [irmãos] recebem as informação das torres e depois passa a caminhada pra outros irmãos, que passa o bagulho pra frente* (Pedro).

volume de drogas vendido, etc. Por exemplo, os *soldados*, que aparecem como figura importante nas favelas do Rio de Janeiro, na medida em que, entre outras funções, defendem os pontos de venda da invasão de quadrilhas rivais (Dowdney, 2003, p.50), na favela em que Sérgio atua, não fazem parte da estrutura do tráfico. Ao questionar meu interlocutor sobre a inexistência de tal posição, o adolescente enfatizou que: *aqui não precisa disso, o bagulho é tranquilo*. Com tal assertiva, meu interlocutor aponta para uma espécie de hegemonia do PCC no que concerne ao comércio de drogas na capital paulista, dando a entender que o risco de invasões por parte de quadrilhas rivais é mínimo.

¹⁸¹ Biondi (2010, p.97, grifo da autora), ao enfatizar que as *torres* são as posições políticas das quais partem as diretrizes e os comunicados do *Partido*, afirma que: “Quanto aos prisioneiros que exercem a função de *torre* e, com isso, operam as *torres*, eles costumam ser referenciados como '*irmãos* que já estão no sofrimento faz uns dias, que já passaram muito veneno, muito sofrimento'. São *irmãos* com ampla experiência na vida prisional e cujo *proceder* fora sustentado por muito tempo, motivos de *reconhecimento*, *respeito* e *solidariedade* de seus *companheiros* dos CDPs. Mas eles são também, e principalmente, teóricos do universo prisional, teóricos políticos do cotidiano das prisões”.

Ainda que as *torres* transmitam diversas orientações por meio dos *salves*¹⁸², que são recebidas pelos *irmãos* e repassadas para todos aqueles que encontram-se na mesma *caminhada*, é importante ressaltar que tais comunicados não devem ser compreendidos apenas como um conjunto de recomendações que precisa ser colocado em prática por aqueles que *correm com o Comando*, constatação que torna-se evidente se atentarmos para o *salve* descrito abaixo, enviado às *unidades dominadas* em meados de 2008¹⁸³.

Salve geral

O objetivo deste salve é para conscientizar a todos na geral que a nossa luta é justa, constante e satisfatória. É necessário que cada um faça a sua parte para que possamos crescer cada dia mais com a luta e a dedicação de cada um. Contudo, é interessante que todos tenham:

1º item: advogado para todos que estão no B.O. com a família [com o Comando].

2º item: assistência jurídica e outros.

3º item: ônibus para as diversas faculdades [prisões] do Comando [trata-se do transporte que é disponibilizado aos parentes dos presos nos dias de visita].

4º item: ajuda de custo mensal para todos, irmãos e companheiros [indivíduos que não são batizados], sem exceção, que se encontram na W2 Big Avaré. Cesta básica, auxílio aos filhos, à saúde, cigarros, produtos de higiene, e outros.

É o fortalecimento de todas as formas para aquele que se encontra no B.O. com a família. Situações urgentes que o Comando estende as mãos. Somando todas as despesas, a cada mês chega um valor muito alto, que foge da realidade de muitos. Contudo, tudo é possível com a união e a luta de todos. O crime fortalece o crime para que não sejamos engolidos por esse sistema falido e miserável. É importante ressaltar também que nessa longa caminhada muitos perderam as suas vidas, outros se encheram de cadeia, muitos são perseguidos, outros perderam entes queridos. Tudo é para as nossas causas que são justas, pois somos vítimas dos descasos da justiça e da podridão dos tiranos. Somos alvo dos opressores, como armas para estratégias políticas dos verdadeiros canalhas.

Nota-se que o *salve* descrito acima configura-se como uma espécie de instrumento de conscientização política, sendo enviado para os *ladrões* que *fecham com o certo*, não importa

¹⁸² É importante atentarmos para a plasticidade de tal categoria, mobilizada em diversas circunstâncias. Por exemplo, em determinadas ocasiões, ao ingressar nas distintas Unidades de Internação da Fundação CASA, os adolescentes diziam: *salve professor* [saudação]. Outras vezes, quando os jovens sabiam que eu estava indo para outra unidade, perguntavam: *tem como manda um salve [recado] lá pros mano?*

¹⁸³ Os *salves* sobre os quais pretendo debruçar-me, da mesma forma que as *fitas no ar* (Capítulo 2), foram retirados de um caderno escrito pelos *faxinas*, apreendido durante uma revista em uma *cadeia dominada*.

se estes encontram-se dentro ou fora das instituições de controle social. Trata-se de um comunicado em que aqueles que o escreveram, provavelmente os presos que ocupam a posição de *torre*, realizam um movimento reflexivo acerca das inúmeras lutas enfrentadas pelo Primeiro Comando da Capital, destacando os seus efeitos indesejados, entre os quais, a morte de muitos *irmãos* e companheiros que perderam as suas vidas em nome de *causas que são justas*, mas também as conquistas obtidas como, por exemplo, o auxílio concedido àqueles que encontram-se detidos. Benefícios que tornaram-se possíveis e que, acima de tudo, só podem ser mantidos, em virtude do empenho de todos os *ladrões*, bem como da união entre os indivíduos que são *vítimas dos descasos da justiça e da podridão dos tiranos*.

Vale ressaltar que se o *Comando estende as mãos* àqueles que *fecham com o certo*, sobretudo aos *irmãos* e companheiros que encontram-se trancafiados atrás das grades, fornecendo assistência jurídica e disponibilizando meios de transporte para a visita de seus familiares às prisões, tais benefícios são decorrentes dos valores que são arrecadados pelo coletivo de criminosos. Ainda que eu não possua informações detalhadas acerca da movimentação financeira do PCC, segundo os adolescentes das *dominadas*, os benefícios concedidos aos presos são provenientes, entre outros meios de obtenção de recursos, das quantias mensais que são pagas pelos *irmãos*¹⁸⁴. Além disso, os adolescentes também mencionam a existência de *rifas* realizadas dentro das unidades prisionais, sendo que cada número adquirido pelos detentos custa, em média, entre R\$ 15 e R\$ 20. Como afirmam os internos, que lamentam o fato de não participarem de tais eventos, na medida em que as *rifas* são realizadas apenas entre os prisioneiros que encontram-se nas *cadeias do Comando*, aqueles que são sorteados recebem prêmios generosos, informação que torna-se evidente por meio do *salve geral* descrito abaixo.

Salve geral (rifa do Comando)

A sintonia da rifa vem por meio deste parabenizar a todos os ganhadores e que os mesmos façam um bom proveito dos seus merecidos prêmios. Agradecemos e

¹⁸⁴ Como enfatizam os internos da Fundação CASA, aqueles que encontram-se em liberdade contribuem com uma mensalidade maior do que os *irmãos* que encontram-se encarcerados, haja visto que os primeiros, pelo fato de estarem no *mundão*, podem obter o dinheiro por meio da prática de ações criminosas. No que concerne ao valor de tais contribuições, vale salientar que não tenho informações exatas. Segundo Túlio, durante uma conversa que tivemos por telefone em meados de 2011, os *irmãos* que encontram-se do lado de fora das muralhas contribuem com a quantia de R\$ 1.200, ao passo que os *irmãos* encarcerados desembolsam o valor de aproximadamente R\$ 500. Contudo, para o argumento que desenvolvo neste trabalho, acredito que o importante não é atentarmos para o valor em si, e sim, para o fato de que os *irmãos* que encontram-se dentro e fora das *cadeias do PCC* contribuem com uma quantia mensal em dinheiro, que, entre outras coisas, possibilita a concessão de alguns benefícios aos presos que cumprem as suas penas em unidades prisionais do *Partido*.

parabenizamos também a todos os participantes. Comunicamos que está sendo iniciado um novo evento que será o último desse ano [2008], no qual contamos [com] a participação de todos para aumentar a nossa nota e fechar esse ano. Comunicamos também que neste último evento que venceu houve melhoras na pontualidade do pagamento. Porém, alguns contra-tempos continuam a persistir, retardando o bom andamento; para evitarmos esses problemas pedimos para o responsável pela RF [rifa] de cada unidade para inaugurar o seguinte trabalho:

1º item: pedimos para todos os pilotos e responsáveis pela RF após pegar esse salve que chegou, os irmãos responsáveis por esse setor, para retirarem as suas numerações, pois o início da RF é na data 06-10-08 com o vencimento para o pagamento na data de 01-12-08, dando o espaço de 57 dias para o pagamento. Sendo assim [quanto] mais tempo os pilotos e responsáveis demorarem para estar retirando os números das unidades, menos tempo os participantes terão para efetuarem os pagamentos da unidade.

2º item: pedimos para os responsáveis de cada unidade para não darem a mesma data de fechamento que a data dada [pela] sintonia, pois sabemos dos transtornos e das inúmeras dificuldades bancárias. Por isso, os responsáveis devem dar datas com antecipação do fechamento da sintonia.

3º item: pedimos também que a unidade agende a moeda, que o responsável tenha a certeza que o valor da unidade [arrecadado com a venda dos números] esteja em mãos dos responsáveis na rua e não no banco.

4º item: pedimos para todos que se encontram na frente de cada unidade [pilotos] tanto como o responsável pela RF de cada unidade, que havendo dificuldade, que procurem os irmãos responsáveis por este setor [da rifa] com antecipação das datas de pagamento. Contamos com a atenção de todos para essas 4 observações pois sabemos o interesse de todos na pontualidade e no bom andamento do trabalho. Sendo assim, agradecemos o empenho de todos e a dedicação de todos. Deixamos um forte abraço e uma boa sorte pra todos.

Premiação da nova rifa:

1º prêmio: um Golf 2.0, 4 portas, total flex, ano 2008/modelo 2009.

2º prêmio: um Astra Adventure 2.0, 4 portas, ano 2008/modelo 2009.

3º prêmio: uma picape Strada, ano 2008/modelo 2009.

4º prêmio: um Palio flex, ano 2008/modelo 2009.

5º prêmio: um Celta Laif, ano 2008/modelo 2009.

** Data de início: 06-10-08*

** Data de vencimento [pagamento de cada unidade]: 01-12-08*

** Data do sorteio: 27-12-08*

O comunicado descrito acima sugere algumas questões sobre as quais gostaria de debruçar-me. Em primeiro lugar, nota-se que a realização da *rifa do Comando* aponta para a

funcionalidade das relações estabelecidas entre os muros dos presídios paulistas que, em tese, deveriam impossibilitar a comunicação dos presos com os *ladrões* que encontram-se do lado de fora das muralhas. Ora, se os bilhetes que concorrem ao sorteio são vendidos dentro dos estabelecimentos prisionais, o montante arrecadado pelas distintas *cadeias do PCC* é enviado, segundo datas rigidamente estipuladas, para fora das prisões ou, em outras palavras, para as *mãos dos responsáveis na rua*. Dinheiro que, assim como ocorre com as mensalidades que são pagas pelos *ladrões batizados*, mesmo que indiretamente, retorna para as unidades prisionais do *Comando* na forma de alguns benefícios que são concedidos àqueles que encontram-se no sofrimento. *É assim que o bagulho funciona senhor, um sempre ajudando o outro que tá na pior situação, é um fortalecendo o outro, tá ligado? Por isso que pra nós o Comando é como se fosse uma família* (Túlio). Em segundo lugar, vale recordar que tive acesso a tal comunicado por meio de uma Unidade de Internação da Fundação CASA, sendo que os internos sequer participam das *rifas do Comando*. Nesse sentido, constata-se que os adolescentes das *unidades dominadas*, por meio dos *salves* enviados a tais espaços de internação, obtêm informações detalhadas sobre o modo de operação do PCC. Como dito anteriormente, se nem todos os comunicados transmitidos às *dominadas* constituem-se como orientações passíveis de serem colocadas em prática pelos adolescentes, em determinadas ocasiões, torna-se evidente que os *frente da cadeia*, ao receberem informações sobre algumas mudanças sugeridas pelos *irmãos* acerca do funcionamento das unidades prisionais do *Partido*, se esforçam para seguir os passos adotados pelo Primeiro Comando da Capital.

Salve geral

A sintonia deixa todos cientes que a partir dessa data 26-09-08 fica decidido que todos em geral que vier a correr da cadeia¹⁸⁵ serão analisados caso a caso e terão os seguintes critérios:

1º item: no caso de ser irmão ou irmã de início o mesmo já será automaticamente excluído sem direito nenhum para retornar, em seguida, serão colhidas as opiniões de todos os irmãos que convivem no mesmo pavilhão juntamente com os pilotos geral das faculdades [prisões] para ser decidido que possa a quem correu da cadeia acabar [tendo] uma oportunidade de vida e de retornar para o convívio [mesmo sendo excluído do PCC, dependendo do caso, o “ex-irmão” poderá retornar para o interior da unidade prisional, isto é, para o convívio].

¹⁸⁵ *Correr da cadeia* é o mesmo que pedir para sair da unidade prisional, isto é, sair do *convívio*. Em alguns casos, seja por dívidas contraídas no interior da prisão, seja por desrespeitar a visita de um outro interno, o preso pede proteção à administração prisional, sendo enviado para o *seguro* da unidade.

2º item: no caso de ser companheiro [não ser irmão] serem colhidas as opiniões de todos os irmãos e companheiros que convivem no mesmo pavilhão para o companheiro que correu da cadeia [ter] a mesma oportunidade de vida [e] de retorno para o nosso convívio.

Deixamos bem claro para todos que o salve que já foi passado anteriormente foi elaborado nos intuitos de estar acabando e revertendo todas essas situações mas infelizmente não acabou e sabemos que isto não vai acabar; entretanto, não podemos nos esquecer das decisões e atitudes anteriores que foram tomadas pois quem correu [da cadeia] foi de livre espontânea vontade. O intuito desse novo salve é para deixar bem claro para todos que somos a favor da oportunidade e da vida, e só não serem tolerados casos irreversíveis.

De fato, o conteúdo das mensagens enviadas por meio dos *salves* permite que os *disciplinas*, entre outras informações, tenham acesso aos procedimentos adotados pelos *irmãos* nas instituições prisionais em que o *Partido* atua. Ao questionar o *piloto* da Unidade de Internação 38, complexo Raposo Tavares, sobre a importância do *salve geral* para os internos que cumprem medida socioeducativa de internação nas *unidades dominadas*, o jovem enfatizou que: *é pra nós saber a doutrina atual, as mudanças.*

Diante de tais considerações, é possível afirmar que os *disciplinas* colocam em prática, não sem adaptações, as recomendações sugeridas pelos *irmãos*. No *salve geral* descrito acima, vale lembrar que os integrantes do PCC enfatizam que são *a favor da oportunidade e da vida*. Aqueles que abandonarem o *convívio* serão analisados caso a caso. O trecho que apresento a seguir, escrito no início de 2009 por Fred, *piloto* da Unidade de Internação 37, complexo Raposo Tavares, mais uma vez, aponta para possíveis conexões entre as instituições prisionais do *Comando* e as Unidades de Internação da Fundação CASA.

Fortalecemos [os internos] para evitar os erros, e se acontecer de errar, que todos nós somos sujeitos aos mesmos, analisaremos o cotidiano da pessoa [do adolescente] e se ele vem de uns dias errando nas mesmas situações, talvez não será merecedor de oportunidade, agora se o mesmo vem demonstrando ser uma pessoa disciplinada, humilde e interessada em absorver visões, com certeza, ele receberá uma oportunidade, mesmo porque nós sempre somos a favor de dar uma segunda chance pros manos que ramelam [cometem erros].

Tendo em vista os apontamentos sugeridos pelo *piloto da cadeia*, torna-se evidente que é possível estabelecer aproximações entre os procedimentos adotados pelos *irmãos* e o modo de operação dos *disciplinas*. No contexto das *unidades dominadas*, assim como nas

unidades prisionais e nas *quebradas* em que os *irmãos* atuam, aqueles que cometem erros são avaliados de acordo com as suas respectivas *caminhadas*, afinal, cada caso é um caso. Ainda que o adolescente tenha cometido diversos erros, caso ele incorra em nova falha, a punição não será imediata, haja visto que o seu histórico dentro da *cadeia* será reavaliado. Se o jovem estiver disposto a rever o seu comportamento e absorver as instruções fornecidas pelos *disciplinas*, provavelmente, ele *receberá uma oportunidade*.

A semelhança no modo de operação adotado por todos aqueles que *fecham com o certo*, seja em Unidades de Internação para adolescentes, seja em unidades prisionais ou mesmo em determinados espaços urbanos, deve-se ao fato de que tais territórios, como enfatizam meus interlocutores, são atravessados pela *doutrina do Comando*. É por esse motivo que a dinâmica de funcionamento das *unidades dominadas*, ainda que haja especificidades, não se restringe ao lado de dentro dos muros institucionais. *Tanto lá dentro [nas Unidades de Internação da Fundação CASA] como lá fora, tipo nas cadeias e nas quebradas, é a mesma fita, é a mesma doutrina mano, é a doutrina do Comando, tá ligado? É a paz, é a igualdade, é a liberdade, é a justiça, é o respeito mano* (Sérgio).

Sendo assim, argumento que os informes transmitidos por meio do *salve geral* são destinados àqueles que seguem os princípios e políticas do Primeiro Comando da Capital, não importa se os receptores encontram-se em penitenciárias, Centros de Detenção Provisória, determinadas Unidades de Internação da Fundação CASA ou mesmo em espaços urbanos. O *salve geral*, enviado pelas *torres do Comando*, implode fronteiras, alcançando os espaços em que atuam todos aqueles que *correm lado a lado com o Partido*, tornando evidente que tais *ladrões* se movimentam como se estivessem *sintonizados* em uma mesma frequência, ou melhor, na mesma *caminhada*. Ainda que tal categoria aponte para possíveis conexões entre distintos territórios que, como vimos acima, são atravessados pela *doutrina do Comando*, para aprofundarmos tal reflexão torna-se necessário debruçarmo-nos sobre o sistema prisional adulto, bem como sobre as periferias da cidade de São Paulo, tendo como objetivo central o delineamento de aproximações e distanciamentos entre tais espaços, questão instigante que, tamanha a complexidade, permanecerá em suspenso até a realização de um próximo trabalho.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sérgio. A experiência precoce da punição. In: MARTINS, José de Souza (coord.). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____.; SALLA, Fernando. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, vol. 21, nº 61, p.7-29, 2007.

AMORIM, Carlos. *CV-PCC: a irmandade do crime*. 5ªed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ARRUDA, Rinaldo S. V. *Pequenos Bandidos*. São Paulo: Global Editora, 1983.

ATTANÉ, Anne; LANGEWIESCHE, Katrin. Reflexões metodológicas sobre os usos da fotografia na antropologia. In: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, ano 21, p. 133-151, 2005.

BALAZINA, Afra; PENTEADO, Gilmar. Justiça afasta diretora de unidade da Febem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 set. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1609200518.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

BARROS, Mariana; BATISTA, João. O dia a dia e as histórias da Fundação Casa, antiga Febem. *Revista Veja São Paulo*, São Paulo, 23 fev. 2011. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2205/fundacao-casa-febem>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

BIERRENBACH, Maria I.; FIGUEIREDO, Cyntia P.; SADER, Emir. *Fogo no pavilhão: uma proposta de liberdade para o menor*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BIONDI, Karina. *Junto e misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2010.

BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. 4ªed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Por uma ciência das obras. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

BRASIL. *Constituição (1988)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)*. Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed.34: Edusp, 2000.

CARDARELLO, Andrea D.L.; FONSECA, Claudia. Direitos dos mais e menos humanos. In: FONSECA, Claudia; SCHUCH, Patrice. *Políticas de proteção à infância: um olhar antropológico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, Evelina (org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Movimentos sociais na América Latina. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, vol.1, nº 3, p.27-37, 1987.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

CUNHA, Eleonora Schettini Martins. O potencial de conselhos de políticas e orçamentos participativos para o aprofundamento democrático. In: DAGNINO, Evelina; TATAGIBA, Luciana (orgs.). *Democracia, sociedade civil e participação*. Chapecó: Argos, 2007.

DAGNINO, Evelina. Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: MATO, Daniel (coord.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. *A igreja como refúgio e a bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão*. São Paulo: Humanitas, 2008.

DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada*

organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FARIAS, Paulo Sergio; NARCISO, Laércio José. *Cadeia de chocolate: os funcionários da FEBEM falam*. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos. *Revista Temáticas*, ano 30, v.15, p.11-50, 2007.

_____. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. 2008. 363f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FERRAZ, Adriana. Facção tem ala mirim dentro da Fundação CASA. *Agora São Paulo*, São Paulo, 16 mai. 2010. Polícia Agora, Caderno A, p.3.

FERRAZ, Ana Lúcia M.; CUNHA, Edgar T.; HIKIJI, Rose S. O vídeo e o encontro etnográfico. In: *Cadernos de Campo* - revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. São Paulo, ano 15, nº 14/15, p. 287-298, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29ªed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HEINICH, Nathalie. *A sociologia de Norbert Elias*. São Paulo: Edusc, 2001.

HERINGER, Rosana. Movimentos de defesa da criança e do adolescente no Brasil. In: JÚNIOR, Almir P.; BEZERRA, Jaerson L.; HERINGER, Rosana. *Os impasses da cidadania: infância e adolescência no Brasil*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

JUSTIÇA de SP afasta do cargo a presidente da antiga Febem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 04 set. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u441475.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

KOFES, Suely. Itinerário, em busca de uma trajetória. In: *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. Internados - os filhos do Estado padrao. In: MARTINS, José de Souza (coord.). *O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil*. 2ªed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A criminalidade Juvenil e as Políticas Públicas em São Paulo. In: PACHECO, Elza Dias. *O Cotidiano Infantil Violento: marginalidade e exclusão social*. São Paulo: LAPIC: L'editora: FAPESP, 2007.

MARQUES, Adalton. *Crime, proceder, convívio-seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MIRAGLIA, Paula. *Rituais da violência: a febem como espaço do medo em São Paulo*. 2001. 148f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

O DESAFIO de construir uma nova casa. *Fundação CASA*, São Paulo, 29 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/index.php/artigos/333-o-desafio-de-construir-uma-nova-casa>>. Acesso em: 30 de mai. 2011.

OLIC, Maurício Bacic. A casa está na mão de quem? Hierarquia e relações de poder no interior de Unidades de Internação destinadas a jovens infratores. In: *Cadernos de Campo* - revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. São Paulo, ano 18, nº 18, p.107-125, 2009.

OLIVEIRA, Rosa Maria Fatima de Castro e. *A irregularidade de uma situação: a política da infância e da adolescência no Brasil*. 2004. 197f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PASSETTI, Edson. *O que é menor*. 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Crianças carentes e políticas públicas. In: PRIORI, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

PCC ataca ônibus e fóruns, promove megarrebelião e amplia medo no Estado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 mai. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1505200601.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

PENTEADO, Gilmar. Mais 700 internos da Febem vão para cadeia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 mar. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1803200511.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

QUEBRADOS sigilos de advogados suspeitos de ligação com PCC. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2006/not20060712p28618.htm>>. Acesso em: 15 de set. 2011.

RAMOS, Victor. Alckmin tira Febem da esfera da Educação. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 ago. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2708200409.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos. A implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente. In: JÚNIOR, Almir P.; BEZERRA, Jaerson L.; HERINGER, Rosana. *Os impasses da cidadania: infância e adolescência no Brasil*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

SILVA, Roberto da. *Os filhos do Governo: a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas*. São Paulo: Ática, 1997.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WACQUANT, Loic. A zona. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997.

ZALUAR, Alba. Nem líderes nem heróis: a verdade da história oral. In: *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan: Ed.UFRJ, 1994.